



Vol. 4

O sertão de Oswaldo Lamartine

Vocabulário
do criatório
norte-rio-grandense

**Reitor**

José Daniel Diniz Melo

Vice-Reitor

Henio Ferreira de Miranda

Diretoria Administrativa da EDUFRN

Maria da Penha Casado Alves (Diretora)
Helton Rubiano de Macedo (Diretor Adjunto)
Bruno Francisco Xavier (Secretário)

Conselho Editorial

Maria da Penha Casado Alves (Presidente)
Judithe da Costa Leite Albuquerque (Secretária)
Adriana Rosa Carvalho
Alexandro Teixeira Gomes
Elaine Cristina Gavioli
Everton Rodrigues Barbosa
Fabrício Germano Alves
Francisco Wildson Confessor
Gilberto Corso
Gleydson Pinheiro Albano
Gustavo Zampier dos Santos Lima
Izabel Souza do Nascimento
Josenildo Soares Bezerra
Ligia Rejane Siqueira Garcia
Lucélio Dantas de Aquino
Marcelo de Sousa da Silva
Márcia Maria de Cruz Castro
Márcio Dias Pereira
Martin Pablo Cammarota
Nereida Soares Martins
Roberval Edson Pinheiro de Lima
Tatyana Mabel Nobre Barbosa
Tercia Maria Souza de Moura Marques

Editoração e Revisão

Helton Rubiano (Coordenador)
Isabelle Cavalcante (Colaboradora)
Thaynan Silva (Colaborador)

Design editorial

Rafael Campos (Projeto gráfico)

Obra da capa

Newton Navarro (Sem título, 1973.)

Vicente Serejo
Graco Aurélio Melo Viana
Helton Rubiano de Macedo
(Org.)

O sertão de **Oswaldo Lamartine**

Volume 4

Vocabulário do criatório norte-rio-grandense



Fundada em 1962, a Editora da UFRN (EDUFRN) permanece até hoje dedicada à sua principal missão: produzir livros com o fim de divulgar o conhecimento técnico-científico produzido na Universidade, além de promover expressões culturais do Rio Grande do Norte. Com esse objetivo, a EDUFRN demonstra o desafio de aliar uma tradição de seis décadas ao espírito renovador que guia suas ações rumo ao futuro.

Este livro é uma ação de extensão (PD003-2021)
da Editora da UFRN (EDUFRN)
e contou com recursos do Programa Caravana Cultural
da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX/UFRN).

Coordenadoria de Processos Técnicos
Catalogação da Publicação na Fonte.UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

O Sertão de Oswaldo Lamartine [recurso eletrônico] : volume 4 / organizadores Vicente Serejo, Graco Aurélio Melo Viana, Helton Rubiano de Macedo ; apresentação José Daniel Diniz Melo. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 4,5 MB). – Natal, RN: EDUFRN, 2022.

Modo de acesso: World Wide Web
<<http://repositorio.ufrn.br>>.

Título fornecido pelo criador do recurso
ISBN 978-65-5569-226-6

v. 4. Vocabulário do criatório norte-rio-grandense.

1. Faria, Oswaldo Lamartine de, 1919-2007. 2. Sertões – Seridó, Região do RN.
I. Serejo, Vicente. II. Viana, Graco Aurélio Melo. III. Macedo, Helton Rubiano. IV.
Melo, José Daniel Diniz.

CDD 981.32

RN/UF/BCZM

2021/28

CDU 94 (813.2)

Elaborado por Gersoneide de Souza Venceslau – CRB-15/311

Todos os direitos desta edição reservados à EDUFRN – Editora da UFRN

Av. Senador Salgado Filho, 3000 | Campus Universitário

Lagoa Nova | 59.078-970 | Natal/RN | Brasil

e-mail: contato@editora.ufrn.br | www.editora.ufrn.br

Telefone: 84 3342 2221

Apresentação

José Daniel Diniz Melo

Reitor da UFRN

No ano de 2005, Oswaldo Lamartine de Faria recebia o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Já ultrapassara oitenta de existência. O reconhecimento, a seu tanto tardio, mas obviamente oportunista, fazia justiça a um autor que, não tendo pertencido à academia, produziu obra de suma importância sobre o semiárido seridoense, numa prosa por todos elogiada. Encontrável apenas em sebos – por vezes reeditada por iniciativa do sebista natalense Abimael Silva – fragmentada em muitos pequenos volumes, sua obra necessitava de um ordenamento editorial capaz de confirmar e ampliar sua grandeza. É o que ora faz a UFRN com a publicação de *O sertão de Oswaldo Lamartine*, mediante autorização do filho Cassiano Lamartine, e obedecendo criteriosa organização de Vicente Serejo, Graco Aurélio Melo Viana e Helton Rubiano de Mamede. Assim, os interessados em melhor conhecer essa fascinante região brasileira a encontrarão ordenada tematicamente nos volumes agora entregues em bela concepção editorial.

Nascido em Natal – menino do litoral, portanto – até poderia Oswaldo Lamartine surpreender pela sua opção intelectual, ainda mais pelo que parecia ser o destino de estudar de forma incansável a terra que funde culturalmente os estados irmãos Rio Grande do Norte e Paraíba: os sertões do Seridó. Ocorre que esse doutor natalense, dominado pelo sentimento telúrico, tinha a correr nas veias o mais autêntico sangue seridoense, herdado de outro amoroso por aquelas terras, cujas tradições chegou a pesquisar, em *Velhos costumes do meu sertão*, o ex-governador Juvenal Lamartine.

Do pai, herdaria Oswaldo o amor irrecorrível pelo sertão do Seridó, fascinado por tudo que se refere a sua geografia física e humana: a pecuária, a fauna, a flora, os instrumentos de trabalho, as técnicas de armazenamento de água, as serras e a caatinga, o vaqueiro, a comida, a lírica popular. Desde que começou, ainda muito jovem e já merecendo reconhecimento de quem lia seus textos (especialmente do velho parceiro Vingt-Un Rosado), Oswaldo Lamartine logo se colocou em uma vastíssima galeria, da qual permito-me destacar nomes como os de Manoel Dantas, Zila Mamede, José Bezerra Gomes, os governadores Lamartine e José Augusto, Paulo Balá e o inesquecível professor Muirakytan Macêdo. E de pronto se tornou admirado pela intelectualidade brasileira, merecendo referências elogiosas de intelectuais do porte de Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz, Ariano Suassuna e José Lins do Rêgo.

Não posso deixar de assinalar a grande alegria de me encontrar à frente da Reitoria no momento em que a UFRN produz e disponibiliza esta obra. Por isso, gostaria de homenagear os responsáveis por este trabalho que faltava à Cultura Brasileira. Parabenizo também os leitores pela excelente oportunidade de descobrir (em muitos casos, redescobrir) a riqueza que há em *O sertão de Oswaldo Lamartine*. Porém, congratulo-me, sobretudo, com os conterrâneos seridoenses, presenteados com o sertão de todos, vivamente retratado aqui.

Oswaldo Lamartine¹

Rachel de Queiroz

Conheci Oswaldo Lamartine quando começava a escrever o *Memorial de Maria Moura*, nos começos de 1990. Eu estava “situando” o romance; fixara-o geograficamente naqueles sertões que nascem nos fundos de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, e marcham pelo Oeste, na direção de Goiás. Eu me inspirava, para essa localização, num velho mapa que descobrira nos guardados do meu avô engenheiro, o Dr. Rufino, onde a região aparecia desenhada apenas nos seus limites externos e marcada pelo letreiro: “Território não mapeado”. Parece que mais tarde, não sei se pelo Marechal Rondon, foi mapeada a região.

Outros problemas com que eu me defrontava eram os hábitos locais, os tratos domésticos, a alimentação, as bebidas. E a roupa. E as armas. Consultados os meus queridos amigos Melquíades e Arair Pinto Paiva (ele um estudosso do cangaço), discutimos

¹ *O Galo*, n. 7, Fundação José Augusto, Natal-RN, julho de 1997.

bacamartes e facas de briga, a introdução do café, então artigo de luxo, etc., etc. Foi aliás deles dois que recebi informação sobre a existência do “cubico” ou cubículo, uma espécie de quartinho subterrâneo, oculto, onde se punham em segurança amigos que se escondiam ou se prendiam inimigos.

Mostraram-me até uma foto das ruínas do “cubico” da casa do sítio da bisavó dos dois, a famosa D. Fideralina. Mas quando fui me tornando mais exigente, tiveram eles a grande ideia – e me apresentaram ao mestre “sertanólogo”, o hoje meu amigo, meu irmão, Oswaldo Lamartine. Acho que, no Brasil, ninguém entende mais do sertão e do Nordeste do que Oswaldo. Quanto a mim, senti-me como garimpeiro que descobre uma mina. Oswaldo levou a sério a tarefa, e passou a me fornecer toda espécie de informação que lhe solicitava: desenhava roupas, chapéus, cachimbos e, principalmente, as armas dos meus cabras. Tenho aqui ao lado a pasta que guardas essas preciosidades – desenhos muito bem-feitos de punhal (especificando o que seria de marfim ou prata no cabo, o corte e as dimensões da lâmina de aço). Outro desenho, um bacamarte de fabricação inglesa (chamado pelos cabras “vagalume”), tendo gravado na coronha o nome do fabricante, I. Hall. Mas a joia, entre todos os desenhos, é o de uma pistola também inglesa (E.D.N. and North) chamada pelos cabras de “cotó”. E mais, ao lado dos desenhos, o glossário, que não posso reproduzir aqui já que me consumiria todo o espaço; vai de “jeritiba” (cachaça) até as 24 enumerações das horas do dia, como “quebra da barra”, “pingo do meio-dia”, “roda de sol” etc.

Na página das dedicatórias, quando publicado o romance, agradeci a Oswaldo pela “inestimável ajuda”. Foi pouco, mas sendo ele lacônico por natureza, não me atrevi a derramamentos maiores.

Contudo, além da realmente “inestimável ajuda”, o lucro maior que me ficou desse conhecimento foi o fraterno amigo adquirido. E olha que, a princípio, quando José Bonifácio Câmara e Melquíades me falaram dele, eu até cismei um pouco: filho de senador e presidente do Rio Grande do Norte, sociólogo e folclorista? E eis que surge aquele anjo magro, só querendo falar das coisas de que nós ambos gostávamos – quer dizer, do sertão. A cada visita, ele me trazia novas contribuições para a minha história: o nome de um pano, os trocos de moeda, os chás caseiros; tivemos grandes confabulações também sobre os ferros de marcar gado, objeto de seu grande interesse (a porta do seu apartamento, aqui no Rio, é “ferrada” como uma rês; e até agora tenho resistido em ferrar a minha também, operação que ele me recomenda, com empenho...).

Acho que só de cem em cem anos pode nascer algum brasileiro como Oswaldo Lamartine. E como ele ainda está na casa dos setenta, vão demorar pelo menos ainda uns trinta anos até aparecer outro.

Oswaldo Lamartine e eu²

Ariano Suassuna

Pesso dizer que eu já era amigo de Oswaldo Lamartine antes de conhecê-lo pessoalmente, ou mesmo através de cartas, uma vez que nunca nos correspondemos. Quando, em 1930, minha família precisou deixar a Paraíba, por conta das perseguições de que éramos vítimas, foi o pai de Oswaldo, o então governador Juvenal Lamartine, quem nos acolheu; passamos, assim, uma temporada em Natal, minha mãe, eu e meus irmãos, numa casa do Dr. Juvenal que ficava junto ao mar e cuja lembrança me serviu para escrever uma passagem do meu romance *O rei degolado*. Eu tinha cerca de três anos de idade, e Oswaldo, já com onze anos, salvo engano, encontrava-se estudando no Recife ou no Rio. Tanto eu quanto Oswaldo fomos profundamente feridos na Revolução de 30 e seus desdobramentos: eu perdi meu pai, assassinado; Oswaldo perdeu um irmão, da mesma maneira. O destino foi, assim, naturalmente,

² Recife-PE, 10 de setembro de 2008. Publicado na edição fac-similar de *Uns fesceninos*, organizada por Carlos Newton Júnior, com selo das Edições Bagaço.

nos unindo e nos fazendo solidários um com o outro. De longe, nos admirávamos mutuamente. Sempre li os seus livros a que tive acesso e sabia que ele lia os meus. Quando o conheci pessoalmente, ambos já velhos, em Natal, Oswaldo me deu dois presentes. O primeiro deles foi uma carta de minha mãe a seu pai, agradecendo a acolhida de 30 e elogiando a simpatia do povo potiguar. O segundo foi ter me levado ao local onde se erguia a casa em que fiquei quando menino e que tanto marcara a minha infância. Oswaldo foi, sem sombra de dúvida, um dos homens mais íntegros que conheci em minha vida.

Mestre Oswaldo³

Virgílio Maia

Conheci Oswaldo Lamartine de Faria através da leitura do seu livro *Ferro de Ribeiras do Rio Grande do Norte*, que um dia, isso já está para mais de dez anos, me veio às mãos por empréstimo do amigo Audifax Rios. A leitura de Ferros reavivou em mim lembranças que andavam meio esmaecidas, as da minha infância de magro menino sertanejo, passada no interior do Ceará, em Limoeiro do Norte. Trouxe-me à memória as vacas que meu pai possuía, os nomes delas, Borborema, Colombina, Bordada, Boa Sorte, e aqui era bom que eu soubesse aboiar, assim que nem o vaqueiro Sérgio Preto, o que fazia o gado chorar, mas não sei. Pois a leitura de Ferros me accordou para esse mundo, que, desaparecido ou desparecendo, pode agora ser reinventado para que não desapareça de todo e para nunca mais.

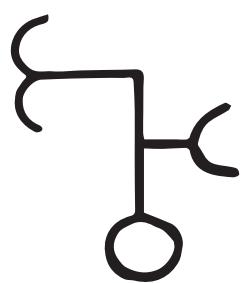
Telefonei então para o Mestre Oswaldo – dei com ele em seu sítio no interior do estado do Rio de Janeiro, *um lenço de chão*, como ele disse – e travamos, a partir daí, uma estreita amizade

³ *O Galo*, n. 7, Fundação José Augusto, Natal-RN, julho de 1997.

epistolar, carta vai, carta vem, livro vai, notícias, informações bibliográficas e essas coisas assim. Devo confessar, porém, que nunca pude corresponder nem à mínima parte com que Mestre Oswaldo tinha de conhecimentos sobre as cousas do sertão. Só os livros de sua autoria – e ele já me mandou todos, inclusive o raríssimo *Uns fesceninos* – já foram uma verdadeira enciclopédia sobre o sertão do Seridó, e, por extensão, sobre o país do Nordeste – esse que se estende do Velho Monge, o Parnaíba, ao Velho Chico, o São Francisco, o país que se confederou em 1824.

Mas aí um dia – quando do lançamento de *Cartas e cartões de Oswaldo Lamartine*, de Veríssimo de Melo, na cidade do Natal – tive a honra e a oportunidade de conhecer o Mestre pessoalmente: impressionou-me, não posso deixar de dizer, a magreza extrema. E, para além disso, no burburinho do lançamento, a calma, a pres-teza com que a todos atendia, condado e modesto, como se aquele ajustamento não fosse só por causa dele.

Depois, de uns tempos para cá, Mestre Oswaldo achou de se calar. Mais nenhuma carta do Rio, com a minha marca de ferradura desenhada no envelope. Soube agora que o Mestre se recolheu a uma casa sertaneja que chantou na Fazenda Acauã, município de Riachuelo, Rio Grande do Norte. Pois Mestre Oswaldo que se cuide: qualquer dia, quando ele menos esperar, risco meu cavalo no terreiro da casa-grande, armado com o meu velho abraço. Pode até ser que isso se dê num 15 de novembro, dia do seu aniversário, e então proclamaremos, aos quatro aceiros do mundo, a *República da Pátria do Sertão*.



Oswaldo Lamartine de Faria
Guilherme de Azevedo

Vocabulário do criatório norte-rio-grandense

À memória anônima dos vaqueiros
norte-rio-grandenses, delida dos sertões
pelo progresso e deslembra da história.

Agradecimentos

A Ludy Veloso, Lúcia Etienne Romeu, Thazia Maria Lamartine, prof. Octávio Domingues, agrônomo Estélio Ferreira, criadores José Braz de Albuquerque Galvão e Joaquim de Azevedo, veterinários Juvenal Lamartine Neto e Pinto Lima, vaqueiros Francisco Lins de Oliveira e Adelanir Pereira de Souza e o seleiro Pedro Américo de Oliveira, vulgo Pedro Ourives (1993-1964), pelo muito que me ajudaram em diferentes fases desta pesquisa.

Prefácio

O ciclo do gado, no Rio Grande do Norte, tem início no século XVI e só começa a declinar sensivelmente nos fins do século XIX. Foi, durante três séculos, a principal fonte de renda da Capitania. Na guerra holandesa, as forças beligerantes buscavam gado na campanha norte-rio-grandense para alimentar as suas tropas. Nos registros contemporâneos àquela época, vez por outra se encontram referências a esse fato. Ora é Felipe Camarão com os seus índios arrebanhando gado para as tropas portuguesas, em Pernambuco, ora é um locotenente holandês suprimindo gado à ação preadora do grande chefe potiguar. A Capitania foi, assim, devastada, em todos os sentidos: econômico, demográfico, religioso. O gado, porém, tem o sentido ecumênico da multiplicação aritmética e da progressão geométrica horizontal. Semente, tradicionalmente conhecida, aumenta e cresce rapidamente, sem exigir esforço. Só precisa de água, pasto e salubridade nos campos. O mais é com a natureza. Multiplica-se de tal forma que vive montado, nos matos, sem ferro e sinal, virando bicho, duas vezes bicho.

Passada a guerra holandesa, reata-se o trabalho de colonização que não é menos duro que a vida em combate. A rebelião dos índios, considerada de maiores proporções que a Confederação dos Tamoios, traz a Capitania em permanente sobressalto, ameaçada de ser transformada em carnificina pelos corsos indígenas. Apela-se para Pernambuco. Recorre-se à Bahia. Pede-se ajuda ao Reino. Clama-se por socorro de São Paulo. Do tamanho que é o clamor da Capitania, a braços com a barbaria pagã, é a indiferença, aumentada pela distância, daquelas autoridades.

Afinal, depois de muito apelo, muita tinta, muito papel e pouca atenção, começam a cruzar o território da Capitania as bandeiras do Rio São Francisco e de São Paulo. Manuel Abreu Soares, Domingos Jorge Velho, Antônio Albuquerque Câmara e Sargento-Mór Manuel Álvares de Moraes Navarro são nomes que se inscreveram nas grandes lutas pela colonização da Capitania no século XVII. No roteiro das bandeiras seguem também as boiadadas. De forma que, terminada a guerra dos índios, estava praticamente povoada a Capitania do Rio Grande.

Se a guerra determinou o devassamento do *hinterland* norte-rio-grandense, o gado foi o fator principal da fixação demográfica. Onde se fixava uma fazenda, aí florescia mais tarde uma cidade. A missão do curraleiro era pastorear o gado e defendê-lo contra a ação malfazeja dos índios revoltados. Nesse afã passou o colono quase todo o século XVII. Só no século XVIII foi diminuindo mais a ação depredadora dos índios, passando o colono curraleiro a viver uma vida mais sedentária, cuidando do seu

gado, da sua família, da sua religião, da sua farinha de mandioca, de sua cana-de-açúcar, do seu jerimum. Não obstante, vez por outra era interrompido nesses misteres pela ação danificadora dos índios, quando não era de felinos e de ofídios. No século XVIII, a gadaria aumenta consideravelmente nos campos de criação do Rio Grande. Nesse século, fundaram-se as Oficinas de Carnes Salgadas, de preferência junto às zonas salineiras da Capitania. As oficinas do Assu e Mossoró nascem aí no apogeu da era criatória da Capitania. Mas, antes de findar o século, são fechadas sob o pretexto mais fútil.

O Rio Grande do Norte, porém, continua sendo, através dos tempos, uma das Capitanias mais criadoras do Nordeste do Brasil. A grande seca de 1877 reduziu consideravelmente a população bovina, causando sérios prejuízos à economia pública e privada. Em compensação, abria-se uma nova perspectiva à economia de-pauperada dos campos de criação, com a intensificação do plantio do algodão para fazer face à grande procura desse produto nos mercados da Europa. O aparecimento da máquina a vapor, preconizando a melhoria e o aperfeiçoamento do trabalho humano, se por um lado determinava o desemprego, nos grandes centros industriais, no campo reagia de modo diverso, porque aproveitava os excessos de braços egressos dos campos de criação. Intensificava-se, assim, o processo de urbanização do campo, concentrando, nas pequenas cidades e povoações, grande parte de operariado rural. As grandes áreas da campanha, onde, outrora, pastava o gado, em campos indivisos, são agora cercadas a pau-a-pique ou

horizontalmente, reduzindo as áreas criadoras. Enquanto isso, a máquina a vapor vai entrando em cena, tomando lugar da antiga bolandeira e dos velhos teares coloniais. A cerca de arame farpado vai fechando a curva do processo evolutivo, prendendo, nos seus estrepes afiados, o gado bovino, muar e cavalar, obrigando-o a pastar em campos estreitos, presos por cordas, ou o que é pior, nos cercados de engorda. Depois da guerra de 1914-1918, fecha-se o ciclo da criação à lei da natureza, para nunca mais voltar aos primitivos tempos da pastorícia em nosso país.

Este ciclo do gado ou do couro, como preferia Capistrano de Abreu, tem sua história, seu folclore, sua psicologia, seu comércio, sua etnografia, sua economia, seu vocabulário próprios.

É esse vocabulário que Oswaldo Lamartine de Faria e Guilherme de Azevedo estudam neste livro do mais típico sabor regional.

Filhos e netos de fazendeiros, não é por coincidência que são formados em agronomia, estando, portanto, à altura da missão a que se propõem com fidelidade e amor: escrever o *Vocabulário do criatório norte-rio-grandense*.

Ao lado do conhecimento pessoal e direto dos problemas do criatório, os autores se amparam ainda em método científico da mais alta validade, tendo em sua companhia autores de absoluta idoneidade moral e intelectual.

Vocabulário do criatório norte-rio-grandense é, pois, a fotografia viva do ecúmeno rural, com suas fazendas de gado, com os

seus currais, com as suas casas de alpendres, com as suas capelas, com os seus cercados, com os seus gados, com os seus animais, com os seus arreios, com os seus apetrechos, com os seus móveis de couro, com as suas miunças, com as suas tristezas, com as suas alegrias, com as suas solidões, com os seus encantos, com os seus desertos, com as suas árvores, com os seus pássaros, com os seus bebedouros, com as suas cacimbas, com as suas festas, com o seu linguajar característico, com os seus carros de boi, com os seus cavalos de sela, de campo, de carga, com todo aquele ingênuo e doce mundo das antigas fazendas do interior nordestino.

É o primeiro levantamento em bases científicas que se faz, entre nós, do vocabulário do ciclo do gado ou do criatório. Não é o primeiro na ordem cronológica da divulgação. Mas é o primeiro, na segurança metodológica, na exatidão científica, no detalhe oportuno, na precisão vocabular. É possível que haja escapado alguma coisa ao crivo de seus observadores. Mas nada disso constitui defeito insanável. Os autores poderão fazer como Euclides da Cunha: *emendar, retocar, completar, melhorar*. A insatisfação de Euclides e o forte desejo de perfeição que o animava fê-lo emendar quase toda a edição de *Os Sertões* por causa de uma vírgula ou crase importuna, mal colocada no corpo do grande livro. Num vocabulário do criatório norte-rio-grandense não poderão ficar à margem palavras como *trote, jornadeiro, agulhas, cabeção, gafeira, ponta de gado, moitim, bacorote, castrado de volta, cor de burro fugido, cocheira, troteiro, berruga, lá vão dois em cima dum e a berruga no ... dum, matrutagem* e tantas outras semelhantes. Os autores aludem

ao tradicional problema da “sorte”, usual a todo Nordeste. O critério adotado sempre foi de 4/1. Falando de carne de sol, diz que é bom distinguir da *carne de charque*. É natural que hoje se faça essa distinção. Mas convém lembrar que a *carne de charque* não passa de um estado bastante aperfeiçoado da antiga *carne do Ceará ou de sol*, fabricada nas antigas Oficinas do Assu, Mossoró e Aracati. A diferença é apenas de aperfeiçoamento, no processo de fabricação, conservação e acondicionamento. As charqueadas do Rio Grande do Sul tiveram origem nas Oficinas de Carne do Ceará e do Rio Grande do Norte. Por isso ficou o nome: *carne de charque ou do Ceará*, ainda hoje vivo na memória popular.

Esse livro abre um novo ciclo de estudo da história da cultura do Rio Grande do Norte. E começa bem porque, em vez de partir do centro para a periferia, parte desta para o centro. É um livro sério, diferente, teluricamente bem pensado e ainda melhor realizado.

Natal, 25 de agosto de 1961.

M. Rodrigues de Melo
Da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras

A primeira edição desse vocabulário, em que o agrônomo Guilherme de Azevedo (1925-1985) e eu fizemos esteira um para o outro campeando palavras, desde as quebradas das serras que aceiram o Rio Grande do Norte às areias lavadas das pancadas do mar, foi editado pelo Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura, nos idos de 1966. Amuado pelas muitas escapulidas, voltei a rastejá-las nos papéis alheios, nos escondidos da memória do sertão de nunca mais e no prosear dos vaqueiros. Daí quase mil novos verbetes ou abonações emendados e acrescentados, conforme informações mais certas que agora tive.

Foi o que consegui vaquejar e encurralar nesses anos de ciganismo. Sei que outras ficaram desgarradas por este mundão de meu Deus. Mas já desapeei e desencilhei o cavalo. E, daqui pra frente, quem vier atrás que feche a porteira...

Oswaldo Lamartine de Faria
Ribeira de São Sebastião do Rio de Janeiro
1968-1989

Abreviaturas

abus.	abusão
ad.	adjetivo
anon.	anônimo
BNB	Banco do Nordeste do Brasil S/A
cf.	confronte
Chac. & Qui	Chácaras & Quintais
CM.	Correio da Manhã
CNG	Conselho Nacional de Geografia
corr.	corruptela
dit.	dito, ditado
ex.	exemplo
exp.	expressão
fem	feminino
fig.	figura
i. é	isto é
Inéd.	inédito
inf.	informação
interj.	interjeição
JB	Jornal do Brasil
loc.	locução
s.	substantivo
s/d.	sem data
s/e.	sem editora
SIA	Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura
s/l.	sem local
tb.	também
v.	verbo
var.	variante
---- ,	Substitui, nas frases, a palavra que se aplica

A

Abaezado, adj. Diz-se boi de pequeno porte, de pernas curtas e fornido. Alusivo à forma étnica de suínos do Nordeste – porco Baé – de porte reduzido e compacto.

Abelha, s. A abelha-do-reino, italiana (*Apis Ligustica*) ou a preta -alemã (*Apis mellifica*), de uns tempos para cá vem se popularizando na região litorânea, imediações da cidade de Natal. Na pegada do inverno de 1968, os sertanejos diziam de enxame de abelhas (europeias) zoando pelos céus do Agreste e do Seridó. Muitos acreditam tratar-se da abelha africana (*Apis mellifeca adensonii*). É de imaginar que os últimos dez anos (1959-68) de invernos regulares tenham criado condições favoráveis para a sua expansão. Em 1956, foram importadas 51 rainhas africanas visando a obtenção de uma abelha mais adaptada ao clima do Brasil. Em jul./1958 um teste revelava a produtividade de 42 kg/mel/ano para as africanas e híbridas, contra 24 kg das italianas e 12 das pretas (KERR, 1969). Eliminada a agressividade da africana por cruzamento com a italiana, poderemos ter na 3^a ou 4^a geração as linhagens desejadas para o Brasil. “Toda abelha do gênero *Apis* é perigosa. Nos EE.UU., onde só existem a italiana e a caucasiana, mais de 60% das mortes causadas por animais peçonhentos são devidas a picadas de abelhas. É bom saber que o que mata não é o veneno em si, mas a reação alérgica que só determinadas pessoas apresentam [...]. A italiana leva três minutos para se irritar; a africana, 20 segundos; uma pica 10 vezes por minuto; outra, até 60; a primeira desiste da luta em 10 minutos, a segunda

briga 2 hs; a europeia persegue a vítima até 9 m da colmeia; a abelha da África leva o ataque até 170 m do apiário” (BRASIL APÍCOLA, 1957). O sertanejo, tradicionalmente, limita-se a “criar” as abelhas do mato, “caçadas” ou tiradas quando brocando matos para fazer a sua agricultura. Conserva-as no próprio oco de pau em que foram encontradas ou as situam em cortiços de tábua que são pendurados nos beirais das telhas de sua morada. As madeiras da flora regional, que se apresentam mais frequentemente ocadas, são a imburana e a catingueira; essa constante provavelmente motivou a quadra: *Xique-xique é pau de espinho, / Imburana é pau de abelha; / gravata de boi é canga, / paletó de negro é peia.* As espécies mais procuradas e de maior valor econômico são a jandaíra (*Melipona favosa subnitida* Ducke) e a uruçu (*Melipona scutellaris* Latr.). Esta última tem o seu *habitat* no Estado restrito à faixa litoral agreste, da fronteira da Paraíba até o Cabo de São Roque. Também fazem cortiços de canudo (*Lestrimellita limao* Friese); jati (*Tetragonisca jaty* F.Sm.), mumbuca ou papa-terra (*Cephalotrigona capitata* F.Sm.) e da tataíra ou caga-fogo (*Oxytrigona tataira* F.Sm.). Francisco Romano (1840-1891) viu e versejou: *Quando chove, as abelhas / Começam a trabalhar: / Moça-branca e a pimenta, / Mandaçaia e mangangá; / Canudo, Mané-de-Abreu, / Tubiba e arapuá. / Ronca a tataíra, / Faz boca o limão, / Zoa o sanharão, / Trabalha a jandaíra, / Busca flor a cupira, / Faz mel o enxu, / Zoa o capuchu, / Vai a fonte o jati, / Capeia o enxuí, / Faz mel a uruçu.* O mel do canudo ou limão, tirado no mato, tem de ser comido em silêncio; se um dos tiradores, acabada a refeição, diz para o outro: *Vam’imbora,* fica completamente bêbado, lançando e areado. A literatura regional registra o fato nos sertões

do Ceará (SOBREIRA, 1921, e ARAÚJO, 1961). Alguns sertanejos mais observadores atribuem o fenômeno à floração da maniçoba e da flor-de-seda. O adagiário regional registra para a abelha: *Abelha em pé de muçambê* (assédio). • *Abelha que muito voa não faz mel*. • *Como abelha* (dito de multidão inquieta). • *Desgraça de farinha é mel em casa*. • *Mula estrela, mulher faceira e tubiba de aroeira - o diabo que as queira*. • *Pinica-pau não tem machado e come abelha*. • *Segredo de abelha* (coisa muito escondida). • ---- *mestra*, rainha da colmeia; mulher astuciosa, intrigante ou alcoviteira.

Aberta¹, s. Afastamento lateral brusco que faz o cavalo para que o vaqueiro possa derrubar a rês, puxando-a pela cauda; há cavalos tão bem treinados que, ao sentir que o vaqueiro segurou a cauda da rês, afastam-se rápida e bruscamente, facilitando a derrubada. “Vou deixar o cavalo velho Dourado, que é muito feito, tem passagem e aberta para sobrar” (CUNHA, 1971). Na gíria das vaquejadas de hoje, três principais tipos de aberta são identificadas: ---- *de carregar*, quando o cavalo após a aberta toma o rumo lateral (45°) sem abrandar a carreira; é considerada a melhor e a mais violenta. ---- *dos pés*, o cavalo abre fazendo um semicírculo para fora; tratando-se de uma rês de maior porte ou dura na queda, cavaleiro e cavalo correm o risco de ir ao chão. ---- *mole*, o cavalo fecha na frente da rês (o mesmo que dar a costela ou quebrar-se); característica dos animais que correm meio encapotados e só permitem a derrubada de rês miúda ou pouco açoitada em corridas.

Aberta², s. Pequena clareira natural de que se vale o vaqueiro nas carreiras do mato para derrubar a rês.

Aboiador, adj. Aquele que aboia.

Aboiar, v. Cantar em aboio, i. é, canto sem palavras com que os vaqueiros falam ao gado. De uns tempos para cá, nas festas de vaquejadas, aparecem vaqueiros aboiando versos. Juvenal Lamartine Neto, em 1967, ouviu numa vaquejada, nos sertões da Paraíba, versos em aboio que diziam: *Há 3 coisa neste mundo / Que ninguém deve fazê: / Comprá terra sem dinheiro, / Comprá cavalo semvê; / Casá com moça aparpada, / Leva chifre intê morrê. // Minha mãe teve 3 fio, / Desses 3 fui o tercero. / Um estudô pra sê padre, / Outro doutô-ingenhêro; / Eu nasci pra puxá boi, / Qué servîço mais manero...*

Aboio, s. Canto sem palavras, marcado exclusivamente em vogais, entoado pelos vaqueiros quando conduzem o gado. O processo é o mesmo que no Canto Gregoriano ouvimos nas longas vocalizações da Jubilationes, os “Júbilos”, construídas unicamente sobre uma vogal. Dentro desses limites tradicionais, o aboio é de livre improvisação e são apontados os que se salientam como *bons no aboio*. O canto finaliza sempre por uma frase de incitamento à boiada: *ei boi, boi surubim, oi lá*. O canto dos vaqueiros, apaziguando o rebanho levado para as pastagens ou para o curral, é de efeito maravilhoso, mas sabidamente popular em todas as regiões de pastorícia do mundo. Antonil, que escrevia em princípios do século XVIII, informou: “Guiam-se as boiadas, indo uns tangedores diante, cantando, para serem desta sorte seguidos do gado”. Quer no coice (atrás) ou na guia (adiante) da boiada, o vaqueiro sugestiona inteiramente o gado, que segue, tranquilo, ouvindo o canto. Não conheço o vocábulo em documento anterior ao século XIX. Creio-o brasileiro, levado a

Portugal, porque lá o registro era referente ao aboiar, pôr uma boia nalguma coisa. O aboio não é divertimento. É coisa séria, velhíssima, respeitada. Aboia-se no mato, para orientar a quem se procura. Aboia-se sentado no mourão da porteira, vendo o gado entrar. Aboia-se guiando o boiadão nas estradas, tarde ou manhã. Serve para o gado solto do campo e também para o gado curraleiro, vacas de leite, mas em menor escala. O aboio não tem letra, frases, versos, senão o excitamento final e este mesmo já falado e não mais cantado. Carlos M. Santos informa a impossibilidade da notação musical exata. “A fixação é impossível pela indivisão dos períodos musicais” (CASCUDO, 1962). Vaqueiros do outro lado do mundo, na Austrália, também falam aos seus gados: “Nesse momento houve uma agitação na boiada. O gado mugia excitadamente. Sombras cornudas começaram a correr em todas as direções, seguidas por silhuetas de cavaleiros rápidos. Assisti, então, a um fenômeno de que ouvira falar com frequência, mas em que realmente nunca acreditara. Um vaqueiro começou a cantar, em voz baixa, uma melopeia sem melodia, uma sucessão de notas plangentes como os homens primitivos devem ter cantado antes da aurora da História. – Ele está cantando para acalmar os bichos – disse Tonico Cavallo. Com o continuar da enfadonha cantiga, o gado foi-se acalmando...” (SELEÇÕES, 1963).

Abreu, s. Abelha também conhecida como Amarela ou Moça Branca (*Friseomelitta varia*, Lep.).

Abrir, v. Dar as rédeas bruscamente para um lado, desviando a montaria; dar aberta (V. Aberta), fugir à competição; ---- *dos peitos*, esforço violento que se acredita causar imprecisa desarticu-

lação torácica ou deslocamento de órgão. ---- *na carreira*, fugir desabaladamente. ---- *nos paus* ou *na madeira*, embrenhar-se nos matos, fugir.

Aboticados, *adj.* Diz-se, indistintamente, de qualquer espécie de animal, quando apresenta os olhos salientes ou ressaltados.

Aça, *adj.* Fogoió, gázeo, albino, despigmentado. “[...] o cavalo preto saltava o muro e ia montar em cima da besta aça.” (SUASSUNA, 1971).

Acabanado, *adj.* Pendente, caído, cabano. Diz-se dos animais que têm as orelhas (equídeos) ou os chifres (bovinos) dirigidos para baixo, caídos. Etim. Do latim *capanna* que o tem do celta; as cobertas da cabana são, em geral, fortemente inclinadas.

Acabremar, *v.* Colocar cabrema, i. é, reduzir os movimentos de uma rês por meio de uma corda que prende a mão ao chifre. Var. de *acabramar*.

Acamar cipó, *exp.* Usada para designar carreira violenta no mato. *O resto da vaqueirada / Sai acamando cipó, / Derriando marmeleiro / E faxiando mororó; / Quebrando pau pelo meio / E da rama tirando nó.* (*Romance do Boi Moleque*, 1895).

Acampado, *adj.* Diz-se do gado no repouso noturno das grandes viagens quando, por falta de um cercado, é rodeado à margem dos caminhos (V. *Acampamento*).

Acampamento, *s.* Local, ao descampado, com algum recurso forrageiro, onde se rodeia o gado em viagem para o repouso da noite. “Na estrada, quando não é encontrado um cômodo capaz, um

cercadinho para dormida de semelhante quantidade de gado, os encarregados ou condutores de cada boiada (porque na estrada, para o comedor e tangida, o gado sai da dormida dividido em lotes de 130 bois) procuram um local onde tenha qualquer pasta-gem ou mesmo babugem para o acampamento. Ao pôr do sol, os boiadeiros reunidos, tangerinos e encarregados, rodeiam o gado no local escolhido até que este começa a deitar. Só então desprende-se o pessoal para o rancho, para servir-se da última refeição do dia. Às vezes, certa hora da noite, levantam-se alguns bois mais fortes (porque os enfadados da viagem não se movem da dormida) para repararem mais a necessidade da dormida, provocada pela própria natureza, e encontrando essa comida ali mesmo, a partir da cama, se refazem e novamente deitam-se para o repouso natural de descanso do resto da noite.” (CUNHA, 1971).

Acangulado, *adj.* Diz-se do animal com prognatismo do maxilar inferior, como o peixe cangulo (*Balistes vetula* Lin., da fam. dos Balístidas).

Acasalar, *v.* Juntar (macho e fêmea) visando obter crias.

Acender as orelhas, *exp.* Ficar atento, de orelhas alevantadas. Diz-se do equídeo que, ao ouvir um ruído, como que desperta, levantando as orelhas.

Acertá(r), *v.* Ensinar, adestrar (o animal de sela) a obedecer à rédea.

Aceso, *adj.* Diz-se do animal de muita vivacidade. Em loc. *Olhos acesos*, olhar vivo, brilhante, excitado. *Rabo aceso*, cauda levantada. *Venta acesa*, narinas muito abertas, dilatadas.

Acezuado, *adj.* Vivo, esperto, espantadiço.

Achamurrado, *adj.* Diz-se do touro ou reprodutor que possui o corpo compacto, grosso, dando a aparência de chamurro.

Açoitado, *adj.* Diz-se do animal que foi amansado e ensinado para determinado serviço. Treinado.

Açoitar¹, *v.* Amansar; adestrar; domar.

Açoitar², *v.* Puxar com violência, atirando a rês ao solo numa queda fulminante, quase sempre motivando fraturas ou morte: *O quatorze e último páreo / Feito por Manuel Soares / E o vaqueiro João Bueno, / Correu Manuel, pelos ares, / Açoitou um boi que a perna / Quebrou em quatro lugares.* (CASCUDO, 1969).

Acuado, *adj.* Diz-se do cachorro que persegue a caça, latindo e cercando-a, para impedir sua fuga. Cavalo ou muar quem tem o vício de acuar.

Acuador, *adj.* Diz-se do animal que acua, que emperra, com vício de acuar.

Acuar, *v.* Emperrar; recusar-se a seguir; ficar parado; empacar.

Acunhar, *v.* Apertar; esporear uma montaria para fazê-la andar, correr, saltar, desacuar.

Adomado, *adj.* Manso; domado; dócil; adestrado.

Adomar, *v.* Corr. de domar; amansar; esbravejar.

Afiilar, *v.* Estumar, açular, iscar. “Chamaram e afilaram Coati, o cão-chorro campeiro que era um raio para descobrir bezerro novo [...].

Fiz tudo para ela mostrar o bezerro, afilei o cachorro que cercou-a de latidos constantes, mas ela nunca ligou.” (CUNHA, 1971).

Afinar o cabelo, *exp.* Engordar e, consequentemente, apresentar o pelo mais fino, sedoso e bem assentado.

Afrontado, *adj.* Diz-se do animal com respiração ofegante, por cansaço ou doença. [...] *Correu mais de duas léguas / o cavalo enfraqueceu / ficou todo afrontado / desta carreira que deu.* (SILVA, J. B. 1956).

Aguada, *s.* Lugar onde o gado bebe.

Aguado¹, *adj.* Rico ou cheio d’água. Os cactos forrageiros (palma, carneiro e xique-xique) são chamados de aguados ou gordos quando se intumescem na época das chuvas.

Aguado², *adj.* Diz-se do animal fraco, sem forças, esgotado. Cavalo com inflamação difusa nos cascos, que o impede ou dificulta andar. “... O primeiro sinal, a mais primeira certidão do aguame da mula, eu já tinha arreparado no capôzinho [...]: o montico reduzido da obra dela, encarocada e preta assim que nem de cabrito - o resto da rapadura que ela já não ‘tava digerindo direito... Porém na devesa [...] onde a besta ficou de resguardo, a gente já notava a diferença, dum dia pro outro: a cor ficando verdolenga, aumentando mais o tamanho, mais solta... Muar, Seu Eduardo, é muito regular do intestino, ver um relógio; desonera sempre na horinha certa... e cinco vezes. E eu contei e recontei... mas só as roscas de vesp’ra, as mais sadias. Só achei três; faltavam as duas outras parcelas de depois de janta.” (PALMÉRIO, 1966).

Aguamento, s. Inflamação ou congestão da membrana tegumentar do pé do cavalo.

Aguilhada, s. Vara de ferrão utilizada pelos carreiros para *esporar* e conduzir os bois de carro, quando em serviço. Até fins do século passado era usada pelos vaqueiros para derrubar o gado, sendo de dimensão mais reduzida que a atual. Koster (1942) assim a descreve: “O indivíduo empregado nessa operação monta a cavalo, com uma longa vara, terminada por uma ponta de ferrão e persegue o animal que quer derrubar até que, emparelhando-se, fere-o nos flancos, entre as costas e a anca, e, se o alcançar no momento em que o boi levanta as patas traseiras, sacudi-lo-á em terra com tanta violência que este rolará.”

Agulhas, s. Carne aderente às costelas da rês.

Agulhas¹, s. Local de junção das espáduas dos animais.

Agulhas², s. Chifres, armas, aspas.

Agulhas³, s. Esporões dos galos combatentes.

Aí, *interj.* Esbarre aí; grito mandando parar, em geral, dirigido aos animais de carga. **Í** e **Barra-aí** são outras formas usadas.

Ajerimunzado, *adj.* Diz-se do animal lerdo, ronceiro, pesadão.

Ajudas, s. Clister, lavagem intestinal.

Ajudas de campo, *exp.* O mesmo que *pedir campo*.

Alagamar-do-olho, s. Canto do olho próximo ao canal lacrimal. Na mulher, quando acentuadamente grande, é tido como sinal de infidelidade.

Alazão, adj. Diz-se de equídeo cuja tonalidade dos pelos vai desde o amarelo claro ao vermelho escuro, sendo as crinas e a cauda da cor mais ou menos do pelo. As diferentes nuances recebem designativos locais: ---- *caboclo*, vermelho escuro ou cor de castanha; ---- *escuro*, com tonalidade vermelha bem carregada, da cor da canela; ---- *amarelo*, vermelho-alaranjado. Dit.: *Cavalo alazão escuro, carrega o dono seguro.* • *Cavalo alazão, freio no braço e sela na mão.*

Alcatra, s. Anca dos bovinos; parte final do lombo. *Andar nas* ----, “Seguir as pisadas de alguém, os passos, andar atrás, atormentar, perseguir, não poupar.” (PEREIRA DA COSTA, 1936).

Alento, s. “É cada um dos orifícios que se encontram dentro das ventas dos cavalos. O nome lhes vem do fato de ser por eles, como afirma o sertanejo, que o cavalo toma alento ou fôlego. Só podem ser 2, 3 ou 5. O cavalo de dois alentos é comum, o de 3 é bom e o de 5 é ótimo.” (SERRAINE, 1968).

Alevantar pela cauda, exp. Diz-se quando, nas vaquejadas, o vaqueiro ao apanhar a cauda da rês no golpe da mucica, o faz com tanta violência e ímpeto, que chega a levantá-la do chão.

Alforge, s. Saco duplo de couro curtido de uma só boca que se fecha em correias. Serve para conduzir alimentos sólidos em viagem e é levado preso à sela. “Agora mande escolher um pedaço de carne seca e assar na grelha, bem queimada; trinche com farinha de mandioca. Ponha essa comida no alforge com um queijo de coalho e uns pedaços de rapadura do Cariri, que devo partir para Campos Sales.” (CUNHA, 1971).

Algemas, s. Peia. *Sei que tô enchocalhado / Com as algemas na mão, / Mas esses cavalo mago, / Enfio dez num cordão.* (Fabião das Queimadas in CASCUDO, 1957).

Almocrevar, v. Conduzir animais de carga. “Se hei de andar almo-crevando com risco de me tomarem o cavalo...” (TÁVORA, 1881).

Almocreve, s. Pessoa que conduz animais de carga. O mesmo que *arrieiro*.

Almofada, s. (V. *Carro de boi*, II. Eixo e III. Mesa).

Alvação, adj. Diz-se de bovino que possui pelagem alvaçã, i. é, branca ou esbranquiçada, sem qualquer pinta, mancha, malha ou barga. Há o *liso-alvaçã*, quando os pelos são esbranquiçados, da cor de creme.

Amansar, v. Adestrar, domar um animal. O processo de amansar pouco difere do registrado por Henry Koster, em 1810. “Quando um cavalo vai ser amansado, procedem pela maneira seguinte: é laçado e amarram-no a um poste no curral. No dia seguinte ou à tarde do mesmo, se parece tratável, uma pequena sela é colocada sobre ele, e logo um cavaleiro o cavalga com cabresto duplo. O animal galopa e o homem, longe de conter a montaria, a excita, não fazendo uso do chicote e das esporas senão no caso de ser um cavalo lerdo ou obstinado a caminhar. Os melhores cavalos são os mais facilmente adestrados. O cavalo corre até esgotar-se e é conduzido docemente pelo seu cavaleiro e às vezes só regressam ao ponto de partida no outro dia. O cavaleiro não deverá desmontar antes de voltar ao poste onde o cavalo estivera preso, e certamente terá

muitas dificuldades se proceder ao contrário, ante a indocilidade do animal. A mesma operação é repetida até que o cavalo esteja efectivamente domado e apto para a sela. Em certas ocasiões o cavalo, por saltos violentos, sacode fora a sela e o cavaleiro demora a recapturá-lo. Doutras feitas, a menos que a cilha rebente, ele tem pouca esperança de derrubar seu montador porque os sertanejos são excelentes cavaleiros.” Os bois são amansados para a tração individual (capinadeiras), arrastando um tronco de árvore; para o carro (tração dupla), encangados com um boi-manso velho e de mais força.

Amarela, *s.* Abelha indígena desprovida de ferrão (*Friseomellita varia*, Lep.). Também é conhecida como *Abreu ou Moça Branca* (v. *Abelha*). *Neste dia lá no mato / Ao tirá duma amarela, / Ajuntaram-se eles todos / Quase brigam mórdela.* (*Fabião das Queimadas* in CASCUDO, 1957).

Amarra, *s.* Tira de couro que prende o chocalho ao pescoço (V. *Chocalho*).

Amarrado, *adj.* Diz-se do galo esgotado em decorrência de brigas sucessivas (gíria galista).

Ambó, *s.* Pequena represa; seguem-se, em ordem de grandeza visual, o barreiro, o açudeco e depois o açude.

Amofumbar-se, *v.* Amoitar-se; alusivo às moitas de mofumbo (*Cobretum leprosum* Mart. da fam. Cobretáceas).

Amoitar-se, *v.* Esconder-se; retrair-se. Diz-se do gado que tem o hábito de se ocultar em esconderijos de mato mais denso ou em acidentes do terreno. O mesmo que *amucambar-se*.

Amojada, *adj.* Prenhe; grávida. Diz-se da fêmea em estado adiantado de gestação, já formando o ubre. ... *vendo a vaca amojada / com a pança muito inchada / dela muito caçoou.* (SILVA, J. B. 1956).

Amojo, *s.* Crescimento do ubre das fêmeas na proximidade do parto.

Amolestado, *adj.* Diz-se do animal, principalmente o cachorro, atacado de hidrofobia.

Amontar-se, *v.* (V. *Amoitar-se*).

Amucambar-se, *v.* (V. *Amoitar-se*). “Tornar-se selvagem, vivendo no mato.” (BARROSO, 1962).

Amunhecar, *v.* Cair das munhecas; tropeçar; ir ao chão; fraquejar das mãos.

Anca, *s.* Região dupla formando os ângulos dianteiros da garupa, tendo por esqueleto o íleo.

Ancoreta, *s.* Pequeno barril provido de alças que se conduz aos pares, presos aos cabeçotes da cangalha; há dois tipos de ancoretas: um com capacidade para uma lata de 18 litros e outro para duas latas e meia. As cargas, em jumento, são arrumadas com 4 ou 2 ancoretas, de acordo com a respectiva capacidade.

Andaço, *s.* Epidemia; mal contagioso e generalizado. Também designa as diarreias por distúrbio alimentar. “Mal contagioso, epidemia, que acontecia geralmente os homens, ou os animais.” (VITERBO, 1865).

Andador, *adj.* Diz-se do equídeo que apresenta vários andamentos: equídeo bom estradeiro e resistente. O mesmo que *andejo*.

Andadura, *s.* Modo de andar, marcha, pisada, passada.

Andejo, *adj.* (*V. Andador*).

Andar em osso, *exp.* Cavalar sem auxílio ou proteção da sela, i. é, em *pelo*. O mesmo que *montar em osso*. “...Também prindi a montá in cavalo branco in osso.” (LIMA, 1965).

Andilha, *s.* Primitiva caçamba à moda silhão usada para montaria das mulheres. “As mulheres seridoenses montavam em andilhas, selas com armaduras de madeira, cobertas de couro curtido, sobrecapa de sola, com encosto de madeira sentadas de lado, com os pés nos estribos.” (MELO, M. 1954). “Falando sobre os silhões nos quais as sertanejas montavam a cavalo – uma sela com uma espécie de gancho, do lado, no qual é passada a perna direita – o coronel Ingá me disse que aquilo era coisa relativamente moderna pois, há muitos anos passados, as mulheres montavam sobre andrilhas (ou andilhas) – uma espécie de caçamba de madeira – tornando-se difícil o equilíbrio, pois a pessoa ficava colocada de lado.” (LINS, 1957).

Animal, *s.* O sertanejo assim designa os equídeos. Os animais domésticos tinham apelidos: “o carneiro Tomé, a perua Teresa, o porco era Chico, a besta era Ilária. Alguns velhos mais prudentes evitam dizer porco, perua, galinha, porque ofendiam o pudeo alheio. Falavam em “cabeça baixa”, “penosas”, antecipando com o inevitável “com licença da palavra”, “com perdão da palavra”, “falando com

pouco ensino” que depois vim a saber existir noutras paragens do mundo (os Romanos também usavam o *Ignoscet mihi genius tuus*, como no *S a t y r i c o n.*)” (CASCUDO, 1957).

Anzolado, adj. Diz-se de qualquer quadrúpede que, de tão magro, apresente o dorso curvo, à moda anzol. Dit.: O torto é o direito do anzol.

Apá, s. O mesmo que pá; região das espáduas.

Apadrinhado, adj. Diz-se de rês, animal ou criação criado à solta a que atribuem proteção de poderes sobrenaturais. Muitos deixaram a sua história na literatura popular da época (*O boi mandingueiro*; *o cavalo misterioso*; *o bode dos Grossos* etc.) e só eram pegados quando o distante *padrinho* lhes *tirava as forças* protetoras, tornando-os iguais aos outros viventes. “Havia incrédulos, e o vaqueiro Cícero Romão dizia: – *Quem apadrinha boi é cavalo ruim e o sobroço do cabra*”. As estórias, porém, eram impressionantes, narradas pelas testemunhas do assombro. “Um boi-espaço, amarelo-laranja, com os dois pé calçado e uma estrela na testa,” apadrinhado por seu Chicão de São Caetano, em Pernambuco, derubado, com a mascára nos olhos, tambão no pescoço, chocalho humilhante, tangido para o curral por três vaqueiros, desapareceu envolvido por um súbito pé-de-vento, redemoinho cobrindo de poeira os três homens. Na encruzilhada do caminho encontraram, arrumados, o guarda-peito que servira de mascára, a corda de laçar, o cambão e o chocalho tinidor, restituídos ironicamente aos donos derrotados. Fora a intervenção mágica do velho Chicão, à distância, libertando o afilhado.” (CASCUDO, 1969).

Apadrinhador, *s.* É o auxiliar que assiste o domador na primeira fase da doma, segurando o poldro pelo cabresto ou, montado em outro animal, acompanha de perto, às vezes emparelhado, o esbrabejar do poldro.

Apanha, *s.* Ferra, colheita de bezerros. Número de crias nascidas no ano em uma fazenda. “As fazendas eram pequenas; poucas apanhavam 400 bezerros por ano, e as menores 30.” (ÁLBANO, 1918).

Apanhado, *adj.* Diz-se do galo de briga (ou canário) derrotado, surrado, corrido.

Apartação, *s.* Ato de apartar ou separar o gado. “Divisão do gado que, criado solto no sertão do Nordeste, era reunido para ser entregue aos donos por intermédio dos vaqueiros. Constituía uma das festas tradicionais, atraiendo os melhores vaqueiros para a vaquejada, derrubada de novilhos e touros. Servia-se jantar copioso e havia baile, com violas e cantadores, em desafio, historiando as vitórias do dia. O gado de toda a ribeira era criado solto, com ausência total de qualquer cerca nas terras indivisas. No inverno era preciso reunir toda a boiada para entregá-la aos diversos donos. Dezenas de vaqueiros davam campo ao gado, procurando-os nos matos e serras, levando-o, aboiando, para o grande curral de uma fazenda escolhida”. (CASCUDO, 1962). Fabião das Queimadas (1848-1928) louvava: Entre os bons divertimentos / Do centro deste sertão, / É bonito e tem que ver / Um dia de apartação...”

Apartar, *v.* Desmamar; separar a cria da mãe. Deixar de dar leite até o nascimento da próxima cria.

Apatacado, *adj.* Diz-se da pelagem equina e bovina que se apresenta branca ou clara, com manchas arredondadas e escuras.

Apear, *v.* Desmontar. Também se diz *Desapear*.

Aperreada, *adj.* Agitada, agoniada, afobada, assanhada (a rês). “De maior importância na preparação da carne de sol é que a rês a ser abatida não esteja aperreada. Quando isso acontece, a despeito do sal e do sol, a carne se deteriora com 1 a 3 dias e o seu consumo provoca violento xiriri. Dizem ainda os marchantes que a rês fêmea aperreia-se com mais facilidade que o macho”. (FARIA, 1964). O art. 6º, § 2º da Resolução Provincial nº 84, de 10/out/1842, prescreve: “Não matará rez, que não esteja descansada, e sem algum achaque, que possa offendere a saude publica.” E o Código de Postura Municipal da Cidade de Natal, de 1878, determina em seu cap. VI, art. 37: “As reses destinadas ao consumo publico nesta cidade serão recolhidas ao matadouro um dia antes de serem mortas, para que o fiscal possa averiguar se estão descansadas [...]”.

Apojar, *v.* Fazer soltar o leite, o que a cria consegue excitando o ubre com movimentos, no ato de mamar. Quando está apojado, o bezerro deixa sair cachos de espuma de leite, pelos cantos da boca. Fig.: farto, feliz, cheio.

Aprisco, *s.* Curral. Forma erudita e de raro uso nos sertões: *E lá vem desembestado / lá das bandas do aprisco...* (SILVA, J. B. 1956).

Apurar, *v.* Vender a carne da rês abatida; aproveitar, separar.

Araçá, *adj.* Diz-se do gado bovino de pelagem amarela ou vermelha com raias escuras. *V. Rajado*.

Arame-farpado, s. O arame de fios duplos, farpados; foi aperfeiçoado por Jacob Haish, em 31/ago./1875, em Illinois, EE.UU. Em 1924, Artefio Bezerra diz ter comprado “400 rolos de arame a 20 mil réis cada um” (V. *Cercado*). “O arame para cercas é vendido em rolos de 20 e de 40 kg que correspondem, pouco mais ou menos, a 250 e 500 m p/rolo. O quilo de grampo tem de 250 a 300 grampos.” (CUNHA, 1971). A Resolução nº31 de 08/out./1842, assinada pelo Pres. D. Manoel d'Assis Mascarenhas, diz em seu art. 1º, § 2º: “Os agricultores serão obrigados a cercar suas lavoutras com estacas de palmo a palmo, e com três cintas; e as chamas das caissara terão sete palmos de altura.”

Aranha, s. Alça de metal presa ao arção, onde se afivela o rabilho da sela.

Arca, s. Região lateral do tórax, incluindo as últimas costelas e a porção abdominal que lhe fica abaixo.

Arção, s. Peças de madeira resistentes, enervadas, i. é, revestidas com couro cru e pontilhadas com correias de couro de bode, de modo a reforçá-las, formando um todo rígido, que constitui o esqueleto da sela. No arção da sela roladeira do Seridó, anotam-se: arção dianteiro, arção traseiro, resafra (que liga os dois), casa do loro, vão do assento, aranha do rabicho e pegador da rabichola. O arção, em geral, é confeccionado de mofumbo.

Árdigo, adj. Árdeo; ágil; esperto; que possui muita vivacidade. Diz-se do animal que atende prontamente ao castigo do cavaleiro. Há os árdigos de rédeas, de rebenque e de esporas.

Argé, adj. Argel. Diz-se do animal que apresenta o pé direito branco e não possui sinal encoberto (mancha no pênis). Quando o pé direito e a mão esquerda são brancos, é chamado de *argé em cruz*. O cavalo argé é tido como perigoso, manhoso. “Os cavalos que têm uma pata branca e outra da mesma cor do corpo, e sujeitos a cair são argéis; alger que deu o plebeísmo argé ou agé – desajeitado, infeliz, desastrado.” Dicionário de Morais, ed. 1831, registra argel, adj., cavalo argel: é dos mal assinalados, o que tem malha branca só no pé direito; ou que tem os sinais atravessados; o que tem o pé ou a mão direita branca se diz argel trastravado. Col. de Duarte Nunes add. 33: “tendo ambas as mãos brancas – argel manalvo. Galvão & obra argel: trabalhosa & inerte, infeliz. B. P. Ulis. 203 “Doutor argel como cavalo, homens argéis como cavalos.” D. Franc. Manoel, Cost. 63 Cent., 4 – “O sertanejo chama apenas argé ou calçado. Cavalo calçado, dono apeado.” (AGUIAR, 1934). Dit.: *Cavalo argé, não merece fé, porque quebra o pé.*

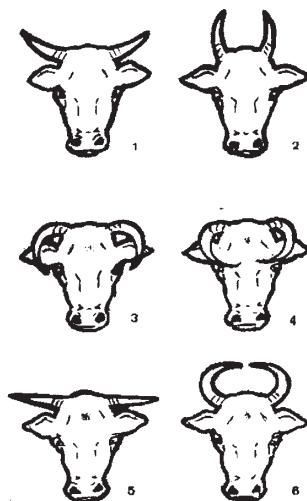
Argolas, s. Conjunto de argolas de metal que os mestres de rédeas faziam prender nos membros dos animais. Alegavam que o tímido rítmico das mesmas, quando o animal em marcha, auxiliava o aprendizado: *Ouço tropel de cavalos, / e ouço argolas tinir; / Parece ser meu benzinho, / Que já vem se despedir.* (CARVALHO, 1928).

Arisco, adj. Diz-se do gado esquivo, desconfiado, bravio. Também é usado para designar terrenos arenosos, altos, de baixa produtividade.

Armação, s. Chifres, O mesmo que pontas, cornos ou armas.

Armas¹, s. Chifres, aspas, galhas ou pontas. *É fusca, bem azeitona; / Sedém branco, cirigada; / Arma um tanto a pinheiro; / Dos pés*

trazeiros calçada (SERRAINE in Anhembí). Conforme a forma das armas ou pontas, tem-se: boi de arma ou *ponta aberta*, se são bem separados; boi de armas ou *pontas alevantadas*, se são em pé; boi *acabanado* ou *cabano*, se são dirigidas para baixo; boi cumbuca, se são em forma de lira, curtas, grossas e com as extremidades próximas uma da outra; boi *espaço*, se são dirigidas para cima e afastadas (espaçadas); boi *pontaria*, se uma delas é dirigida para a frente; boi *penteado*, se são dirigidas para trás; boi *pinheiro*, se são em lira, grandes e altas; boi *ponta-baixa*, se uma delas é dirigida para baixo.



Armas ou chifres: 1 - ponta aberta; 2 - alevantada; 3 - acabanado ou cabano; 4 - cumbuca; 5 - espaço; 6 - pinheiro.

Armas², s. As esporas do galo.

Armentário, adj. Diz-se do gado bovino. “A maior parte do rebanho era de gado armentário”. (ALBANO, 1918).

Arpão, s. Tipo de marca (V. *Assinar*).

Arranchar-se, v. Hospedar-se; gozar de uma hospedagem provisória, em caminho ou lugar para onde se dirigiu, com determinado fim.

Arrancho, s. (V. *Rancho*).

Arranco da boiada, exp. O mesmo que *Estouro da boiada*. “Quando, porém, viajaram uma légua mais ou menos, a boiada arrancou, i. é, espantou-se de um pequeno movimento, e esse gado todo, os 200 bois, disparou em correrias, espatifando-se pelas caatingas afora.” (CUNHA, 1971).

Arraposado, adj. Diz-se da pelagem bovina grossa e que lembra a cor do pelo da raposa (*Canis vulpis*).

Arrastão, s. “Na construção das paredes (barragem) dos açudes, o sertanejo se utiliza de um couro de rês, cru, que enche de barro, e ao qual atrela um boi, ou uma junta, duas, etc., por meio de um tirante de cordas, também de couro cru ou de correntes. O processo, muito primitivo e demorado, mas ainda em voga no sertão, tem a vantagem de contar com a compressão da argila e da areia, feita pelos cascos dos animais, simultaneamente com o arriamento do material. Os matutos usam também os jumentos, que carregam o barro e a areia em pequenos surrões de couro ou em caixões de querosene.” (MENEZES, 1952).

Arrastar, v. Dar a puxada, mucica, saída: *Deram-me um arrastão tão forte / Que rendeu-me uma verilha* (*Romance do Boi Liso*, 1832). ---- a asa, movimento que costuma fazer o galo antes de

cobrir a galinha, andando em derredor dela, com uma das asas derreada. Por extensão é usado ao homem que tenta conquistar uma mulher com conversa cochichada e gatimonhas; equivale ao corruchar do canário.

Arreaz, *s.* Arriaz; fivela que gradua os loros dos estribos.

Arregaçado, *adj.* Diz-se do animal cuja pelagem apresenta pés brancos, até a altura do joelho.

Arreiado, *adj.* Diz-se do animal quando está composto de todos os arreios.

Arreiador, *s.* Corr. de arrelhador; corda com que prendem o bezerro, pelo pescoço ou focinho, à mão direita da vaca, durante a ordenha. Além das cordas industrializadas, utilizam, preferencialmente, tiras de couro cru ou cordas de cabelo (da cauda dos bovinos), de manufatura sertaneja. Mede cerca de uma braça (2,20m).

Arreias, *s.* (V. *Rodas in Carro de boi*).

Arreios, *s.* Conjunto de peças, geralmente de couro curtido e metais, que formam as rédeas e cabeçada, destinados a dirigir o animal. (V. *Rédeas*).

Arremeter, *v.* Chifrar, marrar, investir: *Corri mais de légua e meia / Já pra morrer de cansado; / Só dei para arremeter, / Quando me vi cercado.* (ABC do boi das Espinharas in CASCUDO, 1957).

Arrepia-cabelo, *exp.* Usada para designar qualquer ato que se faça (alisamento, escovamento, esfregão, golpe ou tiro) no sentido contrário ao acamamento dos pelos, cabelos ou cerdas.

Arriação, s. Objetos mais diversos necessários para uma viagem, inclusive a comida e apetrechos para prepará-la. “[...] organizando o pessoal, arriação, para a viagem do gado ao Jaguaribe.” (CUNHA, 1971).

Arrieiro, s. “Pagem assalariado que serve de companhia em viagem a cavalo” (SERRAINE). Nas viagens, o arrieiro tinha ao seu cuidado as montarias, arreios e o rancho (pouso para dormida e alimentação) do patrão. O automóvel baniu-o das estradas: *Arrieiro, perdeu o emprego, / Argudão é dos galego. / Pau é figo-benjamim... / Cardeiro croa-de-frade, / é luxo lá na cidade, / enfeita jarro e jardim.* (MENEZES, 1952).

Arriotes, s. (V. *Rodas in Carro de boi*).

Arrobação, s. Ato de arrobar. “[...] Quanto ao peso, ele é calculado a olho, não havendo interferência de balanças. Este cálculo do peso do gado é conhecido como arrobação, por ser estipulado em arrobas (15 kg)”. (APCC, 1970).

Arrobar, v. Calcular, a olho, o peso do gado (em arrobas).

Arrocho, s. Corda de fibra ou couro cru, de tamanho variável, utilizada na amarradura das cargas transportadas por animais. O ato de apertar: dar um *arrocho*.

Arrodiar, v. Atalhar, cercar, rodear.

Arruinar, v. Infectar, estragar, apodrecer, gangrenar.

Artifício, s. Processo primitivo de obter fogo usado pelo sertanejo. O artifício parece ser de uso das populações primitivas em muitos

chãos da terra. Ainda há tempos tivemos ocasião de correr os olhos em uma rica edição ilustrada americana com fotografias em cores de artifícios mouros. As figuras mostravam peças ajaezadas com pontas de chifres encrustadas em ouro e prata – modelos fidalgos da nossa pobre manufatura sertaneja. Em nossos sertões ele é feito de uma ponta de chifre cheia de algodão em rama. Para fazer o fogo, seguram, com o indicador de uma das mãos, uma *pedra-figo-de-galinha* (fígado), sílex, no bordo da fornalha e, com a outra mão, golpeiam a pedra com um pedaço de lima ou lâmina de aço. A faísca assim obtida inflama o algodão. Para apagá-lo, basta tampar a boca do chifre, o que o fazem com uma rodelha cortada do fruto da cabaceira (*Cucurbita lagenaria* Lin., fam. das Cucurbitáceas) que costumam trazer presa à ponta do chifre por uma correia. O conjunto da pedra e lima é apelidado de *fuzil* – quem sabe por lembrar as antigas armas de pederneiras também conhecidas como bacamartes de chispa, anteriores ao aparecimento da espoleta, em que a faísca para inflamar a pólvora era produzida por igual processo. O artifício leva sobre o fósforo – além da economicidade – a vantagem de se obter fogo a despeito da maior ventania, desde que o operador golpeie a pedra contra o vento; ou melhor, valendo-se da direção do vento para fazer a faísca cair no algodão. “O fósforo foi popularizado no Brasil, inicialmente pelo litoral, nos últimos 30 anos do século XIX. Para o interior, o conhecimento foi mais lento. Foi descoberto pelo químico alemão Rudolf Christian Böttger, em 1848, e aperfeiçoado, na forma atual, pelo industrial sueco J. E. Lundstrom, em 1866. Os fósforos suecos eram universalmente usados, e ainda os vi em Natal, abundantes, vindos de Jönköping, os chamados jocopingue.”

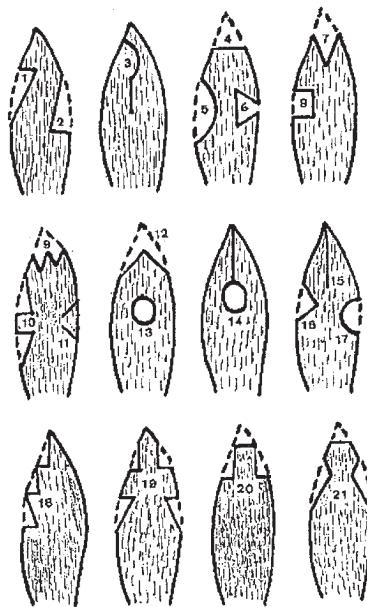
(CASCUDO, 1962). Uma quadra popular gaúcha fala deles: *A gaita matou a viola / O fósforo matou o isqueiro, / A bombacha o xiripá, / A moda o uso campeiro*. O artifício também é apelidado por alguns de *papa-fogo, isqueiro e pederneira*.

Aspas, s. Chifres (V. Armas).

Assinalamento, s. Sinais ou manchas brancas distribuídas pelo corpo do animal (cavalo). Quatro deles estão na porção inferior dos membros, um na cabeça (fronte) e um no pênis (sinal encoberto). Segundo o número dos sinais, diz o matuto: *um é bom; dois é melhor; três é ruim; quatro é pior; cinco é um brinco e seis é cavalo de rei...*

Assinar, v. Marcar com pequenos cortes nas orelhas, o que o fazem com auxílio de uma pequena tábua e uma quicé bem amolada. Assina-se hoje quase que exclusivamente as miunças (caprinos e ovinos); até bem poucos anos o gado também era assinado. “Os cavalos são isentos desse afeamento”, já registrava Barroso (1962). Cada criador tem o seu sinal (ou combinação de mais de um) com que identifica a criação de sua propriedade. “[...] os sertanejos costumam dizer que na orelha direita faz-se o sinal e na esquerda a diferença.” (ALBANO, 1918). Os desenhos pouco diferem de uma região para outra; no Seridó registramos os seguintes: 1 - canzil; 2 - entalhada; 3 - brinco-encoberto; 4 - ponta troncha; 5 - levada; 6 - barbilho; 7 - forquilha; 8 - boca-de-lagarta; 9 - garfo; 10 - dente; 11 - rodo; 12 - ponta-de-lança; 13 - buraco-de-bala; 14 - buraco-de-bala lascado; 15 - brinco, quando até a 1/2 (meio-brinco, 1/3 da orelha); 16 - arpão; 17 - mossa; 18 - meia escadinha (a escadinha

completa recorta os dois bordos); 19 - muleta; 20 - bico-de-candeeiro; 21 - palmatória. Os ladrões de cavalos sofriam a justiça popular, sendo assinados nas orelhas. E ainda hoje os que furtam miunças costumam vender o couro das peças subtraídas com os sinais modificados ou as orelhas amputadas, daí a expressão jocosa: ... *o sinal da criação dele é orelha torada!*



Assistir, v. Acompanhar os trabalhos de parto de uma fêmea de qualquer espécie doméstica.

Azagado, adj. Diz-se do animal de grande vivacidade; o que ainda não está completamente domado. Corr. de *azougado*.

Azebuado, adj. Diz-se da rês com sangue zebu.

Azeitão, *adj.* Diz-se de bovino, cuja pelagem é vermelha com as extremidades escuras ou pretas. Há azeitão escuro e claro, conforme a intensidade da coloração.

Azeiteiro, *s.* Cavalo magro, sujo e achacado. A designação, em desuso, era lembrada pela semelhança com os animais dos vendedores ambulantes do azeite de carrapato (mamona).

Azelhas, *s.* Alças de ferro que servem para prender os barris ou ancoretas aos cabeçotes da cangalha.

Azul ou **azulão**, *adj.* Diz-se da pelagem bovina de cor cinzenta em várias tonalidades. Mesmo que azulego.

Azulego, *adj.* (V. Azul).

B

Baba, s. Febre aftosa, moléstia que provoca abundante salivação. Usado também para designar raiva, ira violenta: “[...] deu o baba.”

Babugem, s. Pastagem tenra que aparece logo após as primeiras chuvas do ano. “[...] uma chuva que valeu pelo inverno do ano. Fez rama fechada e babugem bem apontada que deram para o gado limpar o cabelo.” (CUNHA, 1971).

Babujar, v. Pastar a mescla de ervas tenras que estoura quando da pegada do inverno. Essa primeira pastagem verde, muito aquosa, costuma produzir passageira diarreia; daí, por extensão, dizer-se pilhericamente, de pessoa que está com os intestinos soltos: ... é da babugem.

Bacalhau, s. Macaca, rebenque. *Veio cavalo de fama, / Pra correr ao Mão de Pau, / Todos ficaram comido, / De espora e bacalhau...* (Fabião das Queimadas in CASCUDO, 1957).

Bacorim ou Bacorinho, s. Leitão; porco com idade até 2 a 3 meses.

Bacorote, s. O mesmo que *bacorim*.

Badalo, s. Peça de metal móvel presa no interior do chocalho e que permite a produção de sons.

Badaneco, s. Bolsa de tecido forte, de couro ou esteira, que é conduzida a tiracolo. Corr. do latim *vademecum*, vai comigo.

Baé, s. Raça de suínos do Nordeste, de pequeno porte, atingindo de 2 a 3 arrobas e de poucas cerdas; lembra a raça nativa tatu.

“Pequeno porco brasileiro de cor preta, originário da Angola, dá o toucinho, uma das coisas mais necessárias no país, noticia Pohl”. (CASCUDO, 1967). *Há duas coisas no mundo / que me faz andar a pé: carne gorda com farinha, / toicim de porco baé.* (MOTA, 1961).

Bagos, s. Testículos, grãos, colondinos, quibas.

Baio, adj. Diz-se de animal que possui pelagem baia, i. é, aquela de coloração que varia do amarelo bem claro ao bronzeado, sendo as crinas e a cauda pretas. O mesmo que *melado*.

Baixeiro, adj. Diz-se do equídeo que anda baixo.

Baixo, s. Andamento cômodo e muito apreciado pelos cavaleiros, andadura. Se o equídeo anda baixo, alternando-o com o galope lento, é o *baixo traçado*; se ao andar baixo puxa ligeiramente a perna, lembrando o caminhar do urubu, é o *baixo urubu*.

Bamburral, s. Vegetação fina e trancada onde costuma predominar a taquara e outras gramíneas lenhosas. Corr. de *bambual*. “[...] o envolvia como um cipoal, mais intrincável do que o enredo do bamburral por onde ia”. (TÁVORA, 1881). *Ainda eu era bezerro / Quando fugi do curral / E ganhei o mundo grande / Correndo no bamburral.* (O rabicho da Geralda in ROMERO, 1897).

Bandeira, s. O mesmo que cauda, sedém (ou sedenho), piti, basoura, rabo.

Bandoleira, adj. Diz-se de rês tresmalhada.

Banguelo, adj. Diz-se do animal que tem falha de dentes.

Baralhar, s. Andamento de significado duplo. Uns assim designam

o *esquifar* e outros a mistura de dois tipos de andamento. Os muares de sela viajeros que apresentam esta última qualidade são muito valorizados pois, dizem, desenfadam o animal e o cavaleiro. Pronunciam *braiar*: *Fui a missa na Pendença / Fui ao sermão na Jubáia: / Cavalo que não esquia / Na minha mão sempre braia.* (MOTA, 1928).

Barba¹, s. Pelos compridos existentes na porção ântero-inferior do maxilar inferior dos caprinos. Exp.: *Deus te dê o que deu ao bode: barba, chifre e bigode...*

Barba², s. Malha de cor branca no ventre do gado.

Barbatão, s. Rês que se criou no mato, sem vir ao curral, tornando-se braba, arisca, sem ter sido *ferrada*. É também chamada *orelhuda* por não ter sido assinada. Fem. *barbatã*. A Resolução nº 5 de 18/out./1838, em seu art. 1º, define: “Os barbatões de que faz mensão a Lei Provincial de 6 de março de 1835, são aquelle gado vacuum e cavalar, de hum anno de nascido pelo menos, que, estando apartado da rez mãe, e não tendo signal, nem ferro, se não pôde conhecer como propriedade de pessoa alguma. Também se reputarão barbatões o gado ovelhum, e cabrum, que estando nas circunstâncias acima declaradas tiver pelo menos seis mezes de nascido.” O art. 2º da Resolução de 18/out./1838 acrescenta: “O gado, de que trata o artigo antecedente, que tiver sinal e ferro, ou sómente uma das duas coizas, com desmancho ou defeito tal, que não dê a conhecer a quem legitimamente pertença, se reputará gado do evento.”

Barbela¹, s. Porção inferior do pescoço dos bovinos, sendo que, nas raças indianas, devido a pele se tornar pendente nesse local, forma pregas mais ou menos acentuadas.

Barbela², s. Carnosidade dupla, comumente laminar, que apresenta algumas aves, sobretudo galinhas, na parte inferior da cabeça.

Barbicacho, s. Peça de couro curtido com que os vaqueiros prendem o chapéu de couro ao queixo; corresponde à jugular dos capacetes militares. (V. *Chapéu de couro*). Alça das cabeçadas que passa pelo maxilar dos equídeos. *De ---- passado*, encourado, enervado, pronto para correr ao boi. “[...] andou anos no campo, bem equipado, de barbicacho passado, dos pés à cabeça, frequentou muita derruba de gado.” (CUNHA, 1971).

Barbilho, s. Tipo de marca. (V. *Assinar*).

Bargado ou **Bragado**, adj. Diz-se do bovino que possui pelagem preta ou vermelha, com a região ventral branca; o que tem bargas no ventre.

Barguilha, s. Var. de *Braguilha*. Dobra da pele que protege a verga quando em repouso (bovinos).

Barguilhado, adj. Diz-se do bovino que possui a braguilha muito grande.

Barrão, s. Reprodutor suíno. Corr. de *varrão*, varrasco. *Se morrer o coice ou guia / é escolhido um barrão / neste dia só viajam / depois de uma eleição; / novo porco toma a frente / sai guiando a direção.* (*História do matador de feras Cazuza Sátiro*. Anon., s/d).

Barrela, s. Ninhada de ovos de ave doméstica encontrada em ninho escondido no mato. O sertanejo usa a exp. *mulher que bota no mato* como sinônimo de adúltera.

Barriga, *s.* Região ventral. *Tomar barriga*, emprenhar; *tirar barriga*, reproduzir.

Barrigada, *s.* Parição; crias de uma mesma gestação.

Barrigudo, *adj.* Diz-se do animal que possui o ventre volumoso. O mesmo que *sambudo* ou *buchudo*.

Barrigueira, *s.* Cilha larga prendendo a sela, passando pela barriga do animal.

Barrosa, *adj.* Diz-se da pelagem bovina de tonalidade avermelhada (cor de barro) sendo que os cascos, focinho e pele são claros.

Barrufar, *v.* Pulverizar água com a boca sobre os galos, no intervalo dos combates (borrifar). Dit.: *Galo só briga barrufado. Com o leite da Santa Virgem / Meu corpo barrufarei / Nos braços da Virgem Mãe / É onde eu descansarei.* (LEITE, s/d).

Bassoura, *s.* Cauda, vassoura. Refere-se, principalmente, à parte terminal ou saia. *Manuel que tarrafiava, / Dum boi pegou na bassoura / Porém perdeu a mucica / E o bicho foi embora. Alegria de ----, cordialidade ou alegria gratuita, sem motivo aparente, e um tanto subserviente; alusivo ao abanar a cauda dos cachorros ao primeiro estalar de dedos.*

Batedor¹, *s.* Local nos cercados onde, durante a noite, o gado se reúne para ruminar.

Batedor², *s.* O mourão em que bate a cancela.

Batendo os chifres, *exp.* Cheio, repleto.

Bater a sela, *exp.* Gesto que fazem afrouxando a cilha da sela, levantando-a e baixando-a, repetidas vezes, para refrescar o dorso do animal. (Fig.) Descansar, interromper por alguns instantes uma atividade para retomá-la em seguida.

Bater com o chapéu na perna, *exp.* Gesto tradicional de incitação ao animal perseguido. Percutir o chapéu de couro na coxa, em golpes repetidos, era um prodigioso estímulo. Equivalia ao grito. No romance *A vaca do Burel*, de meados do séc. XIX, dizia: *O Ventania é cabra zarro, / Bate com o chapéu na perna, / Bota no chão que eu amarro...* (CASCUDO, 1969).

Bater os paus da porteira, *exp.* Perder todo o gado. O mesmo que *perder o ferro*.

Bate-sola, *s.* Pequena vaquejada (Gíria das ribeiras do Curimataú, Agreste do RN).

Batida, *s.* Ato de procurar o gado; busca; dar campo; rastro.

Batoque, *s.* Meio de sola de qualidade inferior, obtido de couro de morrinha. V. *Cazumba* e *Tampo*.

Bebedouro, *s.* Local onde o gado bebe. O mesmo que *bebida*.

Bebe no branco, *exp.* Diz-se do animal que possui a porção inferior do focinho branca ou despigmentada.

Beber, *v.* “Cavalo que pode livremente aparecer em qualquer parte, por não ser furtado. À oferta de venda de um cavalo por pessoa desconhecida e que se tem dúvida da legitimidade de sua propriedade, pergunta-se: Este animal bebe em qualquer parte?” (PEREIRA DA COSTA, 1936).

Beberagem, s. Medicação líquida, em geral aquosa, ministrada com uma garrafa cujo gargalo é protegido por um pano enrolado. No gado de maior porte, para evitar engasgo, o operador prende a língua do animal e movimenta-a, à medida que vai despejando a garrafa pelo canto da boca.

Bebida, s. (V. *Bebedouro*).

Beiço, s. Lábio.

Belide, s. Mancha esbranquiçada por névoa na córnea do olho.
[...] *Suponho que este instrumento / Tem é belide na lente / E tem um véu, um defeito / Como de um olho doente.* (CARDOZO, 1963).

Beneficiar, v. Castrar, emascular. Por extensão, empregado no sentido de qualquer benefício que se faz ao gado (curar uma bicheira, vacinar, ferrar etc.).

Benefício, s. Castração (V. *Beneficiar*).

Benzedura, s. Ação de benzer. A benzedura ou cura é feita na parte afetada do animal doente (principalmente para bicheiras e mordeduras de cobra). Há rezadores que benzem pelo rastro e até pelo rumo que tomou o animal. A benzedura tem, algumas vezes, efeito preventivo. É quase sempre feita com rezas e gestos cabalísticos. A forma mais corrente de ensalmo diz: *Bichos que comeis / A Deus não louveis, / Antes caireis / De 10 em 10, / De 9 em 9, / De 8 em 8, / De 7 em 7, / De 6 em 6, / De 5 em 5, / De 4 em 4, / De 3 em 3, / De 2 em 2, / De 1 em 1! / E nesta bicheira / Não ficará nenhum! / Há de ficar limpa e sã / Como limpas e sãs ficaram / As chagas de Nosso Senhor!* (CASCUDO, 1957).

Benzer, v. Fazer benzedura ou reza com o sentido mágico de curar. Benzem-se os roçados e pastos praguejados nos três lados limítrofes, deixando o quarto lado para a saída da praga.

Berro, s. Grito cadenciado que o vaqueiro dá para se comunicar com os outros. “[...] o berro é um grito prolongado, cadenciado e harmonioso [...] para melhor orientação a um companheiro afastado do outro quilômetros, num pé de serra e mato cerrado.” (CUNHA, 1971).

Berruga, s. Verruga. Saliência circular e rugosa da pele. Também tem o sentido popular e chulo de pênis; daí o relaxo: [...] *lá vai dois em cima dum* (dois cavaleiros montados no mesmo animal) e *a berruga no cu dum*.

Besta, s. Égua. O mesmo que *bisquara*, *ilária*. É quase impossível fazer um sertanejo cavalgar publicamente uma besta. Dizem que é imoral, embora montem e até mostrem preferência pelas burras de sela. Nas eras de 40 (Fazenda Lagoa Nova, São Paulo do Potengi, RN), em um ano escasso de pastagens, o gado adoeceu de aftosa. A luta em poucas semanas esgotou os cavalos de campo. A administração tentou revezá-los com as éguas do lote. O descontentamento dos vaqueiros chegou ao ponto de um deles querer entregar a vaqueirice. “[...] me ofereceu a sua égua, que aqui chamam besta” (FREIRE ALEMÃO, 1961). Há uma trova popular que diz: *Se fores ao mar pescar / E a fortuna te não deixe, / Fazte besta, bem besta, / Quanto mais besta mais peixe.* Dit.: *Cavalo grande, besta de pau. Certo que só cangalha em besta. Besta ruça* (rede de dormir de cor branca).

Besteiro, adj. Diz-se do jumento que cobre éguas; o mesmo que *pastor*.

Bexiga¹, s. Calosidade na linha dorsal dos equídeos, causada por atrito das cangalhas ou selas. Por ser rebelde à cura é, consequentemente, fator de desvalorização do animal. Estirpam-na por processos cirúrgicos, havendo ainda uma série de métodos empíricos de resultados duvidosos: azeite quente, queimar com pólvora etc. A sua ausência, i. é, o animal de *espinhaço limpo*, constitui atestado de zelo do bom vaqueiro. [...] Só andava se arrastando / Com duas bicheiras num braço, / Dez bixigas no espinhaço / Só andava se urinando (SILVA, B. s/d).

Bexiga², s. Saco de couro curtido ou de bexiga da rês, usado para ministrar clister no gado.

Bezerro, s. Bovino até 12 meses de idade. *Fui bezerro em 27, / Em 28 garrote, / No ano de 32 / Passei o golpe de morte* (Romance do Boi Liso in PEREIRA DA COSTA, 1936). Em 1871, no testamento de Manoel Pereira Monteiro (Fazenda Dinamarca, Serra Negra, RN) os bezerros foram avaliados a 7\$430 rs. cada. *Chorar a morte da bezerra*, lamentar a perda de alguma coisa consumada. ---- *desmamado*, pessoa lamuriente, criança dengosa, chorona. ---- *encourado*, “Quando uma cria morre, tiram-lhe o couro, vestem com ele um órfão, que, neste disfarce, é amamentado. A vaca sente o cheiro do filho, engana-se e adota o animal.” (RAMOS, 1952). O uso é conhecido dos chineses que o tiveram dos mongóis. Também entre os povos pastores da África que o denominam de “boneca”. O antropólogo alemão Leo Forbenius (1873-1938)

registrou ainda que, entre os amaxosas e os waniaturus (África do Sul), um menino é vestido com o couro do bezerro para sugar os peitos da vaca. Dit.: *Bezerro manso mama na sua mãe e na dos outros. Bezerro que não berra não mama.*

Bichano ou Pichano, s. Gato. O termo vem de *pixana*, como o índio designava o gato para aqui trazido pelo português.

Bicheira, s. Lesão infestada de larvas de mosca; miiase. Exp. *Bicheira de pé de chifre*, dizem com referência a uma coisa insistente, por quanto é mais rebelde à cura quando localizada à base dos chifres.

Bicho, s. Designação que se dá a qualquer animal, preferentemente ao bovino. ---- *do mato*, animal selvagem; ---- *de pé*, pulga; ---- *de pelo*, os animais do cabelo; ---- *de pena*, as aves. “Em tempo de seca no sertão, do bicho de cabelo só escapa escova; de bicho de forgo (fôlego), o fole, e de bicho de 4 pé, tamborete” (MOTA, 1928).

Bicho-de-mosca, s. A larva da varejeira (*Cochliomyia americana*) quando nova, i. é, em sua primeira fase de desenvolvimento. Depois de crescida é conhecida como *Tapuru*.

Bicho-de-pé, s. Pulga (*Tunga penetrans*, L.). “Os machos e as fêmeas não fecundadas levam um gênero de vida idêntico ao da pulga comum. A fêmea fecundada penetra na pele dos pés de alguns mamíferos, homem inclusive, onde se fixa e desenvolve [...]” (GALIANO, 1928). É praga mais comum nas praias e litoral -agreste do estado, com maior incidência na safra do caju. ...*qual o animal que / nasce fêmea e morre macho? // Camões disse, senhor Rei, / isso eu já sei o que é / é um bichinho pequeno / preto*

da cor do café; / é pulga e só vira bicho / depois que entra no pé
(OLIVEIRA, s/d).

Bico-de-candeeiro, s. Tipo de marca. (V. Assinar).

Bisaco, s. O mesmo que *badaneco*.

Bisquara, s. (V. Besta).

Boca-de-lagarta, s. Tipo de marca (V. Assinar).

Bocado, s. Peça de metal, em forma de U, que faz parte da brida.
Fica, quando em uso, dentro da boca do animal.

Bocal, s. Peça da brida; o mesmo que *Bocado*.

Boda, s. Cabrita, novilha de cabra (desusado). *Vou pegar aquela boda / Pra inda hoje matá-la / pois ele quer jantar dela / e ficou deitado na sala* (SANTOS, s/d).

Bode, s. Caprino macho e adulto. Dit.: *Deus te dê o que deu ao bode: barba, chifre e bigode.* • *Para quem ama, catinga de bode é cheiro.* • *Quanto mais o bode empina, maior é a martelada.* • *Quem menos pode é que paga o bode.* • *Reclama que só bode embarcado (ou na chuva).* • *Rente (ou certo) como boca de bode.* M. Mota (1969) registrou: sin. de valete de baralho, nova seita (protestante), almoço de trabalhador rural servido ao pé da obra, encrenca, maçon (bode-preto), pessoa fedorenta, menstruo e homem mulherengo. Dit.: *Bode, quando espirra, é sinal de chuva.* • *É melhor prender suas cabritas (moças) que meus bodes (rapazes) andam soltos.* *Bode rouco – pessoa afônica.* “[...] é como o bode de Guarabira: passava as noites bodejando ao redor do chiqueiro das cabras mas era capado.”

Bodejar, *v.* É, em linguagem erudita, o balido emitido pelo bode. O sertanejo distingue-o como sons que o macho emite quando procura fazer a cobertura das fêmeas; tem, assim, um sentido libidinoso. Daí, talvez, o uso corrente extensivo ao indivíduo que procura, com conversas, conquistar uma mulher. ... *e o bode pinava / dava salto e bodejava / do povo se assombrar.* (*O coco do boi Tungão* in LEITE, s/d).

Bodete, *s.* Caprino macho novo.

Bofe, *s.* Pulmão. *O bofe!... Disto estava eu / À espera... é um velho órgão / Com perturbações* asmáticas* (CARDOZO, 1963).

Boi, *s.* Bovino macho adulto castrado. Há vários designativos: ---- *apadrinhado*, protegido, defendido, guardado por orações fortes, impossibilitando a captura. “Quem apadrinha boi é cavalo ruim e sobroço do cabra” (CÉSAR, 1941); ---- *de ano*, quando completou um ano de castrado; ---- *de cambão*, que tem a função de tracionar o carro de boi (a parelha do cambão vem em seguida à do coice); ---- *de capinadeira*, adestrado para tracionar capinadeira; ---- *de cara de vaca*, quando possui a cabeça delicada, feminina; ---- *de carga*, usado para cargas, à moda burro (Várzea do Açu); ---- *de carro*, que traciona o carro de boi (V. também este verbete); ---- *de carroça*, afeito ao trabalho com carroças; ---- *de coice*, que tem a função de suportar o peso da carga do carro (a parelha do coice fica à frente da mesa do carro); ---- *de fita*, “dois bois que deverão correr, o maior, o mais bonito, o mais gordo, o mais corredor, não se apanha pela cauda. Nas pontas dos chifres enlaçam-se duas fitas de cores diferentes. A corrida consiste não na queda, mas em tirar cada vaqueiro o laço do

seu lado, que será entregue à esposa, à namorada, ao vigário, ou a outra pessoa conceituada. Se não se consegue arrancar o laço e o boi ganha os paus, os vaqueiros são vaiados estrepitosamente.” (GALVÃO, 1949); ---- *de lote*, o criado para o corte, *não se pode mais criar / Um boi de lote bonito / Que não se queira matar* (ABC do Boi das Espinharas in CASCUDO, 1957); ---- *de osso*, ossos de gado (região do mocotó), com que os meninos sertanejos brincam arremedando o trabalho do vaqueiro: a vaca é o 2º tarciano; o garrote o 3º tarciano e o touro, o astrálago dos ossos do gado bovino; o cachorro é formado com a unha dos ossos da criação. “Depois de molecote, brincando com bois de osso, junto com meus irmãos.” (QUEIROZ, 1970). ---- *de sela*, usado como montaria, à moda cavalo (Serra de Martins e adjacências); ---- *do cu branco*, que possui o ânus despigmentado (exp. depreciativa); ---- *do Piauí*, refere-se ao boi nativo daquele estado, antigamente trazido para engordar em nossas ribeiras; caracterizava-se pelo maior desenvolvimento dos chifres, daí a sinonímia de corno. Dit.: *Morrer com o cu para o nascente, que nem boi do Piauí* (alusivo ao gado dali trazido que morria na estrada tentando voltar, rumo ao poente); ---- *erado* (ou de era), que conta mais de quatro anos; ---- *furado*, o que foi amansado, tendo os chifres furados para ser encangulado com a sua parelha; ---- *manso*, que foi domado e amestrado para um determinado fim (por extensão é usado para designar o marido enganado, corno, chifrudo). Dit: *Antes ser ferrão que o boi* • *Apanha que só boi ladrão.* • *Boi com boi é que faz junta.* • *Boi de cambão engorda no ferrão.* • *Boi ronceiro bebe água suja.* • *Boi gabado, boi borrado.* • *Boi morto, vaca é.* • *Boi sonso é que arromba curral.* • *Camarada é boi de canga.* • *Capricho* (nome comum de

boi manso) só pra boi de carro. • *Cerca ruim é que ensina boi a ser ladrão.* • *Conversa pra boi dormir.* • *Dar nome aos bois* (mencionar os implicados em fatos comprometedores). • *Dar um boi para entrar e uma boiada para não sair* (os opiniosos que não procuram mas não recuam diante das situações dificeis). • *De boi manso me guarde Deus, que dos brabos me guardo eu.* • *De uns morrem as vacas, de outros parem os bois.* • *É melhor perder no boi do que perder o boi.* • *Engolir um boi e se engasgar com um mosquito.* • *Eu sei como é que boi toma trem* (compreender bem as coisas). • *Medroso que só boi de cu branco.* • *Mudam os bois mas a almanjarra é a mesma.* • *Mutuca é que tira boi do mato.* • *Na falta de um grito se perde uma boiada.* • *Na hora do estouro da bolada* (no momento exato do orgasmo). • *Não há boiada sem um boi corneta.* • *O carro adiante dos bois* (inversão dos fatos). • *Pegar o boi pelos chifres* (enfrentar a situação). • *Por onde passa o boi passa o vaqueiro.* • *Quem nasce pra boi não chega a ferrão.* • *Quem sofre é o boi, mas quem geme é o carro.* • *Seguro que só mocotó de boi de carro.* • *Teimoso que só boi rajado.* • *Um boi só se lambe todo.* • *Onde o boi é morto, aí se tira o couro.* • “A boi velho não busques abrigo (de vez que ele sabe, sozinho, sobreviver)” é falar do séc. XIII, *Cancioneiro da Vaticana*, onde se lê: *E, porem diz o vervo antigo / a boi velho non busques abrigo* (CASCUDO, 1970). • *Não há boi sem ser castrado, / Nem touro sem ter cupim* – poetou Luís Dantas. • *Boi na pista* (gíria de vaqueiro). • *Boi saído, boi corrido* (norma de vaquejada). Boio, é como pronunciam os sertanejos. No testamento de Manoel Pereira Monteiro, da Fazenda Dinamarca (Serra Negra), falecido em 11/set./1820, “com idade de noventa e tantos anos” os bois de ano foram avaliados a 24\$000 rs/cabeça; os garrotes a 8\$000 rs/

cabeça; os bois de era a 35\$000 rs/cabeça e os bois mansos a 52\$500 rs/cabeça. Comparativamente o escravo Luiz, com 43 anos, sadio, foi avaliado em 1:000\$000 rs; Francisco, com 23 anos, 1:300\$000 rs e Lucinda, com 18 anos, 1:200\$000. Já em 1922, Artáfio Bezerra comprou boiada descida do Piauí, por 119\$000 rs/cabeça e em 1924, a 120\$000 rs/boi. (CUNHA, 1971).

Boiada, s. Manada de bois.

Boiadeiro, s. Comprador de gado. “O gado para abate tem outros meios de comercialização, a pessoa de um comprador de animais conhecido como boiadeiro, que adquire as reses diretamente nas fazendas de criação, entregando-as nas áreas de consumo aos mercantes, que se encarregam do abate e comercialização da carne.” (APCC, 1970). *Nunca vi homem sem falta, / Doutor não querer dinheiro, / [...] / Venda de gado fiado / Que não quebre o boiadeiro* (MOTA, 1966). “Artéfio provocou o assunto, dizendo-lhe que tratava de compra de gado e desejava comprar-lhe uma boiada, se era que ele confiasse, porque não trazia dinheiro no momento. Antonino Saldanha disse-lhe – Não há dificuldade em lhe vender uma boiada enquanto você apura.” (CUNHA, 1971).

Boiama, s. Lote de bovinos erados e em condição de abate.

Boiato, s. Boi novo já erado.

Boiote, s. Bovino com 3 a 4 anos de idade.

Bola, s. Pedaço de carne e/ou sebo envenenado que se dá ou espalha pelos lugares frequentados pelos carnívoros que se deseja matar (cachorro, raposa, gatos etc.).

Bolacha do joelho, s. Rótula. Também dizem *patação do joelho*.

Boneca, s. Enfeite com que os tropeiros garneciam a madrinha do lote. Parece que o nome advém da semelhança entre o enfeite e a boneca do milho. O adorno que pende dos punhos da rede de dormir também tem este nome.

Boqueira, s. Doença virótica que ataca os caprinos e ovinos. Por extensão é assim denominada qualquer ulceração que aparece no canto da boca dos animais.

Bornal, s. Bolsa de couro, tecido resistente ou lona, usada para milhar (dar milho) ou ministrar qualquer ração ao gado. “Os cavalos encangalhados comem as suas rações em bornais de couro, que se lhes ataram pelas cabeças.” (FERNANDES, 1922).

Borracha, s. “Saco para carregar água, de uso universal. Os indígenas amazônicos faziam-no com a seringa e daí denominar-se borracha. Segundo Teodoro Sampaio: *mipibu – corr. de mbi-pibu*, o odre, o saco de couro, vulgarmente borracha.” (CASCUDO in KOSTER, 1942).

Borrego, s. Carneiro novo; a cria da ovelha; o mesmo que *Cordeiro*. [...] *se humilhar, chegar-se a rego, / você é carneiro velho / mas hoje fica borrego* (ATHAYDE, 1954).

Bostá(r) ou Bostear, v. Defecar, estrumar.

Botador de bezerro, s. Pessoa (geralmente menino) que fica na porteira do curral para fazer entrar cada bezerro solicitado pelos tiradores de leite. “[...] sendo ele botador de bezerros, conhecendo -os todos pelo cabelo e respectivas mães [...] Quando o ordenha-

dor estava terminando dizia-lhe: bote o da vaca fulana.” (OTHON FILHO, 1970).

Botar, *v.* Colocar; frequentemente usado em substituição de pôr; ---- *barriga*, crescer a gestação; ---- *canzil*, azurar, amarrar-se a uma pessoa, tarefa ou coisa; ---- *corpo*, crescer, desenvolver-se; ---- *fora*, abortar; ---- *manha*, fazer, por inabilidade de manejo, o animal ficar manhoso; ---- *marcha*, adestrar o animal em andaduras; ---- *no mato*, perder a pista ou o animal que se tange ou persegue; também dizem da ave que nidifica no mato e, por extensão, a mulher adúltera. *Meu cavalo Pensamento / nunca botou boi no mato / nunca precisou esporas / ele é veloz como gato* (SILVA, J. B. 1956).

Bozeira, *s.* Excremento mole dos bovinos. O mesmo que *espinho de bananeira*.

Brabo, *adj.* Diz-se do animal chucro, ainda não amansado.

Braceiro, *s.* Costura usada pelos seleiros com ajuda de uma sovela; forma um ponto em X (ponto-atrás).

Braguilha, *s.* V. *Barguilha*.

Brando, *adj.* Diz-se do equídeo de boas rédeas; que atende prontamente às rédeas; de boca doce; cabeça maneira, cabeça mole.

Brida ou Bride, *s.* Peça de metal que faz parte das cabeçadas e, quando em uso, fica na boca do animal. (V. *Rédeas*) [...] *Todo vestido de preto / - sela, bride, estribo, arção - / com seu chapéu, também negro, / com a luz do sol na mão* (SUASSUNA, 1971). A toda ----, em disparada.

Brinco¹, s. Tipo de marca (V. Assinar).

Brinco², s. Pequena carnosidade circular, desprovida de penas, existente perto do conduto auditivo das aves, principalmente nas galinhas.

Brinco³, s. Apêndice gorduroso que ocorre no pescoço de alguns ovinos e caprinos e no maxilar de alguns suínos.

Broca, s. Sinusite frontal dos bovinos; mal do chifre; oca. Doença comum em reses magras ou caquéticas, em virtude de estados carentiais, por vezes associados a infestações helmínticas. A sinusite (broca) é provocada pela intervenção do homem ao furar ou serrar o chifre, abrindo porta à infecção.

Buchada, s. “É feita de carneiro, a mais tradicional, seguindo-se a de bode. Bucho é o estômago animal e não intestinos. As tripas e outras vísceras, fígado, rins, coração, as patas chamadas “unhas”, são lavadas, aferventadas e cortadas, cozendo-se com os adubos necessários, vinagre, sal, cebola, alho, cominho, louro, salsa, tudo picado miúdo, e depois reunidas e cozidas no próprio bucho do carneiro, voltando para a fervura demorada e final. Todas as tripas são limpas com água quente e suco de limão. Compreende ainda o “livro”, estômago menor, a coalheira, quarto estômago dos ruminantes, quaeira para o povo. O tempo de cozimento é de 4 a 5 horas nos velhos fogões de lenha e não nos fogões a gás ou elétricos. Come-se com o pirão cozido no próprio caldo. Não põem hortaliças nem ovos. Nem conservas de porco valem na buchada. Bebe-se aguardente inicial e a praxe é o vinho tinto” (CASCUDO, 1967).

Buchó, *s.* Barriga, pança, estômago dos animais (excluídas as aves). [...] *o buxo se acha inflamado / em consequência do esforço*. (CARDOSO, 1963). ---- *de piaba*, pessoa indiscreta, incapaz de guardar segredo (alusivo ao costume que tem a piaba de, quando em cardume na comida, virar rapidamente de dorso deixando à mostra o branco do ventre). *Está de ----, prenhe, de barriga, grávida*.

Buchuda, *adj.* Diz-se de fêmea prenhe, mojada, barriguda.

Buchudo, *adj.* (V. *Barrigudo*).

Buraco-de-bala, *s.* Tipo de marca (V. *Assinar*).

Buraco-do-meião, *s.* (V. *Rodas in Carro de boi*).

Buril, *s.* Lápis, haste de ferro usada no sertão velho para, incandescente, desenhar no gado a marca da fazenda (V. *Giz*). [...] *tem na orelha direita / brinco lascado a funil / o ferro de Santa Rosa / está nele a marca buril* (SILVA, J. B. 1957).

Burra-de-sela, *s.* No sertão velho as burras (mula fêmea) eram o transporte preferido dos que tinham compromissos de muitas léguas. As fazendas maiores costumavam ter um pequeno lote de éguas com um jumento besteiro para acudir às suas necessidades de muares (sela e carga). Outras as adquiriam de fora, negociadas com ciganos e comboeiros que cortavam o estado de ponta a ponta. Mais estimadas que os cavalos pela sua maior resistência, sobriedade e andaduras mais macias. Mestres (V. este verbete) deixaram fama botando passadas nas burras novas de melhores sinais ou genealogia. Os ciganos tinham nelas o grosso de seu comércio. Muitas deixaram

fama. O Conde Mira Montes atestava: “— a maior tragédia do século foi a morte da burra Carrapeta, nas eras de 30!” Os fazendeiros tinham suas burras-de-sela favoritas e de confiança, capazes de vencer 20 léguas durante uma jornada. Ainda ouvimos alguns se vangloriarem: “Faço uma madrugada aqui, no casco da fazenda, e vou bater a sela nos chãos da Paraíba.” Meu pai (Juvenal Lamartine de Faria, 1874-1956) teve uma, Melada, que fez, mais de uma vez, a viagem de ida-e-volta Acari-Natal-Acari, 108 léguas bem medidas, numa semana. E dizia: “[...] chegou como saiu!” Os sertanejos sentenciavam: só se conhece burro bom em viagem grande; pois quando é bom de verdade, depois que enfada é que descobre passada... As burras-de-sela viajeiras, engolideiras de léguas, com fome de estrada, é que garantiam o compromisso de que em tal dia e às tantas horas estariam naquele lugar – quando um fio de barba valia mais do que uma letra promissória e a palavra de um homem era prego batido de ponta virada. Tratadas com o carinho de um ente de casa, acarinhadas, banhadas e milhadas ao quebrar da barra do dia que nascia, apelidadas de andorinha, carrapeta, zelação, cigana, medalha, melada, camurça, viração, asa branca ou madrugada – arreadas a capricho e com a arte dos seleiros mais afamados. Ajaezadas, mesmo quando o dono era homem de poucas posses. Louvadas em seus feitos maiores que a história esqueceu, quando o pé-redondo do caminhão as tangeu das estradas... Antes da seca dos dois setes (1877) que ensinou o sertanejo a mudar a sela dos cavalos guenzos de fome para o lombo dos muares, diziam: “Burro é quem burro tem!”. “No testamento de Manoel Pereira Monteiro, da Fazenda Dinamarca (Serra Negra), de 1871, as burras-de-sela novas foram avaliadas entre 150

a 180\$000 rs, enquanto um cavalo estradeiro, de 80 a 90\$000 rs; os cavalos de fábrica, 50\$000 rs e, comparativamente, as vacas solteiras a 25\$000 rs; novilhotas a 16\$000 rs e o escravo Francisco, de 23 anos, 1:300\$000 rs" (CUNHA, 1971).

Burrama, s. Tropa ou lote de muares.

Burranha, s. Saliência existente nas selas do tipo gineta e roladeira que serve para oferecer maior segurança ao cavaleiro e proteger os seus joelhos nas carreiras de mato; o mesmo que *canudo*. As burranhas ou canudos são características da sela roladeira, embora o modelo suzana também as possua, apenas circundando o assento na parte de trás. As roladeiras possuem burranhas dianteiras e traseiras; as dianteiras, uma de cada lado, começam logo após a lua-da-sela e morrem um pouco abaixo da altura da casa do loro (16 a 20 cm). Internamente, o molde das burranhas é costurado em algodão da Bahia e socado com estrume de animal (equídeos) umedecido, até atingir uma consistência sólida.

Burro, s. Muar ou jumento. O sertanejo quando diz simplesmente burro, a mais das vezes está se referindo ao jumento. Há vários designativos: ---- *de besta*, asinino que cobre éguas; ---- *de carga* ou *cangalha*, asinino ou muar destinado ao transporte de cargas; ---- *de jumenta*, asneiro (muar filho de jumenta com cavalo); ---- *de sela*, muar ou asinino possuidor de andamentos cômodos e bom viajeiro; ---- *de tanger*, que serve de montaria ao tropeiro; ---- *madrinha* ou ---- *de frente*, muar fêmea que vai na guia do comboio, em geral enfeitada com guizos e arreios trabalhados. É sempre a mais zelada, mais forte, inteligente e briosa. A presença

da *burra-madrinha* lembra o costume mouro que, talvez, tenha vindo até nós: “Os árabes costumam ornamentar o pescoço dos seus camelos com coleiras de ouro e lunetas, Jz. 8.21.26” (DAVIS, 1960). Dit.: *Burro é quem burro tem.* • *Burro não amansa, se acostuma.* • *Burro queimado-negro, casa em cima de rego e negro chamado Pedro – eu tenho medo.* • *Burro velho só morre em terra de gente besta.* • *Com palha e milho leva-se o burro ao trilho.* • *Deus te livre da maldição do vigário e da benção da pata de um burro.* • *Fulano, para burro, só falta estercar redondo.* • *Mula estrela, mulher faceira e tubiba de aroeira, o diabo que os queira.* • *Não me importa que o burro salte, eu quero é que os arreios me aguentem.* • Mota (1969) anotou: *Quem nasce burro morre besta.* • *É mais difícil chegar um burro ao mourão do que um homem à razão.* • *Na cangalha bater para o burro entender.* • *Burro mau no rumo de casa corre sem pau.* • *Burro que geme carga não teme.* • *Amarra-se o burro onde o dono manda.* • *Burro velho não aprende passada.* • *De burro só se espera coice.*

C

Caatingueiro, *s.* “Diz-se do vaqueiro esperto que corre bem na caatinga: *Este como experiente / E ser homem caatingueiro, / Marcou muito bom tempo / De mandar os seus vaqueiros*” (*In Romance do Boi Victor*).

Cabano, *adj.* Diz-se do equídeo que possui as orelhas caídas; bovino com os chifres para baixo. O mesmo que *acabanado*.

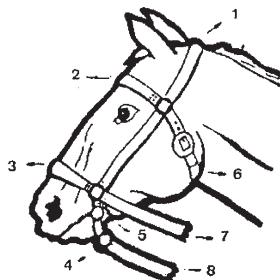
Cabãozeiro, *adj.* Diz-se do galo de briga que não cruza com o adversário (gíria galista).

Cabeador, *adj.* Diz-se do equídeo que possui o vício de cabear.

Cabear, *v.* Movimentar exageradamente a cauda no andar ou quando esporeado (equídeos).

Cabeça baixa, *exp.* Designação dada ao porco.

Cabeçadas, *s.* Conjunto de correias de couro curtido, simples ou trançadas, que compõe os arreios. A cabeçada sustenta o freio (ou cortadeira) à brida e nele ficam presas as rédeas.



Cabeçadas: 1 - cangoteira; 2 - testeira; 3 - cortadeira; 4 - brida; 5 - barbela; 6 - sirigóia (ciggle); 7 - rédea da cortadeira e 8 - rédea da brida.

Cabeça de campo, *s.* Vaqueiro que conhece palmo a palmo os chãos dos pastos do gado de sua vaqueirice, tendo de memória a genealogia de cada rês e melhor determinação nas decisões que envolvem o rebanho: “[...] Rafael, veterano e cabeça de campo, disse para Guilherme.” (CUNHA, 1971).

Cabeça dura, *exp.* Diz-se dos equídeos que atendem mal às rédeas.

Cabeçalho, *s.* (*V. Mesa in Carro de boi*).

Cabeça maneira, *exp.* (*V. Cabeça mole*).

Cabeça mole, *exp.* Diz-se dos equídeos bons de rédeas. O mesmo que *brando*.

Cabeça na medida, *exp.* Diz-se quando o gallo briga com a cabeça por baixo dos adversários (gíria galista).

Cabeção, *s.* Rédea superior que se prende às argolas da cortadeira.

Cabeceira do gado, *exp.* Conjunto dianteiro de uma boiada, tropa ou lote. Também diz-se dos melhores animais de um rebanho.

Cabeçote, *s.* Peça dupla saliente, de madeira ou ferro, onde se faz prender, por meio de azelhas, as cargas a serem transportadas nas cangalhas. *Vou fazer-lhe uma pergunta / Que nunca fiz a ninguém: Dúzia e meia de cangalha / Quantos cabeçotes tem? // [...] Rincha o cavalo no lote: / Dúzia e meia de cangalha / Tem 36 cabeçotes* (MOTA, 1966). O sertanejo usa a imagem como sinônimo de couxa mal-acabada, grosseira; daí a comparação: “[...] é tão feio que só tendo sido feito pelos escuros, à moda cabeçote de cangalha.” Dit.: *Quem não baixa a cabeça é cabeçote de cangalha*.

Cabelo, s. Usado nas expressões: *Ao correr do ----*, quando os acontecimentos se desenrolam sem tropeços. *Arrepia ----*, gesto em sentido contrário ao assentamento dos pelos. *De ---- grosso*, quando os pelos se apresentam ásperos e sem brilho, comum nos animais magros ou doentes. O oposto, *de ---- fino*, designa os de pelos lisos e lustrosos, comum no gado gordo e sadio.

Cabelouro, s. Tendão da nuca, onde a rês é chuçada para o sacrifício. Quando cozido, é de cor amarela. A superstição manda que se coma o cabelouro lembrando a fisionomia de uma pessoa bonita, receita infalível para ficar parecido com a mesma. *Acostumado / Com este meu chapéu de couro / A bater no cabelouro / De sujeito valentão!* (MOTA, 1928). *Cabiloro*, é como dizem no sertão.

Cabo, s. O mesmo que cauda, bassoura, rabo, sedém.

Cabra, s. Fêmea do bode. O rebanho caprino do Rio Grande do Norte, como ocorre em todo o Nordeste, apresenta porte variado, em geral pequeno, de caracteres não bem definidos, decorrência da seleção que a natureza lhe impôs, através de centenas de gerações, capacitando-o a sobreviver em uma das regiões das mais adversas. “Os caprinos nordestinos pertencem a dois tipos econômicos: caprinos para pele e caprinos para leite, sendo estes pequena minoria. A estatística oficial não distingue esses dois tipos, o que é uma falha. O caprino leiteiro, na realidade, tem dupla função: produtor de leite e de pele. A predominância do caprino de pele é consequência da extensa área de criação, que é o sertão de clima tropical seco. Este favorece o desenvolvimento de cabras com peles de boa textura, elasticidade e resistência (muito procuradas no comércio interna-

cional). Já as cabras leiteiras exigem outras condições de manejo e alimentação. Formando um dos maiores rebanhos do mundo – aproximadamente 10 milhões de cabeças –, as cabras nordestinas são bem conhecidas, pois as raças a que pertencem já foram convenientemente identificadas. São as seguintes: *Moxotó* – pequena, pelo curto, pelagem bem característica, de tonalidade baia variável e apresenta uma listra dorso-lombar preta, mais larga nas ancas, estreitando-se no sacro, onde termina em ponta de lança. A barriga, a face interna dos membros, a região perineal, o úbere e as canelas são de cor preta típica. Na cabeça há também duas listras pretas que vão dos chifres para trás e se encontram à altura da nuca, e outras duas que partem dos olhos e terminam na comissura dos lábios. Os olhos têm órbita preta, por vezes incompleta. Seu nome provém do Rio Moxotó, afluente esquerdo do São Francisco, em cujo vale é criada, embora também seja encontrada na Bahia e em outros estados. É conhecida ainda como cabra-do-lombo-preto. A moxotó é provida de chifres, mas já foi registrada a ocorrência de um macho mocho em Sertânia, no rebanho em seleção na Fazenda experimental de criação do estado de Pernambuco, em 1947, e cujo filho também saiu mocho. Essa raça é de origem ibérica. *Marota* – muito menos numerosa que a moxotó, própria talvez dos sertões do São Francisco, é a raça dominante na região de Canudos. Não é conhecida nos outros estados. A pelagem é inteiramente branca, com pequeninas pintas escuras nas orelhas. As tetas são amareladas. Como todos os caprinos sertanejos, tem pelos curtos. *Repartida* – mais desenvolvida, porém menos numerosa que a moxotó e a marota. Sua área geográfica é o sertão baiano do São Francisco. Na

margem pernambucana do rio não foi encontrada nenhuma cabra dessa raça. Sua origem deve ser a mesma da moxotó. Tem pelos baios e pretos, mas distribuídos em duas porções, pois se trata de pelagem conjugada. A cabeça, o pescoço e os quartos anteriores são escuros. A parte traseira é baia e de maior extensão. Contudo, o tamanho das duas partes varia e o limite entre elas é irregular, dando a impressão de que o animal está sujo de carvão. Daí o nome por que é também conhecida – cabra-surrão – no Rio Grande do Norte. Se a natureza ajudou a criação de caprinos no Nordeste, o homem não se tem esmerado no preparo de sua pele para utilização pela indústria. Na região, a secagem de peles de caprinos e ovinos é comumente feita em prolongada exposição ao sol. O sistema pode ocasionar prejuízos à pele, que fica com seu teor de umidade excessivamente reduzido. Há quem recomende a secagem à sombra (pela manhã ou à tarde) para reduzir aquele inconveniente. Outra recomendação se refere ao espichamento da pele por meio de varas. Estas não devem ficar na parte carnal da pele, e sim na parte dos pelos, para possibilitar uma secagem uniforme". (DOMINGUES, 1966). ---- *comadre*, a cabra que deu leite a uma criança passa a ser comadre do homem da casa e, em 1810, já o registrava Koster. "As cabras eram agradadas e suspeitas. As crianças eram aleitadas com a cabra, por ter leite mais grosso e mais forte. O risco era ficar com o temperamento bulíçoso e travesso da cabra madrinha." (CASCUDO, 1957). E dizem ainda que o menino criado com leite de cabra desaparece uma hora por dia para visitar o inferno. Mais raramente usam o leite da jumenta, que também acreditam transmitir seu temperamento teimoso à criança; daí a vulgaridade da justificativa:

[...] não nega que foi criado com leite de jumenta. Dit.: *A cabra não é doutor, mas receita pílulas.* • *A cabra puxa sempre para a serra.* • *Quem cabras há, bens pagará.* • Mota (1960) anotou: *Quem cabras não tem e cabritos vende, de onde lhes vem?* • *Cabra manca, morro abaixo faz viagem.* • *O bom cabrito não berra.* • *A cabra da minha vizinha dá mais leite do que a minha.* ---- *de corda*, é a cabra leiteira criada presa a uma corda onde é deixada a pastar em um raio de poucos metros, de modo a não prejudicar a lavoura local. É chamada a vaca leiteira das populações pobres, que delas se servem para aleitar seus filhos. No Brejo da Paraíba, o prof. Octavio Domingues fez o levantamento da existência de exemplares, com bons índices de lactação, que poderiam servir de ponto de partida para um trabalho de seleção da cabra leiteira do Nordeste.

Cabrema, *s.* Corda que se coloca no bovino prendendo a mão ao chifre, para reduzir os movimentos. Usada em animais velhacos que têm o vício de saltar cercas, de roubar. Corr. de *acobrama*. *Te boto numa cabrema, / Jogo-te as serras por cima* (BATISTA, 1929).

Cabresteiro, *adj.* Diz-se do animal que facilmente se deixa conduzir pelo cabresto.

Cabresto, *s.* Peça de cabelo, fio de algodão, corda ou couro, destinada a prender animais. *O povo de Pernambuco, / É um povo sem pretexto; / Juntou-se com a Paraíba: / É a panela e o testo! / Não dão dezões num cavalo... / Dão cem mil réis num cabresto* (João Batista Amorim in COUTINHO FILHO, 1953). *Quebrar o ----*, expressão usada para designar a primeira experiência sexual do jovem. O menino rural faz dos bichos domésticos do seu pequeno mun-

do as suas primeiras fêmeas. “Daí fazer-se de negra ou mulata a responsável pela antecipação da vida erótica e pelo desbragamento sexual do rapaz brasileiro. Com a mesma lógica poderíamos responsabilizar os animais domésticos” (FREYRE, 1933). “Aí no sítio, presenciei pela primeira vez menino bulindo com bichos de maneira feia, cabras, uma jumentinha de uma paciência de espantar. Homens passavam... Nem viam. Tinham feito a mesma coisa neste vasto Brasil Tropical.” (AMADO, 1954).

Cabrita, *s.* Caprino fêmea ainda nova; marrã de cabra: *Na cozinha as cabritinhas / faziam muita comida / e preparavam bolinhos / de uma massa curtida / que tinha um gosto colosso / e pareciam caroço / de azeitona cozida* (MONTEIRO, s/d).

Cabrum, *adj.* Relativo a caprinos. “Fica prohibido a criação de gado vacum, cavallar, ovelhum, cabrum e porcos soltos [...]” (art. 1.^º da Lei Provincial nº 20, de 26/mar./1835).

Cacarejar, *s.* Voz da galinha quando acaba de botar o ovo.

Cacete¹, *adj.* Diz-se do equino que possui qualquer das pelagens simples, apresentando, entretanto, assinalamentos externos, menos o sinal encoberto (mancha no pênis).

Cacete², *adj.* Diz-se do equídeo que tem o vergalhão preto. É tido como incapaz de enfrentar perigos e de aptidões inconstantes, i. é, dia é bom, dia é ruim.

Cachaço, *s.* Porção superior e posterior do pescoço dos animais. “No meio delas vinha o touro grande, rebolando a gordura, balançando o cachaço”. (GOMES, 1974).

Cachorro¹, s. Haste a que se prende a roseta (V. *Espora*).

Cachorro², s. “Os cães sertanejos não têm origem certa, nem raça determinada. São a resultante de uma mistura étnica elaborada pelas condições de vida através do tempo, que não se pode explicar. São de todos os tipos e tamanhos, cores, malhas e feitios, pelos sedosos ou arrepiados, focinhos curtos ou longos, orelhas caídas ou de pé. Múltiplas e várias são, também, suas aptidões. Uns são exímios farejadores, perseguidores incansáveis de raposas; outros, guardas fiéis da casa e do chiqueiro; ajudam a pegar o gado e defendem o cercado das galinhas dos assaltos noturnos da raposa, do guaxinim e do gambá. O matuto designa de modo especial a aptidão dos cães: cachorro bom de gado, bom de caça, bom de raposa.” (BARROSO, 1962). ---- *bom de porta*, cão de guarda; ---- *bom de gado*, é o cachorro que acompanha o vaqueiro desde as primeiras horas da madrugada, nas lides do curral, até os trabalhos de campo, que mais das vezes se prolongam pelas sombras da noite. Nem a brasa do sol nos meses de seca o faz se apartar da figura centaura do vaqueiro. De língua à mostra, correndo de uma à outra sombra para fugir do escaldante sol da caatinga, rasteja a rês fugidia, acua a vaca parida, obrigando-a a mostrar o bezerro amoitado ou rebate um boi mais arisco fazendo-o tomar o rumo do curral. E quando o bicho intima, a um grito *pega* do vaqueiro, late, arrodeia-o, barroa-o, negaceia, até que a rês descuidada e mais confiante tenta alcançá-lo com os cornos. É quando de um salto o cão faz presa no *mole da venta*, ferrando-a com os caninos, enquanto o vaqueiro cuida em subjugá-la. Bois mais bravios tentam fazê-lo soltar-se

sacudindo violentamente a cabeça; o cachorro reage amolecendo o corpo, como uma carne morta presa pelos caninos à venta da rês. A dor obriga o bicho a baixar a cabeça e aí é que se conhece o verdadeiro cachorro bom. Logo que sente o chão nos pés, sem largar a sua presa, caminha aos poucos entre as mãos do boi, fazendo-o curvar mais a cabeça até se desequilibrar e cair. Naturalmente que raros são capazes desse feito e muitos, açulados pelo sabor morto do sangue da rês, tornam-se malvados, dilacerando as ventas do gado, mordendo orelhas de bezerros e recebendo o castigo de uma pedrada, uma chibatada ou, quando já considerados sem jeito, sacrificados “quase com ternura” pelo próprio vaqueiro. É naturalmente um trabalho já em fase de desaparecimento ante as novas técnicas da exploração pecuária, manejo, raças, menores áreas etc. Quase sempre recebem nomes de peixes – e peixes do mar – Baleia, Tubarão, Xaréu, Camorim, Piaba etc., para que não venham a ficar espiritados (hidrófobos). Ainda novo, mamando, o cachorro é escolhido segundo os sinais que orientam supersticiosamente a sua seleção (V. *Sinais*). A palavra cão tem, naquelas ribeiras, o significado de satanás – donde o anexim: ‘stá com o cão no couro, ou espiritado – possuído de maus espíritos. A participação do cachorro no adagário, comparações etc., do linguajar regional, traduz nessa amostragem a sua importância: *Cachorro bom de tatu morre de cobra.* • *Cachorro, por se avexar, nasceu com os olhos tapados.* • *Cachorro que anda muito pega rabugem.* • *Cachorro que engole osso toma a medida do pescoço.* • *Depois da mijada da cotia o cachorro pega o faro.* • *Desaparece que só manteiga em venta de cachorro.* • *Desconfiado como cachorro que quebrou louça ou em meio de carga.* • *Desgraçado*

é o cachorro que se dá o osso e ele não pega. • Engordar na noite p'ro dia que nem cachorro. • Esfomeado que nem cachorro de comboiero. • Guarda-te do homem que não fala e do cachorro que não ladra. • Homem que bebe e joga, mulher que errou uma vez, cachorro que pega bode, coitadinho deles três. • Matalotagem de cachorro é cheirar toco e lamber traseiro. • Mente que só cachorro de preá. • Na sombra da galinha o cachorro bebe água. • Ninguém se fie em cachorro que fica na cozinha e em mulher que passeia sozinha. • Nossos cachorros não caçam juntos (desafetos). • Onde está cachorro e menino ninguém dá peido. • Pobre que não tem um pau prá dá num cachorro. • Puxar uma cachorra (extrema pobreza). • Quem anda caipora até cachorro lhe mija as pernas. • Quem com cachorro se deita com pulga se levanta. • Quem faz de cachorro gente fica com o rabo na mão. • Toco de cachorro mijado (indivíduo pequeno). • Um dia, um dia, cachorro de paca pega cotia. • ---- de balaio, de pequeno porte, de vez que em um balaio podem acomodar-se muitos deles. [...] isso é nome de cachorrinha de balaio." (QUEIROZ, 1975). ---- gozo, sem aptidão definida, preguiçoso, inútil, que se deixa ficar em derredor de casa ou à beira do fogão na esperança de sobejos. [...] A voz de pedra do cachorro-gozo." (ACCIOLY, 1971).

Cacimba de gado, s. Bebedouro escavado geralmente nos leitos secos dos rios. Algumas vezes são perfurados na pedra-mole, quase sempre profundos, até atingir a veia-d'água. "O último recurso da luta contra a seca é a cacimba. A cacimba é profundamente cavada no solo, toda cercada em tomo para que, das ribanceiras, os animais não tombem; a entrada é cavada em ladeira de suave declivi-

dade, para que o gado, já fraco, ao ir beber, não escorregue e caia de quando em quando, ferindo-se e cansando-se. A água é sempre feia, sempre suja e sempre má. Uma cerca leve divide-a quase ao meio, tendo ao pé das estacas, estendida, uma longa carnaúba, de maneira que o gado somente pode beber num pequeno espaço de dois ou três palmos, o que o impede de sujar a água e de toldá-la. Onde o gado bebe chama-se bebedouro e à carnaúba, *pau de bebedouro*. À proporção que a água vai faltando, vai-se recuando a carnaúba – e quanto mais frequente for esse recuo, mais feroz lavra a seca, mais ardente anda o sol a chupar com criminosa avidez as últimas gotas de água. Às vezes o sertanejo diz: – Na fazenda de fulano ainda está bom: muda-se o pau do bebedouro de três em três dias. Ou então: – Na Pedra Negra a seca está danada: muda-se o pau do bebedouro de manhã e de tarde.” (BARROSO, 1962).

Cacimbar, *v.* Beber, dessedentar: [...] *pois nunca me proibiram / lugares para eu pastar, / Nem me negaram cacimbas / quando eu ia cacimbar* (*ABC do Boi das Espinharas* in CASCUDO, 1957).

Caçuá, *s.* “Depósito com alças nas pontas que se prendem, aos pares, nos cabeçotes das cangalhas. Manufaturados de cipó, couro cru ou talo de carnaúba. Quando de couro, se denomina *uru*”. (FARIA, 1961). *Um caçuá de sabugo / Conduzi lá p'ro açude, / Quanto mais eu me esfregava, / Quanto mais saía grude* (CARVALHO, 1928).

Cadeia, *s.* (V. *Mesa in Carro de boi*).

Cadelo, *s.* Cachorro. “Aproximou-se um cadelo, com o rabo entre as pernas [...]” (ALMEIDA, 1971). Fem.: cadelha.

Cafifa ou **Cafife**, *s.* Ectoparasita das aves, Piolho-de-galinha. O mesmo que *pixilinga*.

Caga-fogo ou **Tataíra**, *s.* Pequena abelha silvestre que segregá um líquido cáustico que arde como o fogo (daí o seu nome). *Oxytrigona tataira* (F. Sm). V. *Abelha*.

Caganeira, *s.* Desarranjo intestinal com evacuações amiudadas. ---- *de açoite* ou *de chibata*, quando as fezes liquefeitas são expelidas à distância.

Cair das carnes, *exp.* Emagrecer, perder peso: “O gado está mal-tratado pois há mais de um mês que viaja. Tem que emagrecer. Cair de carne.” (CUNHA, 1971).

Cair de chapa, *exp.* Diz-se quando uma rês cai de lado, ao ser derrubada pelo vaqueiro.

Caixa, *s.* Capacidade de engorda de uma rês ou criação.

Caixão, *s.* (V. *Ferro*).

Calçado, *adj.* Diz-se do bovino ou equídeo que possui os pés brancos. ---- *manalvo*, calçado das mãos; ---- *pedalvo*, dos pés; ---- *quatralvo*, dos quatro membros (sendo calçado de um só membro dizem que o animal é calçado deste ou daquele membro); ---- *baixo*, quando a cor branca fica pouco acima dos cascos; ---- *à meia cana*, quando o branco chega até ao meio das canas, e *arregacado*, quando atinge aos joelhos.

Cama, *s.* Lugar onde o gado se reúne nas horas quentes do dia, protegendo-se do sol ou para ruminar; diz-se também da marca

deixada no solo, no local onde o animal esteve deitado, o mesmo que *malhada* ou *batedor*.

Cambão, *adj.* De mau aprumo, de pernas tortas, zambeta.

Cambão, *s.* (*V. Carro de boi*, IV. Utensílios).

Cambãozeiro, *adj.* Diz-se do galo de briga quando cruza o pescoço com o do adversário (gíria galista).

Cambeta, *adj.* Diz-se do equídeo com as mãos curvas e desviadas para fora.

Cambitar, *v.* Transportar qualquer carga em cambitos.

Cambiteiro, *adj.* Trabalhador rural encarregado do transporte de cargas em animais aparelhados com cangalhas e cambitos. Também designa o animal de carga, i. é, que trabalha com cambitos: “Regressaram, quase arrastando a égua cambiteira.” (RAMOS, 1962).

Cambito, *s.* Peça de madeira em forma de V, destinada ao transporte de cargas, em animais aparelhados com cangalhas. Peça igualmente em forma de V que se prende na mão do boi, para dificultar a sua fuga; é mais usada em bois de trabalho, velhacos.

Cambraia, *adj.* Diz-se da rês, animal ou carneiro de pelagem branca. Alusivo ao tecido de igual nome, que de primeiro era trazido de Cambray (França).

Campear¹, *v.* Percorrer os cercados de criar vistoriando o rebanho; correger o gado; dar campo. Abus.: A segunda-feira é dia aziago para os trabalhos de campo: [...] *Tudo ficou prevenido / Para um dia – terça-feira – / Pois a segunda é das almas, / Nunca foi*

de brincadeira... / Não se deve campear / Nem uma rês de bicheira.
(O vaqueiro do Piauí in CABRAL, 1938).

Campear², v. Dar campo; andar pelos campos procurando ou revendo o gado; dar busca.

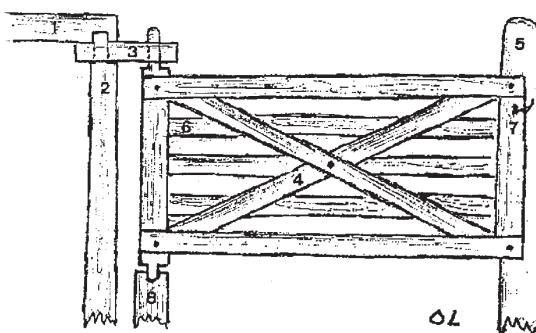
Campeiro, s. O vaqueiro; aquele que lida com o gado.

Campo, s. Área de pastagem natural onde o gado é criado à solta, em regime extensivo; ---- *aberto* ou *solto*, é o campo cujo perímetro não é fechado por cercas divisórias (o contrário de cercado); *dar* ----, campear, carregar o gado; *pedir* ----, solicitar ao proprietário ou do encarregado da fazenda permissão (ou ajuda) para campear em seus pastos.

Canário-da-terra, s. Também conhecido por canário amarelo ou cabeça de fogo (*Sicalis flaveola Lin.*, fam. Fringilidas). Quando novo é de cor cinza, amarelando depois da muda. Não é um animal doméstico; criado em cativeiro como ave canora ou de briga, raros se reproduzem em gaiola. Uma quadrinha popular cantava: *Ai meu canário amarelo, / Ai meu curió! / Ai quem de mim tem pena, / Ai quem de mim tem dó [...]*. Quando criado para canto são comumente mantidos solteiros. Quando para briga, aos casais, dada a importância das boas fêmeas que instigam o macho nas pelejas. ---- *de solta*, são os que vivem em semiliberdade, i. é, comem e dormem na gaiola e voam pela redondeza: *A roupa limpa de fazer a feira, / Um calangro levando um som de folhas, / O canário de solta na biqueira* (ACCIOLY, 1971).

Canário-do-reino, s. É o canário europeu (belga, frisado, francês, Hartz etc.) criado e reproduzido em gaiola como ave canora.

Cancela, s. Porteira. O modelo clássico de cancela é o de madeira trabalhada, gradeada em X, de uma ou duas bandas (dependendo da largura do vão) que se abrem em dobradiças ou pontas de eixos presas aos mourões. O assentamento correto de uma cancela reclama certa ciência por parte do mestre, para que a mesma fique com carreira capaz de se fechar por si só. Destaca-se na sua nomenclatura: *batedor*, o mourão onde bate a cancela ao se fechar; *gato*, trave de madeira que liga a extremidade superior do mourão em um outro, de modo a regular a carreira da cancela; *mão*, haste de madeira, regulando pouco mais ou menos meio metro, de extremidades perfuradas; a primeira é presa à cabeça do mourão e a segunda, ao eixo superior da cancela, cuja outra ponta-eixo repousa em um segmento de madeira enterrado no solo, de cabeça em barroca, tendo por isso o nome de *pilão* ou *porco*. As traves principais, em X, são denominadas *peias* e a tramela, de feitio variado (ferro, arame, corda ou madeira), *tranca*. Dit.: *Quem vier atrás que feche a cancela [...]*.



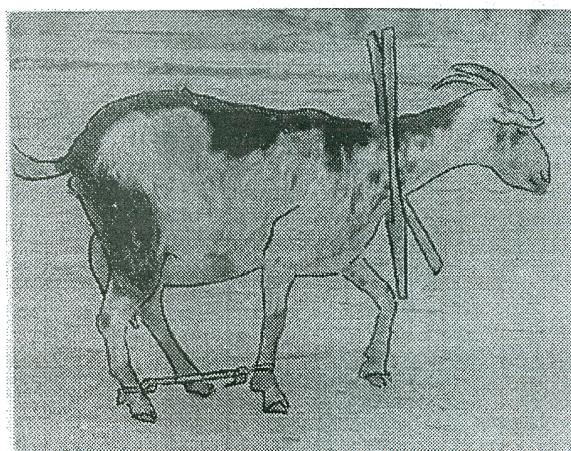
Cancela: 1 - gato; 2 - mourão; 3 - mão; 4 - peias; 5 - batedor; 6 - traves; 7 - tranca e 8 - pilão ou porco.

Candeeiro, s. Pessoa, em geral menino, que caminha na guia da junta dianteira dos carros de boi. Pronunciam *candieiro*.

Canela, s. Região dos membros dos equídeos e bovinos situada: (a) no membro anterior, entre o joelho e o boleto; (b) no membro posterior, entre o jarrete e o boleto.

Caneludo, adj. (V. *Pernudo*).

Canga, s. Peça de madeira, simples ou dupla, usada nos bois de trabalho e que permite a tração (V. *Utensílios in Carro de boi*). Peça de madeira em forma de triângulo (duas forquilhas que se entrecruzam), usada no pescoço dos caprinos, ovinos ou suínos para impedir a sua passagem pelas cercas que protegem as lavouras. ---- *de bengala*, vara fina e linheira usada para caprinos com o mesmo fim; a ponta da vara é presa em uma das mãos da cabra e corre através de uma argola de metal, fixada no chifre correspondente ao lado da mão.



Canga de forquilha em cabra peada de pé-e-mão.

Cangaceiro, *adj.* Diz-se do animal que tem o vício de saltar, escoicear, morder; animal de má índole.

Cangalha, *s.* Arção de madeira protegido por uma esteira de junco (*Cyperus articulatus* Linn) ou outro material similar, forrada de pano ou couro, destinada ao transporte de carga em equídeos. Registra-se (a) a cangalha de *albarda*, (b) a de *suador* ou *talabardão* (Oeste, RN) e (c) a de *malhar*, feita do olho da carnaubeira – de antigo uso seridoense. Dit.: *Certo que só cangalha em besta.* • *Feio que só cabeçote de cangalha.* • *Quem nasceu prá cangalha não dá prá sela.*

Cangote, *s.* Porção ântero-superior do pescoço dos animais. Citado na quadra popular: *Boi tem força no cangote, / Cavalo no espinhaço; / Mulher na ponta da língua, / Homem no suco do braço.*

Cangoteira, *s.* (V. Rédeas).

Cangulo, *adj.* Diz-se do equídeo que apresenta prognatismo do maxilar inferior.

Canhão, *s.* Pena nova que cresce logo após a muda das aves; também chamada de pena de sangue. Daí, por abusão, alguns as arrancam alegando que chupam o sangue das aves. *Arranco-te as penas todas, / Não te deixo um só canhão* (CARVALHO, 1928). *Deixou-me o esporão dum galo, / um pinto cheio de canhão, / 3 ca-roços de pinhão / e 2 dentes de um cavalo* (SILVA, B. s/d).

Canindé, *adj.* Diz-se da pelagem do asinino, caprino e do cachorro, em que os pelos do corpo são pretos e os do ventre, focinho e redor dos olhos, brancos ou acinzentados.

Canos, s. Porção dos membros dos equídeos abaixo do joelho e do jarrete. ---- pretos, quando possui pelagem clara e pelos pretos abaixo do joelho e jarrete.

Cansado de léguia, exp. Diz-se do animal (equídeo) sem resistência, que cansa com qualquer esforço, trabalho ou pequenas viagens: *este cardão barrigudo / se parece com uma égua / este ruço de couro branco / é um cansado de léguia* (*História sertaneja do valente José Garcia*).

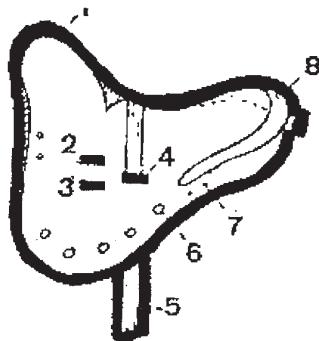
Cansado de porta, exp. Quando o equídeo, logo ao se afastar de casa, se mostra ronciceiro e sem ardigueza.

Canudo¹, s. O cacho central da cauda dos bovinos usado na manufatura de cordas de cabelo. Saliência da sela (V. *Barranha*).

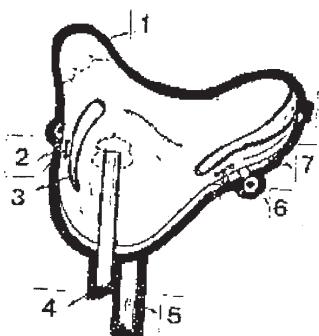
Canudo², s. (V. *Abelha*).

Canzil, s. Tipo de marca (V. *Assinar*). (V. *Utensílios in Carro de boi*).

Capa, s. Parte componente da sela. Sobre o arção vem o talabardão e, cobrindo este, a *capa-grande* que, por sua vez, é revestida pela *capa do coxim*. (V. *Sela*).



Capa grande (em sola). 1 - Costura, no divisor das águas, que fecha as duas capas (lado direito com o esquerdo). 2 - Casas do loro; o loro entra na inferior (3) e sai na superior (2). 4 - Casa da cilha. 5 - Cilha. 6 - Desenho em rebaixador (marca do seleiro). 7 - Furo das correias do talabardão. 8 - Arção traseiro (não revestido pela sola). 9 - Costuras à mão com linha zero.



Capa do coxim: Revestida com a sobrecapa, a ela grudada, complementando a fase final do acabamento da sela roladeira. 1 - Santo Antônio ou lua da sela. 2 - Correias do talabardão. 3 - Borraina (também chamada de canudo) dianteira. 4 - Loros que sustentam os estribos. 5 - Cilha. 6 - Hola. 7 - Suador. 8 - Aranha do rabicho. Obs.: A capa-grande fica aparecendo de vez que excede uns três centímetros.

Capação, *s.* Ato de castrar ou capar. Estar *sentido da capação*, diz-se quando a pessoa se mostra magoada por algum acontecido. Está *c’um má (mal) na capação*, inquieto, de um lado para outro; alusivo ao desassossego dos animais, quando a ferida da castração está infestada de larvas da mosca da bicheira.

Capado¹, *adj.* Castrado. Dit.: *Sossego de homem é mulher feia e cavalo capado*.

Capado², *s.* Porco castrado em condições de abate. “Vou para casa agasalhar as minhas galinhas e um capadinho enquanto é cedo” (PEREIRA DA COSTA, 1936).

Capado de foice, *exp.* Égua. O matuto, ao se referir à égua, em presença de pessoas de maior cerimônia, especialmente das senhoras, sempre se excusa, dizendo: “com licença da palavra, aque-la bisquara, ou aquele cavalo capado de foice [...].”

Capador, *s.* O que capa ou castra (V. *Capar*).

Capanga, *s.* Bolsa de couro que se conduz a tiracolo: “Amarrou tudo no lenço vermelho e meteu o lenço na capanga.” (RAMOS, 1962).

Capar, *v.* Emascular, castrar. Preferentemente é feito à *faca* – o processo cirúrgico para extração dos grãos (testículos). E para justificar a excelência do método, diz o sertanejo que, depois da operação, o touro *ou é boi ou é carniça*. “No crescente da lua em maio / É tempo de se castrar / Bezerro, carneiro e bode / Para poder aumentar...” (BATISTA, 1929). Castra-se hoje mais raramente de *macete* (duas peças de madeira que, em quina viva, golpeia a cordoveia (cordão espermático), interrompendo-a. Também

castram *de volta*, principalmente as miunças; no processo, o operador inverte a posição do grão que, forçado, provoca a ruptura da cordoveia, interrompendo-a, sem derrame externo de sangue. Modernamente, alguns poucos já adotam o burdizzo. Há ainda referência à castração pelo *rastro*; daí o desabafo de certo rezador: “eu rezando no rastro d’um, caí – lá nele – até a barba...”. No sertão velho havia mulheres profissionais no ofício de castrar galos. A operação era feita introduzindo o dedo indicador (dedo do cu do frango) em incisão sob o ânus da ave e, por esmagamento, eliminando os testículos; daí a exp. ...*fazer o sobrecu com a unha*.

Capão, s. Galo emasculado. Há mais de 2.000 anos que os chineses já castravam os seus frangos e na Idade Média era prática frequente entre os avicultores do Centro e Sul da Europa, para a gula dos senhores feudais. No sertão velho, a carne do capão também era apreciada. Mas não se operava por incisão lateral entre as últimas costelas, como manda a cirurgia veterinária. Era tarefa de algumas poucas mulheres. “Trabalhava a mulher de Vitorino na castração de frangos [...] Vivia de engenho em engenho à espera da lua nova, ou do quarto-minguante, para operar com sucesso [...] Cozida a parte dos frangos, passava limão no corte, e os ia deixando para um canto com as pernas amarradas para que não estrangulassem os pontos”. (REGO, J. L., 1943). “A velha Chica, filha de uma ex-escrava de meu pai, devido a esse ofício era conhecida por Chica dos Galos [...] Por um corte horizontal, abaixo do ânus, quase na entreperna, enfiava os dedos médio e polegar, expondo os grãos que eram extraídos com uma quicé. O corte era imediatamente costurado com

linha de novelo. Depois cortadas as pirâmides da crista e a barbela que, por sangrar muito, era também pespontada. Tudo era lavado apenas com água fria. Chica se gabava das centenas de frangos que transformou em capão sem nunca ter perdido um." (Inf. Ramiro M. Dantas, Fazenda Saudade, Serra Negra, jul./ 90). Daí a ameaça do falar: – Vou fazer o sobrecu dele com a unha. O capão engorda, torna-se mais manso, perde o canto e tem penagem viçosa. ---- criador, o que cuida da criação de pintos fazendo-o tal qual uma galinha. Prov.: *Nunca mulher perdida amou a homem honrado, nem galinha gorda a capão.*

Capela do olho, s. Pálpebra: [...] *Quase brigam mórdela / Ficaram todos breados, / Óios, pestana e capela.* (*Romance do boi da mão de pau* in CASCUDO, 1957). *Maribondo amarelo mordeu / Na capela do oio: não doeui* (ALMEIDA, 1971).

Capelão, s. O macho da ema.

Capoeira, s. Gaiola grande, feita com ripas, telas ou cipós, onde se criam ou transportam aves: [...] *vinte couros de boi manso / só o bocal da bainha / trazia uma capoeira / com quatrocentas galinhas...* (CAYMMI, Dorival. *Fiz uma viagem*).

Capote, s. Galinha d'Angola, guiné, tô-fraco.

Capuxu, s. Vespa social (*Mischocyttarus ater*) de cor preta, que nidifica em buracos de formigueiros abandonados, cupins, cerca de pedra e mais raramente em ocos de pau. Seu mel é muito apreciado pelo sertanejo.

Carapuça, s. Copa do chapéu de couro (V. este verbete).

Cara suja, *exp.* Diz-se do bovino que tem a cabeça mais escura que o corpo.

Caraúna, *adj.* Diz-se da pelagem preta-retinta. Corr. de graúna.

Carbúnculo, *s.* Carbúnculo hemático ou verdadeiro; seu agente é o *Bacillus anthracis*.

Cardão, *adj.* Diz-se de equídeo que possui pelagem constituída de pelos brancos e pretos distribuídos uniformemente pelo corpo, permitindo uma coloração azulada (tordilha). *Pedrez* ou ---- *pedrez*, quando se apresenta pintado; ---- *rodado*, quando assinalado por manchas apatacadas mais escuras. A pelagem cardã é comumente observada nos jumentos.

Cardeado, *adj.* Diz-se da pelagem equina em que o pelo se apresenta mesclado de preto e branco com predominância escura. Corr. de cardão. *Um cavalo ruço-pombo / De crinas acastanhadas / E listra preta na testa, / E a cauda acardeada. (Romance do Boi Espácio).*

Careta, *adj.* Diz-se do equídeo ou bovino que possui a cara branca; malacara.

Cargueiro, *adj.* Diz-se do animal de carga que não tem aptidões para a sela. O mesmo que animal de cangalha.

Carguejar, *v.* Conduzir em cargas; o mesmo que almoacrevar: “A pés no chão, vaquejando gado, lavando cavalos, e carguejando.” (“O clamor público”, nº 84 de 1846 *in* PEREIRA DA COSTA, 1936).

Cariar, *v.* Perder um olho (o galo) durante a briga, o mesmo que *Fechar a janela* (gíria galista).

Carijó, adj. Diz-se da pelagem bovina, escura-uniforme, com pintas brancas na barbela. Também designa a plumagem da galinha semelhante à da raça Plymouth Rock Barrada.

Carimbar, v. Marcar (o gado) com o carimbo: *É fusca, bem azeitona; / Sedém branco, cirigada; / Arma um tanto a pinheiro, / Dos pés traseiros calçada; / Tem uma garrota lisa, / Qu'inda não foi carimbada.* (CASTELO BRANCO, 1938).

Carimbo, s. Ferro de marcar o gado (em brasa). Tanto pode designar uma marca mais miúda para ferrar criação (caprinos e ovinos) como o ferro usado para diferenciar uma boiada em trânsito. Também chamam de carimbo aos algarismos (0 a 9) que alguns acrescentam para identificar o ano da parição; ou ainda a apêndices isolados que, acrescidos ao ferro do proprietário, servem para diferenciar o de alguma filha, afilhado ou pessoa da fazenda que não possui ferro próprio. “Então marcou a boiada com o seu carimbo e retornou à casa para contratar condutor [...]” (CUNHA, 1971). E no sertão velho “era usado juntamente com o ferro do proprietário para diferenciar o gado das diversas fazendas de um mesmo dono” (MEDEIROS, F., 1982).

Carnal, s. O avesso do couro; o lado interno, o contrário do externo que é chamado de *flor*: *Quase um dia uma onça me devora / mas meti-lhe a mão pela goela / e por dentro puxei a cauda dela / avessei, o carnal ficou prá fora* (PACHECO, s/d).

Carnear, v. Desdobrar a carne do gado abatido para o consumo doméstico ou comércio.

Carne de criação, s. Carne de caprino ou ovino.

Carne de gado, s. Carne bovina.

Carne de sol, s. Carne de bovino, salgada e preparada ao sol, de uso regional. Parece ser de origem moura. “As mantas, depois de salgadas, são empilhadas, sobrepostas, na sombra – em local ventilado. Só depois que toma o sal, i. é, que o mesmo se derrete – são levadas ao sol e estendidas em varões ou arames, mantendo-se a parte mais gorda para o lado de cima. Essa operação é feita nas primeiras horas da manhã, de vez que o gado é sempre abatido ainda com escuro. Com 1/2 dia de sol, de superfície já queimada (seca), a manta é virada com a parte gorda para baixo – permanecendo no estaleiro até as primeiras horas da noite, quando é de novo empilhada para voltar a ser estendida na manhã seguinte. Essa operação é repetida por 3 a 4 dias – dependendo da intensidade do sol e do vento. A carne está pronta para o mercado quando bem enxuta e antes de ficar quebradiça”. (FARIA, 1964). Não confundir com carne do Ceará ou jabá.

Carne do Ceará, s. O mesmo que *charque* ou *jabá*.

Carne do sertão, s. O mesmo que *carne de sol*.

Carne-seca, s. O mesmo que *carne de sol*. “Agora, mande escolher um pedaço de carne-seca e assar na grelha [...].” (CUNHA, 1971).

Carneiro, s. Ovino macho adulto. “Julga-se que descenda do *mouflon*, *Ovis musimon*, que é ainda encontrado em estado selvagem na Sardenha e Córsega e se cruza espontaneamente com o carneiro doméstico... O homem do começo do Neolítico na Europa certamente já tinha consigo o carneiro domesticado, mas onde

ou quando ele o obteve pode apenas ser conjecturado pelo que se conhece sobre sua distribuição geográfica.” (LUSH, 1964).

Carneiro de sela, s. Carneiro capado, geralmente criado enjeitado e amansado para servir de montaria dos meninos. Bem tratado, gordo, banhado com água de anil, penteado e enfeitado com arremedos de arreios, fitas e guizos, faz as vezes do cavalo de sela para meninos da fazenda.

Carneiro pelo de cabra, s. Raça de carneiros nativa do Nordeste, também conhecida por Deslanada e Morada Nova, sendo esta última a designação que lhe foi dada pelo seu divulgador, prof. Octavio Domingues, em homenagem ao município cearense do mesmo nome, onde ela é criada em maior número. Desrido de lã e protegido por pelagem curta, grossa e sentada – típico pelame de cabra – é o “produto de um processo de adaptação dos antigos carneiros Bodaleiros, ali introduzidos pelo colonizador. Adaptação secular, que ainda não terminou seu processo, porque o homem nem sempre aprende o que a natureza lhe está ensinando. Os estudos de climatologia zootécnica mostram que esse pelame curto, grosso e sentado é o único compatível com os bichos de pelos, vivendo em tais condições de clima seco e quente” (DOMINGUES, 1964). Os criadores, indiferentes ou ignorantes à lição, insistem em usar reprodutores com lã feltrosa para obter mestiços com peles de maior peso – ignorando que o comércio importador (EE.UU) prefere a pele deslanada, mais resistente e de maior valor. Impatriótica, errada e prejudicial é a introdução do Borgamasca nos rebanhos do sertão seco do Nordeste, de vez

que é uma raça procedente do Norte da Itália (região fria e montanhosa), contrariando, assim, os mais elementares rudimentos da zootecnia tropical. Dit.: *Amanhã, amanhã, o carneiro perdeu a lã.*

- *Carneiro preto e sergipano, tira-se um por engano.*
- *Homem pequeno só serve pra carregá recado de rapariga, dá peido em samba, catá carrapato em barriga de jumento e montá em carneiro.*
- *O carneiro, quanto mais fasta, maior é a marrada.*
- *Quem tem carneiro, tem lã, / Quem tem porco, tem presunto; / Não me caso com viúva, / Que é sobejo de defunto.*

Carneirum, adj. Relativo a carneiro.

Carniça, s. Qualquer cadáver de animal putrefato. No sertão, o grande apontador de carniças é o urubu; daí o sertanejo estar sempre atento aos céus. *Cair urubu ou festejo de urubu*, são expressões que indicam aglomerações dessa ave carniceira. Ao menor sinal deles, é dever do vaqueiro ir verificar para conhecer a causa mortis do animal ou mesmo se dele ainda se pode aproveitar o couro.
---- *sem osso, excremento.*

Caroço¹, s. Forma abreviada de designar o caroço (semente) do algodão que até o advento das indústrias de óleos vegetais era a ração encontrada de maior uso nos sertões. O caroço era dado em cochos ou mochilas às vacas do curral (ou a uma ou outra rês mais carecida) nas horas da tarde, quando o gado era trazido dos cercados, arraçoados e apartados, até a ordenha do dia seguinte. As fábricas de óleos substituíram o caroço pela torta. “[...] resolveu comprar, em 1932, caroço de algodão a 500 réis a arroba de 15 quilos”. (CUNHA, 1971).

Caroço², s. Doença contagiosa das aves; o mesmo que pipoca, crueira.

Carona, s. Peça dupla de couro curtido com enchimento e trabalhada em desenhos de costura que se usa sobre a sela, quando em viagem, para torná-la mais macia. Serve, principalmente, à guisa de maleta, para conduzir objetos (roupa de muda, papéis, alimento etc.) já que é provida de dois grandes bolsos internos (no forro) e quatro menores, externos. “[...] versos que são lembrados por minha comadre Lica: *Minha mãe me dê dinheiro / pra comprar um palitó, / Uma sela, uma carona, / Um cavalo esquipedador.*” (GALVÃO, 1968).

Carrada, s. Carga de um carro de boi.

Carrapato, s. Aracnídeo hematófago que parasita os animais. A maior incidência dessa praga ocorre nas regiões de maior pluviosidade do estado (litoral e agreste). No alto sertão, mormente no Seridó, a incidência é nula ou mínima; consequentemente, o gado dessas ribeiras (a Oeste da Serra do Doutor), quando trazido para o agreste ou litoral, é acometido de mal-triste (piroplasmose ou anaplasmosse). Assim, *gado sujeito*, no dizer sertanejo, significa o gado oriundo do sertão, i. é, vulnerável ao mal-triste. ---- *da virilha de cachorro*, pessoa insistente, importuna. Dit.: *A gente vê carrapato com tosse... (Diz-se de pessoa pretenciosa ou de menino querendo bancar adulto)*.

Carrego, s. Primeiro andamento do cavalo, quando se inicia o adestramento para sela. O mesmo que *baixo*, no Seridó.

Carreiro¹, s. Condutor de carro de boi.

Carreiro², s. Vereda habitual da caça ou do gado.

Carro de boi, s. “Toda gente conhece o carro de boi, de rodas maciças, que Júlio César já encontrou velhíssimo nas Gálias. Todos nós ouvimos a cantilena nostálgica do seu eixo inteiriço, amassando o barro das nossas estradas. Esse canto, o canto do carro de boi, fora registrado por Virgílio, *Geórgicas III*, 536, falando no *stridentia plautra*... *Plaustrum* é o nome romano de nosso carro de boi. Esse mesmo carro de boi, rodando no Brasil em número aproximado a 100.000, a primeira roda que o continente americano conheceu e utilizou, era usual na zona da Babilônia desde 3.300 anos antes da era cristã (R. Lowie). E o vemos rodar, gemendo e tardo, contemporâneo aos aviões que roncam na estratosfera” (CASCUDO, 1953). O carro de boi se compõe de três partes distintas e inseparáveis: rodas, eixo e mesa. I) *Rodas*: compõem-se das seguintes peças (*a*) meião, (*b*) peças ou vizinhas, (*c*) tingas e (*d*) chachos. O *meião* é a principal peça da roda. As duas *peças* mencionadas na letra *b* são colocadas logo após o meião, sendo uma de cada lado. As duas *tingas* indicadas na letra *c* ficam logo depois das peças. Os *chachos*, referidos na letra *d*, ficam logo após as tingas. *Arriotes* são pequenas ligaduras de madeira que prendem as peças, as tingas e os chachos, exceto o meião. *Arreias* são duas ligaduras de madeira que ligam as rodas, atravessando o meião, as peças, as tingas e os chachos. No centro do meião, há um orifício chamado *buraco do meião*. Pelo lado externo das rodas, colocam-se duas chapas de ferro no buraco do meião, denominados *gatos*. As rodas presas ao eixo são comumente conhecidas por *rodeiras*. Os ferros

que circundam as rodas chamam-se *ferro do carro*. *Olhos do carro* são chamadas duas aberturas em forma de meia-lua, feitas no meião e na peça. No lado interno do meião há uma saliência que se conhece por *peito do meião*. Depois de um ano ou mais de serviço, é muito natural o afrouxamento das peças das rodas, não só pelos constantes solavancos, mas sobretudo porque a madeira resseca e murcha, exposta ao sol, ao vento e à poeira. O carreiro faz os *repuxos* e coloca-os entre a peça e o meião. As rodas são feitas de sucupira, caraibeira e oiticica. E têm, comumente, sete a oito palmos de altura. II) *Eixo* é uma peça de madeira, lavrada em oito faces, com 9 palmos de comprimento por 3 de grossura, que prende, nas suas extremidades, as rodas do carro. As suas pontas chamam-se *mechas*. Os lugares onde descansam as *almofadas* intitulam-se empurgeiras. Entre as empurgeiras e as mechas ficam duas saliências denominadas *garrotes*. O eixo recebe duas cunhas, cuja finalidade é segurar as rodas. O eixo é feito de sucupira, preferentemente. Usam-se também catanduba, aroeira, juazeiro e angico. III) *Mesa*. A principal peça da mesa é o *cabeçalho*. Esta peça, na várzea do Açu, é feita de carnaubeira. Tem 25 palmos de comprimento, começando da parte posterior do carro até a junta do pé do carro. O cabeçalho é atravessado por 6, 7 e até 8 peças de madeira, chamadas *cadeias*. Ao longo da mesa, além do cabeçalho, há duas grandes peças intituladas *chedas*. As cadeias atravessam as chedas e o cabeçalho, transversalmente. Os *cocões* são colocados nas chedas, em número de dois de cada lado. Além dos 4 buracos destinados aos cocões, há ainda 5 ou 6 reservados aos *fueiros*, conforme o tamanho da mesa. Entre os cocões ficam as almofadas, comumente feitas de cumaru ou cajueiro verde. As almofadas assentam a face sobre as

empurgeiras do eixo, ficando as costas presas às chedas. As varas são amarradas aos fueiros com correias de couro cru ou arame liso. Os fueiros são feitos de pereiro ou pau branco; as varas, de carnaúba. Os fueiros com as varas, encarados englobadamente, denominam-se *envarado* do carro. As chedas são feitas de sucupira, oiticica, carnau-beira ou umarizeiro. O lastro da mesa é feito de imburana ou carnaúba. A mesa é presa por dois gatos de madeira, um adiante, outro atrás. A parte da mesa que fica antes do gato da frente chama-se *leito do carro*; equivale à moderna boleia do caminhão. A parte que fica depois do gato de detrás é conhecida pelo nome de *rebequém*. As *cadeias* são presas às chedas por meio de tornos de sucupira. O cabeçalho tem uma abertura quadrada na ponta, por dois motivos: 1º, para ser colocada a *chavelha*, no momento de atrelar os bois ao carro; 2º, para botar o *moleque*, quer no momento de carregar o carro, quer estando este fora de serviço. A altura entre a mesa e o chão é de 5 ½ a 6 ½ palmos, medindo 6 a 7 de largura. IV) *Utensílios*: a *canga* é uma peça de madeira comumente feita de catanduba, mutamba, angico ou umarizeiro, que serve para atrelar os bois ao carro. É furada nas pontas para receber os *canzis*. Estes são colocados na canga e amarrados com brochas de couro cru ou sola. No centro da canga há duas entalhas por onde se coloca o *tamoeiro* – peça de relho cru, de 3 pernas, caprichosamente enrolada, que serve para ligar a canga diretamente ao cambão. Cada canga tem seu tamoeiro. Cada cambão, sua tirada e sua chavelha. A *tirada* liga um cambão a outro. *Cambões* são peças de madeira, roliças, leves, ligadas umas às outras pelas tiradeiras. *Tiradeiras* são peças de relho cru torcidas. *Correias do chifre* são pequenas peças de relho cru que servem para prender os

bois pelos chifres. Outra curiosidade é o chifre pendurado na cadeira da mesa, contendo um pouco de óleo de carrapato ou de sebo de boi, com que o carreiro besunta as empurgeiras, para evitar que o eixo se queime e fazer o carro cantar. A função do carro de boi foi maior nos terrenos de várzea, composta de areia ou barro. Entrou pelos brejos, beirou os ariscos, mas não conquistou o sertão bruto. No sertão de pedra, a sua entrada foi lenta, diminuta, insignificante. Só tinha função nos sítios e fazendas. O Seridó, por exemplo, não possui o carro de boi em grande escala. Mas a sua intervenção decisiva foi no município do Açu, entrando pelo de Macau; Mossoró, Augusto Severo, Apodi e Carnaúbas ficavam em situação inferior. Isto sem falar nos municípios próximos ao litoral, como Natal, Macaíba, São Gonçalo, Ceará-Mirim, São José de Mipibu, Papari, Goianinha, Arês etc., onde o transporte era feito quase todo em carro de boi. Nestor Lima, estudando as antigas vias de comunicação do estado (*Revista do Instituto*, v. XXV-XXVI, p. 168) diz a respeito do Assu: “todo o transporte era feito, até 1919, em costas de animais e carros de boi, via Macau”. (MELO, M. 1954). Dit.: *Capricho só pra boi de carro. • O boi é que sofre, o carro é que geme.*

Carteira de matuto, s. Bolsa de couro curtido, pespontada e ajeizada em prata ou latão, tendo a fechadura em trinco de mola ou de segredo. As mais ricas eram importadas do estrangeiro e as mais modestas, modelos arremedados pelos artífices locais. Eram conduzidas a tiracolo e em seus compartimentos carregava-se o dinheiro de comércio, papéis e documentos outros. Em algumas regiões eram chamadas de *Patrana* ou *Capanga*. A carteira de

matuto era parte integrante de sua indumentária (V. Matuto) em todo o sertão velho. [...] *Matuto de Jeremias, / Uma grande carteira nova / De uma banda conduzia [...]* (OTTHON FILHO, 1970).

Caruara, adj. Diz-se dos bezerros com doença das crias novas, consequência da infecção umbilical, caracterizada pela inflamação das articulações e a formação de abcessos subcutâneos.

Casca e nó, exp. Diz-se da aquisição de gado em que não houve prévia escolha.

Casco¹, s. “Estojo córneo que reveste as partes vivas e internas, que constituem com ele o pé.” (DOMINGUES, 1966). ---- *de burro*, equino que possui os cascos pequenos, pretos e fortes, formando um ângulo de 50 a 55° com a horizontal, semelhantes aos do jumento; *fêmea do ----*, ramilhas que formam duas fendas na parte plantar do casco dos equídeos. A encravação de pequenas pedras nessas fendas faz o animal mancar; daí o cuidado em examiná-lo frequentemente em viagens. ---- *fêmea*, animais de casco fendidos, bipartidos (bovinos, caprinos, ovinos e suínos); ---- *mole*, equídeos de cascos pouco resistentes, comumente de coloração branca; ---- *raso*, cavalo ou muar que possui os cascos com pequena espessura.

Casco², s. As terras da fazenda, excluído o gado e pertences. “Um fazendeiro rico possui em geral várias fazendas, vários cascos de fazenda, como lá se diz.” (RAMOS, 1962).

Castanha¹, s. Cupim característico dos machos bovinos indianos (zebus).

Castanha², *s.* Crista da guiné ou galinha d'Angola. Dizem que é o local mais sensível da guiné, onde qualquer pancada pode ser fatal. *Quebrar a* ----, vencer, humilhar.

Castanha³, *s.* Manchas córneas circulares dos membros anteriores dos cavalos (V. *Catinga*).

Castanho, *adj.* Diz-se de animal que possui pelagem castanha, i. é, aquela que apresenta pelos cuja coloração vai do amarelo claro ao vermelho escuro, com crinas e cauda pretas. ---- *amarelo*, pelos amarelos; ---- *claro*, pelos vermelhos claros; ---- *escuro* ou *retinto*, pelos vermelhos escuros; ---- *gema de ovo*, pelos amarelos bem claros. Dit.: “Cavalo castanho escuro pisa no mole e no duro, carrega o dono seguro.”

Castear, *v.* Cruzar, hibridar, misturar.

Castrar, *v.* Emascular, capar (V. este verbete).

Catarro, *s.* Garrotinho.

Catinga, *s.* Manchas córneas circulares existentes nos membros anteriores dos cavalos; castanha. Diz o sertanejo que têm odor desagradável. A lenda conta que no dia da criação o diabo colocou os olhos do cavalo ali; o Criador mandou apagá-los e implantá-los na cabeça. É, assim, a cicatriz do transplante.

Catingueiro, *adj.* Vaqueiro que corre bem na caatinga: *Nesse tempo tinha ido / a Pajeú ver um vaqueiro; / Dentro muitos que lá tinha, / Viera o mais catingueiro.* (*O Rabicho da Geralda in CARVALHO, 1928*).

Cavalama, s. Coletivo de cavalos.

Cavalar, adj. Relativo aos equinos. “Fica prohibido a criação de gado vacum, cavalar, ovelhum, cabrum e porcos soltos [...]” (Art. 1º da Lei Provincial nº 20 de 26/mar./1835).

Cavalaria, s. Coletivo de cavalo. [...] se o tal de Zé Pretinho / Vinha para a cantoria, / às 5 horas da tarde / chegou a cavalaria (Da peleja do cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum).

Cavalete, s. Trave de madeira, suspensa por arames ou em armação de quatro pés, onde são guardadas as selas e arreios.

Cavalo, s. Os paleontologistas consideram a América Setentrional como o lugar de origem do gênero *Equus*, embora tenha sido ali extinto ainda no Período Quaternário. Dali devem ter emigrado para a América Meridional e, através de uma faixa de terra então existente, chegado à Eurásia, onde sobreviveram e evoluíram nos avoengos do nosso atual cavalo. Compreendem o gênero *Equus*, integrado pelos subgêneros *caballus*, *asinus* e *hippotigris*. O cavalo doméstico é, assim, descendente dos três tipos selvagens: o cavalo das florestas, o das estepes e o do deserto. Na Mesopotâmia (ruínas de Ur) foram encontrados indícios de sua utilização que datam de mais de 3.000 anos antes de Cristo. Primitivamente o homem caçou -os para comer; só mais tarde é que aprendeu a explorar o seu trabalho, sobretudo em suas andanças de guerra. Calígula quis fazer de um deles – *Incitatus* – cônsul romano. O cavalo do Nordeste desce dos equinos da Península Ibérica, os quais, por sua vez, se originaram do Barbe, trazidos ainda pelos portugueses no governo

de Tomé de Souza. “O cavalo sertanejo é esguio, sóbrio, pequeno, rabo compridíssimo, crinas grandes, capaz de resistir a todas as privações, a todos os serviços e a todos os esforços. É o melhor auxiliar do vaquerio e ele o estima e trata com o maior carinho. Quer seja noite, quer seja dia, no piso das reses que arrancam ou espirram mata adentro, vara os carrascais cheios de espinhos, as croas entrecidas de cipós fortes, as caatingas cerradas, desce o descambar das serrotas, rompendo os carcavões de unha de gato, escorregando nos seixos lisos, sem hesitações, sem temor e sem cansaço. Não tem feraduras: o casco acostumou-se ao pedregal e ao espinho, enrijou; a unha é perpendicular, pequena, dura como ferro. A hereditariedade transmite esse caráter de adaptação. Raramente fica estropiado. O cavalo do sertão é feioso como um corcel quirguiz. Lá uma vez ou outra aparece um exemplar bonito, esbelto, alto. Não tem saracoteios, nem saltos, nem corcovos, salvo quando espantadiço. O olhar só brilha quando se apresenta ocasião de correr; depois, as pálpebras murcham numa sonolência lassa. É altivo e parece ronciceiro; forte e parece fraco; ágil e parece pesado. É pasmosa sua agilidade. Nos imprevistos das furibundas carreiras pelos matos em fora, salta galhos baixos, mergulha sob os altos, faz prodígios. É necessariamente baixo para essas ligeirezas; a aridez do clima não produz outro. É raridade um animal de sete palmos do casco à cernelha. O meio torna-o sóbrio e magro. Passa dias sem comer, quase sem beber. Num dia faz quinze, vinte léguas, puxando um pouco; dez faz normalmente” (BARROSO, 1962). A semiaridez dos sertões deu ao cavalo nordestino a invulgar capacidade de resistir, com minguada ração, ao áspero trabalho de dias e mais dias no campo, desferrado,

nos chãos enladeirados e pedregosos da caatinga espinhenta, sob a brasa de um sol que escaldá a 3.000 horas/luz/ano. “É frequente ver-se no Ceará um cavalo percorrer num dia 20 léguas (120 km) e mais. Em uma viagem que fiz através do sertão, percorri 90 léguas em 20 dias e o animal, sempre forte e seguro, no fim da viagem não dava o mínimo sinal de cansaço.” (ALBANO, 1918). São essas qualidades – resistência e sobriedade – herdadas de seus antepassados árabes e caldeadas em quase meio século de seleção natural em um sertão hostil, que cabe à zootecnia tropical preservar, impedindo a introdução desorientada de raças exóticas que certamente resultaria em produtos de uma beleza mofina de alfenim. Segundo o prof. Octavio Domingues, deve-se ao agrônomo Landulfo Alves, quando Diretor Geral do antigo Departamento Nacional da Produção Animal, por volta de 1936, a ideia da seleção do *cavalo nordestino*. Os trabalhos iniciados e injustificadamente interrompidos, no Posto Experimental de Criação (Sobral, CE), estabeleciam um padrão para a raça – padrão esse minuciosamente revisto em 1953, pela *Comissão de Preservação e Seleção das Raças Nativas do Nordeste*, constituída pelo prof. Octavio Rodrigues, Paulo Sanford, Joaquim Moreira de Melo, Antônio Lemos Maia e Antônio Andrade Coelho. Os caracteres definidos para o *cavalo nordestino* podem ser assim resumidos: *Aptidão* – O cavalo nordestino será destinado a atender aos serviços de campo e outros, da região. *Porte* – Altura entre 1,30 e 1,42 m para os machos; e 1,26 e 1,35 para as fêmeas. *Conformação* – Cabeça pequena, larga na fronte, de perfil retilíneo ou subconvexo; orelhas pequenas, afastadas, móveis, atentas. PESCOÇO piramidal, proporcionado e bem inserido, provido de crinas finas e pouco

abundantes. Tronco com cernelha preferentemente de altura média, dorso e lombo curtos e retos; garupa inclinada, cauda bem implantada, vassoura pouco abundante; tórax largo e profundo, bem proporcionado. Membros delgados e secos, bem aprumados; cascos pequenos e pretos, talões altos, resistentes. *Pelagem* – Todas as pelagens com exceção da pampa, gázea, preta e rosilha. Pele e mucosas totalmente pretas. Serão admitidos: a estrela, o cordão e os sinais encobertos. Como se trata de um padrão provisório, será tolerada a pelagem com membros baixo-calçados, desde que os cascos sejam pretos, e escura a pele da região calçada. ---- *de campo*, é o cavalo possuidor de destreza, corredor e afeito aos trabalhos do vaqueiro (o mesmo que bom de mato); ---- *de fábrica*, o mesmo que de campo; o que é usado nos trabalhos do vaqueiro. ---- *de mourão de porteara*, é o cavalo usado para as carreiras de pátio ou vaquejadas, também conhecido como cavalo de corrida (litoral-agreste do estado). “Guilherme, muito afeito à derruba de gado, mesmo maníaco, com bons cavalos de moirão, manda Rafael espremer o novilhote para Artéfio [...].” (CUNHA, 1971). ---- *de sela*, o de andaduras mais cômodas, usado para passeios e viagens, sucedeu ao *cavalo de stada*, “o que era retido em estrebaria especial, instalada próxima à residência, fácil de ser divisado do alpendre senhorial; era o cavalo tratado com esmero, acarinhado, recomendado a escudeiro de confiança. Até meio efeminado devido ao excesso de mimos que lhe dispensavam. Parecia mais uma concubina, trancado, vigiado, isolado, pendioso e só procurado nos momentos de gozo, de desejo, quando então se entregava quase obrigado, refugando a sela, casqueando nervoso o terreiro, molestado em seu sossego, na sua vida de lorde.

Vivia retirado da proximidade dos outros, do *almargio* (al-margem), solto nos campos, comendo a erva dos pastos, sem assistência, defendendo-se, por si mesmo, dos perigos, sem dengues e sem conforto." (GOULART, 1964). Dit.: *A cavalo dado não se abre a boca* – já era popular na Idade Média, ensina Cascudo (1970). • *Antes burro que me leve que cavalo que me derrube.* • *Antigamente o dono do cavalo andava na sela; hoje puxa pelo cabresto.* • *Ao amigo e ao cavalo, nunca apartá-los.* • *Cavalo amarrado também come.* • *Cavalo cabano e paraibano, tira-se um por engano.* • *Cavalo caceite não atravessa água.* • *Cavalo carregado de açúcar até o rabo é doce.* • *Cavalo corredor, cabresto curto.* • *Cavalo de cachaceiro conhece caminho de bodega.* • *Cavalo e mulher, pela raça.* • *Cavalo emprestado não cansa.* • *Cavalo fouveiro deixa o dono no terreiro.* • *Cavalo melado mela o dono e o encerado.* • *Cavalo que não dá pra sela, bota-se na cangalha.* • *Cavalo velho, capim novo.* • *Cavalo velho com cangalha nova, pisadura certa.* • *Certo que só cangalha em besta.* • *Cresce que nem rabo de cavalo – para baixo.* • *Desgraça de cavalo de sela é se emprestar a padre e a soldado.* • *Doze galinhas e um galo comem igual a um cavalo.* • *É tão besta que dá bênção a cavalo e chama jumento meu pai.* • *Filho só puxa ao pai quando o pai é ladrão de cavalo.* • *O branco na sela, o negro na garupa: o cavalo é do negro.* • *O cavalo conhece a perna de quem o monta.* • *O olho do dono é que engorda o cavalo.* Registra-se no filósofo Quilon – *oculos domini facit equos pingues*, VI século a.C. • *Pobre é cavalo do cão andar montado.* • *Praga de urubu magro não mata cavalo gordo.* • *Puxado que só cavalo de matuto.* • *Quem caga esquipando é cavalo.* • *Quem faz o cavalo é o cavaleiro.* • *Quem gosta do*

relincho do cavalo é a égua. • *Quem não ouve conselho esbarra como cavalo sem freio.* • *Quem passa a vida sem comer é o cavalo de São Jorge.* • *Quem quer cavalo sem tacha, anda a pé.* • *Se não existisse cavalo, São Jorge andava a pé.* • *Sossego de homem é mulher feia e cavalo capado.* • *Tordilho nágua é melhor que canoa.*

Cavalo de pau, s. Vara linheira, com pouco mais ou menos um dedo de grossura e uma meia braça de comprido, que os meninos rurais cavalgam arremedando cavaleiros. Nos sertões quase sempre é feita da flecha da macambira de serrote ou do marmeiro – plantas daqueles matos que produzem vergônteas mais linheiras. Os mais caprichosos costumam anelar a vara, descascando-a em desenhos que fazem a beleza da montaria ajaezada. Na extremidade mais grossa da vara, fazem passar, em entalhe ou furo, um barbante forte (ou correia fina) que faz a vez das rédeas. Na geografia da carnaúba (Vale do Assu) são preferidos os cavalos feitos do pecíolo da folha da carnaubeira. Quando menino, fui dono de um fogo-so cavalo de pau de talo de carnaubeira que tinha cabeça entalhada e olhos vivos e acatitados, feitos com contas de caboclo (*Abrus precatorius* Linn. fam. Leguminosas Papilionóideas). Os meninos sertanejos passeiam seus cavalos de pau arremedando andaduras (passo, baixo, galope, esquipe etc.), dando riscas, aboiando, traquejando um rebanho imaginário ou bois de osso e pegando parelhas para orgulho de suas montarias. M. Melo (1953) estuda a usança na Várzea do Assu: “Durante o almoço ou o jantar os meninos iam escolhendo as suas reses. Esta é minha. Aquela outra é sua. Depois do almoço ou do jantar, os ossos eram jogados no terreiro. E os

meninos iam juntando. O gado era dividido e separado. Cada qual fazia o seu curral. Na ausência de gado mais numeroso, recorria-se a gado disperso pelos campos. Era aí que entrava em ação o cavalo de pau. Luís da Câmara Cascudo, consultado a respeito, diz que o cavalo de pau já era conhecido entre os romanos e os gregos. Os primeiros designavam-no pelo nome de *equitare in arundine*, enquanto os segundos chamavam-no *cálamon peribênaï*.”

Cavaleiro, *s.* Pessoa que monta bem, segura, de boa postura e conhecadora do manejo das rédeas.

Caxito, *adj.* Diz-se do equino de pelagem vermelho-escura, tirando a preta, mais pronunciadamente nesta (preto-caxito), e menos (alazão-caxito): *Era um cavalo caxito / tinha uma estrela na testa / vaquejada que ele ia / ali tornava-se uma festa* (SILVA, J. B. 1957).
Dit.: *Alazão-caxito, tanto é bom como é bonito.*

Cazumba, *s.* “Palavra, aliás feminino no linguajar sertanejo; é o couro do boi que secou naturalmente, despregado da carcaça ou a ela às vezes preso. Lacerado e comido em parte pelos cães e urubus, enruga-se e endurece, conservando de certo modo a forma bojudada do tronco do animal a que pertencera. O cazumba depois de curtido dá o *batoque*, nome que deixa claramente transparecer a qualidade inferior do couro estragado, ao passo que o couro tirado à rês recém-morta, e que convenientemente espichado secou suspenso ao ar, depois de beneficiado produz *sola*.” (TORRES, 1950). Cf. *Batoque* e *Tampo*.

Cego da gota ou **Gota serena**, *exp.* Amaurose, enfraquecimento ou perda total da visão, sem lesão aparente, derivada de paralisia do nervo ótico e de insensibilidade da retina. É atribuída a pancadas.

Cerca, s. (V. *Cercado*).

Cerca lourenço, exp. Significa atalhar, rebater o gado.

Cercado, s. Área cercada, destinada ao pastejo do gado. A abundância do material, serventia ou recursos do proprietário é que dizem das diferentes maneiras por que a cerca é levantada. No Seridó de ontem, destaca-se a clássica cerca de pedras, manganando dos tempos, serpenteando ladeira abaixo e acima, aprumada e eterna. Hoje sua feitura está por um despotismo e já raros são os que se atrevem a mandar fazê-la, embora digam que é um caro-barato, de vez que sendo bem feita não tem quem veja o seu fim. Quando lá uma vez perdida a cheia de um riacho ou um formigueiro alui a terra de cama e faz arrear um lance da cerca, tornam a levantá-la – e a vantagem está aí, pois não tem quem as remonte sem que não venha a sobrar material (pedra). Onde a pedra é mais escassa, é mesclada com arame ou madeira entrançada. Também o espinho é usado para cama de algumas cercas (de arame); no Seridó e nas ribeiras das Lajes, o xique-xique (*Pilocereus setosus* Guerke, fam. Cactáceas) e, em alguns municípios do Agreste, a macambira (*Bromelia laciniosa* Mart. fam. Bromeliáceas) tapam o chão das cercas de arame. Com a madeira em seus diferentes tipos e destinações, levantam o pau-a-pique, trançada, dorme-em-pé, tesoura, forquilha, espera, varão, faxina, rama etc. E sabem os entendidos das madeiras dura-a-chão, como a aroeira, o mororó, a imburana de miolo e a jurema preta quando madura; falam de dura-ao-vento, no angico, na barauá, na catingueira, no pau darcó, na craibeira, no brejuí e no cumaru. Hoje, raros são os mestres

de fama, orgulhosos de sua arte aprendida de pai para filho, sob a brasa de um sol escaldante, cavando o chão áspero e pedregoso e cortando madeira no escuro das luas... É o que os mais velhos já diziam: – A madeira venta (racha) ou é sujeita a bicho se cortada no claro, i. é, quando da boca da noite até as 21 hs, há lua nos céus... Mestres como o João Caiçara, de que nos fala Luís Jardim, de tão orgulhoso de seu ofício, pabulava: “[...] Aposto com quem tenha gosto de perder que se puserem minha cerquinha para servir de paredão de açude, do outro lado a água que verter é do orvalho [...]”. O arame farpado veio depois – já nas derradeiras eras do século passado. É coisa dos gringos. “L. B. Smith, em 25/ jun./1867, Ohio, EE.UU., usou tábua com espingões nos intervalos do arame: Joseph F. Glidden, 24/ nov./1874 em Illinois, EE.UU., foi quem primeiro fez o arame torcido com farpas que Jacob Halsh, em 31/ago./1875, Illinois, EE.UU., aperfeiçoou com fios duplos torcidos com farpas, nos moldes em que ainda hoje é usado.” (WEBB, 1931). Daí espichou-se por todas as terras e em nossas ribeiras, como diz L. C. Cascudo, deu ao vaqueiro, pela primeira vez, a impressão dominadora da posse alheia, a imagem do limite. De uns tempos para cá é que a carestia e a crescente escassez de madeira fez-se alastrar a cerca de avelós (*Euphorbia gymnoclada* Boiss., fam. Euforbiáceas) em toda a geografia, do litoral às serras. Pequenos microclimas (subáreas no Seridó) limitam o uso do avelós, em face da menor umidade atmosférica e reduzida queda pluviométrica local. ---- *da porta*, área cercada relativamente pequena (até uns 5 ha) com recursos forrageiros, onde são soltos os animais de sela, trabalho ou de precisão mais imediata, de modo

a permitir uma pessoa dar uma corra em pequeno espaço de tempo. “Numa fazenda pode não haver pastos de capim de planta ou até pequena manga, que é benfeitoria mais modesta, de menores proporções; o cercado, porém, não pode faltar. Nele ficam presos durante o dia os bezerros das vacas que estiverem frequentando o curral; o cavalo de campo ou o burro de carga que houverem chegado de serviço a desoras; a cabra ou ovelha, já enchocalhadas, às vésperas da parição; o animal, o gado ou criação doentes.” (TORRES, 1950). ---- *do fundo dos pastos*, áreas maiores e com maior abundância de recursos forrageiros, onde é solto o gado de criar. *Feitosa com os vaqueiros, / depois de terem alcançado / Chegaram no fundo dos pastos / viram o arranco do gado...* (*História sertaneja do valente José Garcia*).

Cerda, s. O pelo do suíno.

Cernelha, s. (V. Sarneia) “[...] que o bezerrinho já estava com uma bicheira na cernelha.” (CUNHA, 1971).

Cevado, s. Suíno que foi submetido à engorda, à ceva. O mesmo que *capado*. “O cevado só depois de morto se aproveita dele: come-se-lhe a carne, guarda-se-lhe a banha, apanha-se-lhe o sangue, não se lhe perde os miúdos, e finalmente tudo se lhe aproveita.” (Compêndio narrativo do peregrino da América, 1731, *in PEREIRA DA COSTA*, 1936).

Chachos, s. (V. Rodas in Carro de boi).

Chã de dentro (ou de fora), s. (V. Manta).

Chambão, s. Osso da perna do bovino.

Chambari, s. Chambão. Prato regional feito de mão de vaca. Pronunciam *Chambari. Senhora dona, / Que é que tem nessa panela?* / *Chambari, peito, costela, / Carne da volta da pá.* (MOTA, 1928).

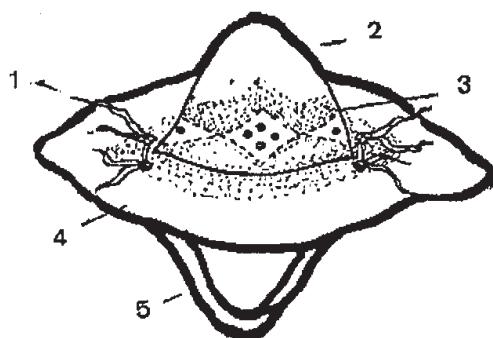
Chamurro, s. Bovino que foi castrado, já em novilhote ou adulto, ficando, por isso, com aparência de touro.

Chandanca, s. Chã da anca (V. *Manta*²).

Chapeleta, s. A glande.

Chapéu de couro, s. Chapéu de couro curtido, de copa cônica e abas de largura variável, que compõe a vestimenta do vaqueiro. A maneira de quebrar as abas do chapéu indicava, antigamente, a ribeiraria a que pertencia o vaquerio. A copa é chamada de *carapuça* e é manufaturada com duas camadas de couro fino, tendo sua base, o *matame*, três camadas; no matame, alguns furos, cercados de desenhos de costura pespontada, permitem a ventilação. Nos campos, longe de casa, quando encontram água para beber e na falta de uma caneca, afundam a carapuça e nela fazem despejar a água onde a bebem. No litoral-agreste do estado os vaqueiros usam chapéus de abas mais curtas (cerca de 3 dedos); alegam que o mato mais fechado, os invernos (períodos de chuvas) mais longos e diurnos, dificultam o uso de abas mais largas, de vez que, quando molhados, desabam sobre os olhos, tapando a vista do vaqueiro; no alto sertão e Seridó as condições diferem, permitindo o uso de abas mais largas (4 a cinco dedos), o que contribui ainda para proteger a vista do excesso de luminosidade. As abas são feitas de quatro camadas de couro superpostas e costuradas a máquina. Na base das abas, dois furos de cada lado dão passagem a quatro correias do *barbicacho*

que aí se entrançam, regulando o comprimento do mesmo. O barbicacho é, de comum, lascado em dois, prendendo-se o dianteiro ao queixo (ou testa) e o traseiro à nuca do vaqueiro. Até bem poucos anos, o chapéu era manufaturado por atividade artesanal de alguns mestres, inclusive mulheres; hoje, algumas oficinas pouco a pouco se mecanizam e viram fábricas, como a de Silvino Ferreira (rua Rio Branco, s/n – Caicó). O uso do chapéu de couro é típico da área do criatório; os sertanejos mal avisados que se atrevem a cruzar as ruas da capital de chapéu de couro à cabeça, são alvo da molecagem, que grita: “Chapéu de couro, dá um estouro...!”



Chapéu de couro: 1 - Correias do barbicacho, em número de quatro para cada lado, que servem para regular o comprimento do barbicacho. 2 - Carapuça, feita de duas peças de couro. 3 - Matame, três couros superpostos, em desenho costurado a máquina, com furos para a ventilação. 4 - Abas, formada por quatro couros superpostos. 5 - Barbicacho.

Chavelha, s. (V. Mesa in *Carro de boi*).

Cheda, s. (V. Mesa in *Carro de boi*).

Chegador, *adj.* Aplica-se ao cavalo de campo que, na rápida carreira, sabe achegar-se à rês para o vaqueiro derrubá-la. Também dizem do cavalo ágil, rápido, que desenvolve muita velocidade inicial.

Cheia, *adj.* Barriguda, buchuda, pejada, prenha, grávida.

Chiar, *v.* Correr, fugir da luta (gíria das brigas de canário).

Chibarra, *adj.* Diz-se do cavalo de pequena estatura, curto e entroncado.

Chibata, *s.* Peça de couro flexível para açoitar ou tanger animais, à guisa de rebenque. O mesmo que *macaca*.

Chicote de matuto, *s.* Chicote de couro curtido, trançado, longo, preso a um cabo de madeira, tendo na extremidade um fio resistente denominado *ponta de linha*. Os matutos (ou tropeiros) o manejam com rara habilidade, com estalos semelhantes a um tiro de arma calibre 22. Podem, conforme desejam, açoitar sem ferir ou produzir verdadeiros talhos no animal. Em 1942, nas ribeiras do Camaragibe (Fazenda Lagoa Nova, Riachuelo, RN), assistimos uma demonstração do tropeiro Júlio Catingueira (1907-1970) em que cortou uma rolinha que se achava pousada na cabeça de uma estaca.

Chifrada, *s.* Golpe de chifre, cornada.

Chifrar, *v.* Atacar com os chifres, investir, marrar, dar.

Chifre, *s.* Armas, galhas ou pontos (V. *Armas*). Dit.: *Não há boiada que não tenha um boi corneta*. A legislação provincial, visando à preservação do couro da rês ou mesmo a dos cristãos, tinha letras que, mais das vezes, ficavam só no papel: “Os proprietários

das fazendas de gado vaccum d'este Municipio, ou seus criadores, serão obrigados a fazer serrar as pontas dos novilhos de suas fazendas dentro do prazo de hum anno [...]” (artº 18 da Resolução 237, de 22/set./1851, que aprova as posturas policiais da Villa de Angicos). “Nenhum criador poderá conservar touros em ponta, sob pena de 5\$000 rs de multa”. (Cap. VII, artº 43 da Lei Provincial 883, de 05/abr./1883, que aprova as posturas adicionais da Villa de Serra Negra). O gado nativo, hoje diluído no sangue das raças exóticas importadas, tinha formatos e tamanhos variados de chifres. Às rezes de armas exageradamente grandes era atribuída origem piauiense – de onde os nossos avoengos traziam gado para refazer. Meu tio-avô, Cipriano Bezerra Santa Rosa (1857-1947), da Fazenda Fortaleza, Acari, conservava o chifre de uma rês descendida do Piauí, aí pelas eras de 1870, e hoje sob a minha guarda, que mede 104 cm de comprimento. “[...] pois sempre cruzavam, naquela época, dentro de duas semanas, 10 a 12 mil bois, exportados para cá do Piauí, Maranhão e até de Goiás.” (CUNHA, 1971).

Chilena, s. Espora de roseta graúda, assim conhecida entre nós pelos veteranos da Guerra do Paraguai e a geração sua contemporânea. “[...] as ilhargas ensanguentadas das agudas rosetas da chilena de prata.” (BELO, 1938). O mesmo que *espora de arrasto*.

Chiqueirador, s. Chicote de pequeno comprimento, de couro, provido de longo cabo de madeira, que serve para açoitar animais. Corr. de *enchiqueirador*. “De saco no ombro e chiqueirador, tangendo o comboio [...]”. (RAMOS, 1962).

Chiqueirar, v. Corr. de *enchiqueirar*. Prender, botar no chiqueiro.

Chiqueiro, *s.* Local (cercado) onde se prendem os pequenos animais; comumente é um cercado de varas em faxina. *Este tigre mais dos dias / vem aqui em meu terreiro / me mata 10, 13 cabras / faz carniça no chiqueiro / inda a semana passada / quase come meu vaqueiro* (CAETANO, 1954).

Chita ou Chitada, *adj.* “Diz-se da pelagem própria da raça Gir, que consiste na presença de pequenas manchas numerosas, de pelos vermelhos, em fundo branco ou rosilho. Mesmo que chita de vermelho. Diz-se vermelho-chita quando o fundo é vermelho, e as manchas são de pelos brancos.” (DOMINGUES, 1966).

Chô, *interj.* Voz de espantar aves. Dit.: *Quem quer pegar galinha não diz chô*.

Chocalho, *s.* Cincerro, guizo. Instrumento de metal, em geral confeccionado de latão, cobre ou bronze, que se prende ao pescoço dos animais, para facilitar a sua localização quando soltos nos pastos. Os chocalhos são presos ao pescoço do gado por uma tira larga (4 cm) de couro curtido, a *amarra*. Hoje, de custo mais elevado, faz com que o vaqueiro grave nele, com ajuda de um punção, o desenho do ferro da fazenda. Os chocalhos são escolhidos cuidadosamente pelos vaqueiros nas casas de ferragens, escutam o batido de cada um e vão refugando os fanhosos. Guardam de memória o seu som e, no campo, muitas vezes, tiram o chapéu, erguem-se nos estribos para escutar e sentenciam: “bate o chocalho da vaca fulana...” Exp.: *Destampado que só chocalho de lote em pé de serra*, alusivo aos indivíduos estabanados, falastrões. Já no sertão velho, existia uma lei do silêncio: “Comboios ou tropas de

animais não poderão entrar e sahir nesta cidade com chocalhos destampados, nem serão conservados soltos, jungidos ou peiados no perímetro da cidade.” (Artº 43 da Lei 596 de 16/abr./1885 que aprova o Código de Posturas da Câmara Municipal de Mossoró). *Beber água de ----*, é crença sertaneja que as crianças demorando a falar devem beber água de chocalho.

Chocar¹, v. Gíria galista usada quando o galo se recusa a enfrentar o adversário; o mesmo que esfriar ou chorar cabeleira.

Chocar², v. Incubar.

Choco, s. Ato de chocar. Estado fisiológico da ave, surgido após o período de postura e caracterizado pelo aumento sensível da temperatura do corpo. O tempo médio de incubação das diferentes aves domésticas (em dias) é o seguinte: canária 14/16; galinha ou guiné 21/25; gansa 30/35; marreca 28/30; pata 30/35; perua 28/30 e pomba 18/20.

Chorar cabeleira, exp. Diz-se quando o galo se recusa a brigar, arrepiando characteristicamente as penas da cabeça (gíria galista).

Choro de gado, exp. Diz-se quando o gado (bovino) fareja o sangue de uma rês sacrificada e muge tristemente. Alguns afirmam que, quando assim choram, vertem lágrimas. “[...] o gado da região [...] até que, por faro ou por instinto, não o sei bem dizer, aproxima-se da matança, cabeça baixa, cheirando o chão, soprando, uma a uma, duas a duas, três a três, aos magotes, reunindo-se, enredando-se, avolumando-se até que depois de alguns momentos todo o gado está aglomerado, urrando, berrando, em coro

forte e altissonante, escarvando a terra, deixando cair, pelas cavas dos olhos umedecidos, grossas e pesadas lágrimas, indicando que ali derramou-se o sangue generoso da espécie.” (MELO, M. 1951).

Choupa, s. (V. *Chuço*).

Chouriço¹, s. Parte cilíndrica do rabicho que fica sob a cauda do animal (V. *Sela*).

Chouriço², s. Doce feito com sangue de porco; é sobremesa típica da cozinha regional.

Choutão, adj. Diz-se de equídeo que anda somente chouto. O sertanejo pronuncia chotão, chotar, choto... *Certas coisas, neste mundo / Deixa a gente incomodada: / andar em burro choutão, / Dormir em rede furada. / Tirar espinho com faca, Que tem a ponta quebrada.* (MOTA, L. 1928).

Choutar ou **Choutear**, v. Andar chouto. [...] *parece uma maldição / não corre, sai choteando / dos vaqueiros caçoando / faz a pintura do cão.* (SILVA, J. B. 1956).

Chouto, s. Trote miúdo e incômodo; andamento comum do cavalo de campo. *Correndo no mesmo choto / dos vaqueiros caçoando / 200, 300 braças / ia na frente deitando...* (SILVA, J. B. 1956). Dit.: *Carreira de velho é chouto.*

Chuçar, v. Golpear com o chuço.

Chuço, s. Espécie de choupa de ponta afiada e encastoados em um cabo de madeira que usam para sacrificar o gado bovino, golpeando-no no cabelouro.

Chuva, s. O tempo das chuvas é o inverno para o sertanejo nordestino. Assim é que dia bonito significa céu nublado, ameaçador; ao contrário de dia feio, quando ensolarado e varrido de nuvens. “A chuva é assunto de maior importância e constância nas palestras sertanejas, onde é traduzida na medição visual das expressões regionais: *Uma chuvinha que mal deu pra apagar a poeira*, é o chuvisco que apenas umedeceu a camada mais superficial do solo; *chuva que dá pra corrê os duros*, quando a água corre nos lugares arenosos e argilosos; *mal deu pra corrê as goteiras*, semelhante à de apagar a poeira ou, quando muito, correr os duros; *chuva de imendá as goteira*, é a chuva grossa, fazendo correr os riachos, juntando água; *chuva de castigo ou de matá sapo afogado*, é a tempestade, fazendo os rios transbordarem dos leitos, arrombando açudes, causando prejuízos; *chuva com trovão de estalo* (agudo) ou *redondo* (grave). *Quando o pássaro goteira cantá e o pai da coalhada falá grosso...* quando as goteiras correrem abundantes e o trovão ribombar nas serras... Nas madrugadas que precedem os meses de inverno, saem aos páteos para urinar, espiar os céus e ler nas nuvens as promessas de inverno: – *Esta noite tinha um torreame* (cúmulos) *muito baixo, no rumo do Piauí, e quem tocou* (interrompeu) *o relâmpago foi o quebrar da barra* (clarear do dia)... *Amanhã, se Deus quizé, chove. A lua nasceu por trás duma barra* (nuvens de chuva) *e a noite toda o trovão cantou prô nascente...*” (FARIA, 1961). Curiosamente o gado (bovino) recebe a pancada da chuva de frente e os animais (equídeos) de costas (?).

Cilha, s. “A cia sertaneja é uma correia de sola medindo pouco menos de uma braça e aproximadamente dois dedos de largura que,

afivelada à altura do cilhadouro do animal, firma nele a sela. Habitualmente, nos sertões, usa-se uma única cilha, ao contrário de outras regiões em que é complementada com uma barrigueira. Nas selas de campo – roladeiras – a cilha é singela, forte e sem qualquer enfeite, já que nas outras, de passeio ou viagem, é, mais das vezes, embelezada com uma trança-fechada de 3 ou de 5 pernas.

Cincho, s. Forma, ordinariamente de madeira e de formato retangular, desmontável, onde se coloca o queijo fresco, ainda quente e pastoso, para esfriar e tomar consistência.

ESPÉCIES	Matu- ridade sexual (meses)	CIO DOS ANIMAIS					
		CIO (CALORES)			GESTAÇÃO		
		(dias)	Repetição (média)	Reapareci- mento após o parto	Máximo	Mínimo	Média
Cabra	8 a 12	2 a 3	21 dias	6 a 8 semanas	160	135	150
Cadela	7 a 12	10 a 14	6 meses	3 a 5 meses	63	58	60
Égua	18 a 24	4 a 7	10/37 dias	7 a 11 meses	345	320	335
Gata	7 a 12	9 a 10	—	2 meses	60	50	56
Jumenta	8	7	10/17 dias	—	385	350	365
Ovelha	8 a 12	2 a 3	16/17 dias	6 a 8 semanas	160	135	150
Porca	7 a 12	2 a 4	21 dias	5 a 8 semanas	121	110	114
Vaca	12 a 18	2 a 3	21 dias	18 a 21 dias	305	268	282

Fonte: NEIVA, Cícero. Formulário de terapêutica veterinária, 2. ed. Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola, 1953 (exceto a coluna de “repetição”).

Cio, s. Apetite sexual. É um fenômeno fisiológico periódico que se caracteriza pela exaltação dos instintos sexuais da fêmea e se relaciona com a maturação do óvulo. “Normalmente os machos

chegam, 2 a 3 vezes mais cedo, à maturidade sexual, que as fêmeas. Estando em condições de procriar, começam, então e periodicamente, os calores (cio) nas fêmeas, repetidos, desde que não haja fecundação, de ordinário, 3 a 4 semanas depois". Dit.: *Porca com 3 meses, 3 semanas, 3 dias e 3 horas – bacorinho fora...*

Cipó¹, Pênis. ---- *de boi*, (V. *Umbigo de boi*).

Cipó², Vara fina e flexível que serve para açoitar a montaria.

Cirigado, adj. Diz-se de bovino que possui pelagem lisa com pintas nas ilhargas.

Ciscar, v. Revolver o chão, o cisco, espalhando poeira e detritos. Próprio de algumas aves. [...] *uma asa elevantou / com força me açoitou / e danou-se pra ciscar*. (LEITE, s/d).

Cisma, s. Cócega que sentem alguns animais (equídeos), especialmente nas orelhas.

Cismado, adj. Diz-se do animal que tem cisma; desconfiado; que reage quando se toca em suas orelhas ou em outra parte qualquer do corpo onde tem cisma.

Coalhada-escorrida, s. Coalhada posta para escorrer o soro, pendurada em um saco de algodãozinho. É uma das primeiras fases da fabricação do queijo de manteiga (do sertão ou do Seridó). Comida com açúcar, é prato muito apreciado e considerado de maior sustância, porém tido injustificadamente como comida-pesada.

Coalheira, s. Viscera de pequenos animais usada para fazer coilar o leite; o mesmo que *coalho*.

Coalho, *s.* Estômago de pequenos animais (mocó, caprino, ovino) conservado em sal e utilizado para coalhar o leite na fabricação do queijo de coalho.

Cobrir, *v.* Copular, padrear, cruzar, pegar, enxertar, acasalar.

Cocão, *s.* (*V. Mesa in carro de boi*).

Cochê, *adj.* Diz-se do animal coxo, manco. *O sinal dessa vaquinha? / Cara branca, punaré, / Traz o ferro do Burrel, / Não tem cauda, é cochê* (A Vaca do Burrel in ROMERO, 1897). Dit.: *Dá-lhe cochê com a ponta do pé*.

Cocheira, *s.* Cochos sob cobertura à moda estábulo, onde se abriga e arraçoa equídeos.

Cocho, *s.* Mangedoura; gamela. *Comer no mesmo ----, aparceirar-se*.

Cocoricar ou **cocuricar**, *v.* É o canto onomatopaico do galo. “Um galo que estava agasalhado num dos ramos da mangueira cocuricou por duas vezes, anunciando a manhã.” (PEREIRA DA COSTA, 1936). No sertão velho o primeiro canto do galo marcava 1 hora da madrugada; o segundo, 2 hs da madrugada e o amiudar do canto, 4 hs da madrugada (V. tb *Galo*).

Coelho, *s.* “Todas as raças de coelho doméstico descendem do coelho selvagem (*Oryctolagus cuniculus*), originário da Europa Meridional. A sua domesticação deve ter ocorrido na Península Ibérica. Somente na Idade Média, propriamente, é que podemos considerá-lo em domesticidade, criado em coelheiras, na maioria dos casos, nos conventos.” (DOMINGUES, 1960). No Rio Grande do Norte as raras criações têm mais o sentido recreativo que

econômico. Em diferentes épocas, órgãos do governo têm introduzido animais das diferentes raças, sem uma orientação mais segura, nem continuidade. O nosso coelho do mato (*Sylvilagus minensis*) já hoje rareado (litoral-agreste) constitui espécie bem diversa do coelho europeu. Atinge uns 35 cm, de cor amarelo-pardacenta, não escava galerias, e vive escondido nas touceiras do mato, saindo à noite em busca de alimentos. Sua carne não é das mais apreciadas.

Coice¹, s. Golpe desferido pelas patas dos animais. Exp.: *Murchou as orelhas, juntou as quatro patas e largou um coice...*

Coice², s. Conjunto traseiro ou última rês de uma boiada ou comboio. O inverso de guia. *Bemtivi quando foi preso / Naquele temeroso dia, / Todo povo era do coice, / Só Bemtivi era guia.* (CARVALHO, 1928).

Coiceiro, adj. Diz-se do animal que tem o vício de escoicear.

Coída, s. Nata que se forma no leite cozido.

Colchão, s. Parte alta dos quartos traseiros da rês.

Colete, s. (V. *Guarda-peito*).

Colhudo, s. Macho inteiro, i. é, que não foi castrado.

Cólica, s. Dor de barriga. Abus.: “Quando o animal come palha de milho mucha, paia sisuada, e fica com dor de barriga, dar 3 chineladas (com chinelo de mulher) na barriga do cavalo” (CÉSAR, 1941). Outros remédios: beberagem de açúcar bruto (ou de rapadura), de ninho de cupim e também fazê-lo correr.

Colonha, *adj.* Diz-se de caprino que possui pelagem clara com manchas castanhas. *Só coma galinha roxa, / Cabra da pinta-colonha. / Assim mesmo deste jeito, / Inda diz que tem vergonha* (MOTA, L. 1961).

Colondinos, *s.* Testículos, grãos, quibas.

Colostro, *s.* Leite segregado pelas fêmeas nos primeiros dias após o parto. É também chamado *leite novo*. Tem efeito laxativo e preservativo de doenças.

Comboiar, *v.* Tanger comboio.

Comboieiro, *s.* Tangedor de tropa de animais ou comboio. O mesmo que *tropeiro*. “Ali, acolá, o gurinhém estala com força acompanhado de um assobio longo e fino que só canto de cigarra ao meio-dia e ponto. E o poeiriço vai ficando atrás, deixando uma nódoa cinzenta no ar. Os comboieiros vão montados em seus burros seleiros, com a camisa de brim grosso listrado por fora das calças, um bom par de apragatas nos pés, um guarda-peito de couro curtido, na frente, amarrado à cintura, uma bruaca enfeitada de florões de prata (V. *Carteira de matuto*), ao lado, onde guardam o dinheiro e o fumo, uma grande faca de ponta, no quarto, entrançada com pistola de dois canos, chapéu de couro ou de massa, coberto de pano, sem falar no cachimbo ou no cigarro feito com mortalhas de papel compradas nas vendas. O comboieiro era o traço de união entre a várzea e o sertão, entre as serras e as salinas. Ainda mais: – era o correio, o telegrafo, o mensageiro predileto de amigos e patrões. O intermediário valoroso das nossas transações comerciais. Fator indispensável no progresso das cidades sertanejas”. (MELO, M. 1951). *O besouro*

mangangá / faz a casa no capim, / comboeiro tocou fogo, / o besouro levou fim (trova popular).

Comboio, s. Tropa de equídeos, aparelhados com cangalhas, que faziam o comércio da praça para o sertão e entre as feiras sertanejas. “Todos os lotes ou comboios de animais, que entrarem nesta praça com cargas ou sem elas, serão conduzidos a passo, atados uns atrás dos outros, e levados pelo meio das ruas até o lugar de seu destino” (Posturas da Câmara do Recife, 1831). “Até 1877 os nossos antepassados dependiam, para a sua manutenção, dos gêneros de primeira necessidade (excetuando os fornecidos pelo rebanho) trazidos de outras praças em comboios de éguas para o Seridó. Quatro viagens anuais abasteciam suas dispensas: uma, de milho, no Teixeira (PB); uma, de feijão, no Brejo (Esperança, PB); uma, de sal, em Assu ou Macau (RN) e a quarta, de rapadura, no Cariri do Ceará”. (FARIA, 1961).

Cumbuco, adj. Diz-se quando a rês tem os chifres curtos, baixos e voltados para dentro, quase se tocando.

Comer no chão, exp. Significa quando, com o despontar das bugens nas primeiras chuvas, o gado começa a pastá-las.

Comida, s. Alimento. Designa, frequentemente, o local onde o gado está sendo arraçoadado durante as secas com a queima de espinho (macambira, xiique-xiique, cardeiro etc.). O mesmo que *trato de gado*.

Comprar o ferro, exp. O ferro (V. este verbete) pode ser criado, herdado ou comprado a aqueles que perderam a semente de gado e deixaram de criar. O de meu pai (Juvenal Lamartine de Faria,

1874-1956) foi havido de uma tia dele chamada Silvana, cujo pai o adquiriu nos sertões do Piauí quando por lá andou comprando gado para refazer. ---- *da boiada*, adquirir direitos sobre toda e qualquer rês que eventualmente tenha ficado ao longo da estrada por estouro da boiada, extravio, doença, ou qualquer outra razão. “[...] assinarei documento endossado pelo meu sócio, para pagar-lhe em 30 dias, com mais outra cláusula: eu compro o ferro da boiada. Quer isto dizer: se aparecer algum remanescente da aftosa, a 1^a sociedade, na confirmação da venda, perde o direito porque ficará vendido o ferro da boiada”. (CUNHA, 1971).

Contador, *adj.* Aquele que conta ou confere o gado em retirada. Geralmente recai a função na pessoa mais diligente e esperta. “E quando a barra vem mostrando os seus primeiros raios, os condutores alertam os seus tangerinos e seguem para juntar o gado, encontrando toda a boiada deitada. Ao passo que vão reunindo-a, destaca-se o encarregado mais capaz, “contador”, vai dividindo os lotes até 150 bois, junto ao condutor, entregando a este, ou a cada um, aquela parte que segue à estrada, até a dormida seguinte”. (CUNHA, 1971).

Contar-estrelas, *exp.* (V. *Rédeas*).

Contra-marcha, *exp.* Andamento dos equídeos, cuja velocidade de deslocamento é maior que o galope e menor que o meio.

Contraferrar, *v.* Ferrar novamente. Queimar o ferro do comprador acima do ferro do vendedor. “O animal que passa para o novo proprietário é contraferrado, i. é, leva o ferro do comprador na anca direita, à direita do ferro velho.” (ALBANO, 1918).

Cor, *s.* (*V. Pelagem*); ---- *de burro quando foge*, cor indefinida, imprecisa.

Coração, *s.* Desenho cardiforme das partes plantares dos cascos dos equídeos que, eventualmente, em solos úmidos ou arenosos, pode modelar os rastros. Na peleja Chica Barrosa-José Bandeira, este explica: [...] *Quem tem 5 coração / É um burro ou um cavalo; / Tem o coração comum / E as quatro fêmeas no casco* (MOTA, L. 1961).

Corajoso, *adj.* Diz-se do animal que não tem medo, enfrentando com segurança e destemor os perigos ou obstáculos.

Corcel, *s.* Cavalo. *E quando eu lhe fui cobrar / O dinheiro do aluguel, / Disse-me ele – seu corcel / É que me deve pagar.* (BATISTA, 1971).

Corda de laçar, *s.* Corda, em geral de couro cru, trançada e bem tratada com óleo ou sebo de boi, destinada a laçar o gado nas lutas de curral. O nosso vaqueiro é, em geral, mau laçador, no que difere do gaúcho.

Cordeiro, *s.* Ovino novo; o mesmo que *borrego*.

Cordoveia, *s.* Cordão testicular.

Coré-coré, *interj.* Voz usada para chamar porcos (MELO, M. 1953).

Corpo, *s.* Usado nas expressões: *dar de ----, defecar, mãe do ----, útero; perder o ----, abortar.*

Corra, *s.* O mesmo que *busca*.

Corredor¹, *adj.* Diz-se do bovino ou equino que corre muito, de muita velocidade de deslocamento.

Corredor², s. Passagem ou estrada estreita, limitada por cercas laterais.

Corredor³, s. Fêmur dos bovinos. O tutano do corredor é prato de sustância no sertão e dizem que o seridoense tem a munheca grossa de bater corredor. “Naquele tempo batia-se corredor no almoço, no jantar e na ceia, para extrair o tutano, muito apreciado pelos sertanejos por ser considerado entre todas as comidas a que dava mais vigor.” (JOFFILY, 1892).

Correger, v. Procurar, rever, vistoriar (o gado).

Correias do chifre, s. (V. *Carro de boi*, IV. Utensílios). *Apartar as correias do chifre*, por extensão, tem o significado de desentendimento, desunião, separação entre pessoas anteriormente muito unidas.

Correr, v. Usado nas expressões: ---- *a gado*, correr a cavalo em perseguição a uma rês; ---- *a sela*, o mesmo que esbrabejar; ---- *com a sela*, “o cavaleiro, apeando-se para qualquer necessidade natural, vendo sua montada fugir, desertando do serviço, [...] deixando o senhor a pé, sem meios de condução no meio da estrada. Aplica-se a imagem ao homem desidioso, destituído de vergonha, indigno do convívio com decência e lealdade. Há, porém, outra explicação [...]. Quando um fidalgo, desde o tempo das Cruzadas (séc. XI-XIII), portava-se indecorosamente nas campanhas militares, [...] raspavam-lhe a cabeça (descalvação), quebravam-lhe as esporas [...], e ao fim obrigavam-no a sair da assembleia carregando uma sela nos ombros. *Corria com a sela*, estava, para sempre, desmoralizado.” (CASCUDO, 1968); ---- *ir-manado*, o mesmo que fazer esteira: *O Medalha e o Pedrosa/ Cor-*

ria sempre irmanado, / Um duma banda, outro doutra, / E eu no meio imprensado. (CASCUDO, 1957); ---- *no balanço dos paus*, correr no mato, sem avistar a rês, guiando-se pelo balançar dos galhos decorrente de sua passagem; ---- *no espinho*, o mesmo que correr no mato, na caatinga; ---- *no grito*, correr guiado pelos gritos esparsos emitidos pelo vaqueiro da dianteira; ---- *no limpo*, o mesmo que no pátio, i. é, em lugar limpo, sem obstáculos; ---- *no rastro*, os exímios rastejadores conseguem galopar em perseguição à rês, guiados pelos rastros deixados pela mesma.

Corrida de gado, *exp.* Festa popular e tradicional no Nordeste. O mesmo que *vaquejada*. A gradação é *ensaio, bate-sola, vaquejada e corrida*.

Corrida de touro, *s.* Divertimento do folclore infantil rural. “Um dos presentes era escolhido *touro*, enquanto os demais formavam a grande “corda” ou “cerca” por onde devia passar o boi. O *touro* ficava a uma distância de 10 braças e gritava: *O touro passa! / Não passa! / Touro passa! / Não passa! / E se passar? / Tem cavalo pra correr / E cachorro pra pegar*. Ditas essas palavras, o touro fazia carreira, marcava o lugar onde julgava que a “corda” fosse mais fraca, jogando se com toda a força nos braços entrelaçados dos outros, tentando partir a corda. Se o *touro* passava, todos os *cavaleiros* e *cachorros* seguiam-lhe a pista, até trazê-lo preso para o curral...” (MELO, M. 1951).

Corruchiar, *v.* Canto chilreado do canário da terra quando faz corte à fêmea. Pilhericamente é extensivo às pessoas que tentam não muito discretamente conquistar uma mulher.

Cortadeira, s. Peça de metal, geralmente denteada e que faz parte da cabeçada. Quando em uso, as senta na porção inferior do chanfro dos equídeos. (V. *Rédea*).

Cortar fumo, exp. Usada para designar quando o cachorro defeca repetidamente por motivo de dor (surra) ou de medo. É, naturalmente, alusivo ao sistema de retalhar fumo de rolo nas feiras sertanejas. Em princípio das eras de 1950, em Barra do Corda (MA), assistimos um cachorro tido como muito promissor para caça graúda, passar a *cortar fumo* e refugiar-se nas pernas do dono, quando farejou uma onça pintada. Por extensão, é usada como caçoada ao comportamento de pessoas mofinas. Dit.: *Corta fumo* (ou *caga fino*) que só cachorro na peia.

Corteleiro, s. “Boi manso, que vem sempre ao curral, por oposição ao barbatão, que é sempre amontado”. *Eu tinha um boi espácia, / Que era meu boi corteleiro* (*O boi espácia* in ROMERO, 1897). O vocábulo tem sua origem no radical *corte*, termo português.

Cortiço, s. Colmeia rústica para exploração de abelhas silvestres. Habitualmente o sertanejo se limita a cortar nas duas extremidades o oco de pau onde a abelha fez morada e, depois de tapá-las com barro, pendura-o nos beirais do telhado de sua casa. Outros mais zelosos, manufaturam caixas compridas para onde fazem transplantar as abelhas. As madeiras mais usadas são a imburana e a catingueira, por se apresentarem frequentemente ocadas: *Xique-xique é pau de espinho, / Imburana é pau de abelha...* (quadra popular).

Costal, *s.* Carga de peso equivalente que se amarra de cada lado da cangalha, para ser conduzida pela alimária.

Costaneira, *s.* Parte lateral da boiada. *Seu Zé Bento e seu Reimendo / São as duas cabeceiras, / Seu Estêve mais seu João, / Tomem conta das esteiras: / Eu sou guia: e o restante / Faça coice e costaneira* (SERRAINE).

Costela-mindinha, *s.* Última e menor das costelas flutuantes: “Pegô o tiro nu braço, entrô nele di banda, saiu na costela-mindinha...” (LIMA, 1965).

Cotó, *adj.* Diz-se do animal que perdeu parte da cauda. *Era uma vaca cotó / Da fazenda da Passira:/ Mataram e eu comi dela, / A qual chamavam Traíra* (COUTINHO FILHO, 1953). Ditado: *Cachorro cotó não atravessa pinguela*. Quando a perda da cauda é total, designa-se *suru*.

Couro, *s.* Pele dos animais. O sertanejo não costuma distinguir, no seu falar, couros de peles; diz apenas ---- *de gado*, de bovinos ou de caprinos e ovinos; ---- *de criação*, cru, o que não foi curtido; ---- *em cabelo*, o que não foi descabelado quando curtido; ---- *fresco*, é o couro cru que não foi curtido, recém-esfolado (verde). Dit.: *Dar o couro às varas* (morrer; alusivo ao espichamento do couro por varas em X). • *Eu quero é o couro ...* (desejar o infortúnio alheio). • *Sofre que só couro de pisar fumo* (o rapé é pulverizado em um couro em que é martelado). ... *de couro grosso* (afeito a uma tarefa ou situação, sofrido). *Tirar o couro pelas costas* (alusivo ao aprendizado de seis séculos, quando o rei Pedro o Cru

mandou arrancar pelas costas o coração de Álvaro Gonçalves, matador de sua amada, a bela Inês, aquela que depois de morta foi rainha...).

Coxim, *s.* Peça, em geral, de fios, fofa e macia, que se coloca sobre a sela para torná-la mais cômoda nas viagens. Há coxins confeccionados com couro de carneiro lanudo. Almofadamento da sela em que se assenta o cavaleiro; internamente, há uma peça de algodãozinho, costurada com sovela curva e colada com grude, que é cheia de penas de papo da ribaçã, cabelos cortado-miúdo da cauda do gado ou ainda com pendão de cana.

Cria, *s.* de Animal novo, filhote.

Criação, *s.* Serve para designar o conjunto de pequenos animais (caprinos, ovinos), em exploração.

Criatório, *s.* Fazenda de gado. *Era o coronel Jararaca, / rico, e grande fazendeiro, / seu criatório era gado. / cavalo, bode e carneiro...* (PONTES, s/d).

Crina, *s.* Cabelos que crescem na parte superior do pescoço dos equídeos e nas vértebras da cauda. As crinas do pescoço dos cavalos são, normalmente, caídas para o lado direito. João Bernardo de Medeiros (1899-1987), vaqueiro que se criou em riba de uma sela em ribanceiras do Caicó e arguto observador daqueles mundos dizia: cavalos com crinas caídas para as esquerdas é porque, em podrinhos, costumavam mamar sempre do lado direito da égua-mãe. Esse atrito frequente forçava o crescimento das crinas para as esquerdas. Ripar as crinas e aparar a cauda das montarias é usança moderna.

Crista, s. Excrescência carnosa, de formato variável, da cabeça dos galináceos; ---- *dentada* ou de *serra*, quando tem os bordos recortados em dentes de serra (raça Legornh); ---- *de rosa*, quando em carúncula. Nos galos de briga, quando se apresenta muito saliente (raça Aseel), costuma ser cirurgicamente eliminada. *Fazer cair a ----*, fazer recuar, perder o entusiasmo, acovardar-se. ---- *de peru*, impotente sexual (alusivo à crista desta ave, permanentemente caída). Anselmo Vieira de Souza (1867- ?) cantava: *Quem quisé brigá comigo / Traga espingarda e facão: Se fô frango, eu toro a crista, / Se fô galo, os esporão...*

Croa, s. Lugar mais elevado nos leitos ou várzeas dos rios, não atingido pelas enchentes e onde o gado se abriga, quando as águas sobem. Corr. de *coroa*.

Crueira, s. Pipoca; caroço; bouba aviária.

Cruz, s. Cernelha nos equídeos, garrote nos bovinos.

Cruzar¹, v. O mesmo que *passar* na gíria galista. Também corresponde à segunda fase da luta, quando já mais cansados os combatentes cruzam os pescoços e procuram se bicar mutuamente para golpear com os tarsos e esporas.

Cruzar², v. Acasalar raças diferentes. Cobrir, copular.

Cu, s. Ânus (chulo). Usado nas expressões: ---- *de boi*, arruaça, briga, encrenca; *boi de ----* branco, mofino, frouxo, degenerado (alusivo aos bovíos nos que apresentam a mucosa do ânus despigmentada). Dit.: *Mais enxerga o dono com o olho do cu que o encarregado com os dois da cara*. Quando da pegada do inverno

(primeiras chuvas) o sapo cururu aparece às centenas, comendo tanajura e outros insetos, nas estradas de rodagem, onde os faróis dos carros os atraem; os cururus são esmagados pelos pneus e as vísceras saem pelo caminho mais longo, i. é, pela boca; daí a conclusão comparativa: *arrochado que só cu de sapo...*, ---- *de pinto*, costura frouxa.

Cuche-cuche, *interj.* Voz usada para atrair os suínos à ração.

Culote, *s.* Parte traseira da coxa, formada pelos músculos nade-gueiros. Nas raças bovinas de corte costuma ser volumosa e caída; é fina e seca no gado leiteiro.

Cupim, *s.* Depósito de músculo e gordura sustentado por fortes músculos e localizado na região do cangote. O cupim é uma característica das raças bovinas indianas. O mesmo que *mamilo*, *castanha* e *giba*. *Não há boi sem ser castrado, / Nem touro sem ter cupim, / Nem doutor sem ser formado, / Nem pastagem sem capim* (Luís Dantas Quesado *in MOTA, L.* 1961).

Cupira, *s.* Abelha silvestre (*Partamona cupira*, F. SM).

Cura, *s.* Curativo, geralmente em bicheiras e ferimentos. O mesmo que *benzedura*.

Curado, *adj.* Diz-se da rês, animal ou criação que a crença popular considera imune ao veneno da cobra ou de determinadas doenças contagiosas, dado ao poder de benzeduras.

Curar no rasto, *exp.* Crença popular que afirma ser possível a cura de bicheira por meio de rezas e benzeduras proferidas diante do animal (V. Benzer).

Curral, s. Área cercada, em terreno levemente inclinado ou de solo poroso, comumente próxima à casa do vaqueiro ou à sede da fazenda, destinada ao manejo do gado. Primitivamente eram de madeira de lei (miolo de aroeira) em pau-a-pique ou pedra; hoje já os constroem de diferentes maneiras, inclusive de alvenaria e arame-liso. A porteira, de pau de correr, é sempre assentada no rumo do nascente: “A direção da porteira do curral, que só pode ficar no sentido do nascente, para assegurar a prosperidade do gado” (GALVÃO, 1969). Provavelmente, é tão velho quanto a domesticação do gado. “Espaço fechado de muros, destinado a guardar as ovelhas, Jr. 23.3; Ez 34,14, durante a noite. Os apriscos permanentes tinham porta de entrada, cp. Nm. 42.16; Jo 10.1. Por cima dos muros punham galhos de espinhos” (DAVIS, 1960). Dit.: *Boi sonso é que arromba curral.*

Curraleiro, s. Gado nativo descendente ainda dos bovinos introduzidos pelo português colonizador. Hoje é mais conhecido como *pé-duro*.

D

Dar, *v.* Marar, chifrar, arremeter com a cabeça ou chifres. O refrão de uma canção popular abona: *O garrote partiu pra mim pra dá...* O sertanejo diz da. Loc.: *---- a costela*, diz-se do cavalo que por não resistir à aberta, no momento da mucica, procura se escorar na rês (gíria de vaquejada): *---- adeus com o rabo*, diz-se quando a rês, correndo mais que os cavalos, foge antes do vaqueiro poder segurar-lhe a cauda: *O Major Chico Vicente, / Correndo como o diabo, / Botou-lhe o cavalo em cima / Querendo de mim dar cabo / Estirei pelo terreiro / Lhe dando adeus com o rabo* (CASCUDO, 1969); *---- cria*, parir, dar à luz; *---- de corpo*, obrar, defecar; *---- de perna*, correr, fugir; *---- de rédea*, correr, aumentar a velocidade da marcha do animal; *---- limpa*, fugir (a rês) sem que os vaqueiros consigam alcançá-la; *---- linha*, distanciar-se do perseguidor: *Nesta passagem dei linha, / Descansei meu coração, / Que não era desta feita / Que o Rabicho ia ao moirão* (Romance do Boi Rabicho); *---- o couro às varas*, morrer (alusivo ao fato do couro ser espichado para secar com auxílio de varas); *---- tabaco*, o boi que arranca da mão do vaqueiro, fugindo do pátio sem haver sido derrubado. Deixou um cheiro do rabo na mão do cavaleiro que não o soube derrubar. Ficou com a pitada: *Vinha Maneco, Soares, / Firmino, Totonho, Brinco,/ Vicente do Logradouro, Mundoca do velho Linco. / Não arrajaram foi nada: / Dei tabaco a todos cinco* (CASCUDO, 1969); *---- tapa*, dar queda violenta no boi.

Debeber, *v.* Dar de beber, dessedentar.

Debulho, s. Alimentos mastigados e em início de digestão, encontrados no estômago dos ruminantes: *Do debulho do Boi Espácio / Dele se fez barrela, / Para se lavar a roupa / Da gente da Manoela (Romance do Boi Espácio in ROMERO, 1897).*

Deixar, v. Vencer pela carreira ou pelo esgotamento; esgotar os cavalos na perseguição da corrida. No Romance do Boi Surubim, está abonado: *Tirou-se 20 cavalos / Escolhidos pela flor, / Para pegar Surubim, / Todos 20 ele deixou...*

Deitar, v. Incubar. É afazer das mulheres. Quando sua economia permite, juntam os ovos das melhores galinhas e, quando uma, reconhecidamente boa criadeira, fica choca, preparam o ninho para incubação (10 a 12 ovos). Pessoas pobres ou com minguadas criações de terreiro, quando não dispõem de uma galinha choca, pedem-na emprestada e tiram a ninhada de 1/3 ou 1/2. O ninho é feito em local sossegado e abrigado. A preparação do ninho é precedida de abusões: para que a ninhada seja predominantemente de fêmeas, usam deitar os ovos com a mão esquerda; ou fazer o ninho com molambos de uma camisa de mulher; ou riscar uma cruz na casca dos ovos, rezando 3 vezes: *Na hora de Deus / e de São Salvador, / Seja tudo fême / e um cantador.* (CÉSAR, 1941). A *lua no mês de janeiro, / Quando é no quarto-crescente, / As mulheres deitam galinha, / Os homens plantam semente...* (BATISTA, 1929).

Dente, s. A idade do gado é determinada pelos dentes. Os ciganos costumam modificá-los, limando e pintando os dentes dos animais. Dit.: *Cavalo dado não se espia os dentes.* (V. Tipo de marca, Assinar).

Derradeiras, *s.* Placenta, porquanto no parto é a última parte a ser expelida. O mesmo que as *Últimas*. (V.)

Derrengado, *adj.* Diz-se dos animais de dorso selado, em consequência de excesso de peso nas cargas ou por defeito congênito. Descadeirado, escambichado: ... só de escalva tinha quatro / e o espiinhaço quebrado, / tinha os quartos derrengado... (SILVA, J.B. 1957).

Derrubar¹, *v.* Jogar a rês ao chão, puxando-a pela cauda: Zé Preto do Boqueirão / foi quem mais se aproximou, / Quase lhe pega a cauda, / Porém não o derribou (SILVA, JB. 1957).

Derrubar², *v.* Cortar a vegetação para situar uma cultura. O mesmo que brocar.

Desaparecer, *v.* Apear-se da montaria.

Desbocado, *adj.* Diz-se do equídeo que, ao ser solicitado pelas rédeas, levanta ou sacode a cabeça. (V. Rédeas).

Descanelada, *adj.* Que tem membros (canelas) longas e descarnadas. A canção popular registra: Eu Tenho uma mula preta / De 7 palmos de altura. A mula é descanelada, / Tem uma bela figura...

Descangotamento, *s.* Relaxamento dos músculos do pescoço, quase sempre provocado pela mordedura da cascavel.

Desimpedir, *v.* Desobstruir. Frequentemente usado para designar as fêmeas que, em trabalho de parto, não expulsaram a placenta. O mesmo que *Desocupar*.

Desistir, *v.* Defecar, estrumar, dar de corpo, obrar.

Desleitar, *v.* Ordenhar; tirar o leite; mun gir.

Desmamado, *adj.* Diz-se da cria apartada, i. é, que deixou de mamar. Dit.: *Berra (ou Chora) mais que bezerro desmamado*.

Desmentir, *v.* Deslocar uma articulação, sofrer entorse.

Desmontar, *v.* Apear da montaria; descavalgar.

Desocupar, *v.* Expulsar a placenta; desimpedir.

Despachar, *v.* Expelir a placenta, no parto. A negativa “não despachar” é de uso mais corrente para designar a retenção da placenta.

Despear, *v.* Livrar o animal das peias; soltar.

Despencar, *v.* Dissecar a carne do gado, separando-a em camadas ou mantas.

Destemperado, *adj.* Que está sofrendo de desinteria.

Destribar, *v.* Deixar dos pés os estribos durante a marcha ou carreira do animal.

Dianteira, *s.* A junta dos bois que é encangada na frente das outras; daí ser também chamada de *junta de guia*.

Diferença, *s.* Sinal (*V. Assinar*) que no sertão velho se costumava fazer, à guisa de ribeira, na orelha esquerda das miunças: “os sertanejos costumam dizer que na orelha direita faz-se o sinal e na esquerda a diferença” (ALBANO, 1918).

Divisa, *s.* O mesmo que *letra* ou *ribeira*. Na boca de poucos serve também para designar o número ou sinal que cada filho do fazendeiro usa para se diferenciar do ferro o pai.

Dízimo, s. Tributação. A Lei Provincial nº 503, de 05/jun./1861, sancionada pelo Presidente da província, Pedro Leão Velloso, rezava: “Art. 1º) A arrecadação dos dízimos de gado vacuum, muar e cavallar das freguezias, em que a arrematação tiver sido feita por cabeças, será confiada a agentes nomeados pelo presidente da província. Art. 2º) Os arrecadadores perceberão pelo seu trabalho uma porcentagem que se regulará pela importância das freguezias, e em caso nenhum poderá exceder a 15%, sendo feita a sua custa todas as despesas até a entrega das rezes arrecadas aos respectivos arrematantes. Art. 3º) No caso de não aparecerem licitantes, ou não serem aprovadas as licitações sobre os dízimos de alguma freguezia poderá o presidente da província mandar arrecadá-los pela forma prescrita no Art. 1º, e vender a particulares os gados assim arrecadados, por preços nunca inferiores às licitações não aprovadas. Art. 4º) A porcentagem de que trata o Art. 2º será paga em dinheiro, não podendo os arrecadadores comprar ou possuir por qualquer modo gado das freguezias em que fizeram a arrecadação, sob perder a referida percentagem, e ficar pertencendo o gado que assim possuirem à fazenda provincial por cuja conta será arrematado. Art. 5º) Os arrecadadores serão obrigados a prestar fiança idônea, e a remetter a thesouraria provincial, no fim da cobrança dos dízimos, uma lista circunstaciada das fazendas, em que a mesma cobrança se houver effetuado, com declaração do produto arrecadado em cada uma dellas, assim em gado como em dinheiro”. O Art. 5º das Disposições Gerais da Lei Provincial 829 que fixava o orçamento da

província para o exercício 1879/1880, determinava: “A arrecadação do dízimo do gado vaccum, cavallar, muar e jumentos, será desde já feita por meio de collectas, pago o imposto a dinheiro, sendo 500 reis por bezerro, 1\$000 rs por poldrinho, e 200 dízimo de miunças das freguezias do Príncipe Jardim, Caraúbas, Acary, Sant’Anna do Mattos, Serra Negra, Apody e Triumpho fica pertencendo às respectivas camaras municipais por espaço de 5 annos....”

Doce de rédeas, exp. Diz-se dos animais que atendem bem as rédeas, com suavidade de gestos de comando.

Domado, *adj.* (*V. adomado*).

Domar, *v.* O sertanejo diz adomar (*V. Amansar*).

Dorso de burro, *exp.* Diz-se do cavalo que possui a linha dorsal arqueada. O mesmo que *espinhaço de camelo*.

Duro, *adj.* Diz-se do equídeo que possui andamento incômodo.

E

Ecô, *interj.* Grito do vaqueiro quando conduz o gado.

Égua, *s.* Bisquara, ilária, besta (v. este verbete); a fêmea do cavalo. *Mama na* ---- tolo, abestalhado: *O pai de família hoje vive / com uma tabua na cara / é papai mama na égua* (ASSIS, s/d). ---- *prá dá leite*, expressão exclamativa.

Eixo, *s.* “Ao carreiro, principalmente, era dado o privilégio de escolher o eixo do seu carro. Porque ele, como ninguém conhecia a excelência das madeiras. Fazia a escolha com um macete, batendo nos paus. Quando a sucupira tinia grosso, a grã era mole e o canto era, por conseguinte, grosso, rouquinho, feio. Significava isto que a madeira era ruim. Quando tinia fino, o canto era como o de uma gaita ou de uma cigarra. Isto queria dizer que a madeira era boa. O mesmo processo era utilizada na escolha dos cocões.” (MELO, M. 1954). V. também *Carro de boi*.

Embamburrado ou **Embamburralado**, *adj.* Diz-se do mato fechado, denso, de difícil penetração.

Embarrigar, *v.* Emprenhar, tomar barriga, estar de barriga ou barriguda; fazer-se pejada.

Embolar, *v.* Cair. “Diz-se quando a rês derrubada rola no chão como uma bola. Gritam aplaudindo: Embolou!” (*Gíria de vaquejada in CASCUDO*, 1959).

Embono, *s.* Inchação ou pequeno calombo na pele.

Encabecerar, *v.* Liderar, seguir à frente, na guia, na cabeceira: “Refeito, ali mesmo, vai encabecerar outra boiada” (CUNHA, 1971).

Empacador, *adj.* Diz-se do animal que tem o vício de empacar (V. *Acuar*).

Empacar, *v.* O mesmo que *acuar*.

Empachado, *adj.* Indigestado, farto, empanzinado. Sensação de paralisação das funções digestivas. Equivale ao *empapado* para as aves.

Empanado, *s.* Vestido de pano, em contraste com o encourado.

Empancador, *adj.* (V. *Acuador*).

Empancar, *v.* (V. *Acuar*).

Empanzinamento, *s.* Enfartamento.

Empanzinhar, *v.* Indigestar, enfartar, encher de alimento.

Empastar, *v.* Criar pastos ou pastagem. Na pegada do inverno, o molhado das primeiras chuvas faz em poucos dias brotar – como um “arrepio verde dos chãos” – a mescla de ervas a que chamam de *babugem*. Com a continuação das chuvas a babugem cresce, fica mais taluda e consistente e se faz em pastagem. (V. também *Enramar*).

Empelicado, *adj.* Diz-se dos que nascem envoltos pela membrana placentária. Pronunciam impelicado, e é tido como sinal de sorte.

Empestado, *adj.* Diz-se do animal ou rês de temperamento mau.

Empinador, *adj.* Diz-se do animal que tem o vício de empinar ou upar, i. é, apoia-se nos membros posteriores e eleva os anteriores

bem acima do solo, ficando o corpo quase na vertical.

Empinar, *v.* Erguer-se nas patas traseiras (equídeos).

Empurgeira, *s.* (V. *Eixo in Carro de boi*).

Empurrar o gado, *exp.* Tanger a boiada até certa distância. Nas retiradas, no primeiro dia de viagem, até o gado cere se acomodar, amagotado, na estrada, o galo p urrado por vaqueiros auxiliares; ---- *do pátio do curral*, tangê-lo até às áreas de pastagem.

Encabelar, *v.* Nascer ou crescer o cabelo: *Que onde eu lhe por a mão / Nunca mais ele encabela: / Dá-lhe o mofo, dá-lhe o rengô. / Dá-lhe o mal e dá-lhe o pela* (BARROSO, 1962). Quando referente aos jovens, tem o sentido de puberdade

Encangado, *adj.* Junto, unido na mesma canga.

Encangalhar, *v.* Aparelhar o animal com cangalhas.

Encapotado, *adj.* Diz-se do animal que, em marcha mantém o pescoço curvo com a cabeça próxima ao peito (pescoço de cisne). É uma postura apreciada nos animais esquipadores. Na antológica peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum, lá para as tantas, canta Aderaldo. *O preço ainda na frente/ todo vestido de branco, / seu cavalo encapotado com o passo muito franco, / riscam numa só vez / todos no primeiro arranco.*

Enchiqueirado, *adj.* Do verbo enchiqueirar. O mesmo que chiqueirar.

Encilhar, *v.* Afivelar a cilha, selar, arrear a montaria

Encontro, s. Articulação das asas das aves. Nos galos de briga ficam quase sempre à mostra e tudo como bom sinal quando se apresentam de cor encamada. *Come pés, pernas e coxa, / Pescoço, encontro e titela, / Sobrecu, asa e espinhaço, / Coração, figo e moela* (CARVALHO, 1928)

Encostar no mourão, exp. Colocar a parelha de cavalos nos lados da porteira e junto aos mouros, esperando a saída da rês.

Encourado, adj. Vestido com roupas de couro ou vesteas.

Encouramento, s. O mesmo que *veste* ou *vêteas*, vestimenta de couro curtido que usa o vaqueiro para campear. De primeiro, era feito de couro de veado por ser mais resistente e duradouro; a xácaria *História sertaneja do valente José Garcia*, confirma a tradição: *Garcia abriu suas malas / aonde tinha guardado /a vestimenta de couro bom guarda-peito arreado / porque o vaqueiro lorde / faz de couro de veado*. Com a extinção desses Cervídeos na quase totalidade dos municípios do Estado, em face da ausência de uma política conservacionista, passou o vaqueiro a manufaturar suas vêteas de couro de bode. Em todas as peças do encouramento, exceto o chapéu, o carnal do couro fica para o lado externo. Euclides da Cunha (*Os Sertões*) melhor o descreve: "...armadura de um vermelho pardo, como se fosse de bronze flexível, não tem cintilações, não rebrilha ferida pelo sol. É fosca e poenta. Envolve o combatente de uma batalha sem vitórias. Forma grosseira de campeador medieval desgarrado em nosso tempo. "Na região litorânea e agreste do Rio Grande do Norte costumam, de uns 20 anos para cá, substituir algumas peças (gibão e peitoral) por uma lona encorpada; justificam

esse procedimento alegando que nessa área o inverno (chuvas) é mais prolongado e costuma chover mais durante o dia, quando se encontram campeando – o que contribui para encascorar os couros. No alto sertão, os invernos são mais curtos, chove mais frequentemente durante as noites, o sol é mais forte e os couros são mais bem curtidos. O encouramento completo é formado pelo *chapéu de couro*, *gibão* (também chamado de vésteas), *guarda-peito* ou *peitoral*, *guarda* (mais usada no litoral agreste) ou *perneira* (comum à região seridoense), *luvas e sapatos*. Um encouramento completo, incluindo chapéu e sapatos, leva sete couros de bode de regular tamanho e, em setembro de 1963, estava custando Cr\$ 30 mil, quando o salário-mínimo mensal, em Natal, era de Crs\$13.500,00.

Encurralar, *v.* Prender o gado no curral.

Enervado, *adj.* (V. *Encourado*).

Enervar, *v.* Revestir de couro, vestir vésteas, o mesmo que se encourar ou tomar dos couros.

Engatado, *adj.* Diz-se dos cães quando presos um ao outro no ato sexual.

Enjeitado, *adj.* Diz-se da cria órfã ou que foi repudiada pela mãe quando ainda nova, sendo criada pelo homem que a alimenta.

Enquerir, *v.* Arrochar, amarrar bem apertado, sobretudo a carga dos animais.

Enrabar¹, *v.* Tomar chegada à rês, pega-não-pega, enrolando a vassoura para a mucica. Correr encostado à anca da res que se quer derrubar: *Fui tratando de correr / Pelo lugar mais fechado, /*

Quando o Moreira gritou-me. / Aos pés juntos enrabado (In O Rabicho da Geralda, 1792).

Enrabar², *v.* Prender o cabresto de um animal na parte traseira dos arreios do que caminha em sua dianteira.

Enramar, *v.* Criar rama – a folhagem forrageira das árvores e arbustos nativos. O rebanho, em quase todas as fazendas dos nossos sertões, é criada à solta. Na pegada do inverno (início das chuvas) até o tempo da colheita, o gado é solto nos cerca dos de criar (subdivisões da fazenda) onde o recurso forrageiro é formado pela mescla de ervas nativas – a pastagem propriamente dita – e a folhagem das diferentes árvores e arbustos – as ramas. Terminada a colheita, quando os cercados de criar já estão pelados de capins e as árvores com os galhos nus, o gado é solto nos cercados de plantas (lavouras) para aproveitar os restos culturais e as ervas daninhas sobreviventes; ali fica até o aparecimento das primeiras chuvas.

Enrolar, *v.* Enrolar a cauda da rês na mão, nas vaquejadas ou carreiras de mato, para derrubá-la. ---- *fino*, quando o cavaleiro consegue enrolar somente a extremidade da cauda. ---- *grosso*, quando enrola toda a saia. “Preto Ruivo enrolou novamente.” (MELO, M. 1951).

Ensaiador, *s.* É o vaqueiro bom derrubador, vadio a gado, mesmo que *saiador*.

Ensaiar, *v.* Derrubar a rés pela cauda.

Ensaio¹, *s.* Véspera do dia da vaquejada.

Ensaio², *s.* Vaquejada íntima, com pequena assistência.

Entaboadó, *adj.* Diz-se quando a pele se apresenta com placas de urticária ou erupções cutâneas de aspecto semelhante.

Entalhada, *s.* Tipo de marca (*V. Assinar*).

Entazado, *adj.* Diz-se do equídeo que foi submetido a esforços sucessivos.

Entesourar, *v.* Diz-se quando o animal desobedece ao cavaleiro e, abandonando o caminho, envereda por rumo lateral. Frequentemente nos animais em doma, portadores de manha ou sob rédeas de cavaleiros inexperientes

Entre-cana, *s.* Tara ou tumor ósseo que se localiza na face interna da canela dos equídeos.

Entubibar¹, *v.* Correr juntos, o vaqueiro-derrubador e o esteira, embolados, confundidos, estribos se tocando, na ganância da disputa da pega da rês.

Entubibar², *v.* Sair pegado, i. é, no espirrar da rês no mourão da porteira o vaqueiro conseguir sair com a cauda dela enrolada para a queda final. Do verbo atubibar, perseguir teimosamente, semelhante à abelha tubiba de reconhecida agressividade. “Vá atubibar o diabo com reza” (CASCUDO, 1969),

Entusiasmado, *adj.* Diz-se do animal de temperamento nervoso, agitado, pouco dócil. O mesmo que *cangaceiro*.

Envarado, *adj.* (*V. Mesa in Carro de boi*).

Envarar, *v.* Esticar com varas o couro verde recém esfolado. O mesmo que *espichar*.

Enxertar, *v.* Padrear, fecundar, cruzar, cobrir, pegar.

Enxoada, *s.* Tumor que afeta a região dos cascos dos equídeos.
... *Tinha uma perna quebrada / Na outra tinha um espravão / Num braço tinha um limão / E no outro um enxoada* (SILVA, B. s/d).

Enxu, *s.* Vesídeo (*Nectarina lecheguana* Latr.): Nidifica comumente em moitas e mais raramente em ninhos de casaca de couro (*Pseudo-seisura cristata*).

Enxuí, *s.* Vesídeo (*Polybia sedula*, Latr.) que costuma nidificar nos ramos das árvores. A abelha é menor que o enxu. Quando tem seu ninho bem desenvolvido e pendente é chamado *enxuí de rama*.

Enxúndia, *s.* Gordura animal. “Ali encontrou uma tristeza com aquela mortandade do gado tão gordo que já estava de enxúndia” (CUNHA, 1971).

Era, *s.* Divisão da idade (anos) dos animais. Há diferentes processos para sua determinação sendo, entretanto, o mais usado, o estado dos dentes (muda e desgaste).

Erado, *adj.* (V. *Boi*).

Ervado, *adj.* Diz-se do animal intoxicado pela ingestão de plantas venenosas. O mesmo que tinguijado.

Esbrabejar, *v.* Iniciar a domadura de um equídeo ou bovino. Para os equídeos, o mesmo que correr a sela.

Escadinha, *s.* Tipo de marca (V. *Assinar*).

Escambichar, *v.* Derrengar, escadeirar. ... *sentiu o maior abalo /*

chegou quase escambichada / de não prestar para nada, / prá caminhar eu nem falo (SILVA, J.B. s/d).

Escanchado, *v.* Montado, cavalgando com uma perna para cada lado da montaria. Usado por extensão no sentido de dominar ou perseguir; ---- *no rastro*, seguindo a pista; ou o desabafo, de certo chefe político do interior sentindo-se injustiçado: “—estou com a razão pois só ando montado no direito e escanchado na justiça...”

Escarnar, *v.* Descarnar, separar a carne dos ossos; dessecar.

Escarva, *s.* Tara ou tumor que se forma na parte lateral da coroa do casco, próximo à junção dos pelos: *Quando ele estava enfadado / ele caia dos quartos / só de escalva tinha quatro / e o espinhaço quebrado* (SILVA, B. s/d).

Escavacado, *adj.* Magro, esquelético, de ossos à mostra.

Escornar, *v.* Derrubar a réde e torcer o pescoço da mesma de modo que a ponta do chifre toque o solo no lado oposto em que está deitada; é um processo de imobilização usado quando da ferra, castração, pequena cirurgia, etc. Dar marradas.

Escoteiro, *adj.* Diz-se do animal de carga ou carro de boi que viaja descarregado.

Escova, *s.* Tufo de cerdas que cresce no peito do peru adulto.

Escramuçar, *v.* Correr dando saltos, corcoveando, como em atitude de alegria. Comum, principalmente, aos animais novos. *Dança e requebra Burrinha, / Minha flor de muçambê / Escaramuça, bichinha / Hoje, aqui no Massapê* (AGUIAR, O. 1969).

Escrutinar, *v.* Correr a cavalo, sem necessidade, por brincadeira.

Esfriar, *v.* Gíria galista; o mesmo que chocar.

Esgotar, *v.* Ordenhar, desleitar.

Espácia, *adj.* Diz-se do bovino de chifres abertos, bem espaçados.

O mesmo que *espaço*.

Espaço, *adj.* (V. *Espácia*).

Espada-romana, *s.* “Redemuinho dos pelos laterais do pescoço do cavalo, a partir do encaixe da cabeça para trás, não em espiral, mas em linha reta, à maneira e semelhança da espada. Quanto maior a espada, melhor o cavalo.” (SERRAINE, 1968). *Tinha os olhos cor de brasa / os cascos como formão / marcados com sete rodas / das juntas do pé a mão / e tinha o lado esquerdo / sete sinos Salomão* (SILVA, J.B. 1957).

Espaduado, *adj.* Diz-se do animal que apresenta defeitos ou injúrias nas espáduas. “... E quando acabá nóis vai dá um campo, tu montado naquela égua espaduada do Véio Vicente” (TORRES, 1958). “... uma burra espaduada por 70 mil réis” (Testamento de Manoel Pereira Monteiro, Fazenda Dinamarca, Serra Negra, 1871 *in* CUNHA, 1971).

Espantado, *adj.* Diz-se do animal que se espanta facilmente; o mesmo que passarinheiro.

Esparavão, *s.* Tumefação que se localiza na face interna do curvilhão dos equídeos; o mesmo que *sobrecana*.

Espenda, s. Peça dupla de madeira que une a parte dianteira à traseira do arção. O mesmo que *ressafra*. ... *Conhece o cavalo que feito na sela, / No estribo, na espenda, na cilha, na manta...* (ACCIOLY, 1971).

Espichar, v. Esticar o couro para a secagem. Geralmente é feito com ajuda de varas, donde a expressão *dar o couro às varas* significar morrer.

Espichar-se, v. Correr desabaladamente. Ex.: O boi espichou-se no mato...

Espiche, s. Magreza e depauperamento causado pela tuberculose ou outra origem indeterminada (V. Seca). *A vaca morreu de seca, / Deu o mal na bezerrinha, / Deu o espiche na porca, / Deu o rengue na poldrinha* (CARVALHO, 1928).

Espinhaço, s. Região dorso-lombar dos animais. Quando o animal (equídeo) possui o dorso saliente é designado por *espinhaço de camelo*. O mesmo que *dorso de burro*.

Espinho, s. Plantas xerófilas típicas da caatinga que constituem o recurso extremo quando da escassez forrageira durante as secas. Comumente são cortadas, encoivaradas e queimadas no local para a eliminação dos espinhos. As mais apreciadas são o xique-xique (*Cereus Gounellei K. Schum.*, fam. cactáceas), o cardeiro (*Cereus Chrysostele Vaupl*) e a macambira (*Bromelia laciniosa Mart.*, fam. bromeliáceas). *Disse Antonio Bemvenuto: / 70 meu cavalo Russinho / para correr na caatin ga / nunca temeu a espinho* (SILVA, J.B. 1956).

Espinho de bananeira, *exp.* (V. Bozeira).

Espirrar, *v.* Fugir repentinamente em velocidade. *Dois cavalos bons de gado / esperam, de cada lado / da porteira, a sapatear, / o olho em brasa, a orelha fita... / —Acunha o azeitão! — é a grita, / O monstro spirra a espumar.* D MENEZES, O. 1952).

Espojadouro, *s.* Local onde um animal se espojou.

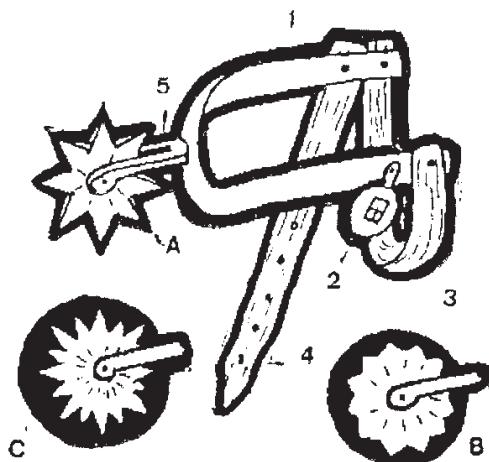
Espajar, *v.* Esfregar-se no chão. Quando o cavalo se espoja virando o corpo de um lado para o outro diz-se ser forte, vigoroso. ... *na capoeira, amarrada, / Coberta de pisadura, / Se espojando enca-brestada.* (COUTINHO FILHO, 1953).

Esponja, *s.* Ferida esponjosa que comumente aparece no joelho dos equídeos, em consequência de traumas. ... *uma esponja se gerando / uma craca levantando / o corpo muito franzino / doente dos intestinos / vivia as tripas roncando.* (SILVA, B. s/d).

Espora, *s.* Peça de metal que, presa ao calcanhar do cavaleiro, serve para incitar a montaria. “Os de maior posse e capricho as têm de prata; mas, de comum, é feita de ferro-ferrugento, metal amarelo ou níquel. Ignacio da Catingueira (1845-1881), em desafio com Romano de Mãe D’água, improvisou: *Esta agora é engraçada, / Eu digo com toda fé: / De prata se faz arreio. / Faca, garfo e cuié, / De prata se faz espora / Prá negro botá no pé.* Duas correias de couro servem para ajustá-las aos pés: a *cilha* que passa sob o salto ou calcanhar e a *atacadeira* que se afivela ao peito do pé. Na parte metálica destaca-se o *cachorro* – haste que liga a roseta à curva da espora, na altura do calcanhar. Dizem que as primeiras esporas tinham no local do

eixo que prende a roseta, a cabeça de um cachorro – originando-se daí o nome daquela peça. A literatura de cordel registra a em versos de Manoel Cabeceira (1845 1914): *Seu Capitão João de Melo / Dé licença, sem demora, / E veja eu rasgar um negro / Nos cachorro da espora*. O sertanejo usa rosetas meãs em tamanho, a menos que o animal seja de pouca ardigueza, reclamando puas mais afiadas e graúdas. Na substituição das rosetas já muito gastas e cegas, os ferreiros sertanejos se validam de uma moeda de vintém (cobre) ou de cruzado (níquel); hoje preferem manufaturá-las com pedaços de lâminas de enxada. Alguns animais mais velhacos reagem à esporada, dando coice no pé do cavaleiro. Daí a expressão com que apelidam os indivíduos afobados e que de tudo reclamam: “..stá dando coice nas espora”; ou a forma mais chula: “...peidando nas esporas”. Os ciganos usam umas esporas de cachorros exageradamente longos para aquecidas as rosetas ao fogo, açoitarem os animais lerdos antes de levá-los às feiras de barganha. O animal fica de tal modo medroso de espora que ao seu simples tinir já se mostra inquieto, afogueado, num pé e outro... Constitui por todos aqueles sertões um gesto de falta de respeito entrar em casa de pessoa estranha com as esporas nos pés: “As esporas dos cavaleiros, tinindo, arrastando as rosetas nos tijolos, anunciavam o companheiro, o irmão, o par, o igual. Muitos fazendeiros do século XIX jamais permitiram que os seus escravos vaqueiros usassem as duas esporas, embora tivessem grandes regalias e gabos pela confiança neles depositada. Só podiam usar uma espora, em qualquer calcanhar, mas uma só. O mesmo se dá com os filhos menores, até o pungir da barba que lhes dava a maioridade ou o casamento” (CASCUDO, 1957). A restrição

não é só papa-jerimum, nem brasileira: SAENZ, 1951, registra-a: "... el gaucho, rústico, de educación innata y con muy arraigados principios de respeto adquiridos de sus antepasados hispanos, considerará siempre una falta de urbanidad hacia los socialmente superiores a él, penetrar a sus casas con las espuelas puestas." – *de arrasto*, as de rosetas graúdas, que riscam o chão ao andar do cavaleiro, (V. Chilenas). ---- *de matuto*, é a espora de cachorro comprido para montar em cangalha e comumente usada apenas em um dos pés. ---- *quebrada*, indivíduo ruim, sem palavra, que não merece fé. No Direito Feudal da Angária, existiam duas penas para destituição do cavaleiro covarde: quebrar as esporas e carregar a sela (Inf. de L. C. Cascudo).



Espora: 1 - Curva de metal ferrugento, níquel ou prata, 2 - Fivela do mesmo material, 3 - Cilha, 4 - Atacadeira, 5 - Cachorro. A - Roseta de pua ou de estrela, B - Roseta de serra, C - Roseta dente de piranha.

Esporão, *s.* Saliências córneas dos tarsos dos galináceos. São as armas do galo. Nas rinhas os galos são emparelhados consideradas diferentes características, inclusive as escalas das esporas – da mais aguda ao toco (mais rombuda). *Cortar o ----, desarmar, humilhar, quebrar a arrogância. Nas ações / Se fosse atrás do malvado, / Cortava-lhe os esporões* (CASCUDO, 1970). *Mas comigo é diferente / eu sou um pinto graúdo, / arranco esporão de galo / ele corre e fica mudo* (SILVA, J.B. 1956).

Esporar, *v.* Furar com a espora. Diz-se também, por extensão, de qualquer ação de fustigar animais, como se faz com a aguilhada.

Espiritado, *adj.* Diz-se do animal hidrófobo e também excessivamente azougado, assustado, nervoso; possuído de maus espíritos.

Esquecido, *adj.* Diz-se de um membro dormente, com paresia ou paralítico.

Esquerdo, *adj.* Diz-se do cavalo que possui as crinas dobradas ou dirigidas para o lado esquerdo.

Esquipador, *adj.* Diz-se do equídeo que esquia.

Esquipar, *v.* Andar esquipe. Artº 6º da Lei 596, de 21/nov/1866 que aprova as posturas da Câmara Municipal de Jardim: “Depois de posto o sol ninguém poderá entrar nas ruas desta villa esquivando ou correndo cavallo.” A Resolução 237 de 22/set/ 1851 que aprova as posturas policiais da Villa de Angicos dizia, em seu Artº 13: “Fica igualmente prohibido correr ou esquipar cavallos nas ruas d'esta Villa e Povoações do Município, das 6 as 9 hs da noite.” E o Código de Posturas Municipais da Cidade do Natal, em 1877,

Artº 156: “Fica expressamente prohibido correr-se a cavallo, ou em qualquer outro animal, pelas ruas e praças da cidade; multa 5\$000 a 10\$000 rs.”

Esquipe, *s.* Andamento acelerado dos equídeos, cuja velocidade de deslocamento é maior do que o *meio*.

Estaleiro, *s.* Armação de arame liso ou madeira onde se estende a carne para secar, sobretudo na preparação da carne de sol. *A carne do Boi Espácia / Botada no Estaleiro, / Comeram 20 famílias / De janeiro a janeiro.* (*O Boi Espácia in ROMERO, 1897*).

Esteira¹, *s.* Forro que se coloca diretamente sobre o dorso da montaria para receber a sela. Comumente é de couro curtido conservando o cabelo. As mais pobres são de fibras vegetais. E a mais apreciada é feita de couro de porco caititu (*Tayassu tajacu* é Lin.) porquanto as cerdas fazem escorrer o suor do animal.

Esteira², *Em loc. Fazer esteira:* Diz-se do vaqueiro que corre apoiando o outro, emparelhando-se à rês para que esta não mude o rumo da carreira. Faz-se esteira tanto nas carreiras de mato como e principalmente nas carreiras de limpo, i. é, nos pátios das vaquejadas. O gesto de ajuda é cantado na literatura de cordel: *Bote no chão que eu amarro. / Derrube q'eu faço esteira...*

Esticar, *v.* Dar rédeas à cavalgadura, excitando-a para ganhar mais velocidade, pegar-perna. “A rês que eles procurava estourou bufando, o nego esticou e Quelemente também” (CESAR, 1941).

Estirar, *v.* Aumentar a velocidade, correr desabaladamente; o mesmo que *esticar*.

Estouro da boiada, *exp.* Fuga precipitada do gado, muitas vezes sem motivo aparente; debandada. *Na hora do estouro da boiada*, na hora oportuna, na hora-H.

Estrada de boiada, *exp.* Caminho tradicional por onde se conduz o gado. “A estrada das boiadas, clássica, depois de També, limite de Pernambuco-Paraíba, pegava Mamanguape e trazia a gadaria para os Brejos, na divisão das vendas. A mais antiga das estradas partia a Oeste do Espinharas, ribeira de Santa Rosa, Milagres, tocando depois na lagoa do Batalhão (Taperoá), seguia-se o rio, descendo a Borborema até Pinharas e daí a Patos, Piranhas (Pombal), Souza, São João do Rio do Peixe (um ramal recebia a contribuição de Cajazeiras); ia-se ao Ceará pelos Cariris Novos, Icó Tauá, atingindo Crateús, inesquecível pelo encontro de centenas de vaqueiros que demandavam o Piauí”. (CASCUDO, 1957). O gado era trazido do Piauí quando as notícias do inverno asseguravam os recursos forrageiros ao longo dos caminhos: “E para regularizar a operação, os boiadeiros do Piauí só partiam dali com a manifestação do inverno naqueles Estados, nos nossos sertões [...] pois sempre cruzavam naquela época, dentro de duas semanas, 10 a 12 mil bois, exportados para cá do Piauí, Maranhão e até de Goiás” (CUNHA, 1971). Nos primeiros anos da era de 20 o autor comprou boiadas ao preço médio de 120\$000 rs.

Estradeiro, *adj.* Diz-se do equídeo bom de viagem, com andamentos macios. *Há quatro coisas no mundo / Que alegra um cabra macho: / Dinheiro e moça bonita, / Cavalo estradeiro-baixo. / Clavinote e cartucheira, / Prá quem anda no cangaço* (CARVALHO, 1928).

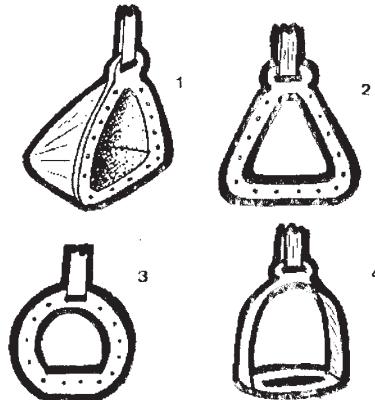
Estrela, *s.* Pequena mancha branca que se apresenta, algumas vezes, na região frontal dos equídeos e bovinos. *Era um cavalo caxisteto / tinha uma estrela na testa / vaquejada que ele ia / ali tornava-se uma festa* (SILVA, J.B. 1957).

Estrepada, *s.* Ferida causada por farpa, estrepe.

Estrepar, *v.* Espinhar-se receber um estrepe.

Estrepe, *s.* Espinho, ponta de madeira aguda, farpa.

Estrivar, *v.* Firmar os pés nos estribos. O sertanejo estriba longo à estardiota, sendo considerado bom cavaleiro aquele que assim monta e, nas viagens de muitas léguas, dizem que a sua postura é menos enfadonha. O comprimento dos estribos é regulado pela correia dos logos (*V. Loro*).



Estribos: 1 - Estribo coberto, em armação de barandão, quiri ou embariba (madeiras resistentes e flexíveis), revestido de sola e costurado em 2 cabos com fio da Bahia encerado. 2 - Estribo aberto de madeira e sola, cravejado. 3 - Estribo aberto, de madeira e sola, cravejado, modelo redondo. 4 - Estribo de metal ferrugento, níquel ou prata.

Estribo, *s.* Peça dupla, uma de cada lado, em que o cavaleiro firma-se com os pés para ter maior equilíbrio e segurança na sela. De formato pouco variável, é manufaturado de madeira revestida de sola, ferro-ferrugento, metal amarelo, níquel ou prata, dependendo do uso e posses de cada um. *De pé no ----, prestes a partir, viajar; negar o ----, esquivar-se, refugar o cavaleiro; perder o ---- de deixar fugir do pé o estribo durante a marcha ou carreia; segurar (ou pegar) no---- gesto de cortesia para com as pessoas mais idosas ou mais gradas, quando se dirigem à montaria para cavalgá-la.* “... E, correndo a segurar no estribo, Felizardo convidou o Presidente a se apear, enquanto gritava para os demais recém-chegados: – É prá desapeá tudo, que tem água drumida e tem café torrado agora. Só não pego nos loro de tudo porque sou só um” (MOTA, L. 1961).

Estropiado, *adj.* Diz-se do animal que, em consequência de esforços excessivos, esgotamento ou ferimentos nos cascos, caminha com dificuldade. “... seguiram juntos [...] conduzindo 600 bois em Campos Sales, limite do Ceará com o Piauí. Artéfio passou uma revista geral no gado. – Estou contando, achando a boiada toda estropiada” (CUNHA, 1971).

Estrovenga, *s.* Coisa complicada, anômala: engrenagem; por extensão dizem da região genital: “meto-lhe o joelho na estrovenga, pra quebrar tudo” (LINS, O. 1964).

Estrovo, *s.* As peças que formam a cabeçada do cabresto.

Estudar, *v.* Cochilar. Os jumentos quando se deixam ficar “estudando” nas estradas, Indiferentes às buzinas e ao ronco dos mo-

tores dos veículos, são apelidados pelos motoristas de inspetores de trânsito; o matuto, entretanto, diz que eles estão estudando ou imaginando. “Do alpendre do rancho, a qualquer hora da noite, podiam os matutos ver os seus animais comendo, se havia o que, ou estudando, como muitas vezes acontecia” (TÁVORA, 1881). *Cavalo estudando, / No campo, para do, / com os olhos fechados, / à sombra dos paus...*, poetou Manoel Rodrigues de Melo – *Página antiga*. Dit.: *Estudando que só jumento em sombra de igreja*.

Estumar, v. Açular os cachorros com palmas, gritos ou assobios: *Dá-lhe o preto, dá-lhe o branco, / O negro também lhe dá; / Bato palma a cachorrada, / Pega cão! deixa rasgar* (CARVALHO 1928).

Esturro, s. Berro ou bufo dos touros quando irritados ou empênhados em luta.

F

Fabiana, s. Égua; a fêmea do cavalo.

Fábrica, s. Conjunto de bens patrimoniais de uma igreja ou fazenda. Daí, por restrição de sentido, *cavalo de fábrica* - cavalo de campo ou do vaqueiro. Nas *Obrigações do vaqueiro* da Fazenda Cacimba das Cabras, Acary, 1805-1856, lê-se: “Cavallos de minha marca para fábrica desta Fazenda” (FARIA, J. 1965).

Faca, s. Esporão do galo de briga (gíria galista).

Falar por cima do gado, exp. Falar a respeito do gado. *A conversa do vaqueiro / é só por cima do gado* (CASTELO BRANCO, s/d).

Falhar, v. Faltar. ---- *ao curral*, quando a rês não veio ao curral. ---- *à parição*, quando a rês não tomou cria naquele ano.

Falsear, v. Pisar em falso.

Fato, s. Intestinos. *Comprei um fato de bode, / pra fazê a panelada, / a cabeça de um porco..., com fava da mãe guisada* (SILVA, J.B. s/ d). Botar o ---- *abaixo*, golpear o baixo ventre com arma branca expondo os intestinos.

Fazer, v. em loc.: ---- *a mão*, ato de pegar a cauda da rês, enrolando-a, para dar a mucica; *botar pra* ----, com intenção resoluta e ineludível de fazer alguma coisa; ---- *esteira*, correr a cavalo, paralelamente ao vaqueiro que persegue a rês, para que esta não mude de rumo na carreira, facilitando a pega e derrubada: *Bote no chão qu'eu amarro / Derrube, qu'eu faço esteira; ---- moitim ou*

pantim, rês que em vez de correr, defende-se, tentando chifrar os cavalos, negaceando; ---- *piauí*, levantar a rês pela cauda; diz-se da violência do golpe na derrubada.

Fechado, *s.* Mato ou caatinga trancada; vegetação densa; o mesmo que trancado, mofumbal, bamburral. O contrário de limpo, clareira ou pátio. *No lugá onde eu campeio / Tu mesmo não tira gado / Faço figura no limpo,/ Faço mió no fechado / No poço que eu tomo pé, / Você morre é afogado.* (MOTA, L. 1961).

Fehar a janela, *exp.* Gíria galista; diz-se quando um galo tem o olho vazado durante a briga.

Feira de gado, *exp.* Mercado tradicional de venda de gado. “Para o Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, as feiras de gado famosas e tradicionais eram Goiana, També, Itabaiana e depois Campina Grande.” (CASCUDO, 1957).

Fêmea do casco, *s.* É a parte chanfrada da sola dos cascos dos equídeos. O sertanejo pronuncia fême. *Quem tem cinco coração / É um bruto ou um cavalo: / Tem o coração comum / E as quatro fême do casco* (MOTA, L. 1961).

Femeiro, *adj.* Diz-se do reprodutor que gera filhos com predominância do sexo feminino. O contrário de *macheiro*.

Ferra, *s.* Ato de ferrar o gado. A marca (símbolo do proprietário) é feita a ferro em brasa na coxa direita. Quando a animal ou rês é vendida, o adquirente coloca seu ferro acima do anterior. O ferro que vale é o de cima de todos. Assim, da coxa sobe até a garupa e desta para a região da pá e daí para o queixo. No lado esquerdo

(coxa, garupa, pá ou queixo) é queimado o sinal da ribeira onde se acha encravada a propriedade. Dantes, o gado, mesmo o graúdo, também era assinado, i. é, marcado por cortes nas orelhas (V. *Assinar*). Hoje, este processo quase que se restringe a caprinos e ovinos (miunças). Por ferra, também designam o dia da marcação geral da bezerrama. No passado, o criatório era comum, propriedades indivisas, reclamava o adjunto da apartação que reunia vaqueiros das diferentes fazendas para a pega, ferra e apartação do gado orelhudo (sem identificação). Era uma das festas tradicionais do ciclo da pecuária e se encerrava com comedorias, bebidas e a louvação dos feitos – vaqueiro, boi e cavalos afamados – pelos cantadores de viola. A divisão das propriedades apagou os grandes adjuntos de vaqueiros. Hoje, a maioria ainda faz duas ferradas anuais – no início das chuvas e meados do ano (São João ou Sant’Ana) quando se procede o encontro de contas entre vaqueiro e proprietário. O vaqueiro, que era remunerado por sorte (a quarta parte dos bezerros e a terça dos cabritos), passou a receber uma quantia x por bezerro ferrado e, mais recentemente, ordenado mensal.

Ferrão, s. Ponta de ferro agudo que se coloca na extremidade de uma vara de madeira resistente. Quando a vara é comprida recebe o nome de *vara de carreira*, *vara de ferrão* ou *aguilhada*. Quando mais curta, usada comumente para impedir a rês na saída da porteria, nas vaquejadas, costumam designar simplesmente de *ferrão*.

Ferro, s. Utensílio para marcar o gado. A marca resultante da sua aplicação em brasa, com que os criadores identificam seus

gados (equídeos e bovinos). Já entre os romanos, os animais eram marcados a fogo (*signare*) com o sinal da comunidade pastoril e do proprietário. Cada fazendeiro tem o seu ferro, à moda brasão, que forma o *caixão* (figura básica), de onde seus descendentes adicionam números ou apêndices para diferenciá-los; os apêndices obedecem a uma nomenclatura variada (puxete, pé de galinha, orelha, asa, flor, martelo, choupa, surrão, meia balança, etc.). Alguns criadores adotam como ferro suas próprias iniciais; outros, figuras-símbolos (espora, alpercata, banco, cobra, guarda-sol, chave, etc.). O ferro ou marca do proprietário é queimado do lado direito (comumente na anca) e a marca de ribeira ou município, no lado esquerdo. (V. ANDRADE E CASTRO, 1947). A Lei Provincial nº 829, que aprova o orçamento da Província para o ano de 1879, estabelece em seu art 6º das disposições gerais: “Os fazendeiros e criadores ficam obrigados a registrar nas respectivas colletorias, dentro do prazo que lhes for estipulado, os ferros e signaes com que marcam os seus gados, mediante a contribuição de 500 rs por cada registro.” *Comprar o ----*, V. este verbete; *perder o ----*, significa a dizimação completa do rebalho, dele não restando nenhuma cabeça – *semente* – com que se possa recomeçar a criação. No sertão velho, a casa-grande da fazenda e a do vaqueiro apresentavam “as portas cobertas de marcas de gado feitas a fogo e a carvão, umas por cima das outras, afetando a forma complicada de arabescos entrançados. Só se fecham à noite, passam os dias escancaradas, o vento anda pela casa toda” (BARROSO, 1962). E nas praias os coqueirais costumam também ser ferrados: “Na Pipa, José Hemetério saiu me mostrando

os coqueiros, marcados a ferro, que ele comprou em terras que não são suas. Em Sibauma, quase todos os coqueiros são de Osvaldo Moura, que não tem um palmo de terra. Lembro que li no *Tratado* de Cunha Gonçalves que isto mesmo acontece em algumas freguesias de Portugal, em relação a oliveiras. A árvore não adere ao solo, como está no Código Civil” (GALVÃO, 1967). ---- *de barril*, alças de ferro articuladas com que se prendem os barris aos cabeçotes das cangalhas, o mesmo que azelhas. ---- *do carro* (V. Rodas *in Carro de boi*). ---- *de queijo*, ferro de engomar, modelo antigo, que aquece por irradiação (desprovido de fornalha), usado para retocar queijos, dando-lhes também melhor aparência e resistência ao transporte.

Festejar, *v.* Voar em círculos. Diz-se quando os urubus, em grande número, voam em círculo sobre determinado ponto, indicando a existência de alguma carniça (animal morto). “Os urubus estão festejando ou caindo”, é advertência para o vaqueiro da existência de uma carniça. O urubu, no Seridó de hoje, é ave rara. Atribui-se que o uso de inseticidas sistêmicos na lavoura algodoeira (semente preta) esteja contribuindo para a extinção dessa ave. O passarinho papa-lagarta morre comendo o curuquerê envenenado e o urubu tem igual sorte por se alimentar dos pássaros mortos.

Fins d'água, *exp.* O derradeiro período de inverno ou das chuvas.

Fio do lombo, *s.* Linha dorsal. “... é preciso ir amaciando o Capitão, passando a mão de leve, coçando o fio do lombo dele” (PALMÉRIO, 1966).

Fiofó, s. O ânus; o boga; o olho da goiaba; o flandre. *Quando o português sentiu / o ardor no fiofó, pegou a faca da cinta / João disse: fique só...* (LIRA, s/d).

Flandre, s. Vasilha de tirar leite. É manufaturada de folhas de flandres pelos ferreiros sertanejos. No sertão velho se valiam de latas de produtos industrializados onde mandavam soldar uma asa. O flandre das latas de curral é uma lata cilíndrica, com asa, e capacidade aproximada de 10 kg. “...gargalhadas dos vaqueiros, barulhos dos potes e flandres de leite, trazidos para casa” (SUAS-SUNA, 1971). Também é sinônimo de ânus (chulo), em possível alusão às rugosidades da folha de flandres.

Flor, s. Usado para designar: ---- *do toco*, excremento de cachorro (o nome vem do fato dos cachorros costumarem estrumar ao pé dos tocos; o mesmo que *jasmim de cachorro*; ---- *do couro*, a face externa do couro; ---- *do gado*, as melhores reses do rebanho; ---- *dos pastos*, nome dado à melhor e mais bonita vaca da fazenda.

Focinheira, s. Parte do cabresto que passa pelo chanfro dos animais (V. *Rédeas*).

Focinho, s. Extremidade inferior da cabeça dos mamíferos; é situado entre as narinas, o chanfro e a boca.

Fogoió, adj. Diz-se do animal gázeo; albino.

Fonte, s. Região dupla da cabeça que se situa entre a orelha, frente e bochecha dos grandes mamíferos.

Forma, s. Ossatura, porte, estrutura, capacidade potencial de engorda. O mesmo que caixa.

Formar, *v.* Tomar corpo, crescer, desenvolver-se.

Formar carreira, *exp.* Momento em que o animal orienta-se para a carreira desabalada. “Enrole antes do bicho formar carreira” (CASCUDO, 1969). *Onde o Espácio surgiu / Ele al formou carreira...* (Romance do Boi Espácio).

Forquilha e Forquilhaõ, *s.* Tipos de marca (V. Assinar).

Fouveiro, *adj.* *Diz-se de equídeo que possui pelagem da tonalidade escura (preto, castanho-escuro) com pintas ou manchas claras distribuídas irregularmente pelo corpo. Vosmece, seu Marcelino, / Vai atrás do Cabeleira? / Si quizer pegar o cabra, / Montë na besta fouveira* (CASCUDO, 1966). *Tive a veneta / De amontá no meu foveiro,/ Batê mão ao meu dinheiro, / Ir comprá meu enxová* (MOTA, L. 1928). Dit.: *Cavalo fouveiro deixa o dono no terreiro*.

Franga, *s.* Galinha nova antes de principiar a postura. *Gancho de pau é furquia, / Catombo de pau é nó, / A franga pôs - é galinha, / O fumo relado é pó* (MOTA, L. 1961). Dit.: *Se eu gostasse de nêgo andava cúma franga de urubu debaixo do braço*.

Frango, *s.* O macho da galinha novo, até o despontar dos esporões. Também designa o pederasta. Quando ao primeiro canto, chamam frangote.

Frechar, *v.* Partir em disparada (flechar). Voar no rumo da pessoa ou de alguma coisa (abelhas).

Freio, *s.* (V. Cortadeira).

Frente aberta, *exp.* Diz-se de equídeo que possui uma mancha branca que vai da fronte à ponta do focinho.

Fressura, *s.* Visceras graúdas do gado. Alguns dizem *fussura*. ...*teve vida diferente: / Negociou com fressura, / Foi vendedor de miúdos...* (CARDOSO, 1963).

Fueiro¹, *s.* (V. Mesa in *Carro de boi*).

Fueiro², *s.* Região do saco escrotal dos equídeos donde dizem partir o som sincopado que fazem alguns animais quando esquipam.

Fundo, *s.* Ânus.

Fundo dos pastos, *exp.* Recantos mais distantes dos cercados de criar. *Feitosa com os vaqueiros / depois de terem alcançado / chegaram ao fundo dos pastos / viram o arranco do gado* (História sertaneja do valente José Garcia).

Furão, *s.* Designação de certos porcos, que se caracterizam pelo focinho exageradamente comprido (daí a expressão depreciativa: *bebe água em garrafa*), de pelagem preta e muito baixo rendimento econômico. “Trata-se de uma população de suínos criados geralmente a solta, por isto semi-asselvajada, e que podem constituir uma raça nativa não melhorada” (OCTAVIO DOMINGUES).

Furado na venta, *exp.* Domado, manso, dócil. Alusivo ao uso de se furarem as ventas dos bovinos para colocar argolas, com que são facilmente manejados. A expressão é extensiva ao homem manobrado pela mulher.

Furar, *v.* Ferir, aguilhar, estocar com vara de ferrão, espora, etc. *Disse o vaqueiro Zé Torres / furei a besta gulosa / esta saiu como um raio / em noite tempestuosa (SILVA, J.B. 1956). Este meu pinto pelado / Só tinha um esporão, / Na asa tinha um ferrão, / Também furava de lado (LIMA, J.F. s/d).* ---- os chifres, orifício feito nas extremidades dos chifres por onde se faz passar uma correia para atar na do outro boi manso que forma a junta, daí o dito: *apartar as correias dos chifres*, no sentido de desunir, intrigar. Também costumam furar os chifres do gado acometido do oca (V. Broca); ---- na venta, *manobrar, amansar, adomar*.

Fusco, *adj.* Diz-se de bovino de pelagem geralmente vermelha com as extremidades ou cabeça preta.

Fussura, *s.* (V. *Fressura*).

G

Gadelhudo, *adj.* Diz-se do animal de pelo excessivamente longo; corr. guedelhudo.

Gado, *s.* Bovinos; ---- *barbatão*; “... são aquelle gado vaccum e ca-vallar, de hum anno de nascido pelo menos, que, estando apartado da rez mãe, e não tendo signal, nem ferro, se não pode conhecer como propriedade de pessoa alguma. Também se reputarão barbatões o gado ovelhum, e cabrum, que estando nas circunstancias acima declaradas tiver pelo menos seis meses de nascido.” (artº 1º da Resolução Provincial nº 5 de 18/out/1838); ---- *de cria*, nascido e criado na fazenda; ---- *de curral*, o gado sujeito, diariamente, ao curral; ---- *de engorda*, os reservados ao corte; ---- *de fundo dos pastos*, bois, novilhas, vacas solteiras que pastam no cercado mais distante; ---- *de ração*, vacas e reses mais magras que estão em geral recebendo ração supletiva; ---- *de solta*, o mesmo que de fundo dos pastos: *do* “... o que tiver signal, ou ferro, ou ambas as coisas distinctas, e cujo dono se não conheça” (artº 3º, idem, idem); livre, “Dizem-se livres os gados nascidos e criados no Agreste, na zona onde prolifera um certo carrapato que, agarrado ao couro cabeludo do bezerro lhe imuniza e o deixa preventivamente vacinado contra o mal-triste [...]. Rebanhos inteiros são atacados do mal quando entram em contato com os *gados livres*, portadores daquele parasita [...]. Essa febre ataca o fígado da rês, que incha extraordinariamente, inclusive a passarinha (baço). E também os rins, porque o animal atacado tem abundância de sangue na urina

[...] só ataca, dentro de forte epidemia, os gados de 4 anos para cima, principalmente o gado mais idoso” (CUNHA, 1971). ---- sujeito é o precedente do alto sertão que, retirado para o litoral-agreste (zona do carrapato), pode contrair o mal-triste.

Gafieira, *s.* frequentemente designa a sarna do cachorro outra dermatose de aspecto semelhante; chanha.

Gaitar, *s.* Urro do touro. *pouco se ouve o gaitejo / Do touro em grosso ribombo, / Voando terra no lombo, / Na porteira do curral (o sertão em derrota - anôn..).*

Gala¹, *s.* Esperma, sêmen.

Gala², *s.* “A cicatricula ou gérmen do ovo; sinal ou mancha branca, arredondada, como um pequeno botão, que se vê na superfície da gema, indicando fecundação: ovo galado” (PEREIRA DA COSTA, 1936).

Galar, *v.* Cobrir, fecundar. Diz-se com referência as aves.

Galhas, *s.* Chifres (V. Armas).

Galinha, *s.* A galinha recebe vários designativos: ---- *arrepiada*, com penas torcidas, de limbo enrolado ou frisada; ---- *carijó*, com plumagem branco acinzentada, percorrida de barras negras (plumagem da raça Plymouth Rock Barrada); ----*comum*, sem raça definida, crioula; ---- *nanica* ou *napeva*, de pernas e tarsos pequenos; ----*pedrês*, o mesmo que carijó; ---- *suru* ou *sura*, sem penas na cauda. Dit.: *Casa de Gonçalo, onde a galinha manda mais que o galo.* • *Cautela e caldo de galinha não fazem mal a ningüém.* • *Doze galinhas e um galo comem que nem um cavalo.* • *Em terreiro de*

galinha, barata não tem razão. • *Galinha nanica não põe no mato.* • *Galinha não tem água prá beber, tem prá lavar os pés.* • *Galinha velha é que dá bom caldo.* • *Não sabe por onde a galinha mijá.* • *Moça que assavia e galinha que canta – faca na garganta.* • *Nunca mulher perdida amou homem honrado nem galinha gorda a capão.* • *Pé de galinha não mata pinto.* • *Quem quer pegar galinha não diz chô!* • *Raposa dorminhoca não come galinha* • *Rico em casa de pobre é perdição de galinha.* Abus.: costuma-se arrancar a penas da cauda das frangas para que as mesmas encorpem mais cedo, galinha que canta como galo trás agouro para os de casa; a pessoa que come carne de galinha choca fica inquieta.

Galinha dos patos, exp. Serve para designar pessoas angustiadas, inquietas, andando de um lado para o outro. Alusivo a uma galinha que chocou uma ninhada de patos que, mal saídos da casca, ganharam a água d'um açude enquanto a mãe agoniada cacarejava pela beira dágua.

Galista, s. Criador de galos de briga. *Caxangá pra capim verde / Beberibe pra carvão... / Afogados pra galistas* (versos populares).

Galo, s. O macho adulto da galinha doméstica. Quando ainda novo, pinto, começando a cantar, é frango e, depois de um ano, galo. Igualmente a outras criações de terreiro, não sabemos ao certo quando para aqui foi trazido nem a que raça pertencia. Os embarcados na frota de Cabral eram, é de se imaginar, reserva da dispensa para serem comidos e não criados, de vez que o escriba Pero Vaz Caminha, falando do gentio, escreve: “Mostraram-Ihes uma galinha; quase tiveram medo dela, e não Ihe queriam por a

mão. Depois lhe pegaram, mas como espantados” Adonde se fez pela primeira vez a domesticação da galinha é assunto de arena-
ga entre os estudiosos. “As galinhas vieram do sudoeste da Ásia e acredita-se geralmente descenderem do *Gallus bankiva*, a galinha das selvas da Índia. Não é certo se foi envolvida mais de uma espécie. Galinhas domésticas eram criadas na China pelo menos em 1.400 a.C. e passaram da Índia a Babilônia cerca de 600 a.C., à Grécia, cerca de 500 a.C., em Roma, bem antes da era cristã “(LUSH, 1964). A dos nossos sertões não tem raça definida; de plumagem variada – alva, escura, encarnada, pedrez, amarela —, de portes diversos – graúdas, nanicas – pertencem a uma genealogia indecifrável. Algumas são mais apreciadas, como a de pescoço pelado (Transilvânia), tida como mais rústica, boa poedeira, melhor criadeira e de excelente carne. De quando em vez órgãos do go-
verno introduzem raças no meio rural, o que no passado era feito com a Gigante Negra de Jersey, Rod Island Red, Plymouth Rock Barrada e até a Legornh branca. A criação de terreiro e da posse da dona da casa, para acudir uma precisão da economia domésti-
ca ou um resguardo no parto ou doenças. Simboliza a existência de casa habitada, da família fixada, da mora dia. Daí o canto do galo no perdido do escuro das noites dizer ao viajante que por ali mora gente, onde pode encontrar o refúgio de uma pousada. Nas crises econômicas, o galo é o derradeiro animal do terreiro a ser sacrificado. A criação é feita à solta e recolhida e conferida apenas quando da ração ou da dormida. Dormem em poleiros improvisados à moda jirau ou nos galhos da árvore mais próxi-
ma, para ficar ao resguardo da raposa. Detalhadas informações

sobre a presença do galo nos costumes do nosso povo estão em CASCUDO, 1962 .---- *assado*, pessoa vermelha, sanguínea; ---- *cego*, pessoa de visão reduzida; ... ‘*stá comendo um* ----, irritado, exaltado, em ponto de briga; ---- *garnizé*, pessoa pequena e excitada; ---- *insosso*, problema difícil de ser resolvido. E na mange-doura de Nazaré foi ele, o galo, quem espalhou os quatro ventos: “Cristo nasceeeeeeu!”, embora alguns digam que tem os pés excomungados por ter ciscado em palhas do presépio. Joao Pedro de Andrade, o terceiro cantador que usava o vulgo de Bemtevi, cantando em uma feira, sem recompensa, improvisou: *Rancho de cavalo é milho. / de cantador é dinheiro! / Quem canta de graça é galo / pra divertir o terreiro... / De homem que faz gosto a macho / eu só conheço barbeiro, que alisa o freguês na cara, / passa o pente e bota cheiro...* A sabedoria popular pergunta em uma adivinha: À meia noite acorda um francês, / Sabe da hora e não sabe do mês. / Tem esporas e não é cavaleiro; / tem uma serra e não é carpinteiro, / Cava no chão e não acha dinheiro... Dit.: Cantiga que o pinto canta o galo já cantou. • Galo no seu poleiro briga com o mundo inteiro. • O pinto já sai do ovo com a pinta que o galo tem. • Onde o galo canta, janta.

Galo de briga, s. Galo de raça. Raça do galo combatente criado com mais frequência em áreas urbanas, praias e agreste do Estado. Os adversários são emparelhados de acordo com suas características de peso e porte, com condições prévias: a) tempo da peleja; b) luta com esporas – de escala que vai da mais rombuda à mais afiada (nº 0 a 9), até às artificiais de aço; e c) luta

sem esporas. Os intervalos são regulamentados como nos rounds do box, em que se massageia, cura, barrufa (borrifa) e enxuga os contendores. As lutas podem durar poucos minutos, com a fuga ou morte do adversário, ou se prolongarem por 2 ou mais horas. Um galo de boa raça e em bom estado de treinamento, não corre. É, muitas vezes, vazado em uma vista, depois na outra, sangrando nas veias ou na traqueia, e continua lutando até cair morto. A primeira fase da luta se faz na *rinha* – arena circular de paredes acolchoadas – com intervalos menores de combate. Caso não se decida, depois de uma hora, são transferidos para o *reboló* – pequena arena onde os intervalos para o barrufo são mais espaçados. Quando a luta não se decide (desistência ou morte do adversário), é dada como empate. A preparação de um combatente tem requintes de um atleta olímpico: alimentação concentrada, ginástica, banhos, massagem, tosagem (corte das penas do pescoço e coxas) e treinamento com um *sparing*. O esporte é bastante antigo. Os chineses há bem uns 1.500 anos já cuidavam de seus combatentes. Do Oriente foram levados para a Grécia, ainda quando da guerra greco-persa, e dali para Roma, de onde se espalharam pelo mundo Afamadas e tradicionais raças formam os plantes dos criadores: Índia, Malala, Calcutá, Asel – de características meio-pesadas, resistentes, selecionadas para lutas prolongadas. Os Ingleses, coerentes com a afirmativa de que *time is money*, criaram o combatente inglês, mais leve, ágil como um Carpentier da rinha e capaz de decidir uma peleja em 10 ou 15 minutos, graças ao golpes de suas afiadíssimas esporas de aço. As raças orientais são para as lutas mais lentas, de *cacete*, onde

a técnica, a resistência, a força das pancadas com os tarsos e as bicadas é que decidem a peleja. No Nordeste, os combatentes parecem ter sido introduzidos ainda no Brasil-colônia e, através de cruzamentos sucessivos e ilhamentos, apresentam hoje tipos de características bem definidas que os galistas chamam de raça pernambucana, baiana e carioca. Têm nomes de guerra, traduzindo a sua valentia em vulgos retirados do cangaço: Lampião, Corisco, Jararaca, Volta-Seca, Gavião, Bom de vera, etc. Na década da última guerra teve fama em Natal um invulgar furador de vulgo Trás-a-vela. ...*Sem nenhum acanhamento / Diz a um pinto gouguento: / Vem cá, meu galo de raça*" (Severino Perigo in MOTA, L. 1962). "Eu sou um pinto de raça / meu bico é como marreta / onde bate quebra osso, / sai felpa que dá palheta (SILVA, JB 1956).

Galo músico, s. É o que prolonga o canto; alguns 3. chegam a bater com o bico no chão no emitir da nota final. Hélio Galvão ainda os escutou em Pernambuquinho: "Galos músicos, que se dão ao luxo de dobrar o canto" (GALVÃO, 1968).

Galope, s. Andamento natural dos equídeos, saltado, diagonal e a três tempos. ---- *de soluço*, também conhecido como quebra-mão, é o galope miúdo, de baixa velocidade e grandemente apreciado nas viagens longas, dizem que não cofada cavalo nem cavaleiro; ---- *em cima da mão*, quando a quatro tempos, havendo precipitação do membro anterior.

Galopeiro, adj. Diz-se do equídeo que galopa, que tem, como andamento de viagem, o galope: com tendência a galopar. Luís Dantas Quesado cantava: *De quatro coisas no mundo / Já gostei, não*

gosto mais: De cavalo galapeiro, / De lamparina de gás, / Calça com bolso na bunda / Paletó lascado atrás...

Galvão, s. Lendário mestre entre a vaqueirice do sertão velho, autor de regras seletivas para os equídeos, buscadas em seu exterior (V. *Sinais*). Ainda hoje o seu nome é sinônimo de grande conhedor de cavalos. Versão colhida por Florival Serraine nos sertões de Mombaça (CE) diz que Galvão foi um cavaleiro valioso, de nobres feitos e muitas vitórias. Teve a desdita de cegar e cair prisioneiro de seus perversos inimigos que o trancaram em um castelo arrodeado de um fosso. Com os tempos, conseguiu mandar um recado aos seus amigos pedindo que lhe mandassem um cavalo castanho-escuro-tapado, i. é, sem nenhum sinal branco. Mandaram-lhe um belo cavalo castanho-escuro com o pé direito branco. Ele o enjeitou alegando que o animal tinha sustância e coragem de saltar o fosso que ilhava o castelo, mas mancaria do pé. Até que um dia recebeu o animal conforme encomendara, um castanho-escuro-tapado. Iludindo os carcereiros, tomou o cavalo nas esporas, saltou de um pulo a barranca do castelo e, chegando do lado de fora, escanchou na garupa um menino, montado de frente para as traseiras do animal, à moda palhaço. De quando em vez perguntava ao menino como eram os sinais do cavalo inimigo mais próximo. Conforme as respostas torcia caminho para o seco ou para o molhado, para os moles ou para os duros, para as chãs ou para os montes. E com essa diligência conseguiu escapar... A versão histórica explica: “A terceira parte das novelas medievais da cavalaria do ciclo bretão, constituída pela célebre

Demanda do Santo Graal, conta que os cavaleiros da Távola Redonda se puseram à procura do vaso sagrado. Dos 149 do séquito del-rei Artur, senhor de Logres, foi o nome de Galvão, sobrinho del-rei, que, em Camalote, primeiro jurou entrar na demanda e mantê-la *hum anno e hum dia e, pella ventura, mais*. El-rei Artur não queria que Galvão saísse a campo, por que sobre ele pesava o mau augúrio de fazer *tam gram danno nos cavalleiros, que todo o seu linhagem não o poderá cobrar*. Apesar da obediência devida ao seu soberano, entregou-se decididamente à empresa e viu-se parte em muitas façanhas. Teve, entre outros, em frente à cidade de Gaunes, um combate singular com Lançarote. Foi nessa batalha que *pres Galvan hum tal golpe, de que pois non pode guarir, ante o chegou aquela chaga a morte*. Mal tinha ele sarado, e já el-rei, que só por isso esperava, saía contra o imperador de Roma, que estava na Bretanha e pretendia tomar a Gaula e passar para o reino de Logres. Vitorioso, el-rei Artur recebia, no mesmo dia, más notícias do seu reino. O seu sobrinho Mordareto, irmão de Galvão, rebelara-se contra a sua soberania e fizera-se coroar rei. Galvão saíra da batalha *achagado à morte*, mas acompanhou tio contra Mordareto. Logo, porém, que pisou em terra, morreu, sendo o cadáver levado para o castelo de Crós” (SERRAINE, 1968). “Antonio Galvão de Andrade, Comendador da Ordem de Cristo e Estribeiro da Casa Real, nasceu na Vila de Viçosa (Portugal) e morreu no ano de 1689, 9 de abril, contando ao que parece 76 de idade” (INNOCENCIO, 1924), Folheamos o único exemplar conhecido do seu livro que está no Real Gabinete Português de Leitura (Rua Luís de Camões, 30 - Rio de Janeiro): *Arte de Cavallaria de gineta*

e estardiota: bom primor de ferrar e alveitaria. Lisboa, Of. de Joam da Costa, 1678. Fol. de XVI, 605 p. e lá estão as raízes dos sinais nos capítulos XIX - Que trata das cores dos cavallos (p. 95-100), XX- Que trata dos sinaes, bons e maos, que há nos cavallos (p. 101); Os sinaes de que se deve fugir (p. 102-104). Que trata dos redemoinhos bons e maos (p. 105); Seguem-se os que são bons, que não tem todos os cavallos (p. 106); e os que são ruins, que tem uns e outros nam (p. 106-107).

Gamelia, s. Mangedoura de madeira para porcos.

Gangão, s. Jumento, jegue.

Ganir, v. Voz do cachorro que mais das vezes exprime ansiedade. *Corria de tal maneira, / Que os ouvidos me zunido, / Na distância de 3 léguas, / Três cachorros me gania* (*Romance do Boi Pintadinho* in CARVALHO, 1928).

Ganso, s. “O ganso veio do *Anser anser* e talvez também do ganso chinês, *Cygnopsis cygnoides*. A data é incerta, mas já era criado pelos antigos romanos alguns séculos antes da era crista” (LUSH, 1964). É, como o pavão, uma ave pouco comum nas criações dos terreiros sertanejos. *Afogar o ----, copular; estar com a ----* estar zangado, irritado.

Garajau, s. Cesto ou ripado oblongo, grande, para condução de aves.

Garanhão, s. Reprodutor equino; o pai-dérgua, o pai do lote. Dizem no sertão que o cavalo reproduzor expulsa do lote as suas filhas em idade de procriar, só as admitindo depois da primeira

cria. “...o pai d’égua – que não quer saber de uma filha dele no seu lote – morde a besta furioso, bota-a pra fora aos coices e enquanto ela não passa um tempo no lote de outro, ele não a quer ter em sua companhia” (OLIVEIRA, C. 1909).

Garfo, s. Tipo de marca (V. *Assinar*).

Garra, s. Extremidades de couro, formadas pelos membros; é considerada de qualidade inferior.

Garrafada, s. Forma de ministrar remédios, em garrafas. O próprio remédio; *dar uma garrafada* (V. também *Beberagem*).

Garrotama, s. Lote de garrotes.

Garrote¹, s. Bovino com mais de 1 e menos de 3 anos. *Fui bezerro em vinte e sete, / Em vinte e oito garrote, / No ano de trinta e dois / Passei o golpe de morte* (*Romance do Boi Liso* in PEREIRA DA COSTA, 1936). ---- *mamão*, o que foi apartado da vaca recentemente ou antecipadamente. No testamento de Manoel Pereira Monteiro (Fazenda Dinamarca, Serra Negra, 1871) os garrotes foram avaliados a 8\$000 rs cada um.

Garrote², s. (V. Eixo *in Carro de boi*).

Garrote³, s. O mesmo que cernelha, no boi.

Garupa, s. Anca. ---- *de galinha*, cavalo de garupa estreita e traseira, i. é, estreita e afunilada; ---- *de porco*, diz-se do cavalo que tem a garupa inclina da como a do porco. Dit.: *Quem anda na garupa não pega nas rédeas*. Há uma expressão jocosa e chula usada quando ambos os cavaleiros, o da frente e o da garupa, estilo escancha-

dos: *Lá vai dois em cima dum, coã berruga no c... dum.* “Quem é luxento assim anda com a mãe na garupa” – resposta que o meu tio ananias M. Faria (Serra Negra, 1878-1948) deu ao cangaceiro Antônio Silvino (1875-1944) que, fardado, se fazia passar por oficial da polícia e dizia querer almoçar, mas recusava a comida típica sertaneja. *Cabra que vinhá a mim, / Traga a vida na garupa, / Se não eu faço com ele / O que fiz com Chico Luca* (CASCUDO, 1957).

Gateado, adj. Diz-se do animal de olhos amarelados, assemelhando-se ao gato.

Gato¹, s. (V. Rodas *in Carro de boi*).

Gato², s. Bichano ou Pichano (*Felis catus*). É pequena a população desses felinos em nossos sertões, talvez pela mais frequente presença do cachorro nas casas sertanejas. Parece mesmo que só cuidam em arranjar um bichano para ter em casa quando os ratos estão estragando muito nos paióis, armazéns ou dispensas. Pequenos, feiosos, mal cuidados, de pelagem variada, origem duvidosa e sem raça definida – é o gato doméstico que por ali encontramos a cochilar em riba dos fornos ou sapatas das cozinhas no intuito de algum sobejo de comida. Quando parem barrigadas numerosas significa que o ano é de fartura, i. é, bom de inverno. Trazido ainda pelo português colonizador que, por sua vez, o recebeu dos mouros, de barrigada em barrigada e que se espalhou por todos os cantos. Domesticado pelos núbios africanos, era animal sagrado no Egito dos faraós, onde havia pena de morte para quem matasse um gato. Ali, depois de morto, era embalsamado como múmia sagra da. Na maioria das religiões semitas era venerado ou repelido. Gregos e romanos não o conhe-

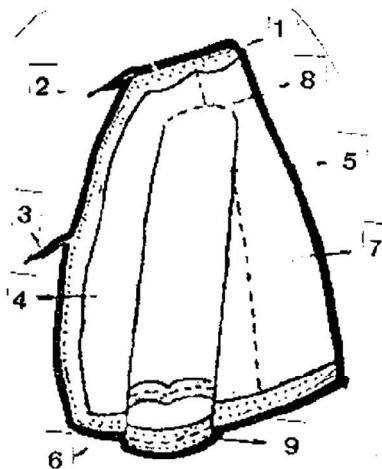
ram, de vez que chegou na Europa depois da Era Cristã. Raríssimo na Inglaterra do século X e, mesmo na França, a sua popularidade principia no século XVI. A dispersão na Europa parece ser do fim da Idade Média. Ainda hoje, como ontem, *o gato no pote* é brincadeira frequente nas festas sertanejas (V. CASCUDO, 1962). Em nossa fauna regional encontramos (em vias de desaparecimento) algumas espécies selvagens que o sertanejo diferencia em gato maracajá (mirim e açu), mourisco e vermelho (V. FARIA, 1961). E, na boca do povo, quando se diz que fulano está de *gato amarrado* (ou *amarrou o gato*) é para significar embriaguez. Dit.: *A gata não quer mas acaba parindo.* • *Das telhas para cima, só Deus e os gatos,* • *É melhor ser cara de gato do que rabo de leão.* • *É que nem gato com cachorro (desunidos).* • *Filho de maracajá é que nasce pintado.* • *Fulano está que não aguenta uma gata pelo rabo* • *Gato com fome come farofa de alfinete.* • *Gato escaldado tem medo de água fria* • *Gato que corre atrás de dois ratos fica sem nenhum.* • *Gordo que só gato de pensão* • *Ligeiro que só um gato.* • *Mão de gallo* (gesto rápido e furtivo com a mão). • *O gato tem sete fôlegos.* • *Olho de gato ladrão de sebo* (olhos amarelados). • *Quando o gato enjeita coco, e a moça casamento, ou o coco tem pimenta, ou a moça impedimento.* • *Quando o gato não está em casa o rato come na mesa.* • *Quem dá de mamar a filho barbado é gato.* • *Quem furtar a comida é o gato da casa.* • *Quem mata gato tem 7 anos de atraso.* • *Quem não tem cachorro caça com gato.* • *Sicrano não vale o que o gato enterra.* “*Tu és um rapaz bem rico / eu vi uma ocasião / enterrando uma fortuna / encostado a um paredão / todos sabem o que o gato / enterra sempre no chão!*” (da peleja Laurindo Gato x Marcolino Cobra Verde) • *Vão-se os gatos e entendem-se os ratos.*

Gato³, s. Peça da *cancela*; V. este verbete.

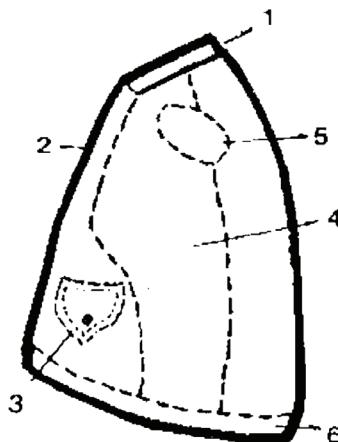
Gazo ou Gázeo, adj. Diz-se do cavalo com olhos brancos, de visão sensível à luz e pelagem branca.

Giba, s. O mesmo que *cupim*.

Gibão, s. Casaco de couro curtido usado pelos vaqueiros para campear; o mesmo que *véstea*. Desprovido de gola, tem mangas compridas e bolsos que se atacam em nó de rosa. Na sua manufatura, todas as costuras internas são de dois-cabos. Dois pares de correias, na altura do colarinho e do externo, servem para abotoá-lo. Antes de se internar na caatinga, pelos caminhos, o vaqueiro leva o sempre jogado sobre os ombros (V. *Encouramento*).



Gibão ou vesta (lado esquerdo): 1 - Colarinho; 2 e 3 - Correias atacadeiras. 4 - Aba; com duas costuras a máquina e uma em pesponto. 5 – Manga. 6 – Punho. 7 – Costas. 8 - Costura de dois cabos. 9 - Costura em pesponto, ladeada por duas costuras a máquina.



Gibão (Avesso): 1 - Colarinho (em duas dobras). 2 - Barra, 3 - Bolso com botão em nó de rosa. 4 - Aba (a aba e as costas têm uma única camada de couro. Obs.: Todas as costuras internas são em dois cabos.

Gineta¹, s. Tipo de sela, à moda selim, de capa quadrada e sem burranhas traseiras, ao que parece, das mais primitivas do nosso pastorício. Também é chamada de ginete. Ainda é de muito uso na região Oeste do Estado. “As primeiras roladeiras fabricadas pelo mestre Florentino e depois por Cazé, no Seridó, datam de mais ou menos 1890 e substituíram os ginetes” (Inf. de Juvenal Lamartine).

Gineta², s. Escola de cavalaria que se caracterizava por estribar curto e antecedeu a estardiota em Portugal. *O Brasil em Jornal* (nº 11, p. 8 – Coluna Militar, Lisboa, 1547) registra: “Até agora a cavalaria europeia seguia a escola hispano mourisca, denominada gineta.” A denominação se aplicava, por extensão, a diversas peças dosarreios. Origina-se de zenetas ou xenetes, tribo bérber que serviu na Cavalaria de Granada.

Ginete, s. Cavalo.

Ginetear, v. Saltar, corcovear, pular (o equino). “... nas lidas da fazenda, montando, gineteando, no cavalo velho Dourado, tanto derrubava no pátio como amarrava no mato” (CUNHA, 1971).

Giz, s. Lápis (haste) de ferro aquecido ao rubro com que, antiga-mente, se assinalava o gado queimando acréscimos ou contramar-cas ao ferro básico.

Goela, s. Garganta

Gôgo, s. Afeção das aves. Pode ser um simples resfriado, ou dif-teria ou singamose. *Deu Papeira nos porcos, / Deu o gôgo nas ga-linha, / Deu catarto na mèa besta, / Deu o rengue na bestinha, / Deu sarampo em minha néga, / E sarampampão na neguinha* (Do folclore nordestino).

Gorar, v. Corromper-se na incubação (ovo); abortar, frustrar.

Gorda, adj. Prenhe, barriguda, buchuda, pejada.

Goro, adj. Que se gorou (ovo); ovo podre, interrompido na incu-bação. Contam os mais velhos que a ema deixa um ovo fora do ninho para gorar e quando do nascimento da ninhada, quebra-o, atraindo moscas e gerando larvas para a alimentação inicial dos filhotes. Dit.: *Ovo de cobra não gora. • Ovo gabado, ovo gorado.*

Gota-serena, s. O mesmo que *cego da gota*. *Deixou-me um quartáu famoso / magro que fazia pena / A vista parda-morena, / Cego da gota serena* (*A herança da Dindinha* in PEREIRA DA COSTA, 1936).

Goto, s. Glote; o mesmo que gurgumilho.

Gozo, s. Cachorro sem serventia que foge no trabalho e se deixa ficar em casa, dormindo ou à espera de alimentos. Depreciativamente, a ele se referem dizendo: “Isto é cachorro bom! De bicho de buraco – panela – e de animal de carreira – ovo não escapam das unhas dele.”

Grade, s. Esqueleto, ossos. *Está na grade*, está magro, esquelético.

Grão, s. Testículo.

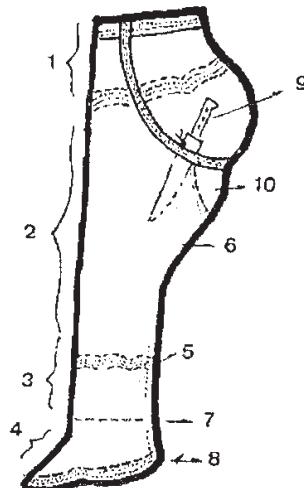
Grelha, adj. Diz-se de um animal esquelético, magro. “Domingos Grisa não se tinha na sela. Ia abraçado às crinas da grelha” (ALMEIDA, 1971).

Grito de levante, exp. Brado do vaqueiro – que nem um grito de guerra índio – para instigar o cavalo, a rês ou o cachorro. Pronunciam *alevante*. Outras vezes gritam para comunicar-se com outro nos ermos das grandes distâncias: “O vaqueiro ou caçador que pretende comunicar-se com o companheiro distante, procura situar-se de antemão em lugar elevado, tira quase sempre o chapéu, mete o indicador da mão direita no ouvido, inspira com força, fecha os olhos e desfere o grito que ecoa nas matas, rolando pelas quebradas” (TORRES, 1950). [...] *encontrei um capoeiro / naquele mesmo flagrante / dei um grito de levante / já vi cavalo ligeiro* (SILVA, J.B. 1956).

Grosador, s. Seção do galho de uma árvore, preferivelmente o peireiro, de superfície bem lisa e uniforme, onde se coloca o couro ou a sola para ser grosado. Uma das extremidades do grosador fica apoiada ao solo e a outra sobre o vértice de uma forquilha, à moda cavalete.

Grosar, v. Desbastar o excesso de peles do couro depois de curtido, pelo lado do carnal. O couro é bem umedecido e colocado sobre um grosador quando é grosado com a ajuda de um facão de lâmina estreita, longa, bem afiada e vazada (para se tornar mais flexível). *Sola fina não se grossa, / Ferro frio não caldeia. / Eu só não gosto de négo, / Porque tem uma moda feia: / Quando conversa com a gente / É bolindo com as oréia.*

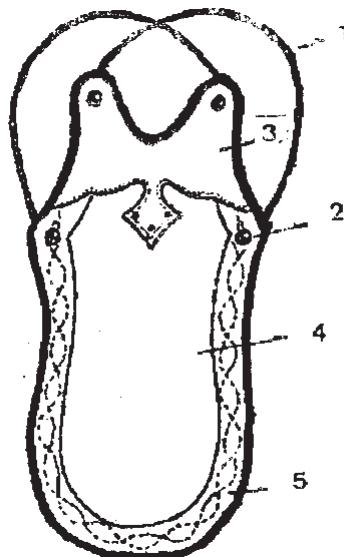
Guarda, s. Calça de couro curtido que faz parte da indumentária do vaqueiro. É mais usada na região do litoral-agreste; no ser tão, usam uma de boca mais estreita e provida de um bico que serve de rosto ao sapato, denominada *perneira*.



Guarda: 1 - Cós, em duas peças. 2 - Guarda (couro simples). 3 - Contraforte, em duas peças, 4 - Bico, idem. 5 - Duas costuras a máquina que ladeiam um pespontado de correia. 6 - Costura a máquina. 7 - Costura de correia. 8 - Costura de dois cabos. 9 - Faca. 10 - Vista do pé da coxa, em 2 peças de couro.

Guardapa, s. Espécie de bolso, costura do na parte inferior da sobrecapa da sela, onde se prende a capa do coxim.

Guarda-peito, s. Peça de couro curtido que é vestida sob o gibão e serve para proteger o peito e o ventre do vaqueiro nas carreiras de mato. Usado sobre a camisa e preso ao corpo por duas tranças de quatro pernas ou correias de couro que se cruzam nas costas do cavaleiro. As barras do guarda-peito são costuradas à máquina ou à mão, formando o *desenho do 8*. É também chamado de colete ou peitoral. (V. *Encouramento*).



Guarda-peito ou colete: 1 - Trança de couro em pernas. 2 - No de-rosa. 3 - Vista, em duas camadas de couro. 4 - Guarda-peito em peça única. 5 - Barra, reforçada em duas peças, com “desenho do oito”.

Guenzice, s. Magreza. "...compensação à guenzice e à cegueira do corcel negro, batizara-o com o nome de Temerário" (SUASSUNA, 1971).

Guenzo, adj. Diz-se do animal magro, doentio, na pele-e-nos-os-sos. "Dizem os antigos que praga de urubu não mata cavalo guenzo" (*A Pimenta*, 541/1907, Recife in PEREIRA DA COSTA, 1936). "...amuntado in um cavalinho guenzo" (LIMA, 1965).

Guia, s. O tangerino (a pé), o vaqueiro (a cavalo) ou mesmo o animal ou rês que caminha na frente dos demais, i. é, na cabeceira. De espaço em espaço costuma (o homem) aboiar e, modernamente, conduz uma bandeira vermelha para advertir os veículos nas estradas. Quando a pé (tangerino), leva uma vara ou cacete para rebater alguma rês que intime em fugir. *Bentevi quando foi preso / Naquele temeroso dia, / todo povo era do coice, / Só Bentevi era guia* (CARVALHO, 1928). Os que vão por derradeiro, como cerra-fila, são chamados de coice. Os carros de boi também têm um guia: *o candieiro*.

Guiada, s. Vara de ferrão. Até o fim do século passado era também usada pelo vaqueiro, nas pegas de gado, para derrubar a rês. Versão do Rabicho da Geralda, de 1792, cantava: *Diga ao Sr. João Gomes / Que traga sua guiada, / E venha pronto prá irmos / Ao rabicho da Geralda*. Diz L. C. Cascudo "desconhecer registro de vaquejada anterior a 1870, onde o vaqueiro derrube o animal pela cauda." Henry Koster, em 1810, viu em nossos sertões: "...monta a cavalo com uma longa vara, terminada por uma ponta de ferrão, e persegue o animal que quer derrubar até que, emparelhando-se,

fere-o nos flancos, entre as costas e a anca, e, se o alcançar no momento em que o boi levanta as patas traseiras, sacudi-lo-á em terra com tanta violência que este rolará”. Uma guiada de cabo mais curto era e ainda é usada para *topar gado*, i. é, enfrentar, esperar de pé-firme a rês para feri-la na testa ou venta com uma estocada.

Guia-deiro, *adj.* Diz-se do animal que sempre comanda os demais, assumindo a cabeceira ou guia dos outros, quer nas estradas (em boiadadas), quer nos pastos, quando movimentados. O mesmo que *guieiro*.

Guia de gado, *s.* Vaqueiro ou vaqueiros que vão à frente da boiada.

Guieiro, *s.* Menino que vai à frente do carro de boi, a pé, mostrando os lugares melhores para a passagem do mesmo; o mesmo que candieiro.

Guiné, *s.* Galinha d'angola, capote, tô-fraco. “... veio da costa da Guiné, na África Ocidental. A espécie selvagem é a *Numida meleagris*. A galinha era conhecida dos romanos como galinha doméstica; mais tarde deixaram de criá-la na Europa, tendo sido ali introduzida pelos portugueses no século XVI” (LUSH, 1964). Nos sertões parece constituir a maior população avícola depois da galinha. Criado à solta, meio asselvajado, é uma ave de grande autonomia, buscando alimento distante dos terreiros das casas e contribuindo para a diminuição de muitas pragas da lavoura. Geralmente nidifica no mato; localizado o ninho, os ovos são transferidos para uma galinha, mãe mais dócil e menos arisca. Sua carne escura é por muitos considerada melhor que a da galinha.

Difícil é distinguir o macho da fêmea; os que sabem dizem o fazer pelo canto onomatopaico (tô-fraco) e pela castanha da crista. Para pegá-lo têm de se valer da hora da dormida, de arapucas, tiros e até tarrafas. A penugem varia do branco ao escuro fechado, sendo mais comum a pedrês.

Gurgumilho, s. Glote, entrada da laringe. O mesmo que *goto*.

Gurinhém, s. Chicote usado pelos tropeiros, o mesmo que chicote de matuto. “... o matuto que retorna à casa à noite, depois de uma semana de ausência, atira o gurinhém para cima, dá umas três voltas na trança e puxa em seguida o cabo num movimento rápido; a ponta de linha estoura um estalo seco que repercute longe. A mulher desperta, é o marido que vem chegando. O gurinhém tem quatro partes: o cabo (de madeira), a trança e a ponteira ou lápis (de couro) e ponta de linha (de fio retorcido). Com o gurinhém o matuto dirige a sua tropa. Não serve apenas a tanger os animais; serve igualmente para os orientar, mudar de rumo, tomar outro caminho, sempre contrário à chicotada. Os animais de carga conhecem a voz do dono, em exclamações seguidas do nome: – Ei, barra aí. E o bicho para, como o carro à pressão do pedal do freio” (GALVÃO, 1961). V. também *Chicote de matuto*.

H

Horas sertanejas, s. No sertão velho, o tempo assim se dividia: “Uma hora da madrugada – primeiro canto do galo; 2 horas da madrugada – segundo cantar do galo; 3 horas – madrugada; 4 horas – madrugadinha ou amiudar do galo; 5 horas – quebrar da barra; 6 horas – sol fora; 7 horas – uma braça de sol; 8 horas – sol alto; 9 horas – hora do almoço; 10 horas – almoço tarde; 11 horas – perto do meio-dia; 12 horas – pino ou pingo do meio-dia; 13 horas – pender do sol; 14 horas – viração da tarde; 15 horas – tarde cedo; 16 horas – tardinha; 17 horas – roda do sol para se pôr; 18 horas – pôr do sol ou sol se pôr; 19 – horas aos cafus; 20 horas – boca da noite; 21 horas – tarde da noite; 22 horas – hora da visagem ou noite velha; 23 horas – perto da meia-noite. Frio, o frião da noite e 24 horas – meia-noite” (CASCUDO, 1957). “Diz-se que três são os bichos-relógio: o burro, a nambu e o galo” (GALVÃO, 1968).

Ilária, *s.* Égua; a fêmea do cavalo (V. *Animal*).

Ilhado, *Adj.* Diz-se do animal que fica isolado nos bancos de areia ou ilhas, quando das enchentes dos rios (ribeiras do Assu).

Impedido, *adj.* Entupido, sem defecar ou urinar, com retenção de fezes, gases ou urina.

Impelicado, *adj.* (V. *Empelicado*).

Impor, *v.* Tanger, empurrar ou acompanhar até certa distância o gado para que ele tome determinado rumo.

Inchaço, *s.* Inflamação, tumor.

Index, *s.* Ovo que se deixa no ninho para incitar as aves à postura. Coisa única.

Índio, *adj.* Raça de galos de briga. Combatente indiano.

Inhaca, *s.* Mau cheiro, catinga, fedor.

Inquerir, *v.* Amarrar fortemente (V. *Arrochar*).

Inquirideira, *s.* Relho ou corda destinado a arrochar a carga.

Inteiro, *adj.* Diz-se do animal macho que não foi castrado. Por extensão, significa temperamento violento, briguento. “Cavalo inteiro, amansa primeiro” poetou Carlos Drummond (in JB, 13/nov/ 71). O mesmo que *colhudo* ou *em grão*.

Inverno, s. Em todo o Nordeste é sinônimo do período das chuvas. Nos sertões do Rio Grande do Norte os anos de bom inverno abrangem, pouco mais ou menos, de 4 a 5 meses. Pelo comum a pegada do inverno se faz de jan./fev., na Zona do Pôr do Sol (Oeste), descendo para o sertão e o Seridó de fev./mar. e daí para o agreste e litoral, onde costuma se espichar de mar/jul. Medições de 1914-38, do Mapa Pluviométrico do Brasil, registra médias anuais: São Miguel, 856,0 mm; Santa Cruz, 523,6mm; Currais Novos, 398,3 mm; Nova Cruz, 874 mm; São José de Mipibu, 1256,9 mm e Natal, 1450 mm. A ausência ou insuficiência das chuvas é que faz o ano seco; quando mal distribuídas, o ano é desmantelado. Assim é que o inverno pode ser *empastador* – quando as primeiras chuvas são grossas e há regularidade subsequente, garantindo a umidade necessária para o desenvolvimento da mescla de babugem (pasto) que estoura com as primeiras chuvas. Quando as primeiras chuvas são finas e irregulares, a babugem germina e fenece por falta de umidade e pelo sombreamento da folhagem das árvores e arbustos que logo se enramam; é o inverno ruim para a criação ou mal empastador, embora, se bem distribuído, possa produzir boa safra agrícola. Também quando as primeiras chuvas são torrenciais encontram o solo nu, as águas correm com mais facilidade, indo se armazenar nos açudes, garantindo os recursos de água para o resto do ano. É dessa matemática pluviométrica que depende a economia agropecuária do grande sertão. Daí o desabafo de um seridoense ao jornalista Carlos Lacerdâna seca 1951-3: “[...] deem-me cinco chuvas por ano, nos dias que eu escolher – e tudo estará bem...” (V. também *Chuva*).

Investir, *v.* Marrar, dar, chifrar. [...] *Mas vou contar como foi [...] / Investi que nem um boi* (LADJANE, 1963).

Isabel, *adj.* Diz-se do equino de pelagem amarelo-suja.

Isca-isca, *interj.* Voz de estumar cachorro.

Iscar, *v.* Açular, estumar, afilar o cachorro.

Isqueiro, *s.* (V. Artifício).

J

Jabá, s. Carne de charque.

Jacá, s. Cesto entrançado de cipó ou taquara que se conduz aos pares em cangalha.

Jandaíra, s. *Melipona favosa subnitida* Ducke. A abelha jandaíra, que povoava sertão e caatinga do nosso Estado, escapou de ser riscada do graças ao Pe. Huberto Bruening. Em Mossoró, de 1960 a 1990, ele estudou hábitos, multiplicou famílias, racionalizou as caixas e manejos, repovoou áreas e divulgou estudo (*Abelha Jandaíra*, Col. Mossoroense, 1990). Nele mostra que “sem pasto apícola não haverá mel e que há 30 anos atrás se podia colher 3 litros colônia/ano, hoje reduzidos para pouco mais da metade, dada a degradação da flora e a competição da abelha africana. Nossa geração passará à História como demolidora da Natureza”. Recomenda caixas verticais, de 50x15x15 cm, abrigadas do sol forte: 10/15 h”. (V. *Abelha*).

Jarrete, s. Região dos membros posteriores, entre a perna e a canela, nos quadrúpedes. Corresponde ao joelho, nos membros anteriores.

Jasmim de cachorro, s. Excremento de cachorro. Abus.: usado como chá na cura do sarampo. O mesmo que *flor de toco*; o nome decorre do costume dos cachorros estrumarem perto dos troncos das árvores.

Jati, s. Abelha silvestre (*Tetragonisca jaty*, F. Sm). O mel é tido como de grande valor medicinal e largamente usado na medicina caseira sertaneja (V. *Abelha*).

Jegue, s. (V. *Jumento*).

Jejuado, adj. Diz-se do gado, principalmente bois, encurrallado na véspera da vaquejada para apresentar mais carreira. ... *Com o curral cheio de gado; / mais de 200 cabeça,/ Vinte touro separado: / Quem tiver cavalo encoste, / Que os touro estão jejuado* (Fabião das Queimadas in CASCUDO, 1957).

Jerico, s. (V. *Jumento*).

Jerimum¹, s. Tumor volumoso e saliente. *É um cavalo brioso / Como nesta moda digo... / nos queixais tem um inchaço, / Um jerimum na sarneia* (A herança da Dindinha in PEREIRA DA COSTA, 1936). ... *em cada quarto uma abelha / dois jerimuns na cernelha/ cego da gota-serena* (SILVA, B. s d).

Jerimum², adj. Diz-se do animal pesadão, lerdo, sem ardigueza. O mesmo que *ajerimunzado*.

Jirau¹, s. Grade de madeira, presa aos caibros do telhado por meio de arames ou cordas, em cima da qual são guardados os queijos.

Jirau², s. Armação de madeira e corda ou pano resistente, com que sustenta em pé o gado caído de inanição durante as secas; no jirau são alimentados e tratados, até que possam se locomover. O mesmo que *rede*.

Jornadeiro, s. Equídeo estradeiro, viajeiro, bom de sela, capaz de em um dia de viagem vencer muitas léguas.

Jumenteiro, adj. Diz-se do cavalo que cobre jumentas.

Jumento, s. Burro, asno, gangão, jegue, jerico. “É o animal que mais compartilha da fome sertaneja nos anos escassos e também o último a ser acudido, pela confiança que têm na sua quase ilimitada sobriedade. Magros, no couro e nos ossos, abandonados ao mormaço, se deixam ficar cochilando, como a poupar sustância, mastigando basculhos e até o próprio estrume – num ciclo vicioso que o agarra desesperadamente à vida. Daí a irreverência no dizer sertanejo: “em tempo de seca só escapa padre-sacerdote e jumento” (FARIA, 1961). Mas nem o ciganismo das procissões flageladas os fazem consentir em “comer a carne de um bicho que carregou Nosso Senhor e onde ele deixou a marca”. E explicam: “a lista que tem na cruz (cernelha) foi por onde escorreu o mijão do Menino Deus... Anselmo Vieira de Souza (1867-1926) cantava: *Eu conheço neste mundo / Quem nasceu e não pecou, / Andou junto com Jesus, Quando Ele no mundo andou / E, tendo servido a Deus, / Morreu, mas não se salvou.* Toda a economia sertaneja repousa no espinhaço do jumento. É nele que transportam os tijolos, a madeira e as telhas para erguer as suas casas, a lenha, a água e os mantimentos; as estacas, as pedras e o arame para as cercas; a terra e o barro para a parede dos açudes, a ração para o gado: as sementes, a ferramenta e as safras; as crianças, os velhos e os aleijados; os noivos; e a família com seus mingaudos trastes na retirada tarda e desesperadora, fugindo das secas

no rumo das pancadas do mar. Tirando defunto, tudo o mais é carregado em lombo de jumento. A usança e bíblica e parece ser constante em todas as terras áridas onde o jumento faz rastro: “O animal mais mencionado no Antigo e Novo Testamento. Era usado por ricos e pobres, como animal de sela (Jos. 15,18), de carga (Ex. 23,5) e para lavrar a terra (Dt. 22,10). É símbolo de paz porque só era usado para ocupações pacíficas, em contraposição com o cavalo, que era usado quase exclusivamente para fins bélicos” (CASTRO PINTO, 1964). O primeiro jumento introduzido no Seridó foi na Fazenda Bulhões, Acari, na década de 1840/50, por Antonio Pires de Albuquerque Filho (Inf. José Braz Galvão, Fazenda Talhado, Acari, fev/60). E o primeiro casal de jumentos foi levado para a Fazenda do Bico, Acari, por Antonio Ernesto da Costa Pereira (Inf. de s/filho, Antonio Ernesto da Cunha, Natal, set/62). A zootecnia regional e os setores especializados do Ministério da Agricultura ainda não se lembraram dele. (V. DOMINGUES, 1956). No Rio Grande do Norte, conhecemos apenas o trabalho de seleção de jumentos de pelegam pampa que vem sendo feito por José Braz Galvão (Fazenda Talhado, Acari). O mais importante representante da espécie foi Canário – o asno sábio – que Manoel Fernandes Filho trouxe dos sertões do RN para o deslumbramento do Rio de Janeiro. Nos palcos do Cassino da Urca e do Icaraí (1941-5), embasbacou cariocas e fluminenses, apresentando-se ao lado de cartazes internacionais como Tito Schipa, Pedro Vargas, Carmem Miranda, Jean Sablon e outros. O decreto que mandou fechar os cassinos (1945) encerrou a carreira de Canário, o adivinho, que fazia

previsões e operações matemáticas como um burro mitológico. Aos 20 anos, pouco mais ou menos, morria Canário (1950) no Estado do Rio de Janeiro, alguns mil quilômetros dos seus sertões de origem. “É utilizado para transportes, podendo carregar léguas e léguas uma carga de 120 kg” (ALBANO, 1918). • “O matadouro de Belo Jardim (PE), em mar./1973, iniciará a matança de 150 jumentos/dia, o que representará 300 t/carne para exportação (CM, 21/03/72). • “O jumento será levado pelo INCRA à Amazônia” (JB, 19/03/72) • “Duzentos jumentos estão sendo treinados para a Grande Corrida de Jumentos, em Petrolina, no São João de 1972” (JB, 09/10/71). • Nascer com os pés pra diante que nem jumento (pessoa de sorte).

L

Labirinto, adj. Diz-se de bovino de pelagem branca com pintas ou chitas vermelhas.

Lacrado, adj. (V. Tapado).

Lagarto, s. Conjunto de músculos da porção anterior dos bovinos. É considerada carne de qualidade inferior.

Lamber embira, exp. Deceptionar-se, desiludir-se, nada conseguir. No romance *O boi liso*, de 1832, já era cantada: *Ele atrás de mim correu / Porém a mim não pegou, / E voltou lambendo embira / Com os beiços que mamou* (CASCUDO, 1969).

Lambi, s. (V. *Nambi*).

Lambida, adj. Diz-se da despigmentação da mucosa do focinho, da rês Nelore, e que pode ser parcial ou total. No primeiro caso, é permissível; no segundo, desclassifica o animal para registro como puro. Tal despigmentação é considerada por genes recessivos, razão porque nunca desaparecerá da carga genética da raça, admitindo-se a reprodução de indivíduos com lambida apenas parcial. (DOMINGUES, 1966).

Lápis, s. Alças de couro que prendem o rabicho à sela.

Laranjo, adj. Diz-se da pelagem alaranjada.

Latir, v. Ladrar. “O cachorro tem quatro vozes: late, gane, acua e uiva” (GALVÃO, 1969).

Lavandeira, *adj.* Diz-se de bovino que possui pelagem branca com manchas grandes, pretas e de contornos irregulares.

Lavareda, *adj.* Diz-se de, ou bovino que possui pelagem vermelha intensa, da cor de fogo. Corr. de *labareda*.

Lavrado, *adj.* Diz-se de bovino que possui pelagem malhada de preto ou de vermelho.

Lavrador, *adj.* Diz-se do boi de muita carreira e que nas vaquejadas não se deixa pegar.

Lavrar o paito (pátio), *exp.* Diz-se quando, nas vaquejadas, o boi corre todo o pátio sem que os vaqueiros o alcancem.

Lazarina, *s.* Esguia, longilínea. O nome é alusivo às espingardas de ouvido, de cano excessivamente longo, que eram importadas no início do século, de Portugal. Manufaturadas pelo armeiro Lázaro Lazarino, natural de Braga, deixaram fama em todo o sertão do Nordeste, onde diziam orgulhosos: *lazarina legítima de Braga*.

Legre, *s.* Raspador do tacho de fazer queijo à moda faca, de lâmina de aço recurvada em 90°. Var. De *legra*.

Leitão, *s.* Suíno novo ainda mamando. O mesmo que *bacorim*.

Leite, *s.* Líquido segregado pelas glândulas mamárias das fêmeas dos mamíferos. *Esconder o* ---- quando a fêmea, voluntariamente, interrompe a lactação; ---- *ferrado*, é o leite cru em que se mergulha um ferro incandescente (bebida recomendada às pessoas fracas do peito); ---- *magro*, desnatado, desengordurado; ---- *novo*, colostro. *Comer leite* serve para designar em todo o sertão o leite

que é dado pelo proprietário ou vaqueiro às pessoas (moradores) que ajudam na luta do curral (manejo, arraçoamento e ordenha) e que se destina à alimentação dos seus filhos. Também designa o leite da vaca parida que é emprestada a uma pessoa mais pobre para que dela trate e desfrute o leite. A expressão é muito velha; no Pastor peregrino (RODRIGO LOBO, Lisboa, 1608, está escrito: *comerás leite...* (CASCUDO, 1970). *Lá eu vi rios de leite / barreiras de carne assada / lagoas de mel de abelhas / atoleiros de coalhada...* (SANTOS, 1961).

Leitoa, s. A fêmea do suíno quando nova, mamando; o mesmo que bacorinha.

Leito do carro, s. (V. *Carro de boi*, III, Mesa).

Lerdo, adj. Diz-se do equídeo ou bovino sem ardigueza, que não reage ao castigo da rédea, rebenque, espora ou ferrão.

Letra, s. (V. *Ribeira*).

Levada, s. Tipo de marca (V. *Assinar*).

Levantar gado magro, exp. “As reses mais velhas resistem pouco à inanição prolongada, baqueando no fim de algum tempo, gastas as forças. É de mister levar-lhes, diariamente, bebida e alimento e erguê-las do chão, restituindo-lhes a atitude quadrúpede, a qual, por si sós, são incapazes de retomar. Para isso, primeiro se ajeitam os membros do animal prostrado, dando-lhes postura natural, de descanso; atravessam-lhe em seguida, transversalmente por baixo do corpo, à altura dos vazios, uma vara resistente que é empurrada nas extremidades por duas pessoas colocadas de cada lado da

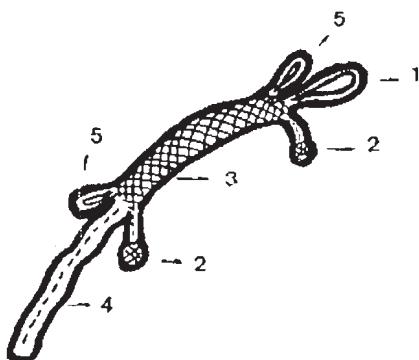
rês; depois, com um movimento conjuntamente brusco, elevam o traseiro do animal, ao mesmo tempo que outra pessoa, agarrando-lhe firmemente a cabeça, a puxa para cima” (TORRES, 1950. V. também *Jirau*). Durante a noite vistoriam e levantam o gado caído. No frio da madrugada, lavam com água morna e massageiam as juntas entorpecidas para que se mantenham em pé. Reclamam dos equídeos que, erguidos e trôpegos, sempre pisam os pés dos que os levantam.... Epaminondas, companheiro forte na ração de carneiro e xique-xique, levantando as vacas caídas, duas e três vezes pela noite” (CUNHA, 1971).

Levantar poeira, *exp.* Derrubar a rês em queda de mocotó passar, i. é, em baque estrepitoso. *Tinha o cavalo Vgado / Do senhor José Ferreira, / Que nunca correu o touro / Que não levantasse a poeira* (CASCUDO, 1969).

Levar fede, *exp.* Dizem, na gíria das vaquejadas, quando o boi corre lavrando o pátio. Do v. *feder*.

Liforme, *s.* Vestea, encouramento. Corr. de uniforme. *O meu liforme macio / por mim mesmo pespontado* (CASTELO BRANCO, s/d).

Ligeira, *s.* Espécie de rebenque, de couro curtido, muito usado pelos vaqueiros. Consta de uma trança de onde parte uma língua de sola, de cerca de dois palmos, que serve para castigar o animal; tem, nas duas extremidades da trança, alças que abotoam em nó de rosa para, em eventualidades, ser usada como peia. O mesmo que *macaca*.



Ligeira trançada em couro curtido: 1 - Alça com que se conduz presa ao pulso. 2 - Botão em nó de rosa que abotoa na casa oposta (5) transformando-a em peia de mão. 3 - Trança. 4 - Língua.

Limão, s. Abelha do gênero *Trigona*.

Limpar o cabelo, exp. (V. *Afinar o cabelo*). “Uma chuva que valeu pelo inverno do ano. Fez rama fechada e babugem bem apontada que deram para o gado limpar o cabelo” (CUNHA, 1971).

Limpo, s. Lugar desprovido de vegetação e empecilhos outros; clareira, pátio onde se faz vaquejada. O contrário de fechado, trançado, mato ou caatinga. João Faustino, vulgo Serrador, pabolava: *No lugar onde eu campeio / Tu mesmo não tira gado, / Faço figura no limpo, / Faço mió no fechado. / No poço que tomá pé / Você morre é afogado.*

Livro, s. Estômago menor dos ruminantes.

Liso, adj. Diz-se de bovino que apresenta pelagem clara (amarela ou esbranquiçada), sem manchas. Há o *liso alvaçã*, que é o quase branco ou cor de creme.

Logrador, s. Recanto da fazenda onde existe uma reserva forrageira para onde retiram o gado nas épocas de seca. (Var. *Logradouro*.).

Lombo, s. Linha dorsal; dorso. Os touros, quando excitados para a luta, cavam o chão com as patas dianteiras, atirando terra para trás que, quase sempre, vai cair no lombo. Daí *Jogar terra no lombo* também ter o sentido extensivo de zangado, exaltado, em ponto de briga.

Lombo de cernelha, s. (V. *Manta*²).

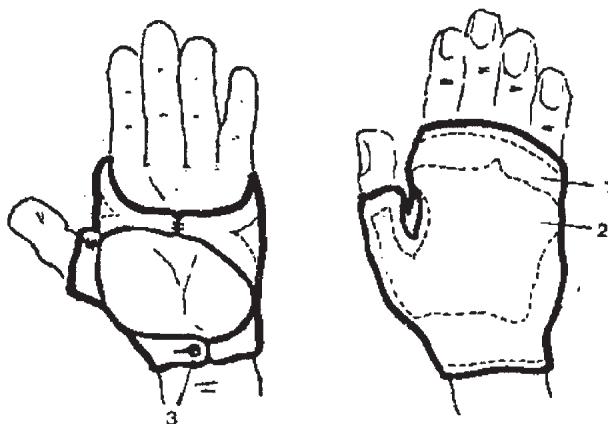
Loro, s. “Correia dupla de sela que, passando pela casa do loro ou arção do mesmo, abarcando este último, prende os estribos à sela. Mede uns seis palmos de comprimento por uns dois dedos de largura. Encurtam ou encompridam os loros por intermédio de uma fiveira. Assim é que medem o comprimento desejado: apoiando a palma da mão na sela (na altura da casa do loro) e, com o braço estendido, bitolam o loro, de modo que a casa do estribo coincida com o sovaco do cavaleiro. *Bater os loros* significa morrer.” (FARIA, 1969).

Lote, s. Rebanho de éguas para reprodução. Tratando-se de uma exploração mais exigente e pouco rendosa, raras fazendas ainda conservam lotes de éguas com garanhão ou jumento reprodutor (cavalos ou muares). A maioria prefere adquiri-los trazidos de outras zonas. *Boi de ---*, o que se acha solto nos cercados de criar; *cabalo de ----*, O garanhão, o pai-dégua, *jumento de ----*, o jumento afeito a cobrir éguas para produção de muares.

Lua da sela, s. Parte anterior e saliente da sela. É também chamada de *santo-antônio*.

Lugar que sai o vento, exp. Ânus. ...para pegar jumento / passou a pimenta ardosa / no lugar que sai o vento. (LIRA, s/d).

Luva, s. Peça da indumentária do vaqueiro que cobre o dorso da mão. É, nos sertões, manufaturada de couro de bode curtido; na região agreste e litorânea, costumam fazê-la de lona.



Luvas: 1 - vista, em duas peças de couro. 2 - luva. 3 - botão nó de rosa.

M

Macaca, s. (V. *Ligeira*). ---- *de carreiro*, macaca confeccionada de couro curtido, tendo de 2 a 2,5 m de comprimento e, aproximadamente, um dedo de grossura, que é presa a um cabo de madeira, geralmente roliço. [...] *o véio meu pai. / Volto pra trás, / Tomo conta da barraca, / Eu tenho uma macaca / Que quando bato o sangue sai.* (VILELA, 1961). Diz-se de vaca solteira, sem cria (zona Oeste).

Macaco¹, s. Tira de sola que sai do meio da rabichola e vai se prender à cilha, na altura do cilhadouro. Também se usa com o mesmo nome, para os cavalos mais desbarrigados, uma tira que vai do peitoral à cilha, evitando assim que esta se desloque para o vazio do animal.

Macaco², s. Corda que, enlaçando determinadas partes do corpo da rês, obriga-a a cair. Existem vários métodos de derrubar, sendo entre nós o mais comumente usado o de uma laçada na altura do vazio da rês.

Maçaneta, s. Lua da sela, santo-antônio. *A cara cheia de sangue, / Cortada pela favela, / E um bezerro atravessado / Na maçaneta da sela.* (LINHARES & BATISTA, 1976).

Maçaroca, s. A extremidade flocada da cauda dos bovinos usada na manufatura das cordas de cabelo. A onça vermelha (suçuarana ou bodeira) é também conhecida como maçaroca.

Macête, s. Pequeno bastão de madeira, em quina viva, hoje quase em desuso, com que se faz a castração de bovinos, caprinos e ovinos. O operador desloca os grãos para a parte inferior do

saco escrotal, colocando as cordoveias (cordões espermáticos) na quina viva do macete, onde são golpeados e, consequentemente, interrompidas.

Macheiro, *adj.* Diz-se do reprodutor que gera filhos com predomânia do sexo masculino. O contrário de *femeiro*.

Machinho, *s.* É a região posterior do boleto, provida de pelos crescidos. “[...] viu uma jararaca ferrar o animal no machinho da mão direita.” (SOUZA, E. 1914).

Macio, *adj.* Diz-se do equídeo que possui andamento cômodo, bom para viagens.

Mãe do corpo, *exp.* Útero.

Magote, *s.* Grupo, conjunto, coletivo de gado de qualquer espécie.

Magrém, *s.* Magreza que pode ser de origem patológica ou decorrente da escassez de alimentos, durante as secas.

Mal, *s.* Doença indeterminada. “Dalguns eram aproveitadas as peles e os que morriam do mal ficavam entregues à discreção dos urubus.” (THEOPHILO, 1922). ---- *de ano*, carbúnculo sintomático ou quarto-inchado (um dos quartos posteriores aparece inchado, febre e tumor crepitante), causado pelo germe *Clostridium chauvoei*; ---- *das cadeiras*, tripanossomose que ataca os equídeos, deixando-os cambaleantes, febris e anêmicos; ---- *dos chifres*, oca, sinusite frontal dos bovinos; ---- *de cuia*, raquitismo da cria quando o ordenhador esgota completamente o úbere, pouco ou nada restando para ela; ---- *de roda*, encefalomielite equina; ---- *de secar*, tuberculose; ---- *triste*, piroplasmose ou

anaplasmose (V. *gado sujeito*): *Muito mal-triste no gado, / Escarvas nos animais, / E morreram por demais, / Garrotes de quarto-inchado.* (MOTA, L. 1962).

Malabar, s. Raça bovina nativa não melhorada do Nordeste; de visível aptidão mista, muito gabada pelos antigos criadores. Com a introdução das raças indianas e europeias está desaparecendo do nosso criatório.

Malacara, s. Rês ou animal que apresenta a cara assinalada de pelagem branca.

Malhada, s. Lugar comumente sombreado e de terra chã onde o gado se amagota nas horas de sol quente. *Eu nasci lisa-vermelha / Com a cabeça listrada: / Prá deixar cavalo bom, / No mundo nasci dotada; Corro bem no tabuleiro. Desafio na malhada.* (Versos da bezerra in MELO, M. 1951). V. também *batedor* e *cama*.

Malhador, s. Local onde o gado costuma se reunir para ruminar.

Malhar, v. Amagotar-se (o gado) nas horas de sol quente, sob as árvores, para ruminar ou pastar. ... *Qu'era meu boi costeleiro, / ... Bebia na Cajazeira, / Malhava lá no oiteiro.* (*O Boi Espácio* in ROMERO, 1897).

Mamador, adj. Diz-se do galo que, durante a briga, segura o papo do adversário e não consegue bater (gíria galista).

Mamilo, s. (V. *Cupim*).

Manalvo, s. Equídeo com manchas brancas nas mãos.

Mamote, *s.* Bezerro crescido que ainda mama: *No ano em que eu nasci, / No outro que me criei, / No outro que fui bezerro / No outro que fui mamote, / No outro que fui garrote.* (*O boi Espácio* in ROMERO, 1897).

Mancar, *v.* Manquejar, coxear.

Manco, *adj.* Coxo.

Mandingueiro, *adj.* Diz-se do animal que, de tão arisco, velhaco, evasivo ou bravio, acreditam possuir qualidades sobrenaturais; ter mandinga; ser enfeitiçado. A literatura de cordel documenta, em diferentes épocas, os romances: SILVA, J. B. 1956 e 1957.

Manga, *s.* Cercado ou corredor que vai dar acesso a uma bebida ou pastagem. Também significa pequenos cercados de solta.

Manhoso, *adj.* Diz-se do animal com vícios ou manhas (escoicear, saltar, morder, acuar etc.).

Maninha, *adj.* Diz-se de uma fêmea quando estéril e que em geral se mostra gorda.... *Boi brabo e vaca maninha / tudo tem sorte mesquinha / derribo e boto no chão.* (SILVA, J. B. 1956).

Manjedoura, *s.* (V. *Cocho*).

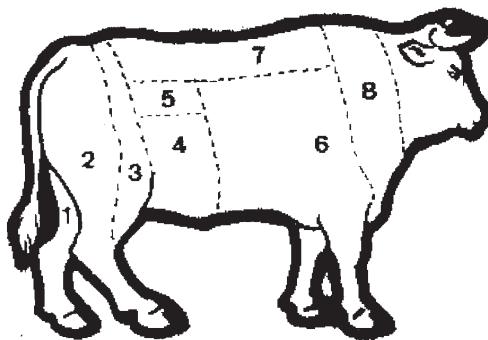
Manqueira, *s.* Irregularidades nos movimentos locomotores, proveniente de lesões. Carbúnculo sintomático ou quarto-inchado provocado pelo gérmen *Clostridium chauvoei*.

Manso, *adj.* (V. *Adomado*).

Manta¹, *s.* Peça de couro curtido em cabelo, que é colocada entre a esteira e a sela. Comumente é confeccionada de couro de bode e

usada nos animais de sela. Ricas eram as mantas de onça pintada. [...] *Hoje eu meto este bicho no cutelo, / Do couro deste cabra eu faço manta / e deixo os ossos dele num farelo.* (MOTA, L. 1961).

Manta², Camada de carne desossada. A carne da rês é desdobra-
da em mantas, como operação inicial à fabricação da carne de
sol. *Infeliz do cantador / Que armar a mão pra me dar / Tiro-lhe a
carne dos ossos, / Faço manta e boto sá.* (SIMÕES, 1949). “A partir
da costela-mindinha, no rumo de cada quarto traseiro, a rês tem
as seguintes mantas: *costela-mindinha, chã de dentro* (onde se lo-
caliza o filé), *chã de fora* ou *chandanca* (abrev. de chã da anca) e
patim. O quarto dianteiro, em cada um dos seus lados, permite
despencar de 4 a 5 mantas – de acordo com o porte da rês: *lombo
da sarnelha* (pronunciam sarnelha), *posta-gorda*, *peito*, *pescoço* e
pá. No gado mais movido, a manta do lombo da sarnelha é tirada
junto com a *posta-gorda*”. (FARIA, 1964).



Manta: 1 - Chã de dentro. 2 - Chã de fora. 3 - Patim. 4 - Costela mindinha. 5 - Filé (fica pegado na chã de dentro pelo lado interno e coberto pelos rins). 6 - Pá ou posta gorda. 7 - Lombo de sarnelha e 8 - Peito e pescoço.

Manteiga de garrafa, *s.* Manteiga líquida, de origem moura, também conhecida por *manteiga do sertão*. “O Dr. Thompson informa que nem os antigos nem os modernos orientais preparam a manteiga conforme o nosso modo. A manteiga que Jael deu a Sí-sara era leite azedo, que os árabes chamam *leben*. A manteiga de que fala o Pv 30. 33 é produzida da seguinte forma: Enche-se de leite a pele de um pequeno búfalo, previamente preparada para servir de vasilha, ou odre, que as mulheres agitam até que o leite se converta em manteiga. Depois, tira-se o conteúdo que vai ao fogo para cozinar ou derreter, e que novamente se recolhe em outras vasilhas, feitas de pele de cabrito. No inverno tem a aparência de mel cristalizado, e no verão parece óleo. A versão brasileira traduz leite azedo e coalhada nas seguintes passagens: Gn 18.8, leite azedo; Dt 32.14, coalhada, e em Is 7.15,22, manteiga.” (DAVIS, 1960). Dit.: *Desaparece que só manteiga em venta de cachorro*.

Manteúdo, *adj.* Diz-se do animal que se mantém sempre gordo, em boas carnes. O de menor distância entre as derradeiras costelas e os ossos do quadril. Quando essa distância é grande dizem que o animal é *sentidor* (equinos).

Mão, *s.* Membro anterior dos animais. Peça da *cancela* (V. este verbete). ---- *de vaca*, comida preparada com as extremidades da carne bovina, a que juntam, às vezes, intestinos e fressuras; também conhecida como *mocotó*.

Marca, *s.* (V. *Ferro*).

Marcação, *s.* (V. *Ferra*).

Marcha, *s.* Modo de andar dos equídeos. No Rio Grande do Norte, as marchas, em ordem crescente de velocidade, são: passo, chouto, baixo (normal e de urubu), baixo-traçado, galope-em-cima-damão, galope largo ou alto, contramarcha, meio, esquipe, carreira. *Dar de marcha*, partir, começar a andar.

Marchador, *adj.* Diz-se do equídeo de boas andaduras.

Marchante, *s.* Aquele que negocia e abate o gado para os mercados regionais. Comumente o fazendeiro, quando tem uma boiada para o corte, convoca o marchante para a compra. No curral, ou mesmo em um pasto mais acessível, corrigem o gado e discutem o preço. A venda pode ser feita por arrobação (V. Arrobar) ou na balança, i. é, conferindo o peso da carne da rês morta. Menor quantidade, ou sendo ele pessoa de recursos, o gado é pago no dia da compra; daí a designação *pagamento no mourão da porteira* ou *em cima do estrume*. “Nos pequenos centros, o marchante se encarrega de todas as etapas, desde a compra da rês à distribuição da carne verde ou de sol para as áreas de consumo.” (APPC, 1970). [...] *Dei um grito de alevante / Mande chamá um marchante / Prá matá esse Pelado.* (Versão inédita d’O Pinto Pelado, ouvida na Fazenda Lagoa Nova, 1943).

Maromba, *s.* Grupo de animais; o mesmo que magote.

Marra, *s.* Engrossamento, à guisa de couraça, da pele do pescoço dos galos de briga. É preparada com banhos de substâncias tanninas – golda de casca de angico (ou cajueiro) e óleo vegetal ou animal.

Marra- (ou Amarra-) do-chocalho, s. Correia de sola que prende o chocalho ao pescoço da rês ou animal. Em sentido figurado, a região do ouvido. Exp.: *Soltei-lhe os cinco mandamentos (dedos) nas amarras do chocalho, que o cabra caiu ciscando...*

Marrã, s. Ovelha nova. A expressão usual, no caso, é pleonástica: marrã de ovelha. [...] *Ah! Cheiroso que saudades / daquelas belas manhãs / naquelas verdes campinas / junto com outras marrãs.* (MONTEIRO, s/d).

Marrafa, s. Alto da fronte do gado bovino.

Marruá, s. Novilho bravio; barbatão. É designação em desuso e mais comum na zona fronteiriça com o Ceará. Catulo da Paixão Cearense (1863-1946) poetava: *Dos Marruá mais bravio / Que no sertão derrubei / Muita chifrada, sá dona / Muita cornada eu levei...*

Marruada, s. Chifrada, cornada. Xano in SIMÕES, 1949, cantava: *Cachorro briga no dente, / Galo briga de peitada / Cavalo briga é de coice, / Novilho é de marruada, / Homem só briga é de ferro, / Mulher só briga agarrada.*

Mascára, s. Máscara. Peça de couro que se coloca na parte anterior da cabeça da rês, para impedir sua visão de frente e, consequentemente, a fuga. A rês mascarada fica tão somente com a visão lateral, impedida, assim, de fugir.

Mata-burro, s. Fosso, com quase um metro de profundidade, traçado transversalmente, que substitui as cancelas nas estradas de rodagem. As travas podem ser de madeira ou trilhos de aço, dis-

postos paralelamente, guardando um espaço de uns 5 dedos de um para o outro. Parece ter sido introduzido no Nordeste pela Inspetoria de Obras Contra as Secas (atual DNOCS), com a construção das primeiras estradas carroçáveis. Permite a passagem de veículos e impede a de bovinos e equídeos, sob pena de nele cair e fraturar os membros. Uma vez perdida, aparece um animal mais velhaco que passa se equilibrando nas traves para fugir de um cercado ou invadir uma área de lavoura.

Matame, s. Parte do *chapéu de couro* (V. este verbete).

Matança, s. Matadouro, matador. Local onde os marchantes sertanejos abatem o gado para o mercado. Mais das vezes situa-se numa ponta de rua da cidade ou lugarejo e nas margens do rio ou outro local de água mais farta. Suas instalações são bastante rústicas: Um curral ou pequeno cercado, telheiro, mesa grande de tábuas, gancho para pendurar as carnes, cocho de madeira para o sal, tanque para água e varais ou arames (lisos) para estender as mantas de carne. *Cego só pode encontrar / Moça velha, magra e feia, / Que não namora, nem prosa, / Nem pagoda, nem passeia! / De mulher de negro besta / A matança vive cheia.* (Do cego Manoel Pedro *in* COUTINHO FILHO, 1953).

Matolão, s. Saco de couro de carneiro, curtido, com a lã para fora, onde conduzem, principalmente, roupa. “É o alforge de couro dentro do qual os sertanejos transportam em viagem as suas roupas e utensílios.” (MANUEL BANDEIRA, prefácio *in* SOUZA BARROS. *Matolão de pau de arara*).

Matolotagem, *s.* Provisão de composição variada (carne de sol, farinha de mandioca, rapadura etc.) para viagens ou trabalhos de campo, distantes de casa. Também tem o sentido de ração-conserva para um período difícil. Em carta inédita recolhida por José Gonçalves de Medeiros, o velho Targino Pires Pereira, na seca de 1877, no Acari, escrevia a seu primo Antônio Pires d'A. Galvão: “[...] para pedir que vendão uã matolotagem a esse pobre velho, seu parente, e me ajudar a viver mais alguns dias etc. Outros aqui tem achado esse recurso. O professor Alex já matou duas; Benjamin achou S. Rosa que lhe deu um boi...”. *Rês de ---- ou de matutagem*, como diz o matuto, é a rês gorda, em condições de abate; o mesmo que *rês de chã, de carne de sol ou de carne seca*.

Matulão, *s.* Corr. de *matolão*.

Matutagem, *s.* Corr. de *matolotagem*.

Matuto, *s.* No sertão velho eram assim chamados os comboieiros que se faziam trajar de chapéu de abas largas (couro ou massa), camisa de algodãozinho de mangas compridas, calça de mescla e carteira a tiracolo. Dit.: *Sofre que só matuto na praça*.

Mecha, *s.* (V. Eixo *in Carro de boi*).

Meia-lua, *adj.* Diz-se do bovino que possui uma mancha branca na região da frente, lembrando uma meia-lua.

Meião¹, *s.* (V. Rodas *in Carro de boi*).

Meião², *adj.* Diz-se do cavalo cuja andadura predominante é o *meio*.

Meiar, *v.* Andar meio.

Meeiro, *adj.* Diz-se dos equídeos que apresentam o andamento denominado meio.

Meio, *s.* Andamento acelerado dos equídeos, cuja velocidade de deslocamento está entre a contramarcha e o esquipe.

Meio de sola, *s.* Metade do couro de uma rês, depois de curtido.

Meizinha, *s.* Remédio; notadamente medicação preparada com os recursos locais: chá, lambedor, beberagem, emplastro, garrafada, clister etc.

Melado, *adj.* Diz-se de equídeo que possui pelagem baia, i. é, aquele cujos pelos variam do amarelo ao bronzeado, sendo que as crinas e a cauda são pretas ou escuras. ---- *baio*, quando os membros são da cor geral; ---- *caxito*, quando a porção inferior dos membros é preta ou escura. Dit.: *Melado caxito tanto é bom como é bonito*. ---- *pedrês*, se possui pintas vermelhas ou escuras distribuídas pelo corpo.

Menso, *adj.* Diz-se do animal que possui o trem posterior alevantado, de garupa alta ou dorso mergulhante.

Mês, *s.* Usado para designar as principais épocas do mundo sertanejo. ---- *das águas*, do início das chuvas ou inverno, que varia de uma região ecológica para outra (no Seridó, de fev./mai., e no Litoral, mar./ago.); ---- *da chuva de caju*, out./nov., quando costuma aparecer uma pancada de chuva que, encontrando os cajueiros em flor, assegura a safra daquele fruto; ---- *da ferra*, meses que antecedem as chuvas quando se procede a ferra dos bezerros; ---- *da*

mutuca, referente aos primeiros meses de inverno, quando costuma aparecer grande quantidade de mutuca (moscas hematófagas).

Mesa, *s.* (*V. Carro de boi*).

Mestiço, *adj.* O mesmo que *azeitão*. Significa também o gado que possui sangue de duas raças.

Mestre, *s.* Indivíduo que possui habilidades para ensinar andamentos aos equídeos. “Existem ainda no sertão nordestino os mestres de cavalo. Os melhores, os famosos, já não existem. Recebem o potro já meio manso e começam o ensino. Não há chicote. É educação diária, metódica, paciente. Cavalo de chicote é para comboio, cavalo de carga, anônimo, sem classe. Os velhos cavaleiros de outrora não usavam o chicote senão para os cães. Era, encastoados de prata, um enfeite, uma coisa para mostrar. O cavalo não precisava. Para o cavaleiro bastavam os joelhos, nas suas variadas pressões, e as rédeas, manejadas sabia e oportunamente. O cavalo mudava automaticamente de marcha, ia do baixo ao galope. Os cavalos de sela eram cavalos feitos. Tinham toda a escola. Para formar o cavalo *seleiro*, o mestre punha-lhe peias durante oito a dez dias. Depois submetia-o às provas. Fazia-o andar, apenas andar, horas e horas, acertando o passo. Ia lentamente passando para as outras andaduras, o baixo, o carrego mais apressado, a contramarcha, a marcha do meio, o esquitar. Noutras regiões diziam baixo, meio baralha, baralha, esquitar. É também o galope em cima da mão, macio como rede de dormir, comendo caminho sem que se sentisse. Podiam fazer vinte léguas em duas “assentadas”, de Macaíba a Santa Cruz, sem cansar nem afrontar.

O mestre de cavalo, quando o aluno chegava a determinado “ponto”, dava “solta”, isto é, fazia-o correr ritmamente na contramarcha ou baralha alta. Ia o cavalo com argolas nos pés, somente nos pés, para desencontrar a marcha. Vezes estas argolas prendiam-se às mãos, apenas pé e mão, dum só lado, para habituar o animal ao passo cadenciado. Depois, dava-o “pronto”. Preço, cinquenta mil réis quando a libra esterlina custava quinze...” (CASCUDO, 1957). Há mestres de burro e mestres de cavalo. “Até por volta de 1915 ganhavam de 10\$000 a 20\$000 por mês; já em 1958, cobravam Cr\$ 500,00, além do milho para a ração. Recebiam o animal já esbrabejado (corrido a sela). Os poldros, a partir de 2 anos, podiam tomar o passo, o trote, o galope e, quando cavalo, também o baixo. O ensinamento desses andamentos era feito em todo o período da seca (jul./dez.). Os arreios corriam por conta do proprietário. A andadura do meio e do esquipar (o meio é uma marcha semelhante ao esquipar, porém mais lenta) só era ministrada aos animais perfeitos, i. é, acima dos 5 anos de idade.” (Inf. de José Braz Galvão, Fazenda Talhado, Acari).

Metais da marcha, exp. Potencialidade. Qualidades natas a serem desenvolvidas nos animais de sela. “[...] havia um castanho escuro, ainda novo, bem feito e bem assinalado, com todos os metais da marcha.” (SOUZA, 1914-15).

Mijo de cavalo, s. Cogumelo venenoso (*Agaricus edulis*, Linn) que acreditam se gerar da urina dos equinos.

Mijo de onça, s. Larvicida (ou desinfetante) em spray recentemente (1971) popularizado na assistência veterinária, mormente

como curativo de ferimentos ou tratamento de bicheiras. Também conhecido como *seringa*, que o sertanejo pronuncia *xiringa*.

Milhado, *adj.* Diz-se do animal que está sendo arraçoadado com milho.

Milhar, *v.* Arraçear com milho. “– bem, se o senhor me der pou-sada eu fico. Eu trago aqui um resto de milho que chega para mi-lhar a mula”. (TORRES, 1950). “Ali mandou dar uma lavagem na burra, milhá-la bem e seguir à tarde.” (CUNHA, 1971).

Mingau de cachorro (ou **de vaqueiro**), *s.* “Caldo de carne ou de peixe, farinha sessada, adubado e escaldado ao fogo.” (CASCUDO, 1967-68).

Misturador, *adj.* Diz-se do equídeo que mistura mais de um andamento, quando em viagem. O mesmo que *trocador*.

Misturar, *v.* Atropelar. Gíria de vaquejada usada para designar quando, nas carreiras de pátio, o cavalo pisa com as patas dianteiras nos pés traseiras da rês.

Miúdos, *s.* Visceras das aves ou as vísceras menores dos outros animais. [...] *Teve vida diferente: / Negociou com fressuras, / Foi vendedor de miúdos.* (CARDOZO, 1963).

Miunça, *s.* Ovinos e caprinos.

Moça-branca, *s.* Abelha silvestre também conhecida como *abreu* e *amarela* (*Friseomelitta varia*, Lep).

Mocambeiro, *adj.* Diz-se da rês astuciosa e velhaca que procura as brenhas mais ermas para nelas se amoitar.

Mochila, *s.* Bolsa de tecido forte, lona ou mesmo couro, usada para arraçoar os animais. O milho inchado, i. é, de molho desde a véspera, é servido aos equídeos em mochilas cujas alças se prendem por trás das orelhas dos animais. No sertão velho também se usava mochila de sola com fundo de madeira (imburana) para arraçoar o gado do curral com caroço de algodão. Tinhama as tiras das alças apertadas para serem presas em laçadas por trás dos chifres da rês.

Mocó, *s.* (V. *Badaneco*).

Mocho, *adj.* Diz-se do gado desprovido de chifres. *Este cego bruto hoje / apanha que fica roxo, / cara de pão de cruzado, / testa de carneiro mocho.* (Da peleja do cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum).

Mocotó¹, *s.* Porção dos membros locomotores dos animais; compreende canela, boleto e quartela. ---- *passar*, cair (a rês) revirando as quatro patas para o ar, quando derrubada pelo vaqueiro.

Mocotó², *s.* “Prato secular na Europa do Sul, penínsulas itálica e ibérica. Cozido e não guizado, em fogo vagaroso, com os temperos rituais, acompanhando língua, fígado, bofe, tripas, livro, coalheira. O caldo faz o pirão. Escalda-se na água quente uma mão ou pé da vaca; depois de raspados e tirados os cascos, corte-se em pedaços por todas as juntas; ponham-se estes sobre o fogo com algumas peles de toucinho, sal, pimenta, salsa, louro, e deixem-se ferver a fogo vivo, durante 6 horas; tiram-se depois os pedaços de mocotó e as peles, deixando-se o caldo engrossar. Quando estiver quase no ponto deitam-se-lhe uma colher de mostarda e um pouco de vinagre ou sumo de limão e sirva-se.” (CASCUDO, 1967-68).

Moela, s. Parte do estômago das aves dotada de grande musculatura. Sacar a ----, matar: “E você, delegado, passe mais pra trás, se não quer que eu saque-lhe a moela.” (LINS, O. 1964).

Mofo, s. Lesões, à moda sífilis, que se iniciam nos órgãos genitais dos equídeos, alastrando-se em forma de placas e edemas purulentos pelo corpo. Inicialmente assemelham-se a áreas mofadas. São causadas por um tripanossoma e transmite-se pelo coito. “Ninguém poderá conservar solto neste município animal cavallar affectado de rengue, mofo ou sécca.” (Lei Provincial 596 de 21/nov./1866, art.º 11).

Mole, s. Mucosa.

Moleque, s. (V. Mesa *in Carro de boi*).

Moléstia, s. Hidrofobia. O sertanejo diz *mulesta* que, por extensão, designa raiva incontrolada. *Cabôca, tu tem na testa, / tu tem na testa, cabôca, / dois cachorro da mulesta / qui me morde sem tê bôca!* (Zé da Luz *in ALMEIDA*, R. 1947).

Mombucabo, s. “É a única peça de algodão de toda a indumentária de couro do vaqueiro. É um cadarço de quatro centímetros de largura, tecido de linha grossa, que faz as vezes de cinto, correndo através da bainha do cós das perneiras. Fora da sela, o vaqueiro habitualmente o desamarra da cintura e, sem o desenfiar, dá-lhe um laço que desaba com a parte superior da peça desajustada. Isso porque as perneiras, prolongadas na frente até a cintura, se escavam lateralmente, cingindo por trás os membros pela raiz das coxas. Faltando-lhes o apoio do mombucabo, toda a parte superior despencava” (ALMEIDA, R. 1947).

até quase os joelhos, descobrindo inteiramente os calções.” (TORRES, 1950). É desconhecida em nossos sertões e talvez constatada, lá uma vez perdida, na zona fronteiriça com a Paraíba.

Montada ou **Montaria**, *s.* O animal de sela. “O outro, o cavalo Paturi, quando Rafael sair do curral, conduz para sua montada.” (CUNHA, 1971). No sertão velho também se chamava de montaria um modelo de saia comprida usada pelas mulheres para andar a cavalo.

Montado¹, *adj.* Que se escondeu, amoitado, oculto: *gado montado*.

Montado², *adj.* Escanchado; posto sobre um equídeo.

Montar em osso, *exp.* (V. *Andar em osso*).

Montaria, *s.* Sela antiga da mulher (V. *Silhão*). ...cacete; / Não tarda chegar o dia / De homem andar de montaria, / Mulher em selaginete. (Luís Dantas Quesado in MOTA, L. 1961).

Mordido, *adj.* Hidrófobo; com o má (mal) dos cachorros.

Morrinha, *s.* Mortandade do rebanho causada por epidemia indeterminada. *Uma morrinha do gado / É derrota em fazendeiro, / E um cavalo ruim / É derrota dum vaqueiro / A derrota do país / É dever no estrangeiro.* (COUTINHO FILHO, 1963).

Morto na cuia, *exp.* O mesmo que criado com fome, movido e raquítico. Alusivo aos bezerros atrofiados por via do ordenhador ter esgotado inteiramente o úbere da vaca, nada reservando para eles. Diz-se, por extensão, das pessoas magras.

Mosqueado, adj. Diz-se de equídeo que apresenta pequenas e numerosas pintas escuras na pelagem, fazendo lembrar moscas.

Mosquete, s. Cavalo pequeno corredor. *Para pegar esta vaquinha, / É bastante o meu mosquete.* (*A vaca do burrel* in ROMERO, 1897).

Mosquito, s. Pequena abelha silvestre que costuma nidificar em frestas de madeira ou mesmo alicerces (*Plebeia mosquito*, F. Sm.).

Mossa, s. Entalhe. Tipo de marca (V. *Assinar*).

Moura, adj. Diz-se de equino que apresenta pelagem escura, salpicada de pelos claros.

Mourão, s. Estacas fortes e grossas (de madeira de lei) que ladeiam as porteiras dos currais. Também é assim chamada a estaca que se finca ao centro do curral para subjugar o gado para benefícios (ferra, vacinação, cura de bicheiras etc.). Ainda têm a mesma designação as estacas, de maior diâmetro que as demais, que são colocadas nos ângulos dos cercados e de espaço em espaço no decorrer da cerca, para permitir o esticamento do arame e reforço do tapume. *Pagar no mourão da porteira*, efetuar o pagamento de compra de gado à vista; o mesmo que *pagar em cima do estrume*.

Mourisco, adj. Diz-se da pelagem cinzento-escura misturada de tons esbranquiçados, é característica de um gato do mato, assim denominado (*Felis yaguarunai*).

Movido, adj. Atrofiado, raquítico.

Muar, s. (V. *Burro e Mulo*).

Mucica, s. “Corr. de *mo-cyca*, fazer chegar, puxar para si, o puxão. Dar a mocica é derrubar a rês, na carreira, por meio de um pu-xão pela cauda, dado pelo cavaleiro ou vaqueiros que com ela se emparelham.” (SAMPAIO, TEODORO, *O tupi na geografia nacional*). *Barbosa deu tal mucica / Em um boiote lavrado, / Que o bicho morreu da queda / Tendo o pescoço quebrado.*

Mucumbu, s. Inserção da cauda; cóccix. *Dê-me lembrança ao cavalo / Veneno da Serra Azul; / E o veado do Ferreira / qu'é mesmo que um garapu. / Esses ainda chegaram / Perto do meu mucumbu.* (Fabião das Queimadas in CASCUDO, 1957).

Mucura, s. Curral onde as municipalidades sertanejas costumam prender os animais encontrados soltos pelas ruas, em desrespeito às posturas municipais.

Mucurana, s. Ectoparasita que ataca os suínos. “Carrapato miúdo e o do gado; Tem piolho, tem pulga e mucurana...” (BATISTA, 1929).

Muda, s. Renovação dos dentes, pele, pelos ou penas dos animais.

Mudar, v. Passar de uma para outra idade, constatado pela renovação dos dentes, pele, pelos ou penas.

Mugir, v. A voz dos bovídeos.

Mulada, s. Lote de muares.

Muleta, s. Tipo de marca (V. *Assinar*).

Mulo, *s.* Muar. O sertanejo costuma distinguir: *burro* ----, produto do jumento com a égua; quando asneiro, i. é, filho de cavalo com jumenta, dizem *burro de jumenta*. “[...] São geralmente de cor cardã, preta ou castanho escura, aparecendo raramente burros de outra cor e até pampas.” (ALBANO, 1918).

Mumbica, *s.* Garrote magro, guenzo, raquítico. *Xorem e chorarão / Com grande pena e pezar, / Somente mode um mumbica / Que dão para se matar.* (*ABC do vaqueiro em tempo de seca* in ROMEIRO, 1897).

Mumbuca ou **Papa-terra**, *s.* (*V. Abelha*).

Mundiça, *s.* Pequenos animais daninhos (morcegos etc.). Muitos acreditam que as mundiças são de geração espontânea. “Imundície. Denominação dada, entre o povo, a qualquer praga de parasitas (piolhos de galinha, ratos, morcegos etc.). Em sentido afetivo, trata também assim o matuto a própria família: – Como vai a obrigação? – A mundiça tá viva, graças a Deus.” (MENEZES, O. 1952).

Mutuca, *s.* Grande mosca hematófaga que aparece após as primeiras chuvas (mês da mutuca). Dit.: *Mutuca é quem tira boi do nato*.

Muxiba, *s.* Carne magra e de mau aspecto; refugo de carne de reduzido valor.

Muxibenta, *adj.* Diz-se da carne que tem muita muxiba, i. é, refugo de pelancas.

N

Nação, *s.* Palavra usada pelo sertanejo no sentido de raça, espécie, classe ou casta de animais, gente ou coisa. Ex.: *Nação sebosa só é porco.* • *De nação de quatro pés só escapou tamborete...*

Náfego ou **Nafo**, *adj.* Diz-se do animal que possui uma garupa mais baixa que a outra – defeito, o mais das vezes, resultante da fratura do ílio.

Nambi, *s.* Ausência ou atrofia das orelhas. Há uma forma mutante de carneiro, no Rio Grande do Norte, que recebe essa denominação por ter a orelha reduzida ao mínimo. O mesmo que *lambi*.

Nanico, *adj.* Minguado, mirrado de estatura, pequeno, anão.

Napeva, *adj.* Diz-se dos animais de pernas curtas, ananicados.

Nascença, *s.* De nascença, de nascimento, congênito.

Nascida, *s.* Furúnculo; pequeno tumor.

Negar o estribo, *exp.* Ato da montaria negar-se a que o cavaleiro a cavalgue, afastando-se no momento em que ergue o pé para alcançar o estribo. Por extensão – esquivar-se, faltar ao compromisso.

Nonato, *adj.* Diz-se do bezerro que morreu no ventre da vaca, e cuja pele é curtida e aproveitada em artefatos diversos.

Novilha, *s.* Vaca nova, com mais de 3 anos de idade. ---- *de primeira cria*, vaca nova, primípara.

Novilho pai de raça, *s.* Reprodutor bovino (des.). “[...] nos inventários antigos do Seridó deparei-me com o termo, que vem a ser o touro.” (MEDEIROS, F. 1982).

Novilhote, *s.* Diminutivo de novilho. Rês com idade de 2 a 3 anos. O mesmo que *ponta limpa*. Fem. *novilhota*.

Nuelo, *adj.* Desprovido de penas. O pinto pelado ou nuelo está presente no folclore do Nordeste, mineiro e europeu (Portugal e Espanha) como possuidor de capacidade sobrenatural, resistência e tamanho. Cascudo (1962) estuda suas diferentes raízes. A literatura oral nordestina é fértil em versões da estória do *Pinto Pelado*; dois coqueiros (cantadores de coco) cantam, alternadamente, “criando o pinto” e falando de suas fabulosas façanhas, morte e inventário. A versão de João Ferreira de Lima principia dizendo: *Minha galinha pedrez / Do Brejo de Bananeira, / Botou numa sexta-feira / vinte ovos de uma vez! / No dia vinte do mês / Deitei ela com cuidado, / Se eles não têm gourado / Me dava um bom paliadio, / Só tinha um ovo sadio / Nasceu um pinto pelado*. A genética explica o fenômeno dos nuelos: “A falta de penas, parcial ou total, foi verificada por Hutt & Sturkie (1938), e da análise genética dessa mutação concluíram tratar-se de um gen simples recessivo, *n*, ligado ao sexo. O caráter se manifesta curiosamente com mais intensidade nas fêmeas, apesar destas serem portadoras de apenas um fator *n*; são homozigotas.” (DOMINGUES, 1958).

O

Obra, s. Excremento, estrume, fezes.

Obrar, v. Defecar, estrumar, dar de corpo.

Oca, s. (V. *Broca*).

Oficinas, s. Charqueadas que, no século XVIII, funcionavam na povoação de Oficinas (Assu, RN).

Olho, s. Em loc. ---- *acatitado*, quando o animal possui os olhos pequenos, vivos e salientes, lembrando os da catita (camundongo); ---- *de maracanã* ou *da bosta de papagaio*, quando amarelo-esver-deados; ---- *de porco*, de olhos fundos e pequenos; ---- *de prata*, se o animal possui um olho claro e outro escuro; meia luz, o que tem uma vista perdida; ---- *do carro*, (V. *Rodas in Carro de boi*).

Ordenha, s. Ato de desleitar; tirar o leite. Tradicionalmente as vacas paridas, após a ração da tardinha, eram presas no curral apartadas de suas crias que ficavam soltas em um curral ou cercado vizinho. Na madrugada seguinte, os tiradores de leite, de dentro do curral, iam gritando um a um o nome das vacas de sua cuia. O *batedor de bezerro* (V. este verbete) postado na porteira ia fazendo entrar o bezerro que, tão logo encontrava a vaca mãe, principiava a sugar as tetas. Quando ficava do lado esquerdo da vaca, o tirador interrompia a sucção, fazendo-o mamar do lado oposto (direito). Logo que *apojava*, o bezerro era arreiado na mão direita da vaca. O tirador enxugava as tetas com os cabelos da cauda da rês, prendia-os no amarrão do arreio (para evitar as chicotadas da cauda) e

se acocorava ao pé do úbere para a ordenha. A medida que ia enchendo a sua cuia (ou flandre) despejava-a nos potes (ou latas-depósito), que ficavam no canto do curral, tendo na boca um pano de algodãozinho limpo, que fazia a vez de tampa e coador. Cada tirador de leite tinha as vacas de sua cuia, i. é, as reservadas para ele, umas mais mansas, outras mais ariscas – já com ele acostumadas. Uns poucos mais imediatistas esgotavam completamente o úbere da vaca, nada deixando para o bezerro que, consequentemente, se atrofiava; daí a expressão extensiva às pessoas fanadas de corpo: [...] é que foi morto (ou castigado) na cuia.

Ordenhador, s. Tirador de leite.

Orelha, s. Em loc. ---- *redonda*, orelhudo, o que não foi assinado (assinalado); ----*torada*, diz-se, em caçoada, do sinal usado no rebanho de alguém com o sentido de chamá-lo de desonesto; é que os ladrões de bode vendiam as peles das miunças roubadas sem as orelhas, de modo a impossibilitar a identificação do proprietário (V. *Assinar*).

Orelhudo, adj. Diz-se do gado que não foi assinado (V. *Barbatão*). *Eu ontem também dei num / Que nunca tinha apanhado, / Certo é que vinha orelhudo, / Porém voltou assinado.* (MOTA, L. 1961). ---- *de ferro e sinal*, que não foi ferrado nem assinado.

Osso, s. Em loc. ---- *do gostoso*, tíbia, canela, sensível à dor fina quando traumatizada (seria a causa de ser assim chamado ou por guardar maior quantidade de tutano – comida do agrado sertanejo?); ---- *do pai joão* ou *mucumbu*, cóccix; ----*do vintém*, tornozelo.

Ouças, s. Ouvidos (ouças); *sofrer das ----, ouvir mal, mouqueira.*

Ova, s. Tara articular, na região do boleto dos equídeos, devido ao excesso de esforço do animal em trabalho pesado de carga.

Ovado, adj. Diz-se do animal portador de ovas. ...*Coberto de peladura / tinha sido dum cigano / todo enrolado de pano / cada braço com três ovas [...]* (SILVA, B. s/d).

Oveiro, s. Abdome das aves. ---- *caído*, quando o abdome é volumoso e derreado, semelhante ao das patas e, por extensão, designa a mulher de nádegas baixas; ---- *quebrado*, doença do aparelho reprodutor das aves atribuída vulgarmente a ruptura do ovo no ovário.

Ovelha, s. A fêmea do carneiro. Apelidam de cabelo de sovaco de ovelha as pessoas de cabelo amarelo-mastigado. Dit.: *Ovelha prometida não diminui rebanho.*

Ovelhum, adj. Relativo ao gado ovino. “Fica prohibido a creaçāo de gado vacuum, cavallar, ovelhum, cabrum e porcos soltos [...]”. (art.º 1º da Lei Provincial nº 20 de 26/mar./1835).

Ovo¹, s. Corpo formado no ovário e no oviduto das aves e em que se encerra a célula-mãe. ---- *choco*, podre; ---- *de gal*, sinônimo de caduquice, de vez que acreditam que os galos muito velhos costumam botar ovo; ---- *galado*, quando procedente de aves acasaladas e capaz de ser incubado; ---- *goro*, o em que foi interrompida a incubação; contar com o ---- *no cu da galinha*, contar com o incerto.

Ovo², s. Cada grão dos testículos.

P

Pá, s. Região das espaduas (V. *Manta*²). *E da pá do Boi Espácio, / Dela se fez tamborete / Para mandar de presente / a nosso amigo Cadete.* (*O Boi Espácio* in ROMERO, 1897).

Paciência é nome de vaca velha, exp. Réplica de quem é aconselhado a ter paciência.

Paçoca, s. Ração que o vaqueiro conduz no alforge. “[...] consiste, ordinariamente, numa mistura conserva de carne seca e farinha de mandioca, ou milho, às vezes acrescida de rapadura. Foram os aborígenes que nô-la forneceram. Corr. *po-çoca*, ger-supino de poçoc, esmigalhar com a mão, desfiar, pilar, esfarinhlar. Paçoca é pois o desfiado, o pilado, o esfarinhado. É o alimento preparado com carne assada e farinha, pilada conjuntamente, constituindo isso uma espécie de conserva, mui própria para as viagens do sertão. (Th. Sampaio. *O tupi na geografia nacional*, 253). “A composição da paçoca não possui unidade, bem como seu preparo, no todo do país. Num mesmo estado, pode alterar a composição, conforme a região. [...] e no Norte é obtida da carne seca pilada com farinha e rapadura, ou sem esta” (CASCUDO, 1962).

Padrear, v. Cobrir, fecundar, tomar, pegar, emprenhar.

Pagar, v. Em loc. ---- *em cima do estrume*, pagamento do gado no ato da compra; ---- *no mourão da porteira*, idem, idem, no próprio curral.

Pai, s. Em loc. ---- *da coalhada*, o trovão que anuncia a chuva e a fartura de leite, coalhada, queijo e gado gordo. Daí o sertanejo saudá-lo com ronqueiras, tiros ou gritos de alegria: Viva o pai da coalhada!!!; ---- *de chiqueiro*, o reprodutor caprino: *Um bode pai de chiquero / já me deu uma pontada / deixou-me a calça rasgada / onde se solta o mau cheiro...* (CARLOS, s/d); ---- *dégua*, o garanhão; ---- *do lote*, o reprodutor do lote; ---- *do terreiro*, o galo.

Paito, s. Corr. de *pátio*. Área, geralmente plana, que fica em frente à casa da fazenda; local onde, frequentemente, realiza-se a vaquejada.

Palma, s. Corr. de *palmatória*, designando as duas cactáceas sem espinhos: *Opuntia* e *Nopalea*.

Palmal, s. Culturas de palmas forrageiras.

Palmatória¹, s. Cactácea forrageira do gênero *Opuntia* e *Nopalea*.

Palmatória², s. Tipo de marca (V. Assinar).

Pampa, adj. Diz-se da pelagem de duas cores das quais uma é branca. Os animais pampas têm aparência vistosa, mas são pouco estimados pelos sertanejos que os consideram fracos e esmorecidos. É pelagem comum nos equinos, rara nos muares e raríssima nos asininos; José Braz Galvão (Fazenda Taíhado, Acari, RN) tem uma criação de jumentos pampas. Dit.: *Cavalo pampa só tem estampa*.

Pampo-pedrês, adj. Diz-se de equídeo de pelagem pampa, sendo que nas malhas há pintas vermelhas ou escuras.

Pancada, s. Designação genérica dos golpes dados pelos galos durante os combates; ---- *de buleia*, golpe dado por trás; ---- *de*

frente, dianteiro; ---- *de travessa*, golpe dos lados; ---- *de pé de raiz*, quando desferido na base do pescoço (gíria galista).

Panelada, s. “O boi, bode e carneiro fornecem a panelada [...] já mencionada em finais do século XVI. É feita dos miúdos do boi ou carneiro, pondo-se também uma parte do espinhaço. Tempera-se e refoga-se de véspera, com pimenta do reino, alho, louro, pimentão, tomates e folhas de hortelã. Depois de tudo refogado, leva-se ao fogo,obre se a panela e deixa-se esfriar. No dia seguinte, põe-se bastante água e vai cozinar bastante, renovando a água que for necessária, até que fique muito branda. Com o próprio caldo em que foram cozidos os miúdos – bucho, mocotó, fígado, bofe, coração, livro (estômago) etc. – faz-se o pirão mexido ao fogo. É muito usado acompanhar a panelada, quando servida à mesa, um pouco de molho de pimenta.” (CASCUDO, 1967-8).

Pano, s. Em loc. ---- *do cincho*, peça de algodãozinho branco, retangular, que serve para forrar o cincho sobre a tábua; ---- *do leite*, idem, idem, costurada em forma de funil, destinada a coar o leite.

Papa-fogo, s. (V. *Artifício*).

Papa-terra, s. Abelha meliponídea (V. *Abelha*).

Papoca, s. Corr, de pipoca. Furúnculo, inflamação de origem estafilocócica, o mais das vezes decorrente de queimadura ou atrito.

Parelha, s. Em locução: ---- *de bois*, o mesmo que junta; ---- *de cavalos*, os dois cavalos que se postam em frente as porteiras, nas vaquejadas, para aguardar o boi que *espirra*. *Pegar* ou *apostar parelha*, correr aos pares para ver quem chega a determinado ponto em primeiro lugar.

Parição, s. Ato de parir. Serve também para designar o número de crias nascidas em cada ano em uma vaqueirice ou fazenda.

Partido, adj. Diz-se do equídeo capado.

Partes, s. Órgãos genitais. “[...] é o ferro quente prá ferrá nas parte ou na cara, cumo boi.” (Labareda *in LIMA*, 1965).

Passada, s. Andamento. Cavalo com passadas é aquele que possui vários andamentos. Dit.: *Burro velho não aprende passada*.

Passador¹, adj. Argola achatada de couro ou metal, por onde se enfia e se prende a ponta da cilha quando afivelada. Nos inventários antigos das pessoas de maior posse ou capricho, figuram passadores e fivelas de prata. O passador também pode existir nas peças das cabecadas.

Passador², adj. Aquele que conduz o gado. “Quem quer que entrega a sua boiada ao passador, para que a leve a seu destino, lhe dá por paga de seu trabalho um cruzado por cabeça da dita boiada; e este corre com os gastos dos tangedores e guias, e tira da mesma boiada a matalotagem da jornada.” (ANTONIL, 1711).

Passagem, adj. Diz-se do animal (equídeo) que tem aceleração repentina na carreira, “[...] vou deixar o cavalo velho Dourado, que é muito feito, tem passagem e aberta para sobrar.” (CUNHA, 1971).

Passarinha, s. Pâncreas. ...E o baço? Vejamos o baço... / – Ou a passarinha, se querem – Hum! ...Está mesmo um bagaço. (CARDOSO, 1963). *Não me bate a ----*, exp. no sentido de negar qualquer desejo ou ambição oculta.

Passarinhar, *v.* Espantar-se (o equídeo) bruscamente ao menor ruído ou sem motivo aparente.

Passarinheiro, *adj.* Diz-se de animal espantadiço, i. é, que tem o vício de passarinhar.

Passeiro, *s.* Equídeo cuja andadura predominante é o passo: “Vende-se um cavalo castanho bom passeiro...” (Diário de Pernambuco, n.º 71, 1829 *in* PEREIRA DA COSTA, 1936).

Passo, *s.* Andamento normal e lento dos equídeos.

Pasteiro, *adj.* Diz-se de qualquer criação que tenha por costume pastar em determinado local.

Pastor, *s.* Jumento de lote. Em nov./1964 custava, no Seridó, em derredor de Cr\$ 100,00 (Inf. de José Braz Galvão).

Pastorador, *s.* Pequeno cercado, comum nas imediações da vaqueirice e com certo recurso forrageiro, onde se prendem as vacas prestes a dar cria, de modo a melhor acudir a elas ou ao bezerro recém-nascido (cura do umbigo, retenção de placenta etc.). A palavra é usada em linguagem chã para designar também a mulher grávida: fulano ‘*stá c’ua mulé no pastoradô...*

Pata¹, *s.* A região dos cascos dos equídeos e, por extensão, os pés dos demais quadrúpedes. Dit.: *Deus te livre da maldição do vigário e da bênção da pata de um burro.*

Pata², *s.* A fêmea do pato.

Pataca, *s.* Mancha de coloração diferente da pelagem geral do corpo.

Patacão do joelho, *s.* Rótula; o mesmo que *bolacha do joelho*.

Patim, s. Região da rótula situada entre a porção superior da perna e a extremidade inferior da coxa, logo abaixo e ao lado da região ventral. (V. *Manta*).

Pato, s. O pato doméstico é talvez, depois da galinha, do guiné e do peru, a ave mais criada nos terreiros sertanejos (V. tabela *in Rebanho*). É possível que a causa de uma menor participação se deva à sua menor produtividade, ovo pouco saboroso e sem grande valor comercial. *De pena; pato e peru; / da galinha, o sobrecu...* (verso chulo anônimo). *Pagar o ----*, satisfazer o que não deve. Vulgar e secular em Portugal, provém do jogo de destreza antigo *correr o pato*. Frei Manoel Calado descreveu uma dessas festas, no Recife, em 1641 (*O Valeroso Lucideno*, II, 2): “Essa era proeza de equitação. O atilho que prendia a ave ao poste devia ser cortado de um só golpe... havia modalidade bárbara: decepar a cabeça do pato enterrado na areia, numa espadada certeira... Falhando, pagava o pato”. (CASCUDO, 1970).

Patrona, s. Bolsa de couro que o matuto costumava conduzir a tiracolo (V. *Carteira de matuto*).

Pau-a-pique, s. Tipo de cerca feita com madeira em pé, típica dos currais do Nordeste.

Pau de bebida, s. (V. *Cacimba*).

Pauta, s. Pacto. *Ter ---- com o cão*, ter qualidades misteriosas e sobrenaturais que o possibilitem a realizar feitos quase impossíveis. Contava Bonato Liberato Dantas (1897-1955) de um vaqueiro da Ribeira do Espinharas (Luís Dias ou Manoel Donato, não estou

bem certo) que já velho, alquebrado e quase cego, chorava por não poder mais participar da pega de um barbatão famoso. Na hora da partida dos vaqueiros, chamou um dos mais moços e inexperientes e dando a ele o seu chapéu de couro velho e encardido, disse: – Leve que você traz o boi. E dito e feito... No desafio de Jerônimo de Junqueiro com Zefinha do Chabocão, foi cantado: *Jerome, tu pra cantá / fizesse pauta c' o cão.* Cunha (1971) registra: “[...] prendeu no dente a ponta do cabresto comprido, de modo que entrou nágua e saiu do outro lado; parecia que nadava com pauta.”

Pavão, s. “A espécie *Pavo cristatus* é encontrada na Índia e no Ceilão, e a *Pavo muticus*, em Burma e Java. O pavão foi introduzido comparativamente mais tarde na agricultura europeia. Foi primeiro domesticado no Irã, ou pelo menos o primeiro conhecimento que dele se teve veio daí para a Europa.” (LUSH, 1964). O pavão e o ganso são as aves menos comuns nos terreiros das casas sertanejas. *Chô, pavão, / de cima do telhado / deixa este menino / dormir sono sossegado* (do folclore infantil).

Peadoo, adj. Algemado com peias.

Peador¹, s. Pasto ou cercado nas imediações da casa de morada, com recurso forrageiro, onde se prende um animal de sela que possa acudir numa preciso. Ali ficam geralmente os animais de sela de necessidade imediata (Peadouro).

Peador², s. Regido dos membros dos equídeos e bovinos situada na articulação acima dos cascos (canela), onde nela se abotoam as peias. “– Entonce conde eu mudei a passada, sinti uma pancada memo pô riba do piadô.” (TORRES, 1950).

Peças, s. (V. Rodas *in Carro de boi*).

Pedaço de gado, exp. Algumas rezes; número reduzido e indeterminado de cabeças.

Pederneira, s. (V. *Artificio*).

Pedir campo, exp. Pedir ajuda ou licença para procurar em terras alheias uma rês desaparecida. “[...] e o primeiro trabalho do vaqueiro ao pedir um campo em fazenda estranha, i. é, pedir auxílio ou licença para procurar uma rês sumida, é apear-se e riscar no chão o respectivo ferro, dizendo a letra da freguezia e o sinal da fazenda. Logo os de casa se acocoram em torno do tosco desenho, dão-lhe as indicações que pede; [...] se o encontro é por noite escura, na impossibilidade de riscar no barro da vereda e de o dizer por ser difícil a explicação verbal, pega um na mão do outro e vigorosamente desenha com o dedo, na palma calosa, o ferro da rês... A marca da freguezia e o sinal da fazenda diz em voz alta: – o T da Telha. Três mossas na orelha esquerda; ponta de lança na outra.” (BARROSO, 1961).

Pedrês, adj. Diz-se da pelagem dos equídeos, apresentando-se branca ou ruça com pintas vermelhas bem distribuídas em todo o corpo do animal. ---- *aberto*, quando as pintas são pouco concentradas; ---- *fechados*, se as pintas são bem concentradas. *Ajoujado, de gravata, / Colete e esporas de prata, / Bilé passeia o pedrês. / Da esquina da padaria, / um entendido elogia: / – Dessa cor, um vale três!* (MENEZES, O. 1952). Diz-se também das galinhas que apresentam a plumagem característica da raça Plymouth Rock Barrada.

Pé-duro, *s.* Qualquer animal doméstico sem raça definida. É assim também chamado o gado bovino que povoava primitivamente o Rio Grande do Norte e que hoje está mestiçado com sangue europeu e indiano. “Corremo uns cinco boi mago de pé duro...” (LIMA, E. 1965).

Peeiro, *adj.* Diz-se do animal que se acomoda e até se locomove relativamente bem mesmo quando peado.

Pega¹, *s.* Gancho de madeira que se coloca na mão do animal para facilitar a sua pega.

Pega², *s.* Raça de jumento.

Pega³, *s.* Fecundação.

Pegar, *v.* Padrear, fecundar, cobrir a fêmea no cio.

Pegando vento, *exp.* Quando o vaqueiro é levado pelo cavalo em direção oposta à do boi. “Chico Cravina andou foi pegando vento”. (CASCUDO, 1969).

Pegar de furto, *exp.* Cachorro que morde traiçoeiramente, sem ladrar, nem se mostrar agressivo.

Pegar-parelha, *v.* Disputa entre cavaleiros para ver qual o primeiro a chegar em determinado ponto. A cidade do RN sede do município de Parelhas “veio de um costume antigo entre os moradores que transitavam pela *estrada do Boqueirão*, qual o de experimentarem as cavalgaduras – correrem parelhas – na linda e extensa várzea onde se ergue o fluorescente povoado”. (DANTAS, 1941).

Pegar-passada, v. Aprender, tomar andaduras. *Mulher moderna de hoje / usa uma saia apertada / ou uma calça comprida / para ser mais cobiçada; / sai na rua que parece / besta pegando passada.* (LEITE, s/d).

Pegar perna, exp. “Dar velocidade ao cavalo, aumentar a rapidez da corrida; sacudir-se numa perseguição obstinada, sem olhar obstáculos”. (CASCUDO, 1969). *E logo sem dizer nada / Pegou pernas ao picaço, / Saiu quebrando mofumbo / Na forma de seu desfarço, / Abrindo forquilha em banda, / Deixando tudo em bagaço.* (*O Boi Moleque*, 1895).

Pegar um peba, exp. Cair da montaria.

Peia, s. Alças de couro curtido de modelos diversos, à guisa de algemas, com que se prende os membros dos animais (principalmente equídeos e bovinos) para evitar que se distanciem ou dificultem a pega. ---- *de mão*, quando prende apenas os membros dianteiros; ---- *de pé e mão*, da mão para o pé; *meter a ----*, espancar. “Usam-se peias em toda a casta de animais – cavalos, bois e até galinhas.” (FREIRE ALEMÃO, 1964). “U galo tava trepado nu ôio du pau, peado...” (LIMA, E. 1965). O cantador Bentevi (João Pedro de Andrade), rimou: *Home que não tem cavalo, / Prá que diabo compra peia? / Mulé que não possui brinco, / Prá que cão fura as orêia? / Não posso me acostumar / Com o vento acoitando o mar, / E as ondas beijando a areia...* “O burro Mansinho, mesmo peado de três pés, tomou a estrada a noite toda.” (CUNHA, 1971). Dit.: *Cavalo peado também come... • Tire a mão da peia que a besta é alheia* (advertência a quem está se apossando de objeto alheio).



Peia de mão: Feita de sola tratada e que se abotoa em nó de rosa.

Peiar, *v.* Colocar peias. *Mas o caboclo não quis / peiar o cavalo dele / não quis cear e passou / a noite encostado a ele / dizendo que não peiava / não confiava-se nele* (SILVA, J. B. 1957). ---- *o chocalho*, prender o badalo do chocalho, enchendo-o de capim, folhas ou atando-o com uma pequena correia de couro ou barbante; daí a expressão quando se referem à completa ausência de forrageiras: *Não tem capim que dê para peiar um chocalho...*

Peidador, *adj.* Diz-se do equídeo que, ao ser esporeado, expele, com violência, gases pelo ânus. Daí a expressão *peidar na espora* como sinônimo de reclamar.

Peito, *s.* Ubre, teta. Porção anterior do tórax dos animais (V. *Manta*²). ---- *do meião*, (V. *Rodas in Carro de boi*).

Peitoral, *s.* Tira de couro curtido que se prende à frente da sela ou cangalha, passando pelo peito do animal; serve para evitar que a sela corra (se desloque) para trás nas subidas íngremes. (V. *Guarda-peito*).

Pejada, *adj.* Prenhe, amojada.

Pela, *s.* Queda dos pelos por decorrência fisiológica (muda) ou patológica (dermatose, parasitose etc.): *Que onde eu lhe pôr a mão*

/ Nunca mais ele encabela: Dá-lhe o mofo, dá-lhe o rengo / Dá-lhe o mal e dá-lhe o pela. (BARROSO, 1962).

Pelagem, s. “O sertanejo, como todo povo inculto, não tem um perfeito conhecimento das cores. O meio em que vive dá-lhe um quase daltonismo. Empiricamente, distingue o verde, que quase sempre confunde com o azul; o amarelo que é para ele a cor amarela encardida peculiar ao gado bovino do Norte, na sua generalidade; o branco, que geralmente chama alvo; o vermelho, que tanto é a chita encarnada berrante como a cor do barro, da onça suçuarana, da raposa e do cão, enfim, tanto o vermelho propriamente dito como muitas tonalidades do amarelo; e o azul que é, analogamente ao glauco dos povos antigos, uma meia tinta indecisa, um cinzento triste, sujo, cor de chão e a cor de poeira. As vacas no Norte têm muitas vezes o pelo dessa cor. O sertanejo denomina-as “azulonas”. Assim, quem pouco conhecer os usos do sertão ficará espantado ao ouvir um vaqueiro dizer da alpendarada da fazenda que pelo terreiro está passando uma vaca azul. Logo correrá a espiar curioso o fenômeno e dará com os olhos numa rês acinzentada que retouça as gramíneas tenras à sombra densa de uma grande árvore, de quando em quando erguendo a cabeça, mungindo com saudades do bezerro distante... Geralmente o *liso* é uma cor sem manchas; a cor mais comum é o amarelo – liso-fino e liso-amarelo, ou mais escuro, o liso-vermelho. O todo esbranquiçado é liso-alvação; o branco – *fubá*; o preto – *fusco*; o cheio de manchas – *bargado*; o pintado – *cirigado*; o cinzento-sujo – *azul* ou *azulão*; o pardo – castanho... Às vezes, a cor sertaneja é estritamente local. Tem uma certa denominação num certo objeto. Mudou de lugar, muda

de nome: o boi é amarelo, mas o cachorro da mesma cor é vermelho. Todas as gradações e combinações de cores escapar por completo ao matuto. Alguns, mais cultos e atilados, fazem exceção à regra geral. O sertanejo conhece o preto, mas emprega também essa denominação para exprimir ausência de verdura e de alegria. O solo do sertão desrido de folhiços e relva, ao tempo da seca, está preto. Preto é o arvoredo desnudo, a serraria escalvada e nua. Preto também é aglomeração: “preto de moscas, preto de gente...” (BARROSO, 1962). “[...] As cores mais comuns são russo, cardão e cardão rudoado; talvez 75% dos cavalos cearenses têm estas cores”. (ALBANO, 1918). O cantador Hermínio Castelo Branco descreve uma rês tresmalhada: *É fusca, bem azeitona; / Sedém branco, cirigada, / Arma um tanto a pinheiro; / Dos pés traseiros, calçada; / Tem uma garrota lisa, Qu’inda não foi carimbada.* (SERRAINE, 1955).

Pelo de rato, *s.* Pelagem acinzentada, característica da raça Schwitz; o jumento nordestino também apresenta essa pelagem.

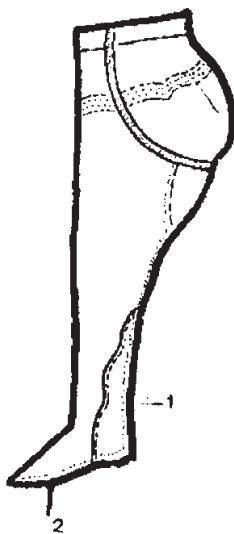
Penteado, *adj.* Diz-se do bovino com chifres dirigidos para trás e bem próximos à cabeça.

Perder as estribeiras, *loc.* “É, simplesmente, perder o contato com os dois estribos, não mais dominando a montada. Desequilibrar-se, tonteando na sela. Nas antigas corridas de argolinha e nas de manilhas, nos séculos XV e XVII, desclassificava o cavaleiro do páreo. Nas velhas corridas de cavalos sertanejas quem perdesse as estribeiras, perder os estribos, ficar bambeando, atrapalhado, temendo queda, pagava multa de bebidas aos companheiros, em pleno alarido zombeteiro.” (CASCUDO, 1970).

Perder o ferro, exp. (V. Bater os paus da porteira).

Perereca, adj. Diz-se do equídeo miúdo; o contrário de *trangola*. “Em Pernambuco, o cavalo de carga ganhou em força e vigor o que perdeu em corpulência e estatura. Procura-se explicar o fato atribuindo procedência árabe aos incansáveis pererecas.” (Arthur Orlando in PEREIRA DA COSTA, 1936). *Cavalo grande é trangola, / Pequenino é perereca...* (Azulão in MOTA, L. 1961).

Perneira, s. Peça de couro curtido, semelhante a uma calça, que faz parte da indumentária do vaqueiro. É mais usada no alto sertão e substituída, no litoral agreste, pela *guarda*. Difere desta por ser mais justa nas pernas e terminar em ponta mais comprida (rosto) que protege o peito do pé do cavaleiro. O couro mais empregado, atualmente, é o de bode.



Perneira (perna direita): 1 - vista. 2 - correia que se prende sob o pé.

Pernudo, adj. Diz-se do bovino ou equino de membros locomotores altos. O mesmo que *caneludo*.

Peru, s. O *Meleagris sp.* de origem dos povos americanos já era domesticado quando da chegada dos povos europeus. Depois da descoberta da América é que foi levado para outras terras dos quatro cantos do mundo. No Rio Grande do Norte desconhecemos qualquer criação em bases industriais. Apenas as casas sertanejas mantêm alguns poucos, criados à solta com as galinhas do terreiro para reforçar as panelas quando das festas de batizado, casamento, ou para vender ao povo da rua durante o Natal. Para isso, com antecedência de alguns dias, é preso em gaiolas ou pequenos chiqueiros para cevar ou “limpar a carne”. É que o sertanejo não costuma comer aves domésticas que não tenham estado enriquecidas em quarentena de 10 a 20 dias. Dizem que é para limpar a carne pois, vivendo soltos, comem toda sorte de imundície e até carniça-sem-osso (excremento), provocando certo almíscar na carne. Curioso é que não procede de modo idêntico com o guiné... Criado a mais das vezes solteiro, face ao pequeno número deles, sofre o peru com essa continência que o leva a tentar cobrir o que venha a lhe parecer uma companheira – galinhas e até objetos. E como no monturo das imediações das casas sempre existem velhas latas de querosene, enegrecidas pela ferrugem, deixa-se ficar, ridícula e tristemente, fazendo delas a vez de fêmeas... Daí o insulto sertanejo com o sentido de bastardia-híbrida: *filho de peru com lata de querosene*, forma mais pesada de outro ainda mais usado: *filho de jumento com ema*... Alguns acreditam que o peru

tal qual o pato sejam aves excomungadas por reclamar a morte de Nosso Senhor. E contam: Quando do nascimento de Cristo, o galo, em canto onomatopaico, anunciou – *Criiiiiisto nasceeeeeeu!* Ao que o carneiro completou: – *Em Beleeeeem.* Daí sentenciou o pato: – *Mata! Mata! Mata!* E completou o peru: – *Logo, logo, logo...* E é por isso que ele morre na véspera do Natal. Dit.: *Quem morre de véspera é peru e porco.* • *Peru de roda* (pessoa insistente). *Crista de Peru* (impotente sexual).

Peruzinho, adj. Diz-se de canário de briga que, quando excitado, levanta a cauda mais alto que as asas. “[...] Vendi um peruzinho, sabe qual é, não sabe? Desse canário que, quando bate-fogo levanta a rabo mais alto que as asas... E fica nas pontas dos dedos.” (LINS, 1964).

Pescoço, s. (V. *Manta*²). ---- *de cobra*, equino que possui o pescoço fino e comprido.

Pés pelas mãos, loc. “Atrapalhar, confundir, enganar-se. Os mestres de cavalo põem guizos às patas dos animais traquejados para sela, corrigindo pelo som as falsas posições da batida traseira, obtendo a marcha certa e regular. O segredo do cavalo sem tacha nem vício está justamente em no meter os pés pelas mãos.” (CASCUDO, 1970).

Pestear, v. Contaminar de qualquer doença contagiosa.

Pezunho, s. Cachorro que tem um dedo suplementar (ergot). O sertanejo acredita que cachorro pezunho acua lobisomem. [...] *mas a pinta era pezunha / todo dia ela punha / quatro ovos encarilhado.* (*Coco do Pinto Pelado*, versão inédita, Lagoa Nova, 1943).

Piaba, *adj.* Diz-se do animal ágil, esperto, árdigo.

Piaça, *s.* “Peça de couro cru ou sola que se usava no chifre do boi para o encaixe da canga, a fim de evitar que o boi afrontasse, cansasse ou caísse. Esta peça só era usada quando um boi era mais puxador do que o outro.” (MELO, M. 1954).

Piauí, *adj.* Diz-se do gado nativo de pequeno porte, não melhorado, de baixo rendimento e provido de cornos muito desenvolvidos. Antigamente (até o início do século XX), os criadores do sertão norte-rio-grandense faziam compra de gado solteiro, para refazer, nos sertões do Piauí; esse gado tinha as características atrás descritas – donde o designativo de *boi Piauí*. Dada a tendência do gado, trazido de outras ribeiras, pender para os seus pastos de origem (no caso, o poente), e muitos morrerem em caminho, motivou a expressão: *Morre como boi do Piauí – com o cu para o nascente. Fazer Piauí*, levantar e torcer o sabugo da cauda da rês, obrigando-a a encostar-se no mourão para a ferra ou outro benefício.

Picador, *adj.* Diziam no sertão velho do cavaleiro mestre de rédeas. “Meu padrinho [...] famoso cavaleiro e picador.” (BELLO, 1938).

Pilão, *s.* Peça da cancela (V. este verbete).

Pileca, *adj.* Diz-se do cavalo feio, magro, ordinário; o mesmo que *pangaré*.

Pinheiro, *adj.* (V. *Armas*).

Pinicar, *v.* Picar, furar, esporear, correr (a montaria).

Pinta, s. Características externas de um animal; padrão; fenotípico: *Meu pai foi bicho timive, / Eu sou timive também. / O pinto já sai do ovo, / Com a pinta que o galo tem* – poetava Catulo da Paixão Cearense. *Conhecer pela ----,* identificar à primeira vista; *trocar na ----,* negociar qualquer animal louvado apenas nas informações descritivas do mesmo.

Pinto, s. O filho da galinha quando novo e, por extensão, o de outras aves domésticas: *---- de peru, ---- de guiné, ---- de pavão* etc. O filho da galinha doméstica até atingir uns 20 cm, quando passa a frangote(a), frango(a) e depois galo (ou galinha). Dit.: *Satisfeito que só ---- em beira de cerca,* ou a forma mais direta e chula, ...*que só pinto em bosta;* a comparação decorre da ausência de latrinas na zona rural, fazendo com que as pessoas se ocultem por trás da cerca mais próxima para satisfazerm os necessidades fisiológicas – e as galinhas criadas à solta ali se alimentam... *Botar água a ----,* preocupar-se à toa (usado na negativa); *cu de ----,* costura frouxa.

Piolho de galinha, s. Cafife. *Duas coisas há no mundo / Que meu coração não quer: / É piolho de galinha / E ciúme de mulher.* (Trova popular *in* PEREIRA DA COSTA, 1936).

Pipoca, s. Doença das aves; o mesmo que *caroço*².

Piquira, adj. Diz-se do cavalo pequeno. A origem do termo, segundo Sílvio Romero, é africana.

Pisadura, s. Ferida que se apresenta no dorso do animal comumente em decorrência do traumatismo de uma sela ou cangalha defeituosa. Na peleja de Manoel Cabeceira x Manoel Caetano (Moreno,

PB, 1906), foi cantado: [...] *Eu também vi tua mãe / Na capoeira, amarrada / Coberta de pisadura, / Se espojando, encabrestada.*

Piso, s. Pisada, rastro.

Pixilinga, s. Cafife, piolho de galinha.

Poldro, s. O mesmo que potro: cavalo novo. [...] *Filho de vaca é bezerro. / Filho de besta é poldrinho, / O rico tem inimigo, / O pobre tem mau vizinho.* (SIMÕES, 1949). ---- *amansador*, “o que se encontrava em fase de amansar.” (MEDEIROS, F. 1982).

Poleiro, s. Trave de madeira em que as aves pousam ou dormem nas gaiolas ou galinheiros. [...] *lá na rua morada quando eu for / é bastante que eu chegue no terreiro, / as galinhas se treparam no poleiro / muito antes talvez do sol se pôr.* (ATHAYDE, 1952). Dit.: *Galinha nanica procura cedo o poleiro.* • *Mais sujo que poleiro de pato.* • *Pelo canto do galo, a raposa acha o poleiro.*

Poltrão, adj. Diz-se do equídeo que não está no trabalho; o mesmo que *potrão*. “Vá, moleque, junto ao portador de seu Artéfio no cercado do Tetéu, buscar o burro que ficou no mês passado, porque, pesado e poltrão como estava, não dava para prosseguir viagem.” (CUNHA, 1971).

Poltrar, v. Tranquear, andar de banda quando montado, indócil, correndo inutilmente. *Feitosa, com os vaqueiros, / Depois de andar poltureando, / Rebanharam muito gado, / A tarde vinha chegando...* (MOTA, L. 1928).

Pombo, adj. Diz-se da pelagem equina de tonalidade branca.

Ponta, s. Os chifres, as armas, as aspas das diferentes espécies de gado: *Eu sou Francisca Barrosa, / Vaca de ponta serrada, / No custume de tirá / Touro véio da maiada.* (COUTINHO FILHO, 1953). Em loc.: ---- *de gado*, pequena quantidade de reses de um rebanho; ---- *de lança*, tipo de marca (V. Assinar). ---- *dourada*, vaca refeita, acima de seis eras; ---- *limpa*, bovino com menos de três anos de idade que, consequentemente, ainda não apresenta os anéis da base dos chifres, indicativos da idade: por extensão, é aplicado ao jovem, rapazola (V. Novilhote). *Faço padre dizer missa, / Vigário dizer missão; / Garrote de ponta limpa / Se trata por barbatão.* (CARVALHO, 1928); ---- *de linha*, fio resistente que os tropeiros prendem na ponta dos chicotes para aceitar, ferir ou produzir estalido característico. “Os matutos passavam nas estradas estalando a ponta de linha dos chicotes”. (GOMES, 1974). (V. *Chicote de matuto*); ---- *troncha*, tipo de marca (V. Assinar).

Pontada, s. Chifrada, cornada. *Do boi se espera a pontada, / do vulcão, lava e cratera / da cobra se espera o bote, / e da montanha, uma fera.* (Peleja de José Augusto x Ana Roxinha).

Popa, s. Ato de levantar as patas traseiras de uma só vez (equídeos); corcovo, upa.

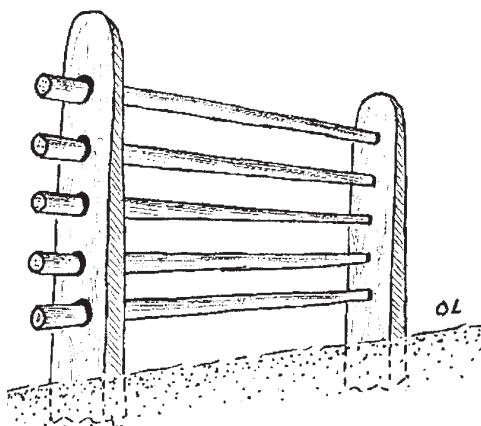
Porco¹, s. Suíno, cabeça-baixa. “Pertence ao gênero *Sus*, aparecido no mundo durante a época quaternária. A América não possuía nenhum representante desse grupo, entretanto nela vive o *Dicotyles* (nossa porco do mato) gênero que dele se avizinha, mas que não é absolutamente domesticável [...]. O porco foi o último, na ordem cronológica, dos animais domesticados na Europa. Na Ásia, sua do-

mesticação é antiquíssima, parecendo que há 5 mil anos os chineses já o criavam em domesticidade". (DOMINGUES, 1960). Pobres de sobejos, as fazendas sertanejas só muito raramente possuem um número mais avantajado de porcos. Também por ser um animal de mais difícil cativeiro, estragador de cercas e destruidor de lavouras, tenha tido, desde as resoluções provinciais às disciplinas de cada fazenda, a proibição de criá-los à solta. Além dos proprietários, os moradores também costumam ter enriquecidos um ou dois cevados para serem apurados quando em boas carnes. De primeiro o porco mais apreciado era o *baé*, de pequeno porte, mas de fácil engorda; o *furão*, mais asselvajado e ruim de cevar, sempre foi desprezado. Com o aparecimento da desnatadeira e consequentes maiores sobras de refugos, tem havido um maior crescimento numérico do rebanho suíno e, paralelamente, uma maior mescla de sangue Duroc Jersey. Dit.: *Anel de ouro não é para focinho de porco.* • *Dia de Santo André, quem não tem porco mata a mulher.* • *O toucinho do porco só se vê depois de morto.* • *Porca com 3 meses, 3 semanas, 3 dias e 3 horas – bacorinho fora.* • *Porco engordado, faca esperando.* • *Porco de pobre não dá toucinho.* • *Quando um sabido engorda um porco de meia, o porco só engorda do lado do sabido.* • *Quem com porcos se mistura, farelos vem a comer.* • *Quem tem carneiro, tem lã, / Quem tem porco, tem presunto; / não me caso com viúva, que é sobejo de defunto.* • *Ser como porca, de cada cochilo um filho.* • *Sério é defunto e cu de porco.*

Porco², s. Peça da cancela (V. este verbete).

Porteira, s. Em loc. ---- *de curral* ou *de pau de correr*, é a porteira característica dos currais nordestinos. Consiste em dois mourões fincados,

um de cada lado do vão, tendo um deles uma série de orifícios circulares, distando pouco mais ou menos 30 centímetros um do outro, por onde correm os varões que vão se encaixar em furos quadrangulares do mourão oposto. Corretamente, para ser aberta, deve se fazer correr os varões de baixo para cima; para ser fechada, procede-se de modo inverso, isto é, principiando com os varões de cima e terminando com os de baixo. Esse procedimento evita que, na operação, os varões se prendam uns aos outros. É um dos testes usados no interior para conhecer se o forasteiro é praciano ou sertanejo. *De porteira batida*, refere-se à venda de uma propriedade com todos os seus pertences (o mesmo que casca-e-nó). *Pagar no mourão da porteira ou em cima do estrume*, quando se faz o pagamento de compra de gado à vista. *Curral é prisão de vaca, / porteira grande é cancela; / Casa é morada de gente, / língua de pau é tramela.* (BATISTA, 1929). Dit.: *Mulher e pau de porteira, em todo canto se acha. • Quem vier atrás que feche a porteira.*



Porteira de curral ou de pau de correr.

Posta-gorda, *s.* (V. *Manta*²).

Postema, *s.* Apostema; abcesso.

Potrão, *adj.* Diz-se do equídeo que não está em trabalho. O contrário de *seleiro*.

Potro, *s.* Cavalo novo, de menos de 4 anos, que ainda não completou a primeira muda; também dizem *podro*. *Nunca encontrei potro brabo / Que eu nele não amontasse, / Nem burro por ser manhoso, / Que eu não o amansasse.* (COUTINHO FILHO, 1953). [...] neste só monta o patrão / ou eu quando sou mandado / é um potro, está mudando, / porém é condecorado. (SILVA, J.B. 1957). Dit.: *Mulher e potro, feito por outro*.

Presa, *s.* Golpe dado pelo galo (ou pelo canário) quando, durante o combate, consegue ferrar o bico, ou também as garras (canário), no adversário. ---- *de cabresto*, quando o canário prende com as garras a cabeça do oponente; ---- *de oveiro*, quando o canário ferra a cloaca do adversário; é considerado golpe decisivo.

Provocar, *v.* Lançar, vomitar.

Punaré, *s.* Rato selvagem comestível, cujo tamanho regula o de um preá, arruivado e que se esconde nos ocos de pau. Serve de comparação para os animais cuja tonalidade da pelagem com ele se assemelha. *O sinal desta vaquinha? / Cara-branca punaré, / Traz o ferro do Burel, / Não tem cauda, é coxé.* (A Vaca do Burel in ROMERO, 1897).

Purga, *s.* Medicação pugativa; *remédio grande* no dizer dos antigos.

Puxador de gado, exp. (V. Vadio). *Elpídio mais Bernardino, / Home puxadô de gado, / Mas tivero uma desculpa / Porque estavam mal montado.* (Fabião das Queimadas in CASCUDO, 1957).

Puxar, v. Derrubar a rês pela cauda por tração lateral brusca – a mucica. *Puxar gado* é sinônimo de *vaquejada*, ensina Cascudo (1969), possivelmente a primeira denominação específica. *Minha mãe teve 3 fio / Desses 3 fui o tercero, / Um estudô pra sê padre / Outro doutô engenhêro; / Eu nasci pra puxá boi / Qu'ê serviço mais manêro...* (Versos de aboio coletados por Juvenal Lamartine Neto, PB, 1967).

Q

Quartau, *s.* Cavalo pesadão, ronceiro, geralmente sem andamentos cômodos e, frequentemente, castrado. [...] *tive berloque e bandêja, / lavei quartáu com cerveja, rebolava queijo em boi.* (MENEZES, O. 1952).

Quarto-inchado, *s.* Carbúnculo sintomático.

Quebrado, *s.* Herniado, rendido. ---- *de rédea*, diz-se do animal que atende ao comando das rédeas.

Quebra-bunda, *s.* Mal das cadeiras dos equídeos; rengue.

Quebra-corpo, *s.* Vão anguloso (em Z) ou sinuoso usado nas cercas, de modo a impedir a passagem dos grandes animais e permitir o trânsito das pessoas.

Quebrar, *v.* Imobilizar pela dor. Quebra-se a rês forçando a base da cauda para cima ou, com as duas mãos, levantando e dobrando fortemente o couro na altura dos rins. Para quebrar os equídeos usam torcer o beiço, superior ou inferior, com ajuda de uma talisca de madeira e um barbante. ---- *as forças*, esgotar; fazer a rês ou animal perder a capacidade de reação. Usam amarrá-los a um mourão com a cabeça um pouco erguida, até que se torne mais dócil. “tanta gente reunida no curral para assistir a primeira quebra da mulinha” (PALMÉRIO, 1966). ---- pau, correr no mato, a cavalo, em perseguição a uma rês.

Quebrar a panela das meizinhas, *exp:* “Desfazer a defesa mágica de certos animais que não podiam ser capturados. É o feitiço,

coisa feita, canjerê, amuletos poderosos. No Romance do Boi de Pau, verseja: *Veio logo o Vasconcelos / No cavalo Zebelinha, / Veio disposto a pegar-me, / Pra ver a fama qu'eu tinha, / Mas não deu para eu buli / Na panela das meizinhas*". (CASCUDO, 1969).

Queijeiro, s. O que se ocupa em fazer ou negociar com queijos.

Queijo de coalho, s. Tipo de queijo sertanejo em que o leite é posto a coalhar com auxílio do coalho do mocó ou de criação (caprinos e ovinos). A coalhada assim obtida é espremida em formas ou chinchos. É bem semelhante ao queijo frescal da Serra da Estrela (Portugal) e lembra também o queijo de Minas. Habitualmente é fabricado com leite de cabra e, em menor escala, com leite de gado (bovino).

Queijo de malhada, s. O estrume seco e endurecido (tapioca) do gado bovino.

Queijo do sertão, s. Também conhecido como *queijo de manteiga* e *queijo do Seridó*. “Mistura, sob ação do calor e agitação até filagem, de massa de caseína de leite desnatado, adicionada de manteiga fundida. A massa, ao ser fundida e filada com a manteiga, absorve a gordura desta, dando produto de boas qualidades gustativas e grande resistência às impropriedades do meio” (RIBEIRO, 1960). Naquele tempo (até as primeiras décadas do século), o queijo do sertão era fabricado na fartura do leite dos meses de inverno e conservado em jiraus para ser consumido até a pegada das chuvas no próximo ano. Era feito de leite gordo, queijo de miolo vermelho – coração de negro – e tinha fama de comida rica, sobremesa de fartura e melhor tempero do feijão.

O ferro de marcar o gado da fazenda também queimava o seu lombo, para que a fama dos melhores queijeiros e da fazenda ganhassem o mundo. A popularização da desnatadeira, lá pelas eras de quarenta, criou o queijo de leite desnatado, inferior em qualidade e sabor. E de uns tempos para cá, até a manteiga de garrafa tem sido substituída por óleos vegetais...

Quiba, *s.* Testículo.

Qui-qui-qui, *interj.* Voz de chamar cachorro (Abrev. de aqui).

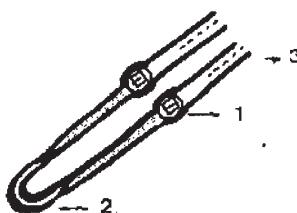
R

Rabada¹, s. Comida preparada com carne e a parte óssea da cauda do boi. “A carne cozida, adubada com os condimentos tradicionais, é servida com o pirão do próprio caldo, ajudado pelo molho da pimenta malagueta.” (CASCUDO, 1962).

Rabada², s. A traseira, o rabo, a garupa. *Foi uma carreira feia / Para a Serra da Chapada, / Quando eu cuidei, era tarde, / Tinha o cabra na rabada.* (*O Rabicho da Geralda* in ROMERO, 1897).

Rabear, v. Mexer ou açoitar frequentemente a cauda, é depreciativo nos animais de sela; o mesmo que *cabear*.

Rabicho¹, adj. Diz-se do bovino que possui a cauda curta.



Rabicho: 1 - Fivelas. 2 - Chouriço. 3 - Lápis.

Rabicho², s. Alça de couro curtido que, passando por baixo da inserção da cauda do animal, vem se afivelar à aranha da sela. Serve para evitar que a sela corra, i. é, se desloque para a frente. A parte cilíndrica do rabicho, que fica exatamente sob a cauda do animal, tem o nome de *chouriço* e as duas alças de couro que prende à sela – *lápis*. *Quebrar o ----,* morrer; na peça de Lins (1964), o personagem Jaborandi tem uma fala em que se dirige ao corpo assassinado de

Frederico: “– Mas quebraste o rabicho direitinho, hein?”. Dit.: *Rabicho corta cu de bicho quanto mais de homem...* Para as pessoas facilmente melindráveis ou irritadiças, existe a expressão: [...] parece que ‘stá cortado no rabicho, ou ainda... de rabicho apertado.

Rabichola, s. Peça larga de couro curtido, componente da cangalha e que é colocada passando pela nádega do animal. Faz parte dos arreios, mormente quando a montaria é um muar.

Rabo, s. Grupo de penas que nascem do urupígio das aves. Prolongamento das vértebras de vários animais; cauda, bassoura, cabo. ---- *de carneiro*, impotente sexual (alusivo à cauda do carneiro, sempre caída). Dit.: *Amarrar o ---- no toco*, teimar; *botar o ---- entre as pernas*, humilhar-se (alusivo aos cachorros que tomam essa atitude quando desconfiados); *dar com o ---- na cerca*, morrer.

Rabugem, s. Doença dos cães que se assemelha à sarna. O sertanejo usa aparar as pontas das orelhas dos cachorros atacados de rabugem. Gil Vicente, em 1516, no *Auto da barca do inferno*, botou na boca de um personagem: “Má rabugem que te dê”.

Raçado ou **raceado**, adj. O que possui sangue de determinada raça. Diz-se também dos bovinos que têm sangue indiano, i. é, azebuados, e dos galos mestiços de combatentes.

Raçador, adj. Diz-se do reproduutor que transmite seus caracteres aos descendentes, contribuindo para melhorar o rebanho.

Raceado, s. Suíno, porco, capado; [...] *Mas dos ossos do pescoço / Fiz 14 par de cocho / Pra dá milho a um raceado*. (Versão inédita do *Coco do Pinto Pelado*, Lagoa Nova, 1943).

Rafeiro, adj. Diz-se do cachorro do vaqueiro. [...] *ficou renitente / e passou o dente / Até num rafeiro.* (BATISTA, 1929).

Rajado, adj. Diz-se do bovino de pelagem aracá. Dit.: *Reimoso que só cachorro rajado.* • *Teimoso que só boi rajado.*

Rama, s. São assim chamadas as plantas arbóreas forrageiras como o mororó, a jurema, o feijão-brabo etc. “[...] uma ração de cardeiro, um punhado de caroço de algodão, rama de juazeiro e jucá.” (CUNHA, 1971).

Rancho¹, s. “Pouso, lugar onde se descansava, durante o pino do sol, ou onde se pernoitava nas extenuantes jornadas através do sertão, prolongadas por 3, 4 ou 5 dias, na marcha ordinária dos comboios, marcha que consistia em dois períodos: pela madrugada, até às 10, às 11 horas, e das 14 ou 15, às 18, em etapas de 5,6 léguas. Havendo luar, a segunda etapa se prolongava às 19, às 20 horas. Os ranchos eram ou rústico alpendre, colmado de folhas de coqueiro ou ramos da oiticica, da habitação à margem da estrada, a cuja porta a integral hospitalidade sertaneja desobrigava do clássico – oh de casa! Comumente, também, se não era inverno, servia de pousada, para o pernoite, alguma copada oiticica, uma quixabeira... um espetacular juazeiro.” (MENEZES, O. 1952). O sertanejo também chama *arrancho*.

Rancho², s. Refeição para muitos. Bentevi III improvisou: *Rancho de cavalo é milho / de cantador é dinheiro! / Quem canta de graça é galo / Pra divertir o terreiro...*

Rapador, s. Cercado de criar onde a pastagem é muito escassa.

“[...] se o pasto é curto, se são criados no rapador, abocam areia misturada na grama e gastam os dentes.” (FERNANDES, 1914).

Rastejar, *v.* “É quase certeza ter sido um dos primeiros verbos que os nossos antepassados colonizadores aprenderam a soletrar, até mesmo por carecimento da sobrevivência. O sertanejo [...] é, mais das vezes, em grau de mestre ou de aprendiz, capaz de *tirar um rastro* [...] Perspicazes observadores, nada lhes escapa ao olhar. Aqui é uma pequena pedra virada da “cama” – ali uma imperceptível depressão no solo ou um graveto partido; adiante, os pelos do animal que ficaram presos aos galhos das plantas. Quando o chão não lhes oferece indícios, apelam para os matos – *rastejar no ar*, observando os pontos de atrito dos ramos que, com a passagem da caça, mudam de contato [...] Os estudiosos, em diferentes épocas e lugares, têm registrado as façanhas dos mais famosos.” (FARIA, 1961. V. também BARROSO, 1962; KOSTER, 1942; CARDOSO DE OLIVEIRA, 1936, e RAMOS, 1962).

Rebater, *v.* O mesmo que tomar a direção, impedir, atalhar.

Rebenque, *s.* Haste flexível, medindo uns 4 palmos de tamanho, que o cavaleiro usa para açoitar a montaria. São assim designados desde a simples vergôntea de marmeleiro cortada à beira do caminho, aos mais valiosos, artisticamente manufaturados de couro simples ou trançado e encastoados em cabos de prata.

Reboleiro, *adj.* Diz-se do gado matreiro, enganador, astucioso, cheio de fingimentos para enganar o vaqueiro. “Eu prefiro touro brabo a novilho reboleiro.” (CASCUDO, 1969).

Rebolo, s. Arena circular, menor que a rinha, para onde são transferidos os galos combatentes quando a luta não se define na rinha. (V. *Galo de briga*).

Rede, s. Armação de madeira, armada à sombra de uma árvore, com varas flexíveis ou pano forte, com que se sustentam, em pé, os bovinos ou animais caídos durante as secas. Ali são tratados com água e ração até ganharem forças para andar.

Rédeas, s. Conjunto de peças que se prendem a correias de couro curtido, cabelo, corda etc., trançadas ou singelas, com as quais o cavaleiro dirige a montaria. Normalmente duas rédeas compõem o conjunto: a *rédea da cortadeira* que se prende à argola do mesmo nome, comandando a *cortadeira* – peça de metal denteada, em forma de U, que comprime o chanfro dos animais; é a rédea dos menos entendidos e que permite movimentos mais bruscos e fortes. Abaixo desta, afivela-se a *rédea da brida* que movimenta uma peça de metal, em forma de U – *o bocado* – que, em uso, fica introduzindo na boca, sobre a língua do animal. É através do seu consciente manejo, privilégio dos mais entendidos, que se obtêm as diferentes andaduras da montaria. Quando mal-usada, principalmente nos animais novos, pode fazê-los *desbocados*, i. é, ao menor toque da brida, levantar exageradamente a cabeça – *contar estrelas* – no dizer sertanejo; a designação é o que o inglês chama de *star-gazar* e o argentino, *estrellero*. Daí talvez a expressão sertaneja alusiva às pessoas necessitadas de corretivo: ‘*stá carecendo dumas pancadas nas rédeas da brida...*’ Esse conjunto das duas rédeas e correias diversas que se ajustam à cabeça do animal é

também chamado de *cabeçadas*. Nele distingue-se (a) *testeira*, que passa pela testa; (b) *cangoteira* – correia que, partindo de uma argola da testeira, na frente, rodeia a nuca do animal, indo se prender na argola oposta; (c) *sirigóia* ou *barbicacho* – que sai da fivela da frente e envolve a ganacha do animal; (d) *focinheira* – que se prende ao chanfro, na altura da cortadeira e (e) *correia da cortadeira* – que ajusta a peça do mesmo nome, envolvendo o queixo do animal. *Afrouxar* (ou *soltar*) *as* ----, correr, imprimir mais velocidade à montaria. *Quando passei o campestre / Vi uma rês lá deitada, / Afrouxa a rédea, caboclo, / Encosta a espora, Preguiça...* (*A vaca do Burel* in ROMERO, 1897). Dit.: *Quem anda na garupa não pega na rédea.*

Redemoinho, *s.* Redemunho, é como dizem. Disposição dos pelos em espiral localizada na testa e em diferentes partes do corpo do gado. Quando se abate uma rês a tiro é para essa *mosca* da testa que se procura dirigir a pontaria.

Refeito, *adj.* Engordado. O gado que recobrou as carnes perdidas.

Refugar, *v.* Esquivar-se ou teimar em não seguir ou entrar em determinado local. “[...] uns animá nun quiria passá, rifugando, rifugando.” (LIMA, E. 1965). Também tem o sentido de eliminar, desprezar, separar o refugo (gado inferior).

Rego-aberto, *adj.* Diz-se quando o animal, de tão gordo, fica de garupa dividida, formando como um rego na região dorsal. [...] *Estavam de rego-aberto, / De peito e anca também!* (*O vaqueiro do Piauí* in CABRAL, 1938).

Reimoso, *adj.* Diz-se do animal perverso, cangaceiro, maligno, zanho, brigão, de maus instintos. Comida ou carne reimosa – quando carregada, que provoca distúrbios.

Reio, *s.* Corr. de relho. Tira de couro cru, utilizada para uso diverso.

Rejeitar, *v.* Cortar o tendão de Aquiles. Recurso extremo a que recorre o vaqueiro quando está só e derruba uma rês em lugar difícil, não podendo conduzi-la para o curral onde seria abatida. A rês rejeitada, impossibilitada de fugir, permanece no mesmo lugar, até a chegada dos outros que a abatem, carneiam, tiram-lhe o couro e conduzem tudo para a fazenda. *O cabra quando viu isto, / Ainda mais se segurou: / Puxou logo pela faca, / Por detraz me rejeitou.* (*Boi Pintadinho in CARVALHO, 1928*).

Rejeito ou Rajeito, *s.* Região do jarrete.

Relho, *s.* Couro cru cortado ao comprido, geralmente torcido, que tanto serve de açoite como de amarradio de emergência. O matuto pronuncia reio. *Botar no ----, subjugar, dominar, castigar. A mulher tem um costume / de botar homem no reio / é todo dia um paleio / só por causa do ciúme.* (QUARESMA, s/d).

Remédio-grande, *s.* (*V. Purga*).

Remoer, *v.* Ruminar.

Rendido, *adj.* Herniado, quebrado.

Rendidura, *s.* Hernia, quebradura.

Rengue, *s.* Mal das cadeiras dos equinos. [...] *a vaca morreu da seca, / Deu o mal na bezerrinha, / Deu o espiche na porca, / Deu o rengo na*

poldrinha. (CARVALHO, 1928). O art.^o 11 da Lei Provincial 596, de 21/nov./1866, reza: “Ninguém poderá conservar solto neste município animal cavallar affectado de rengue, mofo ou sécca.”

Repartida, s. Raça nordestina de caprinos. (V. *Surrão*).

Repuxo, s. (V. *Rodas in Carro de boi*).

Requebém, s. (V. *Mesa in Carro de boi*).

Rês, s. Bovino. ---- *de carne seca*, rês gorda que, apurada, pode ser descarnada em mantas para carne de sol ou seca. ---- *de chã* ou *de matolotagem*, gorda, em condições de abate.

Ressafra, s. Peça de madeira dupla que une a parte dianteira à traseira da arção; o mesmo que *espenda*.

Retirada, s. Ato de retirar o gado das regiões onde as chuvas foram escassas, para as zonas mais bem servidas de pasto.

Retirar, s. Mudar o gado de uma região para outra, onde as condições forrageiras sejam melhores.

Retraço, s. Sobra ou sobejo da ração rejeitada pelos equídeos (litoral-agreste, RN).

Rezador, adj. Diz-se do equídeo que amunheca (cai dos membros anteriores; ajoelha-se) com frequência, apresentando, em decorrência, os joelhos feridos ou descabelados.

Ribeira, s. Marca a ferro em brasa feita na coxa (ou lado) esquerda da rês ou animal e que serve para determinar o lugar em que é criado. Embora ainda em voga na quase totalidade das vaqueirices do estado, teve o seu maior valor no tempo das propriedades indivisias. A origem

do desenho de cada uma quase sempre se fundamenta na letra inicial do nome do principal rio da região (S = Seridó; T = Trairi etc.) ou mesmo da padroeira do lugar (SC = Senhora da Conceição, antiga ribeira do município de Macau); daí também ser conhecida pelo nome de *letra*. Sempre que surge um novo município, cria a edilidade para este a sua ribeira, geralmente uma variante do desenho primitivo de onde foi desmembrado. Na *Ideia da população da Capitania de Pernambuco, e de suas anexas*, o Governador e Capitam General José Cezar de Menezes, em 1774, resume, inicialmente, dizendo: “[...] comprehende-se nella cinco Ribeiras a saber: a ribeira do Norte, que fica quaze ao meio da Capitania, a ribeira do Assú que fica a Oeste da do Norte, a Ribeira do Apodi, e a ribeira do Sul que fica ao mesmo da do Norte.” Prossegue fazendo detalhada descrição dos limites desta Capitania e de cada ribeira em que está dividida, com suas “pessoas de desobriga, fogos, rendimento de dízimos” etc.

Rinchar, *v.* Relinchar.

Rinha, *s.* Pequena arena circular (uns 2 m de diâmetro) com piso de areia e acolchoada em seus limites até a altura de uns 3 palmos, onde se emparelham os galos de briga (V. este verbete).

Ripar, *v.* Aparar as crinas.

Riscador, *adj.* Diz-se da rês que esbarra bruscamente ao ser alcançada pelo vaqueiro (gíria de vaquejada).

Riscar, *v.* Parar o animal bruscamente; o mesmo que *dar risca*. “[...] comprei o Pedra Lispe e fui logo riscá-lo à porta dos dois, para exibir minhas habilidades de cavaleiro.” (SUASSUNA, 1971).

Roda¹, s. Mal do roda. Doença que ataca os equídeos; encefalomielite equina. Só *andava para traz / nem precisava de mais corda / de mês em mês tinha o roda / dente ele não tinha mais.* (SILVA, B. s/d).

Roda², s. Parte componente do carro de boi (V. este verbete).

Rodeador, s. Local, geralmente uma clareira, onde os vaqueiros vão amagotando o gado solto, rodeando-o para que não se desgarram, enquanto os demais continuam campeando e tangendo para ali as reses tresmalhadas na caatinga. O sertanejo diz *arrodiador*.

Rodear, v. Cercar o gado com vaqueiros impedindo-o de espalhar-se. Dizem *arrodiar. Meu senhor Ignacio Gomes, / De mim já teve agravado, / Porque aonde eu estou / Não pode arrodiar gado.* (*Romance do Boi Pintadinho*).

Rodo, s. Tipo de marca (V. *Assinar*).

Rodeira, s. (V. *Rodas in Carro de boi*).

Rojão, s. Ritmo de andamento ou trabalho dos animais.

Rojeiro, s. Escorregão violento.

Roladeira, s. Tipo de sela usada pelos vaqueiros para campear. É mais áspera do que as usadas em viagem, mas apresenta salinências em derredor do assento e na altura dos joelhos que oferecem mais segurança e proteção nas carreiras de mato. Em derredor de 1890, dizia Juvenal Lamartine, surgiram as primeiras roladeiras no sertão, que logo se popularizaram e ganharam a preferência da vaqueirama. Na manufatura da roladeira são usados três couros

de bode, de bom tamanho, e um de boi (na formação das capas). (V. os verbetes *Sela* e também *Burranha*).

Rol da porteira, *exp.* Contagem e verificação do gado, procedida no curral, visando constatar se o estado das reses (idade, caixa, arrobação etc.) corresponde às informações de oferta que iniciou a transação da compra. “[...] havia contratado os 200 bois do negócio. E por exigência na troca de telegrama com Miguel, respondeu a este que, para melhores esclarecimentos, seguia para assistir o rol da porteira.” (CUNHA, 1971).

Ronceiro, *adj.* (V. *Lerdo*).

Roncolho, *adj.* Diz-se quando o animal tem somente um testículo. Criptorquidia parcial.

Roseta, *s.* (V. *Espora*).

Rosilho, *adj.* Diz-se da pelagem de equídeos em que os pelos brancos e vermelhos estão uniformemente distribuídos no corpo do animal. Dit.: *Cavalo rosío e muié de beira de rio não tem brio*.

Roxo, *adj.* Diz-se da pelagem do jumento em que os pelos apresentam uma tonalidade arroxeadada.

Ruço, *adj.* Diz-se da pelagem dos equídeos que vai do branco acinzentado ao branco puro. [...] *este cardão barrigudo / se parece com uma égua / este ruço de couro branco / é um cansado de léguia*. (*História sertaneja do valente José Garcia*).

Rudado, *adj.* Diz-se da pelagem equina branco-sujo com manchas apataracadas de tonalidade mais forte.

Ruim dos pés, *exp.* Tanto pode significar o animal ruim dos cascos, i. é, mal encascado, como o de temperamento mau, cangaceiro.

Rume, *s.* Rúmem, pança. Primeira cavidade do estômago dos ruminantes, na qual os alimentos são inicialmente recolhidos.

Ruminar, *v.* Remoer. Qualidade do ruminante (bovino, caprino, ovino) que faz voltar o bolo alimentar à boca para uma segunda mastigação mais demorada e completa. Ruminam ou remoem quando em repouso e quase sempre nas horas de sol quente e à sombra de árvores.

Russiana, *s.* Antigas botas de couro da Rússia que chegavam ao sertão até os fins do século passado.

S

Sabugo, *s.* É a parte da cauda formada pelas vértebras coccigeanas, de onde crescem os pelos da *vassoura*, *bassoura* ou *saia*.

Saburá, *s.* Polem. “As células destinadas à incubação dos ovos estão situadas próximo à entrada do cortiço, em seguida o polem, chamado saburá.” (ALBANO, 1918).

Saco da coalhada, *s.* Saco de algodão branco onde se bota a coalhada a escorrer.

Saia, *s.* Cauda, sedento, rabo, vassoura. ---- *branca*, designa os bovinos que têm a vassoura (ou bassoura) da cauda de cor branca. *Disse o vaqueiro Garcia / vês aquele barbatão? / É o touro saia-branca / pertencente ao Capitão.* (*História sertaneja do valente José Garcia*, s/a, s/e, s/d).

Saiada, *s.* O mesmo que *mucica*. Puxada brusca que dá o vaqueiro, fazendo *abrir* o cavalo para um dos lados, logo que tem enrolada firme, na mão, a saia da rês que está sendo corrida.

Saiador, *s.* (V. *Vadio*).

Sambudo, *adj.* Diz-se dos animais novos, principalmente bezerros, que se apresentam raquíticos, enfermiços, opilados ou barrigudos.

Sanga, *s.* “Pequeno curral para seleção do gado a que dá acesso ao *jiqui*. (Gíria de vaquejada do Curimataú, RN in CASCUDO, 1969).

Santo-antônio, *s.* (V. *Lua da sela*).

Sapateiro, *adj.* Diz-se do bovino ou equídeo que tem, como defei-

to, a postura dos pés, de modo que os machinhos ficam perto do chão (como os pés da lebre).

Sapato de campo, s. É o calçado do vaqueiro, de manufatura regional e feito de couro curtido, com a parte do carnal do couro para o exterior.

Sarneia ou Sarnelha, s. Corr. de cernelha. Região do corpo dos equídeos, bovinos (garrote) e caprinos, que tem como base anatômica as apófises das primeiras vértebras dorsais e diversos músculos e ligamentos.

Sebo, s. Gordura consistente extraída das vísceras de alguns animais. Na medicina popular rural, o *sebo de carneiro capado* aquecido é usado como unguento infalível nas torções articulares. *Passar ---- nas canelas, fugir.*

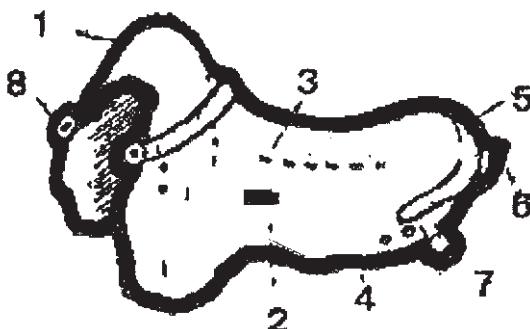
Seca¹, s. Tuberculose ou magrém extrema de origem indeterminada. “Ninguém poderá conservar solto neste município animal cavalar afetado de rengue, mofo ou seca.” (Art.º 11 da Lei Provincial 596, de 21/nov./1866 que aprova as posturas da Câmara Municipal da Vila de Jardim).

Seca², s. São os meses de estio (intervalos dos invernos) ou os anos com ausência ou insuficiência de chuvas. Guerra (1951), registra, ainda no séc. XVI: 1559, 1564; 1614 e 1690-2 no século XVII. Duque (1962), enumera a partir de 1700: 1710-11, 1721, 1723-7, 1736, 1744, 1766, 1777-8, 1785, 1791-3, 1808-9, 1814, 1817, 1825-6, 1833, 1837, 1844-5, 1868-9, 1877-9, 1888-9, 1891-2, 1898, 1900, 1902-4, 1907-8, 1915, 1919, 1930-2, 1942, 1951-3, 1958 e 1970.

Sedenho ou Sedém, s. Bassoura (vassoura), cauda, rabo, saia, tipiti, bandeira.

Sela, s. Arreio de couro curtido acolchoado, que forma assento onde monta o cavaleiro. Primitivamente parece ter sido o modelo *ginete* (ou gineta) o utilizado. Em derredor de 1890, surgiram as primeiras *roladeiras* que logo se popularizaram para os trabalhos de campo. “[...] você sela-o com os arreios de uma roladeira nova que estão no meu quarto.” (CUNHA, 1971). Nas viagens mais longas e por oferecerem mais comodidade, são preferidas ainda hoje as de nome *suzana* (que é um ginete provido de burranhas). A sela roladeira é formada pelas seguintes peças que se justapõem e afivelam: *arção*, *talabardão* (com os suadores), *capa-grande*, *capa do coxim* e *sobre capa*; tem como pertences: *cilha*, *loros estribos*, *rabicho* e *rabichola*. Ainda compondo os arreios temos as cabeçadas, com as rédeas da cortadeira e da brida. Detalhada descrição de cada uma pode ser encontrada no verbete correspondente. Seleiros afamados deixaram nome na memória dos criadores: mestre Florentino, Cazé e depois Antônio Italiano fizeram escola no Caicó dos nossos antepassados. Mais recentemente, o artesanato passado de pai para filho na família de Enéias do Logradouro (hoje nas mãos de Nilo, filho do mestre Almino) e Francisco Marinhheiro (Sítio das Oiticicas), ambos no Caicó. Quem deseja uma sela de boa qualidade, ainda hoje faz encomenda aos mestres de fama – como os de Caraúbas e Serrinha (Possidônio), o velho Pedro Ourives (1883-1964) ou nas ribeiras vizinhas do Brejo da Cruz (PB), na tenda de Antonino. Em setembro de 1963, quando o dólar andava pela casa dos Cr\$ 1.235,00, o salário mínimo mensal no Rio de Janeiro era de

Cr\$ 21.000 e o da cidade do Natal Cr\$ 11.700, uma sella roladeira, incluindo rédeas, singela, estava sendo encomendada por Cr\$ 25 mil; enfeitada, Cr\$ 30 mil. Exp.: *Correr com a sela*, fugir a um compromisso; alusivo aos animais que têm a manha de fugir ao menor descuido do cavaleiro que dele se apeou. Abus.: *Sela quente dá hemorroida*. “A sella em que de presente se anda à Estardiota vem a ser de quatro borrhainas, a que direitamente chamam Estardiota, que he o seu nome proprio, e não o chamarem sella de brida, como fica dito. Ha outra sella, a que chamam Bastarda, que tem duas borrhainas de diante, e as não tem atraz, e como estas lhe faltão, se chamou Bastarda, por não ser a sella natural, e perfeita, como he a Estardiota.” (ANDRADE, 1678).



Sela Roladeira. Arção: 1 - Arção dianteiro, em esqueleto de curva de mofumbo que forma o Santo Antônio ou lua da sala. 2 - Casa do loro. 3 - Vão pespontado em correias de couro cru (nas selas ginetas o vão é aberto). 4 - Ressafra ou espedras (uma de cada lado) que aparafulsam um arção ao outro. 5 - Arção traseiro ou meia-lua. 6 - Aranha do rabicho. 7 - Pegador da rabichola (argola). 8 - Pegador do peitoral (argola). 9 - Furos das correias do talabardão.

Selado, *adj.* Diz-se do animal com todos os arreios e pronto para viajar. Diz-se também do animal que possui a linha dorso-lombar côncava.

Seleiro¹, *adj.* Diz-se do animal que está em trabalho. O contrário de potrão.

Seleiro², *s.* Oficial que manufatura selas.

Semente de gado, *exp.* Pequeno número de animais com o qual o fazendeiro inicia sua criação. Quantidade reduzida de reses que o criador conseguiu salvar numa seca. Gil Vicente, em 1514, escrevia na *Comédia do Viúvo*: “que quedó de la semiente de gentios....”

Sendeiro, *adj.* Diz-se do equídeo sem ardigueza, vagaroso, de manejo cansativo. “[...] chegou à feira um dia, montado num sendeiro manco.” (RAMOS, 1962). Inácio da Catingueira cantava: *Coisa que eu faço no mato / Ninguém faz no tabolero / O que o branco faz no duro / eu faço no atolero / O branco bem amontado, / O nêgo em qualquer sendero. / A concessão que lhe faço / É corrê no meu acero.* Nas Ordenações Afonsinas (V. 119 § 21), dispunha-se: “Não andem de muas, nem facanees, nem em sendeiros; senon quem quizer andar de bêstas de sella, ande de cavallo... ou em potro de dous annos acima, que seja de boa levada.” Viterbo comenta (1795) – “Esta lei do Senhor D. João I tinha por fim multiplicar os cavallos de boa raça, que podessem servir na tropa. El-rei D. Afonso V concedeo mulas a varias pessoas, a quem dantes eram prohibidas. E finalmente a liberdade sem limites, que nas Côrtes de Thomar se concedeo, para que cada qual usasse das cavalgaduras que quizesse, atirava sem dúvida a destruir a cavallaria portugueza, *consumindo os sendeiros*, e bêstas

de pouco préstimo o que deveria manter cavalos generosos para a guerra.” “Esse processo eliminador do *sendeiro*, inservível para a cavalaria senhorial nos séculos XIV e XV, explica-se pela finalidade militar e não econômica. O *sendeiro* era o animal que marchava em sendas estreitas, comportando o único viajante... É o cúmulo do ridículo – *cair de sendeiro magro*”. (CASCUDO, 1962).

Sentido, *adj.* Magoado, ressentido. Dizem do gado quando se ressente nas primeiras chuvas no estourar da babugem. “Os cavalos não comem mais o resto do capim seco e a pastagem nova, que eles podem apanhar sem alguma terra, faz com que também não comam a ração de milho por ficarem com os dentes dormentes.” (SOUZA, 1914-15).

Sentidor, *adj.* Diz-se do equídeo de pouca rusticidade, sensível, que emagrece facilmente. Diferencia-se por apresentar um maior espaço entre as últimas costelas e os ossos do quadril; o contrário de *manteúdo*. *Lerdo, sentidor, cosquento / bastante passarinheiro / tanjão e muito poupeiro / dava coice até no vento*. (SILVA, B. s/d).

Serigola, *s.* Peça ou correia que prende o freio de encontro ao chanfro do equídeo, passando pelo queixo; o mesmo que *barbicacho*.

Seringa, *s.* Larvicida (ou desinfetante) em spray recentemente (1971) popularizado na assistência veterinária dos rebanhos serotanejos; o mesmo que *mijo de onça*.

Silhão, *s.* Sela de mulher, de um só estribo, que a dama cavalga sentada de lado. “Falando sobre silhões nos quais as sertanejas montavam

a cavalo – uma sela com uma espécie de gancho, do lado direito, no qual é passada a perna esquerda – o coronel Ingá me disse que aquilo era coisa relativamente moderna pois, há muitos anos passados, as mulheres montavam sobre andrilhas (ou andilhas) – uma espécie de caçamba de madeira – tornando-se difícil o equilíbrio, pois a pessoa ficava colocada de lado.” (LINS, 1957). Em 1951, em Barra do Corda (MA), vimos um silhão provido de uma alça circundando o coxim, a cerca de 15 cm de altura, para proteger e oferecer maior segurança à cavaleira. “Catarina de Médici, a jovem delfina da França, revolucciona a equitação, passando a cavalgar de maneira quase masculina: a perna esquerda em posição vertical, com um pé firmemente preso a um estribo, enquanto que a direita se dobra, bem no alto, com o joelho apoiado à saliência frontal da sela. Catarina foi mais longe lançando a moda dos culotes – calções que estão provocando, mais que o próprio estilo de montar, uma verdadeira guerra entre os que consideram imorais e os que batem palma à moda masculina da futura rainha.” (*O Brasil em Jornal*, Paris, 1536).

Sinais, s. Nos sertões, mais das vezes, a escolha dos animais domésticos é pautada nas características exteriores. *Os Sinais de Galvão*, na seleção de equinos, motivaram estudos do Prof. Aguiar, 1934-5, e debate com o folclorista Leonardo Mota. O número de sinais pode traduzir, no entender do vaqueiro, as qualidades do cavalo: *Um é bom, / Dois é melhor. / Três é ruim, / Quatro é pior. / Cinco, um brinco, / Seis, cavalo rei! / Sete, oito, nove, / Quanto mais, melhor.* Ainda na pega para esbrabejar (doma) do poldro, procuraram indícios de coragem: *Zé Garcia rebolou / O chapéu para tan-*

ger; / O cavalo espantou-se, / Mas veio reconhecer; / Porque cheirou o chapéu, / Dando coragem atender. (*História sertaneja do valente José Garcia*). V. Melo (1951) coletou dezenas de ditados que comprovam a importância dada pelo sertanejo ao exterior de seus animais: *Cardão rudado, é o bicho prá sela.* • *Cavalo alazão, carga no chão.* • *Cavalo alazão, freio no braço, sela na mão.* • *Cavalo alazão rosilho e tubiba de aroeira, o Diabo que os queira.* • *Cavalo argel, traz desgraça para si e para o dono.* • *Cavalo cacete não atravessa água.* • *Cavalo calçado, dono apeado.* • *Cavalo cardão, um dia é bom, outro não.* • *Cavalo cardão pedrês, prá carreira Deus o fez.* • *Cavalo cardão rudado, nunca pode estar parado.* • *Cavalo caretá vê alma de noite.* • *Cavalo castanho-escuro pisa no mole e no duro e traz o dono seguro.* • *Cavalo de dois pelos, nem tê-lo nem mantê-lo.* • *Cavalo fouveiro deixa o dono no terreiro.* • *Cavalo gázeo-sarará, nunca prestou nem prestará.* • *Cavalo lazão caretá, home chamado Garcia, mulher de viria funda, Credo em Cruz, Ave Maria.* • *Cavalo melado caxito, tanto é bom como é bonito.* • *Cavalo melado mela o dono e o encerado.* • *Cavalo pampa, só tem estampa.* • *Cavalo pedrês, para carga Deus o fez.* • *Cavalo que bom for, não tem sinal nem cor.* • *Cavalo rosilho, cansa até comendo milho; mas quando rosilho é prateado, anda dez léguas depois de cansado.* • *Cavalo rosilho e mulher de beira do rio não têm brio.* • *Cavalo ruço, doce no pulso.* • *Cavalo ruço, corre o mole e o duro.* • *De cavalo pangaré, de mulher de Nazaré, livre-me Deus, Dominé.* • *De cavalo pangaré e gente de Taubaté, livre-me Deus, Dominé.* • *Mão branca, não manca.* • *Melado de crinas brancas, topa.* • *Quem monta em bebe-no-branco não pode dizer quando chega nem quando sai.* • *Seja ruço*

o cavalo e seja qualquer. • Tordilho nágua é melhor que canoa. A margem desses, vale acrescentar: *Cavalo de cara branca, homem por nome Messias, mulher dos quartos de jia e pote que não esfria – coitadinho deles quatro, Credo em Cruz, Ave-Maria.* • *Cavalo velho com cangalha nova, pisadura certa.* • *Sossego de homem é mulher feia e cavalo capado.* (V. também *Galvão*). Outros sinais orientam a escolha dos cachorros de caça: assim, constitui bom sinal: (a) as unhas dos pés e das mãos da mesma cor; (b) o céu da boca de cor preta; (c) não gritar quando suspenso pelo couro do cangote; (d) ser biqueiro; (e) quando pezunho, acua lobisomem; (f) os de pelagem rajada costumam ser reimosos e os brancos, esmorecidos; (g) a cauda fina constitui bom sinal e melhor ainda quando enrolada para a direita; sendo para a esquerda, o cachorro tem dia, isto é, nem sempre presta; (h) cachorro de ânus grande é corajoso e (i) a melhor característica é mostrada pelos cabelos debaixo do queixo: 1 é muito bom, 2 é bom, 3 é sofrível e 4 não presta...

Sinal, s. Conjunto de entalhes feitos nas orelhas dos animais (exceção dos cavalos) para diferenciar o seu proprietário. “Ferros, carimbos e sinais constavam dos inventários, recebendo os seus herdeiros o direito de usá-los.” (MEDEIROS, F., 1982). Hoje é usado apenas na miunça. (V. também *Assinar*).

Sinal-encoberto, s. Mancha branca que se apresenta no pênis do equídeo.

Sirigóia ou Serigola, s. (V. *Rédeas*).

Sítio, s. Em algumas regiões significa a pequena fazenda encravada nas proximidades das ruas sertanejas. Para outras, é a pequena

propriedade que explora a agricultura de subsistência, sobretudo a fruticultura.

Situação, s. Pequena fazenda de criar.

Sobrecana, s. (V. *Esparavão*).

Sobrecapa, s. (V. *Sela*).

Sobrecu, s. Uropígio das aves. *Fazer o ---- com a unha*, malvadar, judiar (alusivo ao processo primitivo de castração de frangos). *O pinto corria atrás / que deixava o galo nu, / e mesmo no sobrecu / beliscava pra pelar.* (LEITE, s/d) Abus.: Os meninos esfregavam o sobrecu das galinhas, depois de mortas, na região do púbis, para nelas fazer nascer cabelos.

Sodoro, s. Xique-xique (*Cereus Gounellei* K. Schum. fam. cactáceas); as galhas, depois de queimadas para eliminação dos espinhos, constituem valiosa alimentação para o gado nos anos de seca. Deve se ter o cuidado de deixá-las esfriar, sob pena de provocar crises agudas de meteorismo. Só pode ser usado como ração quando magro, i. é, sem estar entumescido ou aquoso pela queda de alguma chuva.

Sola, s. Couro curtido de bovino. Antes de ser curtido é chamado de couro. [...] *dá peia, dá rabichola; se prendendo a couro ou sola / toda obra o couro dá* – glosava Moisés Sesiom.

Solta¹, s. Diz-se quando se solta o gado em cercado. *Fazer ----, soltar o gado em dado lugar. Gado de ----, gado que se solta para formar ou engordar.*

Solta², s. Golpe que o galo desfere com os tarsos no adversário sem necessitar fazer presa com o bico. É característico do início das pugnas, antes dos primeiros sintomas de cansaço, quando então *cruzam* para início da segunda etapa da luta. Os combatentes que batem bem de solta são estimados para as lutas de espora (gíria galista).

Solteira, adj. Diz-se da fêmea, principalmente do gado bovino, que ainda não tenha dado cria; *macaca* na região Oeste. “[...] uma novilha que ainda não tenha dado cria, é chamada solteira.” (ALBANO, 1918).

Sombrar, v. Descansar remoendo nas horas de sol quente, à sombra das árvores. *Não desça mais em vereda, / Nem sombre mais em riacho, / Prefira morrer de sede / No centro destes carrascos.* (Versos da bezerra in MELO, M. 1951).

Sorte, s. Parte do vaqueiro na parição (a 1/4 parte dos bezerros e a 1/3 parte dos cabritos) do rebanho sob sua responsabilidade.

Suador, s. Corr. de suadouro. Espécie de almofadas de pano forte, acolchoadas com pendão de cana, capim de boi ou, preferivelmente, folhas de camunzé ou de angico, pois estas últimas, ainda que molhadas de suor, não encascoram (embolam). Os suadores, em número de dois, são costurados nos talabardões, com linha de fio da Bahia e *costura de barceiro* em X. Servem para evitar que a sela venha a fazer pisadura no animal. *Eu sou da Sapucaíba, / Da fazenda do Doutor, / Dos cavalos da fazenda / Eu sou o superior! / ... Em mim só se bota sela, / Remexendo o suador.* (Miguel Fonseca in MOTA, L. 1962).

Sucaro, *s.* “Correr-pegado, emendado com o boi, batendo na anca. É um dos mais antigos vocábulos da velha vaquejada, trabalho de campo no passado. De *socairo*, termo náutico, valendo amarrar de popa a ré; ir no *socairo* de alguém é segui-lo, acompanhá-lo de perto. Infiei no socaro do bicho...” (CASCUDO, 1969).

Sujar, *v.* Defecar, dar de corpo, obrar.

Sujigá(r), *v.* Forma arcaica de *subjugar*, ainda em uso nos sertões.

Suposto, *adj.* Diz-se do cavalo guardado, tratado, reservado na estrebaria para os passeios; quando ajaezado pisava andamentos macios nos caminhos da fazenda (V. *Cavalo de sela*).

Sura, *adj.* Diz-se da ave sem as penas da cauda; o mesmo que *suru*. *Minha galinha pintada, / Meu galo suro rabão, / Vou tirar minha galinha / Das unhas de um gavião.* (MOTA, L. 1928).

Surrão¹, *s.* Saco de couro. “Grande saco de couro em que os comboeiros conduziam sal do Litoral para o Sertão. O surrão de couro foi sendo lentamente substituído pelo surrão de palha de carnaúba, em virtude da carestia progressiva do couro curtido, quando o de palha era muito menos dispendioso, embora que consideravelmente menos resistente. Hoje está quase extinto o uso do surrão de couro, e muito provavelmente o de palha, em face da concorrência do caminhão, transportando sal a granel.” (MELO, M. 1953). *O couro do Boi Espácio / Deu cem pares de surrão, / Pra carregar farinha / Da praia do Maranhão.* (*Romance do Boi Espácio in ROMERO, 1897*).

Surrão², s. Raça nordestina de caprinos, também chamada de *repartida*, possuindo a metade posterior do corpo baia ou melada e a metade anterior preta ou escura.

Surrupeia, s. Tira de couro que faz a vez da peia.

Suru, adj. Desprovido de cauda. Em 1515, Gil Vicente, na *Farsa Chamada Auto das Fadas* rimava: *mas galo negro suro / cantou no meu monturo*.

Surubim, s. Bovino com pelagem vermelha, preta ou branca, com pintas de coloração diferente da geral (branca com pintas vermelhas ou pretas; preta com pintas brancas ou vermelhas; vermelha com pintas brancas ou pretas).

Sustância, s. Força, vigor, resistência.

Suzana, s. Tipo de sela (V. este verbete).

T

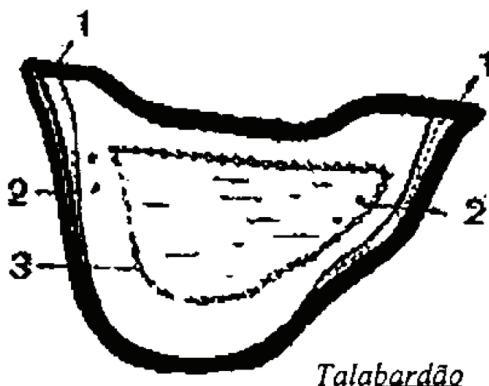
Taba, s. Corr. de tábua; lado, face. Em loc. ---- *do pescoço*, porção lateral do pescoço; ---- *dos queixos*, face externa do maxilar.

Tabatingueiro, s. Comboeiro. “São homens do campo, que vivem do amanho da terra, cavalgando, semana a riba, semana abaixo, seus animais cargueiros, comerciando com os produtos das suas vazantes. [...] Cargas e mais cargas pontilhavam a estrada comum, rescendendo dos caçuás e dos caixões o embriagante cheiro dos melões e o cheiro enjoativo dos cajás. Quando era sexta-feira, assim por volta das 2 hs da tarde, começava o movimento de cavalos, mulos, bestas e jumentos carregados, num desfiladeiro sem fim. Na passagem pela Pendência de Cima, já para entrar na estrada do Espinheiro, iam se apeando nas bodegas, à beira da trilha, para fazer o rancho da noite.” (MELO, M. 1951).

Taca, s. Relho de açoitar animais.

Tacha, s. Mancha; defeito físico ou de outra natureza relativa aos equídeos. Nas barganhas os ciganos costumam louvar as qualidades do animal e, quando indagados qual a tacha, respondem: – o defeito ‘stá na vista, i. é, à vista ou na própria vista, pois algumas vezes o animal tem uma vista perdida. Anselmo Vieira de Souza versejou: *Eu já cantei com o Maldito / E achei ele um bom rapaz... / Só a tacha que ele tinha, / Vexava a gente demais.*

Talabardão, s. “Peça dupla de sola tratada, onde são costurados os suadores. É presa debaixo do arção para que as almofadas dos suadores livrem o lombo do animal de pisaduras.” (FARIA, 1969).



Talabardão

Talabardão (lado esquerdo): 1 - Dobra costurada a máquina com linha zero. 2 - Furos para as correias do talabardão. 3 - Costura de braceiro, em “x”, com linha de fio da Bahia, franzida, que forma o suador.

Tamanca, s. Forquilha fortemente atada a um dos membros dian-teiros da rês, na altura da canela. A dor a impede de correr, possi-bilitando apenas o caminhar manquejante.

Tamoeiro, s. (V. *Carro de boi*, IV. Utensílios).

Tampo de couro, s. Pedaço irregular do couro em que está ferrada a marca do proprietário. É quase sempre retirada da rês encontra-da morta, quase em carniça e já estragada pelos cachorros, uru-bus ou mesmo pela decomposição – impedindo o aproveitamento completo do couro. (V. também *Cazumba* e *Batoque*). “Conhe-cedor de todos os ferros e sinais da ribeira, se por acaso aparecer em suas terras um animal de marca desconhecida, ele (o sertanejo) a carvão registra o ferro estranho na porta da casa e trata do animal durante anos, à espera do dono. Se tiver necessidade de matá-lo ele guarda o *tampo do couro* com o ferro para, em qualquer tem-

po que o dono aparecer, dar-lhe outro animal ou pagá-lo em dinheiro. Se o animal abatido é *sem fogo* ou *orelhudo*, ele procura o vigário e manda rezar missas em intenção do dono.” (ALBANO, 1969).

Tanger, *v.* Tocar, conduzir, empurrar, açoitar, golpear.

Tangerino, *s.* Pessoa que, a pé, auxilia a tanger as boiadas. Comumente convocam vários vaqueiros para empurrar a boiada nas primeiras léguas de estrada, rebater uma rês que se interna no mato ou intimar as que teimam em quebrar pra trás e volta aos pastos de onde saíram. Só depois do gado enfadar é que se reduzem a uns poucos: cabeceira, flancos e coice. “Só depois do primeiro pernoite é que as rezes se desenganam e, desistindo de qualquer tentativa de resistência, seguem submissas estrada fora, rumo ao mercado. Três ou quatro Vaqueiros apenas bastam para conduzir o numeroso rebanho. Antes disso, porém, a cada 5 cabeças deve corresponder, em média, um vaqueiro.” (TORRES, 1950).

Tangida, *s.* Número de cabeças com que se fraciona as boiadas mais numerosas, quando das grandes viagens ou retiradas. “[...] porque na estrada, para o comedor e tangida, o gado sai da dormida dividido em lotes de 130 bois.” (CUNHA, 1971). Preventivamente, para atravessar zona infestada de tingui (planta tóxica), a boiada era fracionada para evitar que pastasse: “[...] e cada tangerino seguia, cuidadosamente, com a sua tangida de 15 bois.” (CUNHA, 1971).

Tanjão, *adj.* Diz-se do animal lerdo, preguiçoso, sem ardigueza, que não reage ao castigo. *O burro deste cavalo, / Esse jumento tanjão.* (CARVALHO, 1928). [...] *lerdo, sentido, cosquento / bastante*

passarinheiro / tanjão e muito popeiro / dava coice até no vento.
(SILVA, B. s/d).

Tapado, *adj.* Diz-se quando o equídeo apresenta pelagem escura e sem sinais de qualquer espécie. O mesmo que *lacrado*.

Tapiti, *s.* O mesmo que saia, bassoura, cauda, rabo, cabo, sedenho.

Tapuru, *s.* “É a forma larval da mosca varejeira verde-azulada (*Cochliomyia americana*), que nasce dos ovos postos por essa espécie de moscas nas feridas ou crostas de sangue dos animais. Os ovos incubam em cerca de 12 horas e os vermes penetram na carne, onde ficam e se alimentam por 4 a 10 dias, e depois caem ao solo onde se enterram. Dentro de uma semana, mais ou menos, emergem transformados em moscas adultas, completando o ciclo de vida. A mosca ataca um animal, depositando ovos onde encontra uma escoriação, ferida ou incisão.” (HODGSON, 1963). [...] *uma faca eu amolo / capo ele, esfolo / sacudo no mato / não come mais rato / janta tapuru / chegando urubu.* (ATHAYDE, 1956).

Tarrafear, *v.* Ato de enrolar a vassoura da cauda da rês na mão para a derrubar com o golpe da mucica. Pronunciam *tarrafiar*. *Perseguiram um novilho / Que pelo pátio estirou... / Torquato fazendo esteira, / Francisco tarrafiou.* (CASCUDO, 1939).

Tataíra ou **Caga-fogo**, *s.* Pequena abelha silvestre que segregá um líquido cáustico que arde como fogo – daí o seu nome (*Oxytrigona tataira*, F. Sm.). (V. *Abelha*).

Tento, *s.* Tira de couro de uso variado na zona pastoril.

Ter, *v.* Parir, dar cria.

Teresa, *s.* Nome popular da perua. “Nossos campônios, vendedores de aves, tendo o termo *perua* como um tanto rebarbativo, substituem-no pelo de *teresa*, e quando excepcionalmente o empregam daquele modo, ou mesmo no diminutivo, uma *peruinha*, como mais decente, fazem-no sempre pronunciando a frase de respeito: “com licença da palavra.” (PEREIRA DA COSTA, 1936).

Testeira, *s.* (V. *Rédeas*).

Teta, *s.* Peito; glândula mamária.

Tica-tica-tica, *interj.* Fala própria para chamar galinhas e outras aves domésticas na hora da ração.

Tingas, *s.* (V. *Rodas in Carro de boi*).

Tingui, *s.* “Corr. de *ty-gui* ou *tyghi*, o sumo, a espuma. Ou então, *ti*, branco, *ig*, água, água branca ou espumosa. Ou ainda *tinga*, fétida, *ig*, água, por causa do mau cheiro do sumo.” (BRAGA, 1960). O sertanejo generaliza a designação a todas as plantas capazes de produzir, quando ingeridas, acidentes tóxicos ou de empanzimento (meteorismo). Os principais tinguis da zona Agreste são: o tingui verdadeiro (*Mascagnia rigida* Griseb., fam. Malpigiáceas), a erva de rato (*Psychotrichia Marcgravii* Spreng., fam. Rubiáceas) e o icó (*Capparis Yco Eichl.*, fam. Caparidáceas), sendo este último tóxico aos equídeos. José Braz Galvão (Fazenda Talhado, Acari) anotou, nas forrageiras nativas do Seridó, tinguijamento de gado pelas seguintes plantas: a rama do angico (*Piptadenia colubrina* Benth., fam. Leguminosas) quando murcha; seca, é muito boa ração. A rama da batata doce (*Ipomoea batatas* Poir, fam. Convol-

vuláceas), quando nova e quente, provoca meteorismo. A folha da carrapateira (*Ricinus communis*, Linn., fam. Euforbiáceas) é tingui se a rês bebe água depois de arraçãoada com ela ou come alimento aquoso. O cipó cururu (*Echites Cururu* Mart., fam. Apocináceas) tinguija violentamente. A folha da maniçoba (*Manihot* sp. fam. Euforbiáceas) quando madura constitui muito boa ração; mas quando nova, tenra, orvalhada, ou a rês bebendo água depois de ingeri-la, provoca morte fulminante. A rama do pereiro (*Aspidosperma pirifolium* Mart., fam. Apocináceas) também quando nova e tenra é um tingui perigoso. E, por último, a salsa (*Ipomoea asarifolia* Roem & Schult., fam. Convolculáceas) é tingui quando murcha, sendo, entretanto, boa ração quando seca.

Tinguijar, v. O mesmo que *entinguijar*. Causar distúrbios provocados por plantas tóxicas.

Tipiti, s. O mesmo que cauda, sedém, bandeira, vassoura (ou basoura), rabo ou cabo.

Tirada, s. (V. *Carro de boi*, IV. Utensílios).

Tiradeira, s. (V. *Carro de boi*, IV. Utensílios).

Tirador de leite, exp. Ordenhador. Na luta do curral cada tirador de leite tem, reservadas, as vacas de sua cuia, i. é, as que são ordenhadas por ele. A cuia, metade da cabaça (*Cucurbita lagenaria* Linn., fam. Cucurbitáceas) serrada ao meio, foi o vasilhame clásico de tirar leite.

Tirar, v. Em loc.: ---- *do pasto*, matar; “[...] foi duas onça qui eu tirei du pasto.” (LIMA, E. 1965); ---- *no mourão da porteira*, correr

em perseguição da rês que saiu do curral com intenção de derrubá-la; ---- *o cavalo da chuva*, ir direto ao assunto, usar de sinceridade; ---- *leite*, ordenhar; ---- *leite sem espuma*, tirar partido de alguma situação; ---- *um rastro*, rastejar, ser capaz de identificar e acompanhar um rastro. *Correu um touro cabano, / Esse rajado de cor. / Foi tirado cinco vez / E nenhum cavalo tirou. / Batêro palma e dissero: / - Já vi bicho corredô.* (CASCUDO, 1969).

Titela, s. Osso e carnes a ele aderentes que formam o externo das aves. Quando a ave sofre de raquitismo quando nova, o osso da titela se mostra curvo. [...] *pescoço, encontro e titela, / sobrecu, aza e espinhaço, / coração, figo e moela.* (CARVALHO, 1928).

Titica, s. Excremento das aves e principalmente de galináceos. Dit.: *Cabelo de titica de rolinha* (encarapinhado).

Tixe, s. Piolho das aves, cafife, pixilinga. *O freguês só tem sossego, / si num arruma chamêgo, / mucuim, tixe ou muié.* (MENEZES, O. 1952).

Tô-fraco, s. Guiné, galinha d'Angola, capote.

Toicinho, s. Camada gordurosa que se forma sob a pele dos porcos. *Ter comido ---- com mais cabelo, haver levado de vencida perigo ou desgraça maior. Não é com ameaças / que me faz obedecê-lo / com isto não me intimido / porque já tenho comido / toucinho com mais cabelo.* (ATHAYDE, 1952). “O matuto conhece quando o toucinho é de porco ou de porca, pela incrustação dos cabelos no couro: o do bicho macho tem 3 troncos; o da fêmea tem 4 pontos de interseção.” (NONATO, 1987).

Toitiço, s. Cachaço. *Arranco-te o nó da guela / te mostro novo modelo / passo-te a mão no toitiço / não deixo nenhum cabelo.* (SILVA, J. J. s/d).

Tomar¹, v. Cobrir, copular; ---- *cria*, emprenhar, fecundar.

Tomar², v. Ocupar, atalhar, impedir, opor-se a pessoa ou animal que vai em determinada direção. Assim, quando dizem tomar a guia, a costaneira ou o coice – é colocar-se em qualquer dessas posições com relação, no caso, a um animal ou grupo deles.

Tomé, s, Denominação sertaneja do carneiro (V. *Animais*).

Tome-tome, *interj.* Voz de chamar equídeos.

Topador¹, s. “O que usa o aguilhão (ou aguilhada), para topar a rês enfurecida. Topar é receber a pé firme, na ponta de aço da vara, o arremesso do bovino furioso, ciscando no pátio, ou já encerralado, e que é preciso amarrar,pear ou mascarar, para receber ferro ou ser assinalado (*assinado*). O topador espicaça-o, de rijo, no focinho, entre os chifres, no pescoço etc. A operação requer muita força muscular, extrema agilidade, absoluto sangue-frio e tirocínio.” (MENEZES, O. 1952). *Encontrou Tomé da Silva / Que era velho topador / Dá-me novas do Rabicho / da Geralda, meu senhor? (Rabicho da Geralda in ROMERO, 1897).*

Topador², adj. Diz-se do animal que tropeça frequentemente, amunhecando, ferindo os joelhos; daí também ser chamado de *rezador*.

Topar, v. Tropeçar.

Tope, s. Topada, tropeço. *São Gonçalo foi à missa / Num cavalo, sem espora, / O cavalo deu um tope, / São Gonçalo pulou fora.* (Do folclore nordestino). *Partiu ele na carreira / E foi por ali aos topes / Dar novas de me ter visto / Ao vaqueiro José Lopes.* (O rabicho da Geralda in ROMERO, 1897).

Torcer o beiço, exp. Imobilizar o equídeo pela dor. Com uma pequena talisca de madeira e um barbante, torcem o beiço do animal, deixando-o imobilizado pela dor.

Torcer carreira, exp. Retroceder, desistir, desertar.

Tosar, v. Depenar o pescoço e as coxas dos galos de briga para facilitar a sua preparação física: exercícios, massagens e couraça (engrossamento da pele com banhos de substâncias adstringentes).

Touro, s. Reprodutor bovino. *Touro não teme a novio... / Violão não teme a prima, / Poeta não teme a rima / Nem eu temo o desafio.* (Athayde in CASCUDO, 1939). Dit.: *Touro briga, mas é se borrando.*

Traçar, v. Misturar (equídeo) mais de um andamento.

Trangola, adj. Diz-se do equídeo grande e anguloso, espécie serlaneja de rocinante. *Cavalo grande é trangola, / Pequenino é perereca. / A muié grande é fantasma, / Pequenina é uma boneca.* (Azulão in MOTA, L. 1961).

Tranquear, v. Andar (o equídeo) de lado quando castigado de espora. “Os cavalos [...] tranqueavam, sopravam, babavam.” (ALMEIDA, 1971).

Traquejar, *v.* Manejar, adestrar, exercitar, conduzir com habilidade para determinado local. *Me traquejavam na sombra, / Traquejavam na comida, / Me traquejavam nos campo, / Traquejavam na bebida, Só Deus terá dó de mim, / Triste é a minha vida.* (*Romance do Boi da Mão de Pau* in CASCUDO, 1957).

Tratador, *s.* Pessoa que cuida do trato do gado. Quando das secas e escassez de forragens, recorrem às retiradas, ao trato com espinho (cactáceas e bromélias) ou às ramas (juazeiro, feijão-brabo etc.) Ganham por diária. Há também os que recebem reses de boa arrobação (touro ou boi de carro imprestáveis, vacas maninhas) para engordá-las com os recursos de vazantes (capins de planta, ramos de batata etc.), restos culturais e algum concentrado (torta de algodão). Aí um homem trata de 3 a 5 reses recolhidas à sombra de um pé de pau ou latadas, para onde cambitam a ração cortada. Costumam então banhar o gado do trato todos os dias. Percebem um tanto por rês engordada ou percentagem sobre o preço alcançado quando do abate. “[...] Trazia-os do rapador, só ou com a ajuda dos tratadores.” (ALMEIDA, 1971).

Trato de gado, *exp.* Local onde o gado recebe alimentos. Tanto pode designar o lugar de engorda ou ceva, como a *comida*, i. é, ração extrema de manutenção, quase sempre constituída de queima do espinho. Na seca de 1915, conta meu tio Artéfio (1881-1971) como escapou sua semente de gado: “[...] uma ração de cardeiro, um punhado de caroço de algodão, rama de juazeiro e jucá.” (CUNHA, 1971).

Travagem, *s.* Inflamação na parte superior da boca dos equídeos, caracterizando-se por um crescimento anormal das gengivas.

Tresmalhar, *v.* Fugir, escapulir, extraviar-se. [...] *Com as pedras do caminho; / Tresmalhado da boiada / Vem desgarrado, sozinho.* (CARDOZO, 1963).

Trilhada, *adj.* Diz-se da carne trilhada quando há ligamentos distendidos, torcidos. “Cose-o e recose-o com uma agulha, benzenando a parte ferida três vezes e fitando no enfermo os escuros olhos penetrantes: – *Carne trilhada, / Nervo torcido, / Ossos e veias, / E cordoveias, / Tudo isso eu coso / Com o louvor / De São Frutuoso.*” (BARROSO, 1962).

Trilhar¹, *v.* Seguir um rastro, uma trilha.

Trilhar², *v.* Sofrer torção muscular; machucadura; entorce.

Tripa-cagaiteira ou gaiteira, *s.* Intestino grosso.

Trocador, *s.* Negociante de animais, especialmente equídeos. Há os que vivem disso e os que têm a mania de trocar – *tirando a muié e os menino, o mais tudo é prá negócio*, dizia Bastião Felix, Fazenda Lagoa Nova, 1941. Feirando, i. é, de feira em feira, fazem ali a sua bolsa de negócios. No sertão velho os bandos de ciganos que cruzavam a caatinga viviam quase que de barganha de equídeos. Bom conhecedor de animais e dono de boas rédeas, costuma o trocador preparar o animal a ser negociado de modo a ressaltar as suas qualidades e ocultar os seus defeitos. [...] há os negociantes de cavalos. Atacadistas ou retalhistas, solitários ou agrupados, pro-

fissionais ou diletantes, nômades ou sedentários [...] e são hábeis, ardilosos, capazes de dar lição a rato. Nas suas transações mais claras há manha encoberta. Têm partes com o diabo, deitam poeira nos olhos dum cristão, mostram o que não existe e escondem as coisas evidentes. Os de mais respeito são os ciganos." (RAMOS, 1962). *Gloso os sinais do vaqueiro / A pedido do major / Um é bom, dois é melhor, / Posso afirmar ao senhor / Que assim diz o trocador: Três é ruim, quatro é pior!* (COUTINHO FILHO, 1953).

Trocár pela pinta, *exp.* Dizem da troca de animais quando é feita exclusivamente louvada nas informações dadas por cada um dos trocadores (V. também *Tacha*).

Tronco, *s.* Mourão grosso e resistente de madeira de miolo que se finca no meio dos currais para sojigar (subjugar) o gado e melhor poder beneficiá-lo (ferra, castração, doma, curativos etc.).

Tropa, *s.* Animais (equinos e muares) para os trabalhos de transporte de carga (V. *Burrama*). O Código de Posturas Municipais da Cidade de Natal, em 1877, dizia em seu art.º 114, § 2º do cap. XVII: "De comerciante de tropa solta, que importar para o município animais cavalares, ou muares, quer vendão um ou mais, pagará 20\$ reis."

Tropeiro, *s.* Condutor de tropas. Jumento de tropas ou de carga.

Trotador, *adj.* O mesmo que *troteiro*.

Trotar, *v.* Andar a trote.

Trote, *s.* Andadura natural dos equídeos, entre o passo e o galope, que se conhece pelas batidas espaçadas e alternadas por cada par diagonal de patas.

Troteiro, *adj.* Diz-se do animal que trota.

Trupicar, *v.* Tropeçar, trambecar.

Tungão, *adj.* Diz-se do bovino ou equino pesadão, lerido.

Turino, *adj.* Designação antiga do gado malhado leiteiro, importado de Portugal, e que lá constituía um Holandês degenerado. Diz-se, por extensão, do bovino com sangue Holandês.

Tutano, *s.* “Medula dos ossos; é de predileção popular. Ao seu sabor especial junta-se a ideia universal do tutano constituir a essência, o miolo, a materialização da força física do animal, sua energia sexual e locomotora. Era alimento comum dos povos primitivos desde seu aparecimento na terra.” (CASCUDO, L. C. 1962). “[...] quando a fraqueza começava a chegar, ali por volta dos 70, meia tigela de tutano de corredor da perna esquerda da novilha vermelha sem sinal nenhum, comida uma vez por semana, bastava pra fazer voltar a fortaleza perdida.” (SOUZA, E. 1914). V. também *Corredor*.

U

Ubrar, *v.* Entumescer o ubre (úbere); início da fase final da prenhez, aproximação do parto.

Ubre (Úbere), *s.* Volume formado pelas glândulas mamárias e tetas da fêmea.

Uivar, *v.* “Uivar não é latir. O cachorro tem quatro vozes: late, gane, acua e uiva.” (GALVÃO, 1969).

Últimas, (As) *s.* A placenta.

Um, *interj.* Voz do porco. “Conta de porco no folclore infantil, sugerida pela onomatopaica hum, do grunhido do animal”. (PEREIRA DA COSTA, 1936).

Umbigo de boi, *s.* O mesmo que *cipó de boi*. O sertanejo pronuncia imbigo. É o pênis do boi, retirado quando a rês é escarnada e posto a secar pendurado, com um forte peso na ponta e, algumas vezes, torcido. Seco, é fortíssimo e flexível, constituindo o azorrage preferido das autoridades para ministrar açoites.

Umbigo-quebrado, *s.* Hérnia umbilical.

Umbigueira, *s.* Bicheira ou inflamação na região umbilical; é comum aos bezerros.

Up-up-ulé, *interj.* Voz de estumar cachorro.

Upa, *s.* Salto brusco ou corcovo dos equídeos.

Upar, *v.* (*V. Empinar*).

Uru, *s.* (*V. Caçuá*).

Uruçu, *s.* (*V. Abelha*).

V

Vaca, *s.* A fêmea do touro. *De vaca - a bezerra fêmea, / Da besta - o poldrinho macho, / Do home quero a palavra, / Da muié quero o despacho* – cantava Azulão. *Carne de ----* O mesmo que carne de gado, i. é, bovino. Dit.: *Olho de vaca laçada* (o que costuma andar de vista baixa).

Vacada, *s.* Coletivo de vacas.

Vacaria, *s.* Coletivo de vacas. Também usado para designar as vacas paridas que são recolhidas diariamente ao curral (ou estábulo) para ordenha e exploração do leite.

Vacum, *adj.* Relativo ao gado bovino. *Fica prohibido a creaçao de gado vacum...* (art.º 1º da Lei Provincial nº 20, de 26/mar./1835).

Vadiação, *s.* O mesmo que vaquejada. *Zé Garcia no cavalo / que pegou o barbatão / deu muita queda no páteo / naquela vadiação.* (História sertaneja do valente José Garcia).

Vadiar, *s.* Participar de vaquejada; derrubar gado. *Lembrança ao cavalo velho / Castanho da Divisão, / Está com 22 ano / porém não dá seu quinhão. / Ainda pode vadiar / Em qualquer apartação.* (*Fabião das Queimadas* in CASCUDO, 1957).

Vadio, *s.* O mesmo que *saiador*. Pessoa que derruba bem o gado.

Vão, *s.* Região clavicular. Anselmo Vieira de Souza (Novas Russas, CE, 1867 - ?) cantava grosso: *É maluco do juízo / Quem segue este meu rojão: / Se mordé, quebro os dente, / Se intima, furo no vão.*

Vaqueirama, *s.* Coletivo de vaqueiro.

Vaqueiro, s. Homem que lida com o gado; corresponde (sem ser semelhante) ao campeiro do Sul do País. “É impossível idear-se cavaleiro mais descuidado e deselegante; sem posição, pernas coladas ao bojo da montada, tronco pendido para frente e oscilando à feição da andadura dos cavalos do sertão, desferrados e mal tratados, resistentes e rápidos como poucos. Nesta posição indolente, acompanhando morosamente, a passo, pelas chapadas, o passo tardio das boiadas, o vaqueiro preguiçoso quase transforma o *campião* que cavalga na rede amolecedora em que atravessa dois terços da existência. Mas se uma rês *alevantada* envereda, esquia, adiante, pela caatinga garranchenta, ou se uma ponta de gado, ao longe, se tresmalha, ei-lo em momentos transformado, cravando os acicates de rosetas largas nas ilhargas da montaria, e partindo como um dardo, atufando-se velozmente nos dédalos inextricáveis das juremas. Vimo-lo neste *steeple-chase* bárbaro. Não há como contê-lo, então, no ímpeto. Que se lhe antolhem quebradas, acervos de pedras, coivaras, moitas de espinhos ou barrancas de ribeirões, nada lhe impede de alcançar o garrote desgarrado, porque *por onde passa o boi passa o vaqueiro com o seu cavalo...* Colado ao dorso deste, confundindo-se com ele, graças à pressão dos jarretes firmes, realiza a criação bizarra de um centauro bronco: emergindo inopinadamente nas clareiras; mergulhando, adiante, nas macegas altas; saltando valas e ipueiras; vingando cômoros alçados; rompendo, célere, pelos espinheiros mordentes; precipitando-se, à toda brida, no largo dos tabuleiros... A sua compleição robusta ostenta-se, nesta ocasião, em toda a plenitude. Como que é o cavaleiro robusto que empresta vigor ao cavalo pequeno e frágil, sustentando-o nas rédeas, suspen-

dendo-o nas esporas, arrojando-o na carreira, joelhos fincados para a frente, torso colado no arção, *escanchado no rastro* do novilho esquivo: aqui curvando-se agilíssimo, sob uma galhada, que lhe roça quase pela sela; além desmontando, de repente, como um acrobata, agarrando às crinas do animal, para fugir ao embate de um tronco percebido no último momento e galgando, logo depois, num pulo, o selim; – e galopando sempre, através de todos os obstáculos, soprando à destra sem a perder nunca, sem a deixar no emaranhado de cipoais, a longa aguilhada de ponta de ferro encastoadada em couro, que por si só constituiria, noutras mãos, sérios obstáculos à travessia... Mas, terminada a refrega, restituída ao rebanho a rês dominada, ei-lo, de novo, caído sobre o lombilho retovado, outra vez desgracioso e indolente, oscilando à feição da andadura lenta, com a aparência triste de um inválido castigado.” (CUNHA, 1903). “Na criação do gado, a lida unificou os homens ricos e os pobres. Os donos e escravos na mesma linha tenaz de coragem e batalha. Não pode haver diferenciação específica nas missões de dar campo, para o moço branco e o negro escravo. São dois vaqueiros. Vestem a mesma vestia de couro. Encontraram o mesmo perigo, o mesmo carrascal, a mesma grota, o acrivo súbito e escabroso onde o barbatão galgou, fulminante, encosta acima, sumindo como uma visagem. Os cavalos serão o melhor e o sofrível. Não podem dar ao vaqueiro escravo o pior cavalo, porque o serviço não se fará. A honra da fazenda é não perder o touro bravio, o novilho famoso, já cantado pelos poetas da ribeira como invencível. *Botar o boi no mato* é uma nódoa no armorial fazendeiro. O cavalo do escravo é como a montada de um pajem feudal, também nobre porque conduz um

servo brasonado pelas cores fidalgas da casa comital. Vão os dois, patrão e servo, para a mesma batalha, lado a lado, ao encontro do mesmo fim, com disposições idênticas e nas veias a mesma herança orgulhosa de vaqueiro e cavalo sem derrotas". (CASCUDO, 1962). ---- *ganhador*, é o que trabalha avulso. Sua diária corresponde à de um trabalhador braçal da lavoura; percebe por campo, ainda que este ocupe apenas algumas horas.

Vaquejada, s. Festa tradicional do criatório nordestino. O gado é encurrallado, jejuado – para ter mais carreira – e solto de um a um para cada parelha de vaqueiros que se posta no mourão da porteira. Logo que a rês “espirra”, os vaqueiros a perseguem, um fazendo esteira e o outro fazendo diligência para derrubá-la antes do fim do pátio. Quando consegue dar uma boa queda, dessas do pé dar nó, recebe aplausos da assistência e é salvado pela música. Quando fracassa é, mais das vezes, vaiado.

Vaquejador¹, s. Trilha, vereda de gado. “Do topo da ladeira os vaqueiros lobrigaram o boi que, acompanhado dos cães, cortava um velho vaquejador abandonado.” (TORRES, 1950).

Vaquejador², s. Chicote, chiqueirador.

Vaquejar, v. Tanger, perseguir, lidar com o gado.

Vara, s. Em locução ---- *de carreiro*, vara comprida, tendo na extremidade uma ponta de ferro aguda (ferrão), destinada a tocar os bois de carro. O mesmo que vara de ferrão, guiada. ---- *de laçar*, corda enlaçada na extremidade de uma vara, destinada a prender os bovíos, pouco mansos, especialmente as vacas de primeira

cria por ocasião da ordenha. Também é usada, nas lides do curral, pelos maus laçadores para laçar o gado.

Vareja, *s.* Larva da mosca que produz bicheiras (miiase)

Varejado, *adj.* Derrubado e peiado. *Adiante foi encontrado / O touro já varejado / E o vaqueiro descansando...* (MOTA, L. 1928).

Varejeira, *s.* Mosca que deposita larvas em ferimentos produzindo bicheira (miiase). [...] *com um chocalho, / coberta de varejeira. / Sacudi-lhe a sela em cima. / Oh! que besta corredeira* (BARROSO, 1962).

Vasqueira, *adj.* Rara, escassa, carente.

Vassoura, *s.* Cabelos que nascem na parte terminal da cauda da rês; pronunciam *bassoura*.

Vazar, *v.* Evacuar; evacuação disentérica. *No outro dia o cachorro / Amanhece todo inchado / e fica vazando sangue / o cabelo arrepia-doo.* (Anôn. in FARIA, 1961).

Vazio, *s.* Parte inferior e lateral do baixo ventre; ilharga. “[...] enterrava as esporas no vazio da bisquara.” (ALMEIDA, 1971).

Veia da sangria, *s.* Carótida.

Velhaco, *adj.* Diz-se do equídeo ou bovino que não se deixa prender com facilidade.

Vendendo fumo, *exp.* é o cavalo que tem fimose (parafimose). A parte não recolhida fica dependurada, como uma ponta de fumo exibida em propaganda. Ninguém quer cavalo que vende fumo, por preço nenhum.” (GALVÃO, 1969).

Venta, s. Narina. ---- *acesa*, dilatada.

Vento, s. Ventosidade expelida pelos intestinos; ---- *encausado*, retenção de gazes intestinais; meteorismo. O adagiário registra na sinonímia chula: Fulano dentro d'água é que nem peido – não morre afogado...

Verde, s. Alimento forrageiro resultante do brotar da folhagem após as primeiras chuvas do ano. *Quando o verde dos teus olhos / Se espalhá na prantação...* (Do baião *Asa Branca*).

Verga, s. Parte do órgão sexual do macho que, em repouso, fica recolhida na bainha.

Vergalho, s. O mesmo que verga; nos bovinos, *cipó de boi*.

Vermelho, adj. Diz-se do bovino de pelagem vermelha. Há o vermelho fechado e o amarelo, conforme os pelos sejam mais escuros ou amarelados.

Verruga, s. Pequena saliência rugosa da pele; pronunciam *berruga*.

Veste ou Véstea, s. (V. *Encouramento*).

Viageiro, adj. Diz-se do equídeo que, pelo fato de possuir andamentos cômodos, variados e resistentes, presta-se para longas viagens.

Viajado, adj. Cansado, esgotado, estropiado.

Viçar, v. Estar no cio; período de calores.

Vício, s. Geofagia, apetite depravado de fundo patológico. No sertão velho se dizia que um menino tinha vício quando ele comia terra e mijava na rede.

Vingar, v. Criar. *Galinha não vinga pinto / Em terra de gavião.../ Desgraçado do poeta / Que cair nas minhas mão.* (MOTA, L. 1928).

Virar o mocotó, exp. Cair com as pernas para cima. Usada para designar as quedas teatrais durante as vaquejadas; idêntico a *passar o mocotó ou o pé deu nó*.

Volta da pá, s. Omoplata.

Volta-seca, s. Diligência usada para resistir a um animal de mais força que se tem preso por uma corda. Consiste em passar duas voltas da corda em torno de um mourão, aumentando assim a sua capacidade de resistência à tração.

Vozes animais - A zoofonia passou a ser estudada com maior rigor científico a partir do “I Congresso de Bioacústica dos EE. UU.” em 1956. O avanço tecnológico dos gravadores eletrônicos tem sido um valioso elemento auxiliar de registro. Diz-se nos sertões que o bovino esturra, urra (ou gaita), berra e muge; o bode berra e bodeja, o cachorro late, uiva, gane e grita; o cavalo relincha, rincha e geme; o gallo canta e cacareja; o gato mia e ronrona; o jumento zurra e rincha; a ovelha bale e o porco guincha, grunhe e ronca.

Z

Zaino, *adj.* Pelagem equina castanho-escuro, sem sinais brancos.

Zambeta, *adj.* O que tem as pernas tortas. O mesmo que cambaio.

Zanho, *adj.* Diz-se dos animais, e mais comumente do cachorro, de temperamento traiçoeiro e agressivo. [...] *Que você é muito zanho / pode também me morder.* (BATISTA, 1929).

Zebrado, *adj.* Diz-se da pelagem listrada.

Zebu, *s.* Ninguém nos deu como certeza certa, de prego batido de ponta virada, do ano em que o zebu pisou os nossos chãos. Diziam que na pegada do inverno dos primeiros anos deste século. E o louvavam por ser caneludo – podendo caminhar muitas léguas quando das retiradas e poder alcançar a rama mais alta da folhagem que se refugiava nas alturas. Orelhudo e de cupim (giba) saliente, feria e estética do olhar sertanejo. Ademais, era bragui-lhudo e isso o fazia se ferir no espinho, sobretudo da macambira, ficando sem serventia para a cobertura. Não gaitava, como o crioulo esturrrava. Mas o resultado da *mestiçagem* com o gado nativo dava bezerrama graúda e apreciada. Assim, com poucos anos, casteou todo o gadinho da província.

Zopeiro, *adj.* O mesmo que *tungão*.

Zorra, *s.* “Era um instrumento de madeira, utilizado no Seridó, para tirar madeira de dentro do mato, onde o carro de boi não podia penetrar. Era conduzida por dois bois mansos.” (MELO, M. 1954).

Zumbi, s. É a alma do animal doméstico que foi sepultado. “Encovar um irracional é promovê-lo a criatura com alma, prolongando existência fabulosa em forma insubstancial e visível. Manoel Rodrigues de Melo deu-me a notícia norte-rio-grandense com o *Cavalo do engenheiro Gato*. O engenheiro Gates construía, em 1915, a rodovia Assu-Macau, possuindo um esplêndido cavalo branco. Morrendo este, Gates mandou metê-lo numa cova profunda, para não apodrecer no mato. Em certos plenilúnios, o cavalo de prata trota na curva do Beco da Ponta da Ilha como se vivesse.” (CAS-CUDO, 1974).

Referências

- ACCIOLY, Marcus. *Nordestinadas*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1971.
- AGUIAR, Martinz de. Os sinais de Galvão. *Revista do Instituto do Ceará*, t. 48-9. Fortaleza. 1934-5.
- AGUIAR, Oswaldo. *Massapê em foco*. Fortaleza: edição do autor, 1969.
- ALBANO, Ildefonso. *A pecuária no Ceará*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1918.
- _____. *Jeca Tatu e Mané Xiquexique*. 3. ed. Fortaleza: Sociedade de Cultura do Ceará, 1969.
- ALMEIDA, José Américo de. *Reflexões de um cabra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971.
- _____. *O boqueirão*. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971.
- ALMEIDA, Ruy. *A poesia e os cantadores do Nordeste*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.
- AMADO, Gilberto. *História de minha infância*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1954.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Editora Anhembi, 1955.

ANDRADE, Antônio Galvão de. *Arte de Cavallaria de ginete e estardiora; bom primor de ferrar, e alveitar*. Lisboa, Of. João da Costa, 1678.

ANDRADE E CASTRO, Francisco Alves de. *Marcas de ferro a fogo usadas no Ceará*. Fortaleza: Boletim da Secretaria da Agricultura, ano I, n° I, dez. 1947.

ANÔNIMOS. *História do matador de feras Cazuza Sátiro*. Juazeiro: Tipografia S. Francisco, s/d.

ANÔNIMOS. *História sertaneja do valente José Garcia*. (Folheto). S/l: s/e, s/d.

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco (reprodução da edição príncipe - 1711), 1969.

APPC (Assessoria de Planejamento, Coordenação e Controle). *Região do Seridó*. Natal: Mimeo, 1970.

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Populações ribeirinhas do baixo São Francisco*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1961.

ASSIS, Manoal Tomaz de. *o fim do mundo está próximo*. (Folheto). S/l: s/e, s/d.

ATHAYDE, João Martins de. *Peleja de João Athayde com Raimundo Pelado do Sul*. Juazeiro: Ed. José Bernardo da Silva (folheto), 1952.

_____. *Peleja de Romano com Carneiro*. Juazeiro: Ed. José Bernardo da Silva (folheto), 1954.

_____. *Peleja de Bernardo Nogueira e o preto Limão*. Juazeiro: Ed. José Bernardo da Silva, s/d.

_____. *Peleja de Laurindo Gato com Marcolino Pedra Verde*, Juazeiro: Ed. José Bernardo da Silva, 1956.

BARROSO, Gustavo. *Terra de sol*. 6. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

BATISTA, Chagas. *Bibliografia prévia de Leandro Gomes de Barros*, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1971.

BATISTA, F. Chagas. *Cantadores e poetas populares*. Parahyba: Typ. Popular Editora, 1929.

BELO, Júlio. *Memórias de um senhor de engenho*. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio Editora, 1938.

BRAGA, Renato. *Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará*. 2. ed. Fortaleza: Centro de Divulgação Universitária, 1960.

BRASIL EM JORNAL, O. Rio de Janeiro: Editora Reforma, n. 11, p. 8, coluna Militar – Lisboa, 1947.

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 10. ed. 2^a imp. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1961.

CABRAL, João C. da Rocha. *A vis poética na literatura piauiense*. Rio de Janeiro: Borsoi & Cia, 1938.

CAETANO, Antonio. *As façanhas de Cazuza Sátiro o matador de feras*. Juazeiro do Norte, Ed. Caetano Ferreira, 1954.

CARDOSO DE OLIVEIRA, J. M. *Dois metros e cinco*. 3. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1936.

CARDOZO, Joaquim. *O coronel de Macambira*, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1963.

CARLOS, José. *Peleja de José Carlos com Manoel Tomaz de Assis* (folheto). s/I: s/e, s/d.

CARLOS, Severino. *As bravuras de um vaqueiro na Fazenda Ver-de-jante*, Guarabira, Tip, Pontes, s/d.

CARVALHO, Rodrigues de. *Cancioneiro do Norte*, 2. ed. Parahyba do Sorte: Liv. São Paulo, 1928.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros & Cantadores*. Porto Alegre: Livraria Globo, 1939.

_____. *O mastro de São Benedito e Isis Pelágia*. Sul América. Rio de Janeiro, jun. 1953.

_____. *Tradições populares da pecuária nordestina*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1957.

_____. *Dicionário do folclore brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: INL (2 v.), 1962.

_____. *Flor dos romances trágicos*. Rio de Janeiro: edição do autor, 1966.

_____. *Coisas que o povo diz*. Rio de Janeiro: Ed. Bloch, 1968.

_____. *História da alimentação no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional (2.), 1967-8.

- _____. *A vaquejada nordestina e sua origem*. Recife: IJNPS, 1969.
- _____. *Locuções tradicionais no Brasil*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970.
- CASTELO BRANCO, F. Gil. *Ataliba o vaqueiro*. Rio de Janeiro: Typ. Cosmopolita, 1880.
- CASTELO BRANCO, Hermínio de. *A lira sertaneja*. 8. ed. Maranhão: SIE, 1938.
- CASTRO PINTO (Mons.), José Alberto L.de. *Dicionário prático de cultura católica bíblica e geral*. Rio de Janeiro: Edições Barsa, 1964.
- CÉSAR, Getúlio. *Crendices do Nordeste*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1941.
- CLEROT, L. FR. *Vocabulário de termos populares e gíria da Paraíba*. Rio de Janeiro: s/e, 1959.
- COUTINHO FILHO, F. *Violas e repentes*. Recife: s/e, 1953.
- CUNHA, Artéfio Bezerra da. *Memórias de um sertanejo*. Rio de Janeiro: Ed. Pongetti Editores, 1971.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 2. ed. Rio de Janeiro: Laemmert & C. Editores, 1903.
- DANTAS, Manoel. *Homens de outrora*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1941.
- DAVIS, John D. *Dicionário da Bíblia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960.

DOMINGUES, Octavio. *A cabra na paisagem do Nordeste*. Fortaleza: Seção do Fomento Agrícola do Ceará, 1955.

----, ---- (e outros). *Preservação e seleção das raças nativas de gado do Nordeste*. Fortaleza: Seção do Fomento Agrícola do Ceará, 1956,

_____. *Melhoramentos dos caprinos leiteiros do Nordeste*. Fortaleza: Inspetoria Regional do Fomento Agrícola, 1957.

_____. *O fenômeno da variação dos animais domésticos*. Rio de Janeiro: s/e, 1958.

_____. *Ovinos para o Nordeste*. Rio de Janeiro: Correio Manhã, 4/set., 1964.

_____. *Introdução à Zootecnia*. Rio de Janeiro: SIA. 1960.

_____. *O gado indiano no Brasil*. Rio de Janeiro: PLANAM/SU-NAB. 1966.

_____. In: *Coopercotia*. São Paulo: ago./1966.

DUQUE, José Guimarães. *O melhoramento dos pastos no Nordeste*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1962.

FARIA, Juvenal Lamartine de. *Velhos costumes do meu sertão. Tribuna do Norte*, Natal, out./nov./dez., 1954.

FARIA Oswaldo Lamartine de. *A caça nos Sertões do Seridó*. Rio de Janeiro. SIA, 1961

_____. *Algumas abelhas dos sertões do Seridó*. Natal in Arquivos do Instituto de Antropologia da UFRGN, 1964.

_____. *Conservação de alimentos nos sertões do Seridó*. Recife: IJNPS, 1964

_____. *Encouramento e arreios do vaqueiro no Seridó*. Natal: Fundação José Augusto, 1969.

_____. *Uns Fesceninos*. Rio de Janeiro: Ed. Artenova (edição fora do mercado). 1970.

FERNANDES, Carlos D. *Os cangaceiros*. Parahyba do Norte, Imp. Oficial, 1914.

FREIRE ALEMÃO, Francisco. *Os manuscritos do botânico Freire Alemão*. Rio de Janeiro: Anais da Biblioteca Nacional, v. 81, 1964.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

_____. *Nordeste*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1951.

GALIANO, E. Fernandez. *Los animales parásitos*. Barcelona: Ed Labor, 1928

GALVÃO, Hélio. *Diário de Natal*. 18/jul./1949.

_____. *Cartas da praia*. Rio de Janeiro: Ed. do Val, 1968.

_____. *Novas cartas da praia*. Rio de Janeiro: Ed do Val, 1969

GOMES, José Bezerra. *A porta e o vento*. Natal: Fundação José Augusto, 1974.

GOULART, José Alípio. *O cavalo na formação do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1964.

- HODGSON, RE & REED, OE. *Laticínios* (Manual de laticínios para a América Tropical). Aliança para o Progresso – USAID, 1963.
- INNOCENCIO, Francisco da Silva. *Diccionario bibliographico portuguez*. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1924.
- JOFFILY, Irineu. *Notas sobre a Parayba*. Rio de Janeiro. S/e 1892.
- KERR, Warwick Estevo. In *Brazil Apícola*, São Paulo. 1957.
- _____. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16/nov./1989.
- KOSTER, Henry. *Travels in Brazil*. Trad. bras, de L. C. Cascudo (*Viagens ao Nordeste do Brasil*). São Paulo: Campania Editora Nacional, 1942.
- LADIANE. *A viola do diabo*. Nordeste: Recife, 1963.
- LEITE, Jose Costa. *A vez de Frei Damião*. Juazeiro: Folhetaria São José, s/d.
- _____. *O coco do boi tungão*. S/l, s/e. S/d (a).
- _____. *O coco do pinto pelado*. S/l, s/e S/d (b).
- LIMA. Estácio de. *O mundo estranho dos cangaceiros*. Salvador, Editora Itapoã. 1965.
- LIMA, João Ferreira. *História do pinto pelado*. Bezerros: S/e. S/d.
- LINHARES, Francisco & BATISTA, Otacílio. *Antologia estrada dos cantadores*. Fortaleza: UFC, 1964.
- LINS, Osman. *Lisbela e o prisioneiro*. Rio de Janeiro: Ed. Letras e Artes, 1964.

LINS, Ulysses. *Um sertanejo e o sertão*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1957.

LIRA, Luiz de. *A vida de João Malazarte*. S/l, s/e, s/d.

LOPES, José Stenio. *Velha fazenda, velhos costumes*. Campina Grande, CGE, s/d.

LUSH, Jay L. *Melhoramento genético dos animais domésticos*. Rio de Janeiro: USAID, 1964.

MAMEDE, Zila (Poema Inédito). S/d.

MEDEIROS F. Olavo de. *Velhos inventários do Seridó*. Brasília, SGS, 1983.

MELO, Manoel Rodrigues de. *Várzea do Assu*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1951.

_____. Cavalos de Pau Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1953.

_____. Patriarcas de carreiros 2. ed. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1954.

MELO, Veríssimo de. *O cavalo no adagiário brasileiro*. Madrid, Revista de Dialectologia Y Tradiciones Populares, L. VII. cuaderno 3º. 1951. Cantador de Viola Recife: s/e 1961.

MENEZES, José Cesar de (Governador e capitam general). *Idéa da população da Capitania de Pernambuco e suas anexas, em 1774*. Rio de Janeiro: Oficinas Graphicas da Biblioteca Nacional, 1924.

MENEZES, Othoniel de. *Sertão de espinho e de flor*. Natal: Departamento de Imprensa, 1952.

MONTEIRO, Delarme. *O casamento de Cheiroso, o bode vereador*. Recife: s/e, s/d.

MOTA, Leonardo. *Sertão alegre*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, 1928.

_____. *No tempo de Lampeão*. Rio de Janeiro: Officina Oficial Graphica, 1930.

_____. e AGUIAR, Martinz de. *Sinais de Galvão*. Fortaleza: Revista do Instituto Histórico do Ceará, t. XLVIII e XLIX, 1934-5.

_____. *Cantadores*. 3. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1961.

_____. Violeiros do Norte. 3. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

_____. *Os quixotes da viola e do gazá*. in O Ceará. Antonio Martins Filho e Raimundo Girão. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966.

MOTA, Mauro. *Os bichos na fala da gente*. Recife: IJNPS, 1969.

_____. *O bode no Nordeste*. Recife: IJNPS, 1969-A.

NEIVA, Cícero. *Formulário da terapêutica veterinária*. 2. ed. Rio de Janeiro: SIA, 1953.

NONATO, Raimundo. *Memórias de um retirante*. 2. ed. Col. Mossoroense 349, 1987.

OLIVEIRA, Cardoso. *Dois metros e cinco*. 2. ed. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1909.

OLIVEIRA, Severino Gonçalves de. *As perguntas do rei e as respostas de Camões*. S/l, Ed. Alfredo Casado Sid.

OTHON FILHO, Antônio. *Meio século da roça a cidade*. Recife: s/e, 1970.

PACHECO, José. *Peleja de Vicente Sabiá com Antonio Coqueiro*. S/l: s/e, s/d.

PAIVA, Manoel de Oliveira. *Dona Guidinha do Poço*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1965.

PALMENIO, Mário. *Chapadão do bugre*. 3. ed. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio, 1966.

PEREIRA DA COSTA, FA. *Vocabulário pernambucano. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco*, v. XXXIV. Recife: 1936.

QUARESMA, Amaro. *Discussão de Amaro Quaresma com José Batista*. S/l: s/e, s/d.

QUEIROZ, Rachel de. *100 crônicas escolhida*. 2. ed. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio, 1970.

_____. *Dôra Doralina*. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio, 1975.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. 2. ed. Rio de Janeiro: Liv. fast Olympic Editora 1952 _____. *Vidas secas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio Editora, 1952-A.

- _____. *Vivente das Alagoas*. São Paulo: Martins Editora, 1962.
- RIBEIRO, José Assis. *A produção de queijos no Brasil*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 7/ago./1960.
- _____. *Fabricação de queijos*. 2. ed. Rio de Janeiro: SAI, 1961.
- ROMERO, Sylvio. *Cantos populares do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica, 1897.
- SAENZ, Justo P. *Equitación gaucha en la pampa y mesopotamia*. Buenos Aires: Ediciones Peuser, 1951.
- SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. 3. ed. Rev. IGHB, Salvador. 1928.
- SANTOS, Manoel Camilo dos. *O terror do banditismo*. Campina Grande: Estrela da Poesia, s/d.
- SELEÇÕES. *Vaqueiros da terra dos cangurus*. Rio de Janeiro. Fev./1963.
- SERRAINE, Florival. *Do sertão cearense. in Anhembi*. São Paulo. Dez./1955.
- _____. *Antologia do folclore cearense*. Fortaleza: Ed. Henrique Galeno, 1968.
- SILVA, Basta. *A herança da minha avó*. S/l: s/e, s/d.
- SILVA, João José da. *Peleja de Severino Simeão com Ana Roxinha*. S/l: edição do autor, s/d.
- SILVA, José Bernardo da. *História do boi mandingueiro e o cavalo misterioso*. Juazeiro do Norte: edição do autor, 1956.

_____. *Peleja de Severino Pinto com Severino Milanês*. Juazeiro do Norte: edição do autor, 1956-A.

_____. *História do Boi misterioso*. Juazeiro do Norte: edição do autor, 1957.

_____. *Casamento de Zé Miolo com Chica Pelada*. s/l: s/e, s/d.

SIMÕES, Feliciano Gonçalves (vulgo Xano). *In Almanaque do Barão de Itararé*. Rio de Janeiro, 1949.

SOBREIRA, J. G. Dias. *Curiosidades e factos notáveis do Ceará*. Rio de Janeiro: Typ. Desembargador Lima Durmmond, 1921.

SOUZA, Eloy de. *Costumes locaes*. Natal: A República, 1929.

_____. *Cartas de um desconhecido*. Natal: A República, 1914-15.

_____. *Cartas de um sertanejo*. Natal: Diário de Natal, 1929.

SUASSUNA, Ariano. *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai e volta*. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio, 1971.

TÁVORA, Franklin. *Lourenço (Crônica pernambucana)*. Porto, s/e. 1881.

THEOPHILO, Rodolpho. *Historia da secca do Ceará (1877-1880)*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

TORRES, Mário Brandão. *Acauã*. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, 1950.

VICENTE, Gil. *Obras completas*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1942.

VIEIRA, (Pe.) Antônio. *O jumento, nosso irmão*. Rio de Janeiro: Liv. Freitas Bastos, 1964.

VILELA, Aloísio. *O coco de Alagoas*. Maceió: Depto. Estadual de Cultura, 1961.

VITERBO, (Fr.) Joaquim de Santa Rosa de. *Elucidario*. 2. ed. Lisboa: A.J. Fernandes Lopes, 1865.

WEBB, Walter Prescott. *The great plains*. New York: Grosset & Dunlap, 1931.

Oswaldo Lamartine por ele mesmo

OSWALDO LAMARTINE DE FARIA é sobejo da seca de 1919. Caçula de uma ninhada de dez, teve o umbigo cortado na cidade do Natal do Rio Grande, em 15 de novembro daquele ano. Filho de Juvenal Lamartine de Faria (1874-1956) e Silvina Bezerra de Faria (1880-1951) – descendentes dos povoadores do Seridó. Desasnado na escola da Profa. Belém Câmara (1927); primário no Colégio Pedro II (Natal, 1928-30) do Prof. Severino Bezerra e preparatórios no Ginásio do Recife (1931-3) e Instituto La Fayette (Rio, 1933-6). Técnico agrícola pela Escola Superior da Agricultura de Lavras- MG (1938-40). Administrhou a Fazenda Lagoa Nova, Riachuelo-RN (1941-48). Casou-se com Cassilda Aranha Soares (1944), que lhe deu Isadora (1945-1972) e Cassiano (1948), agrônomo da UFRN. Lecionou na Escola Doméstica de Natal e Escola Técnica de Jundiaí/RN. Pracinha daquém mar nº 1918 da III Cia. de Metralhadoras/16º RI, durante a 2ª Guerra Mundial. Em 1950, “tomou um Ita no Norte” e foi encarregado da Fa. Oratório, Macaé/RJ. Administrador da Colônia Agrícola do Maranhão (Barra do Corda, 1951-2) e Núcleo Colonial do Pium/RN (1952-4). Em 1955, ingressou no Banco do Nordeste do Brasil onde esteve depositado até se aposentar (set./1979). [...] Teve uma segunda união

com Maria de Lourdes Leão Veloso da Rocha (1961). Repartia o seu entardecer catando livros raros nos sebos do Rio de Janeiro e plantando árvores num “lenço de chão” que apelidou de Acauã (Ipaita-RJ) para o amanhã alheio, ocupação que agora está transferindo para os sertões de sua terra.

Oswaldo Lamartine: livros publicados*

FARIA, Oswaldo Lamartine de. *Notas sobre a pescaria de açudes no Seridó*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1950.

_____. *A.B.C. da pescaria de açudes no Seridó*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1961.

_____. *A caça nos sertões do Seridó*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, 1961. 75 p. (Documento da vida rural, n. 16).

_____. *Conservação de alimentos nos sertões do Seridó*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1965.

FARIA, Oswaldo Lamartine de; AZEVEDO, Guilherme de. *Vocabulário do criatório norte-rio-grandense*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura, 1966.

FARIA, Oswaldo Lamartine de; AZEVEDO, Guilherme de. *Vocabulário do criatório norte-rio-grandense*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto; Fundação Vingt-um Rosado, 1997. (Coleção mosoroense, série C; v. 930).

* Registro produzido pelas bibliotecárias-documentalistas Tércia Marques e Margareth Meñezes, da Biblioteca Central Zila Mamede, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A bibliografia completa, incluindo artigos em jornal e revistas, capítulos de livro, plaquetes, separatas e outros escritos, além de publicações sobre Oswaldo Lamartine, pode ser encontrada em: SOBRAL, Gustavo. *O sertão de Oswaldo Lamartine de Faria: a biografia de uma obra*. Natal, Caravela Cultural: 2018. Disponível em: <http://www.gustavosobral.com.br>. Acesso em: 23 jul. 2021.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. *Encouramento e arreios do vaqueiro do Seridó*. Natal: Fundação José Augusto, 1969.

_____. *Uns fesceninos*. Rio de Janeiro: Artenova, 1970. Edição limitada, fora do comércio para bibliófilos.

_____. _____. Rio de Janeiro: Erotika Lexiko, c1970.

_____. _____. Organização e prefácio de Carlos Newton Júnior. Recife, PE: Bagaço, 2008. (Coleção letras natalenses). Reprodução fac-similar da primeira edição, a partir de exemplar com notas manuscritas do autor.

_____. *Açudes dos sertões do Seridó*. Natal: Fundação José Augusto, 1978. (Coleção Mossoroense, v. 56).

_____. *Os açudes dos sertões do Seridó*. Edição Fac-similar. Natal: Sebo Vermelho, 2012. (Colecão João Nicodemos de Lima; v .344)

_____. *Sertões do Seridó*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980.

_____. _____. 2. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2004. Fac-similar.

_____. _____. Natal: Sebo Vermelho, 2012. Fac-similar.

_____. *Ferro de ribeiras do Rio Grande do Norte*. Fortaleza: Impr. Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1984. (Coleção mossoroense, série C; v. 241).

_____. *Alguns escriptos da agricultura no Império do Brasil*. Natal: Fundação José Augusto; Mossoró: Fundação Vingt-un- Rosado, 1998. (Coleção mossoroense, série C, n. 1010).

_____. *Notas de carregação*. Natal: Scriptorim Candinha Bezerra; Fundação Hélio Galvão, 2001. (Coleção nação potiguar)

_____. *O sertão de nunca mais*. Natal: Fundação Guimarães Duque, 2002. (Coleção mossoroense, série B, n. 2100).

_____. *O sertão de nunca mais: Oswaldo Lamartine na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras*. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

_____. *Apontamentos sobre a faca de ponta*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1988. Desta edição foram tirados 50 exemplares numerados de 1 a 50 e rubricados pelo autor.

_____. _____. Mossoró: Fundação Ozelita Cascudo; Fundação Guimarães Duque, 1988. 66 p : il. (Coleção mossoroense, série C; v. 414).

_____. _____. Natal: Sebo Vermelho; [Mossoró]: Fundação Guimarães Duque; Fundação Vingt-un Rosado, 2006. (Coleção mossoroense). Edição fac-similar.

MEDEIROS FILHO, João Maria; FARIA, Oswaldo Lamartine de. *Seridó século XIX: fazendas e livros*. Rio de Janeiro: Fomape, 1987.

_____. _____. 2. ed. Rio de Janeiro: Editores Marques Saraiva, 2001.

SILVA, Raimundo Nonato da; FARIA, Oswaldo Lamartine de. *Pseudônimos & iniciais potiguares*. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1985. (Coleção mossoroense, série B, n. 424).



Este livro foi produzido
pela equipe da EDUFRN
em dezembro de 2021.

